

UNINOVE



Universidade Nove de Julho

**Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE-UNINOVE)**

KACIANNA PATRÍCIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM

**EDUCAÇÃO, LIVROS E BIBLIOTECAS NA FUNDAÇÃO CASA
SÃO PAULO**

SÃO PAULO

2024

KACIANNA PATRÍCIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM

EDUCAÇÃO, LIVROS E BIBLIOTECAS NA FUNDAÇÃO CASA SÃO PAULO

Tese apresentada à Banca Examinadora, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Linha de Pesquisa em Educação Popular e Culturas (LIPEPCULT) da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Ana Maria Haddad Baptista

SÃO PAULO

2024

Após a defesa, autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que reconhecida e citada a fonte.

Amorim, Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e.

Educação, livros e bibliotecas na Fundação CASA São Paulo/
Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim. 2024.
280 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE,
São Paulo, 2024.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Livros. 2. Bibliotecas. 3. Leitura. 4. Adolescentes. 5.
Fundação CASA.

I. Baptista, Ana Maria Haddad. II. Título.

CDU 37

KACIANNA PATRÍCIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM

EDUCAÇÃO, LIVROS E BIBLIOTECAS NA FUNDAÇÃO CASA SÃO PAULO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

São Paulo, ____ de _____ de 2024.

Presidente: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (Orientadora – UNINOVE)

Examinador: Prof. Dr. Edson Soares Martins (URCA)

Examinadora: Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Examinadora: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE)

Examinadora: Profa. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira (UNINOVE)

Suplente I: Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira (PUC/SP)

Suplente II: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (UNINOVE)

Dedico esta tese àqueles e àquelas adolescentes que ora estão presos fisicamente em instituições totais, mas que fazem, das páginas dos livros que leem, asas de liberdade.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro e também último agradecimento é destinado a Deus, por tudo o que representa para mim e para a minha família.

Devo muito à UNINOVE, por me fazer realizar o grande sonho de me tornar doutora! Com seu corpo docente e a estrutura do curso, a universidade me proporcionou uma visão humanística de educação e pesquisa. Agradeço sempre, e não só neste momento, à minha querida orientadora, professora Dra. Ana Maria Haddad Baptista, por não ter desistido de mim, por ter aceitado me orientar e por me motivar tanto a escrever mais e mais, a ler mais e mais.

Aos queridos professores da UNINOVE, professor Dr. José Eustáquio Romão, pelas primeiras noções, incentivos e dicas valiosas nos Seminários e no cumprimento dos créditos; professora Dra. Márcia Fusaro, pela experiência da internacionalização do currículo, pelo contato com educadoras de um outro país e por ter aceitado fazer parte da minha Banca; professor Dr. Antônio Joaquim Severino, pelos seus seminários e orientações tão fundamentais para a construção dos caminhos teóricos desta tese.

Quero agradecer muito à professora Dra. Luciana Marino Nascimento, da UFRJ, pela amizade e parceria tão generosa em projetos profissionais anteriores, por ter me incentivado, escrevendo uma bela carta de recomendação ao curso e por ter aceitado fazer parte da minha Banca.

Agradeço também a professora Dra. Rosiley Teixeira e ao professor Dr. Edson Soares, por terem aceitado participar da minha banca!

Agradeço ao meu revisor, com quem trabalho há quase 10 anos e, embora não nos conheçamos pessoalmente, somos uma boa dupla! Obrigada, Coelho!

Queria dirigir um agradecimento especial ao Grupo de Estudos Marco Lucchesi, que, de um modo tão bondoso, incentiva seus membros a ler, a escrever e produzir conhecimento científico acerca da Educação, da Literatura e da vida.

Tenho profunda gratidão à Fundação CASA, pela abertura de um espaço importante de comunicação e pesquisa, personificado pelas queridas diretora e coordenadora do Centro Jardim Secreto e pela coordenadora do Centro Monte Cristo. Também sou muito grata às professoras que me atenderam e responderam às diversas perguntas apresentadas. Por último, agradeço aos/às adolescentes em situação de internação nestes espaços, que, de certa forma, tornaram-se uma inspiração, inclusive para novos trabalhos e novas lutas!

Há tantas pessoas a agradecer pelo apoio, pelas palavras de incentivo, pela boa vontade de ler, de querer saber do que se trata este trabalho, que posso destacar: meu marido Carlos Eduardo, por suas palavras de encorajamento, pela paciência de ouvir meus relatos e descobertas; meus filhos Danilo e Ivan, pela compreensão e força que me deram e por sua preocupação com a minha saúde, com o meu bem-estar. Isto não tem preço!

Agradeço aos meus pais José Antônio e Luciana, pela compreensão de minhas ausências, bem como ao Clayton e Amanda, irmão e cunhada, por não terem desistido de nos visitar, mesmo diante das vezes em que não permanecemos juntos. À minha tia Jôse, pelo auxílio com os cuidados da casa e os mimos, que não mereço, mas agradeço. À minha sogra, a querida dona Cida, pelas palavras de incentivo. Aos meus tios, meus primos amados de primeiro e de segundo grau, por perdoarem as vezes em que faltei a compromissos familiares. Aos meus amigos, dos quais destaco a Cassiana, sempre pronta a ouvir minhas lamúrias, a ler os meus textos.

Sou extremamente grata aos professores das escolas em que trabalhei nos últimos três anos: EMEF Airton Arantes, EMEF Mário Rangel e EMEF Blota Júnior, que, de um modo geral, contribuíram com os artigos que escrevi, com as trocas de experiências e discussões filosóficas de alto nível: tudo o que me mantém confiante na Educação Pública, gratuita e democrática. Destaco, nesta trajetória, as minhas companheiras de trabalho Deuzita e Thaís, pessoas extremamente competentes, com quem me relacionei. Também o diretor Tiago Cruz, pela sua compreensão e incentivo constantes.

Para não concluir, quero dizer que cada pessoa com quem convivi teve uma participação nesta minha trajetória e, por isso, sou extremamente grata!

Como ele prometera ao abade Faria, fosse porque a distração que lhe proporcionava o estudo fazia as vezes de liberdade, fosse porque era, como já vimos, um rigoroso cumpridor de sua palavra, não falava mais em fugir, e os dias escoavam-se para ele rápidos e instrutivos. No fim de um ano, era outro homem.

(DUMAS, 2008, p. 199).

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma trajetória histórica de livros e bibliotecas, bem como um estudo sobre a prática de leitura, com o passar dos séculos até os dias atuais, apresentando a relevância de se refletir sobre o direito à educação e leitura de todos os cidadãos, inclusive dos encarcerados. Por essa razão, pensar sobre os meninos e meninas órfãos, abandonados ou que vivem em situação de rua ou de internação em instituições, por terem um conflito com a lei, torna-se tão urgente para a continuidade da história inicial de livros e bibliotecas: os livros existem, por seus leitores! O objetivo deste trabalho doutoral é investigar a existência de bibliotecas na Fundação CASA São Paulo e a percepção de adolescentes e jovens acerca da educação e das práticas de leitura vividas nestes locais. Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa e, como método, utilizou-se a pesquisa de campo, realizada em dois centros de internação de adolescentes e jovens, sendo um masculino e outro feminino, ambos indicados pela Fundação CASA, São Paulo, localizados na Capital. A coleta dos dados se deu por meio de observação dos espaços e práticas, entrevista aberta com os educadores da Fundação e da Secretaria de Educação de São Paulo, além da aplicação da técnica de grupo focal, para interação com os/as adolescentes internos/as nestes ambientes. O referencial teórico utilizado para a análise dos resultados foram Foucault (1987), sobre as instituições totais, Baptista (2017) e Cosson (2022) sobre leitura. Os resultados apontam que existem bibliotecas não apenas nestes espaços indicados pela Fundação, mas em várias outras unidades espalhadas pela Capital e pela Grande São Paulo; que há um esforço enorme, por parte da equipe pedagógica e gestora dos centros, para que os espaços sejam conservados, organizados e disponíveis aos/às adolescentes, sobretudo pela constante busca de renovação de seus acervos, por meio de doações. As professoras entrevistadas trabalham a leitura, porém as estruturas de suas aulas ainda representam um tímido incentivo à apropriação de seus alunos e alunas, da cultura escrita.

Palavras-chave: livros; bibliotecas; leitura; adolescentes; Fundação CASA.

ABSTRACT

The present work presents a historical overview of books and libraries, as well as a study on the practice of reading over the centuries up to the present day, highlighting the relevance of reflecting on the right to education and reading for all citizens, including those incarcerated. For this reason, contemplating the situation of orphaned boys and girls, abandoned or living on the streets, or interned in institutions due to legal conflicts, becomes urgently necessary for the continuity of the initial history of books and libraries: books exist because of their readers! The aim of this doctoral work is to investigate the existence of libraries at CASA Foundation São Paulo and the perception of adolescents and young people regarding education and reading practices experienced in these locations. This research adopts a qualitative approach, utilizing field research as the method, conducted in two juvenile detention centers, one male and one female, both recommended by the CASA Foundation in São Paulo and located in the Capital. Data collection involved the observation of spaces and practices, open interviews with educators from the Foundation and the São Paulo Department of Education, as well as the application of the focus group technique for interaction with the detained adolescents in these environments. Results indicate the existence of libraries not only in the Foundation-recommended spaces but also in various other units throughout the Capital and Greater São Paulo. There is a significant effort by the educational and managerial teams to maintain, organize, and make these spaces available to adolescents, particularly through the constant renewal of their collections via donations. The interviewed teachers work on promoting reading, but the structures of their classes still represent a modest incentive for their students to appropriate written culture.

Keywords: books; libraries; reading; adolescents; CASA Foundation.

RESUMEN

El presente trabajo ofrece un recorrido histórico sobre libros y bibliotecas, así como un estudio sobre la práctica de la lectura a lo largo de los siglos hasta nuestros días, destacando la relevancia de reflexionar sobre el derecho a la educación y la lectura para todos los ciudadanos, incluidos aquellos encarcelados. Por esta razón, pensar en los niños y niñas huérfanos, abandonados o que viven en situaciones de calle o internados en instituciones debido a conflictos legales se vuelve tan urgente para la continuidad de la historia inicial de libros y bibliotecas: ¡los libros existen por sus lectores! El objetivo de este trabajo doctoral es investigar la existencia de bibliotecas en la Fundación CASA São Paulo y la percepción de adolescentes y jóvenes sobre la educación y las prácticas de lectura experimentadas en estos lugares. Esta investigación tiene un enfoque cualitativo y, como método, se utilizó la investigación de campo, realizada en dos centros de internación para adolescentes y jóvenes, uno masculino y otro femenino, ambos recomendados por la Fundación CASA en São Paulo, ubicados en la Capital. La recolección de datos se llevó a cabo mediante la observación de espacios y prácticas, entrevistas abiertas con educadores de la Fundación y de la Secretaría de Educación de São Paulo, además de la aplicación de la técnica de grupo focal para interactuar con los/as adolescentes internos/as en estos entornos. Los resultados indican que existen bibliotecas no solo en los espacios recomendados por la Fundación, sino también en diversas unidades distribuidas por la Capital y el Gran São Paulo. Existe un gran esfuerzo por parte de los equipos pedagógicos y de gestión de los centros para mantener, organizar y poner a disposición de los/as adolescentes estos espacios, especialmente a través de la búsqueda constante de renovación de sus colecciones mediante donaciones. Las profesoras entrevistadas trabajan en la promoción de la lectura, pero las estructuras de sus clases aún representan un modesto estímulo para que sus estudiantes se apropien de la cultura escrita.

Palabras-clave: libros; bibliotecas; lectura; adolescentes; Fundación CASA.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CASA	Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
CMDC	Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EFAPE	Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Profissionais de Educação
FAT	Fundação de Apoio à Tecnologia
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
LA	Liberdade Assistida
PIA	Plano Individual de Atendimento
SAM	Serviço de Assistência ao Menor
SEDUC	Secretaria de Educação
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
UI	Unidade de Internação Socioeducativa
UIP	Unidade de Internação Provisória

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
OBJETIVOS	16
1 LIVROS, BIBLIOTECAS E LEITURAS	18
1.1 LIVROS E BIBLIOTECAS	20
1.1.1 O livro no Novo Mundo.....	29
1.1.2 A biblioteca intangível	36
1.2 LEITURA	38
1.2.1 Leitura, alfabetização e letramento literário.....	40
2 UM REFÚGIO, UM CASTIGO, UMA CASA?	47
2.1 A COLÔNIA E SEUS FILHOS ILEGÍTIMOS	49
2.2 MENORES OU CRIANÇAS?	56
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	68
3.1 COLETA DE DADOS EM CAMPO	69
3.1.1 Observação dos espaços, das rotinas e das relações	70
3.1.2 Entrevistas	71
3.1.3 Grupo focal.....	72
3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	74
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	75
4.1 CASA MONTE CRISTO.....	75
4.1.1 Espaços	75
4.1.2 Sujeitos.....	78
4.1.3 Práticas e significados da leitura.....	81
4.2 CASA JARDIM SECRETO.....	92
4.2.1 Espaços	92
4.2.2 Sujeitos.....	99
4.2.3 Práticas e significados da leitura.....	104
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	112
ANTES QUE AS LUZES SE APAGUEM	121
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – Caderno de campo	132
Preparação – setembro de 2022	132
Primeiro contato com as equipes.....	133
Unidade masculina – observação não participante (28/02/2023)	133
A biblioteca da unidade masculina	135
Unidade masculina – entrevistas e grupo focal (30/03/2023)	136
Acompanhamento da aula	136

Entrevista com a professora Celeste	138
Transcrição das gravações (28/02/2023).....	140
A biblioteca	152
Transcrição da visita (23/02/2023)	154
Transcrição de entrevista com a professora Celeste	161
Transcrição do grupo focal.....	164
Unidade feminina – observação não participante (03/03/2023)	179
PAMI – Programa de Atendimento Materno-Infantil.....	179
O Espaço 1	181
A biblioteca do Espaço 1 – Unidade Feminina	182
O Espaço 2	183
A biblioteca do Espaço 2 – Unidade Feminina	184
Transcrição das gravações (03/03/2023).....	185
Transcrição das gravações (17/03/2023).....	209
Transcrição do grupo focal – Espaço 2 (30/03/2023)	226
Transcrição de acompanhamento de aula – professora Lídia	241
Transcrição do grupo focal – Espaço 1 (30/03/2023)	245
Transcrição da conversa com as autoras do Projeto Meu primeiro Livro....	254
ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP	257
ANEXO B – Decisão do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo sobre autorização para pesquisa na Fundação CASA	264
ANEXO C – Anuência da Fundação CASA para a pesquisa	266
ANEXO D – TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em Pesquisa Clínica.....	268
ANEXO E – TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em relato de prática docente	271
ANEXO F – Termo de autorização para uso de imagem e som de voz para fins de pesquisa	272
ANEXO G – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	273
ANEXO H – Lorenzo Lotto, Autoportrait, cerca de 1530. Veneza, Galeria da Academia	274
ANEXO I – Carl Spitzweg, Le Lecteur de brèvaire, le soir, cerca de 1845, Paris, Museu do Louvre	275
ANEXO J – Ernest Hildebrandt, Humboldt dans as bibliotèque, 1856. Londres, Royal Geographic Society	276
ANEXO K – Henri Valkenberg, Dimanche après-midi dans l’arrière pays, 1883 ...	277
ANEXO L – Jean-François de Troy, Une lecture de Molière, cerca de 1728....	278

INTRODUÇÃO

Bibliotecas. Por muitos anos, este foi o meu destino quando precisava fazer um trabalho ou quando precisava fugir um pouco da rotina cansativa de criança entediada. As férias de verão e de inverno passavam se arrastando, pois nunca tínhamos condições de viajar por todo o período e ninguém mais estava em férias para aproveitar aquele momento de ócio comigo. Assim, os livros me proporcionavam uma abstração tal, que era como se eu estivesse em qualquer outro lugar, menos na cozinha abafada ou gelada da casa que alugávamos.

É sempre muito difícil saber de onde veio a ideia inicial de algo. Ao ingressar nos estudos de doutorado, pela Universidade Nove de Julho, minha proposta de pesquisa, ainda que um pouco nebulosa, vislumbrava trabalhar com a temática biblioteca, a qualquer custo. A diferença que este ambiente cultural fez na minha vida deveria valer alguma coisa! Toda a minha escolarização foi embasada sobre estes espaços da cidade, dos quais me apropriei e com os quais me beneficieei.

Fiz Licenciatura em História, pela Universidade Assunção (UNIFAI), concluída em 2000. Ingressei na Educação Pública e passei pelas diversas funções, como vice-direção, coordenação pedagógica. Hoje, como coordenadora pedagógica, na educação municipal, percebo as iniciativas dessa rede, que há 50 anos incentiva as práticas de leitura, em suas salas, sempre muito bem abastecidas de livros, histórias em quadrinho e projetos de inclusão da leitura na formação continuada de seus docentes.

Tendo concluído o Mestrado em Educação, mais especificamente o Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais, na UNINOVE, percebi que, de fato, haveria muito o que fazer para que os sujeitos da pesquisa se tornassem pessoas com valores democráticos e isso deveria ser aprendido na escola. A escola, por si, é um local de aprendizado, tanto para os estudantes e comunidade como também para seus trabalhadores. Democratizar os saberes, por meio de um acesso mais livre a um espaço acolhedor que incentive a leitura e o conhecimento, foi o meu principal objetivo, ao desenhar, em 2011, uma biblioteca para a escola em que trabalhei como gestora, com a previsão dos custos de cada objeto e a projeção de cada espaço.

Ainda hoje se enxerga a biblioteca como um grande templo da memória da sociedade. Se, por um lado, isto está correto, por outro lado, pode-se incorrer em grande erro, pois essa visão medievalista de templo solene do saber intimida e impede

os indivíduos mais simples e humildes de se apropriarem da riqueza cultural que as bibliotecas oferecem. A relevância destes equipamentos públicos ou particulares para o despertar da leitura, primeiro, talvez, pela obrigação dos trabalhos escolares, depois, para a descoberta da leitura por deleite e, posteriormente, para a formação cidadã das pessoas, é imensa. Numa sociedade republicana, como o Brasil, ela faz parte da consolidação desse regime político e, claro, do alargamento do acesso à cultura, à literatura, à ciência, para os indivíduos mais ou menos favorecidos pelas condições sociais nas quais estão inseridos.

No primeiro semestre, durante o cumprimento dos créditos do curso, muitos foram os questionamentos e direcionamentos, exercidos pelos meus professores, para a definição de um tema não tão abrangente, pois é preciso entender a natureza do fazer científico, e a “poda” acadêmica tem esse papel. Dentre as discussões e indicações de leituras, estava a própria experiência do acadêmico, professor universitário, poeta e presidente da Academia Brasileira de Letras¹, Marco Lucchesi, apresentado pela professora Ana Maria Haddad Baptista, minha orientadora. Com um estilo labiríntico de literatura, a beleza de sua obra encantou ainda mais os meus sentidos, quando encontrei o que precisava, para definir de vez todos os passos teóricos e metodológicos de minha tese: a defesa da biblioteca aprisionada!

Uma vez, um prisioneiro me mandou uma carta dizendo como ele trabalhava nas prisões, pedia livros de literatura e fazia uma engenharia da leitura: os mais alfabetizados ensinavam os de alfabetização precária. Ele tinha a preocupação de que os livros chegassem a todos os apenados. (Lucchesi *apud* Baptista *et al.*, 2022, p. 138).

Tendo sido questionado, por meio da carta de um detento, acerca da necessidade de fornecerem mais livros para as bibliotecas prisionais, Lucchesi também se encontrou. A partir de então, chegou a visitar prisões e centros de acolhimento de menores infratores, carregando a bandeira da leitura consigo. Para Lucchesi (2020, p. 29), “A biblioteca prisional é a descoberta de um novo continente, onde a literatura e liberdade coincidem”. Seus diversos trabalhos realizados, no sentido de levar o valor da literatura aos menos afortunados e excluídos, foram marcantes, mesmo durante a pandemia de Covid-19, com a inserção de livros clássicos às cestas básicas das famílias atendidas no Rio de Janeiro, por uma ação da Academia Brasileira de Letras (ABL).

¹ Seu mandato estava vigente no início dos meus créditos doutorais (2018-2021).

A epígrafe que inicia esse estudo, anuncia um enredo já conhecido de filmes que representam a narrativa de Dumas, do romance O Conde de Monte Cristo. Nesse livro, de 1844, um jovem marinheiro é falsamente acusado de traição e aprisionado em um castelo, como se fosse um preso político. Da maneira mais inusitada possível, o protagonista conhece um abade empenhado em fugir, a fim de encontrar um tesouro escondido há séculos na ilha que leva o nome do livro. Pela solidão, ambos se tornam amigos e o abade, analisando o caso de Edmond, o protagonista, leva-o a perceber que foi vítima de uma traição, e por isso deveria permanecer esquecido na prisão, enquanto seus algozes desfrutariam das benesses sociais que o golpe lhes rendeu. O livro todo é muito comovente, sobretudo a parte da busca pela vingança, mas a melhor de todas as partes, sem dúvida é quando Edmond percebe que a educação é a sua única chance de enfrentar seus inimigos e seguir com o objetivo de sua vida.

Outro aspecto de minha vida profissional, que me fez refletir sobre o direito da criança e do adolescente à educação e ao acesso à cultura, foi o fato de ter dado aula de Políticas Públicas no curso de Pedagogia. As reflexões realizadas sobre a história da educação e a trajetória dos direitos humanos e direitos das crianças e adolescentes permearam debates importantes com as estudantes, e propiciaram excelentes estudos de caso e orientações de trabalhos de conclusão de curso, com a temática das políticas públicas e proteção ao direito à educação de crianças e adolescentes, seja nas escolas ou em quaisquer instituições que venham a abrigar esse público. O fato de ter trabalhado em escolas, sobretudo de ensino médio, com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em regime semiaberto, também foi um fator marcante.

Mesmo sem nunca ter trabalhado com adolescentes em situação de internação, seria impossível não fazer uma relação entre Edmond Dantès e os meninos e meninas reclusos na Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente); por isso, passei a acompanhar, com grande interesse, algumas notas, publicadas pela própria Fundação, a respeito de suas práticas com os adolescentes acolhidos. Essas leituras aumentaram o interesse em conhecer os espaços destinados à educação desses adolescentes, bem como a relação deles com os livros e com a leitura. Assim, algumas questões foram levantadas e configuram o problema desta pesquisa, como: Existem bibliotecas na Fundação CASA? Como o trabalho educativo se dá nestes espaços de internação? Há uma preocupação, por parte dos adultos que dirigem estas instituições, acerca da formação leitora dos adolescentes e jovens que são acolhidos?

Antes de lançar mão do desafio de visitar os centros de acolhimento dos adolescentes em internação, para cumprimento de medidas socioeducativas, a minha pesquisa doutoral passou de apenas uma teoria sobre leitura, livros e bibliotecas, para uma busca de conhecimento acerca da natureza destes espaços de privação de liberdade, chamados de Fundação CASA, em São Paulo, e com outros nomes em outras partes do Brasil, como FASE ou DEGASE, no Rio de Janeiro. Em consonância com a minha formação em história, precisava saber a origem destes espaços; a trajetória do atendimento da adolescência e juventude apreendida; o processo de transformação da mentalidade da sociedade, desde a simples punição até as ideias mais revolucionárias de educação e remição de pena, dos chamados “menores infratores”.

OBJETIVOS

Este trabalho doutoral tem o objetivo geral de investigar a existência de bibliotecas na Fundação CASA São Paulo e a percepção de adolescentes e jovens acerca da educação e das práticas de leitura vividas nesses locais.

Já os objetivos específicos são:

- a) Compreender a história do livro, da leitura e das bibliotecas;
- b) Conhecer a trajetória histórica do atendimento de adolescentes e jovens infratores no Brasil, com ênfase em São Paulo;
- c) Investigar a existência de espaços de leitura e de livros nestes ambientes de internação para cumprimento de medidas socioeducativas;
- d) Analisar o significado destes espaços de educação e das práticas de leitura para a vida de adolescentes e jovens em situação de internação.

Como caminho metodológico, este trabalho tem uma abordagem qualitativa, com coleta de dados empíricos, em campo, na Fundação CASA da Capital. A pesquisa seguiu, com rigor, todo o processo de autorizações e liberações, a começar pelos parâmetros exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, da Plataforma Brasil, seguido pelo contato com a instituição que regulariza e libera pesquisas dentro da Fundação CASA, além das devidas solicitações à Vara da Infância e da Juventude, para ter a autorização de me dirigir aos/às adolescentes que cumprem medida socioeducativa, em regime interno.

Optei pela análise qualitativa dos dados coletados, baseada no método de análise de conteúdo de Bardin (1977), com adaptações de sua teoria, para os fins desta pesquisa. Respeitei as fases de organização e categorização dos dados, o que me permitiu estabelecer uma visão satisfatória das percepções dos/das adolescentes sobre a biblioteca, com base na coleta realizada por meio da técnica de grupo focal, para tratar da relação dos/das adolescentes com os livros e a leitura, e sua aplicabilidade em suas vidas pessoais.

Os capítulos se organizam de forma crescente, sendo que o primeiro, mais teórico, trata de um breve recorte histórico da origem dos livros, das bibliotecas e da leitura. O segundo capítulo apresenta uma trajetória, contendo, em paralelo, a história da evolução do tema infância e adolescência, com os aspectos históricos mais relevantes da história do Brasil e sobre a trajetória da Fundação CASA, em São Paulo. O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada, bem como o detalhamento do percurso de trabalho em campo. O quarto capítulo apresenta os resultados e sua análise de conteúdo. Para todos os capítulos, utilizou-se, tanto quanto possível, o apoio da literatura, trazendo à baila não apenas os escritos científicos produzidos em livros e artigos, mas excertos da literatura, entendida como arte e fabulação, pois “[...] ela pode e deve estar presente nos ensaios e livros mais conceituais”, como pontuam Baptista e Tavares (2016, p. 59). Este trabalho contém também, em seu apêndice, o caderno de campo, com a apresentação completa dos espaços visitados, bem como a transcrição completa de todos os depoimentos, dos grupos focais e das entrevistas.

1 LIVROS, BIBLIOTECAS E LEITURAS

Com a percepção dos avanços tecnológicos, ao final do século XX e início do século XXI, muitas discussões sobre as estruturas que permaneceriam no “futuro” e as que se tornariam obsoletas foram observadas, ao que alguns fatalistas passaram a anunciar o fim do livro impresso e a obsolescência das bibliotecas. Palavras apocalípticas sobre o fim das bibliotecas, sobre o fim do livro físico reverberam ainda hoje, até mesmo pelos lábios de acadêmicos e de pessoas que, mesmo vivendo do livro e da leitura, no geral, não acreditam, mas anunciam tais inverdades. Talvez por medo de serem antiquados, talvez porque tais notícias possam provocar a curiosidade de todos. Não importa o motivo, toda menção ao livro é, em si, um bom motivo para ler, pois, como afirma Manguel (1996),

Em um mundo inteligente, aparelhos eletrônicos e livros impressos compartilham o espaço de nossas mesas de trabalho e oferecem a cada um de nós diferentes qualidades e possibilidades de leitura. (Manguel, 1996, p. 12).

O advento do mundo digital representa uma grande evolução e até uma tentativa de ampliar, de democratizar o acesso à cultura. O fato é que as bibliotecas estão mais intactas do que nunca, oferecendo o Universo a quem procura. Tratar de livros, de bibliotecas e mesmo de leitura, envolve, de certa forma, tentar reconstruir uma pequena página da história da humanidade, em que figuram os objetos e sua materialidade, justamente numa abordagem histórica da cultura material, tomando como base a materialidade do livro, em seu processo de fabricação, nas escolhas dos seus suportes, nos espaços de armazenamento e, posteriormente, de leitura, como prática e como possibilidade de consumo do livro em suas múltiplas formas.

Segundo Jean-Marie Pesez (2001), na discussão sobre a nova história, uma abordagem que não poderia ser ignorada é a abordagem material da história, com um estudo sobre os objetos que fazem parte da trajetória humana e ajudam a reconstruir modos de vida, cotidianos, relações sociais e até hierarquias.

Apesar da quantidade de trabalhos que, deliberadamente ou não lhes são consagrados, apesar desse segundo fôlego que a arqueologia lhe deu, a história da cultura material permanece uma pesquisa jovem, de estatuto maldefinido e que não termina de nascer. (Pesez, 2001, p. 209).

Por ser algo sempre renovável, sempre a descobrir e pela relação que os seres humanos estabelecem com os objetos progressivamente, pode-se entender que a história da cultura material seja um conjunto de estudos multidisciplinares, que

evocam saberes das mais diversas áreas do conhecimento, para investigar não apenas o artefato – no caso desta tese, o livro e a biblioteca –, mas estabelecer uma compreensão do modo como as pessoas se relacionavam com tais objetos, por meio da leitura, do colecionismo e mesmo a percepção destes para o desenvolvimento da cultura.

Em primeiro lugar, realizou-se um levantamento bibliográfico, à procura de pesquisas recentes sobre a história do livro e da biblioteca, a fim de entender o interesse dos pesquisadores contemporâneos sobre esse tema. A pesquisa se deu primeiramente com um levantamento de teses sobre a relação entre a Fundação CASA e as bibliotecas e, depois, uma busca em meio a artigos no site da Capes Periódicos, com a aplicação de alguns filtros que atendessem às especificidades desta pesquisa, como artigos revisados por pares, com data de publicação em revistas entre 2019 e 2024, dentro da área da educação. Por não encontrar algo tão específico, outra busca foi realizada, com outras palavras isoladas, como livros, bibliotecas e Fundação CASA.

Entre as teses encontradas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses (BDTD), não foi possível manter o período mencionado, já que os escassos resultados aparecem em ano muito anterior a 2019, sobretudo aquelas que tratam da Fundação CASA e a educação. Outro empecilho para que a busca tivesse um resultado relevante encontra-se na confusão entre Fundação CASA e Fundação Casa de “alguém”. No fim, pode-se perceber o quanto há uma carência de estudos sobre a leitura ou as práticas educativas realizadas na Fundação CASA, na área da educação, nos últimos cinco anos.

Sobre a temática “livros”, foram encontrados 39 resultados, dentre os quais sete tiveram algum tipo de relação com esta pesquisa, já que os demais tratavam de resenhas de livros e outros de histórias diversas. Dentre os sete artigos, três eram estudos sobre o livro didático, uma temática de grande importância para a educação, mas que não corresponde ao foco deste trabalho; outro que trata da relevância de uma biblioteca pública, para estudantes de uma escola pública; outro que trata da trajetória de livros digitais de literatura infantil; e, por último, um artigo que trata da percepção dos jovens internos em medidas socioeducativas acerca da educação recebida em uma unidade de acolhimento no Ceará (Fialho; Vasconcelos, 2019). Sobre todos os artigos selecionados, nenhum deles tratava diretamente da investigação ou do levantamento da história dos livros e seus suportes.

Com relação aos artigos atuais acerca de “biblioteca”, foram levantados os dados do Capes Periódicos de artigos em periódicos revisados por pares, entre os anos de 2019 a 2024, na grande área da educação, com 62 resultados. Os dados foram pré-selecionados por meio de leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, a fim de verificar aquele em que figura coesão com o tema tratado nesta tese, dos quais apenas três foram selecionados como relevantes para esta pesquisa. As categorias encontradas, de modo geral, foram: três artigos acerca da história de alguma biblioteca escolar, ou universitária; 45 artigos de assuntos educativos, não mencionando a biblioteca, como tema central; oito artigos tratando de práticas de leitura em bibliotecas infantis; três artigos de biblioteconomia; e apenas três que apresentaram a preocupação em entender a biblioteca como um espaço constituído historicamente e potente ferramenta para o fortalecimento da leitura literária (Andrade; Paixão, 2020).

Em uma busca de dissertações de mestrado, pode-se perceber que, no período determinado entre 2019 e 2024, uma dissertação foi encontrada, tendo sido apresentada, em 2021, à Universidade de São Paulo, por Willian Kleyton Costa (2021), com estudos sobre a reeducação dos “menores” infratores em instituições, numa perspectiva social e de políticas públicas da República Velha, em São Paulo. Outras dissertações, publicadas anteriormente ao período predeterminado pela pesquisadora, foram encontradas, com perspectivas sobre a Fundação CASA e o trabalho educativo realizado. Os resultados apontaram uma sequência de dissertações publicadas entre 2008 e 2018, com ênfase no papel da educação dos adolescentes e jovens. Tais trabalhos serão mencionados posteriormente, no tópico Fundação CASA.

O que tais pesquisas evidenciam é que, nos trabalhos pesquisados, não se pode notar quaisquer relação entre leitura e adolescentes e jovens em situação de recolhimento à Fundação CASA, o que justifica a necessidade de se manter a pesquisa sobre o livro, a biblioteca e, mais ainda, esta relação com a educação dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, pois, assim como qualquer adolescente que esteja em liberdade, os adolescentes apreendidos têm os mesmos direitos à saúde, educação e cultura, justamente por serem pessoas em desenvolvimento, segundo a lei que rege o modo como devem ser tratados (Brasil, 1990).

1.1 LIVROS E BIBLIOTECAS

Pensar na materialidade das coisas é imaginar sua trajetória, sua origem, seus usos pelos povos mais antigos. Uma perspectiva da cultura material busca escavar, tal qual um arqueólogo, o artefato e estudá-lo. Assim, buscar a materialidade do livro nos povos da Antiguidade e caminhar por esta trajetória histórica até os dias atuais é uma tarefa essencial, sobretudo pelo fato de que, por milênios, a humanidade se utilizava da oralidade para repassar às gerações posteriores os saberes dos antepassados. Dessa forma, após a invenção da escrita, pelos sumérios, muita coisa mudou e deu início a uma relação, que perdura até os tempos atuais, dos seres humanos com os objetos nos quais se registram as informações: os livros. É difícil pensar em livros sem pensar em bibliotecas, mas foi assim que eles surgiram: separadamente.

Os velhos, que articulavam a linguagem para consignar a cada um, as experiências dos que os tinham precedido, representavam ainda, em seu nível mais evoluído, a memória orgânica, aquela registrada e administrada pelo nosso cérebro. Mas com a invenção da escrita, assistimos ao nascimento de uma memória mineral. (Eco, 2010, p. 14).

A oralidade e a transmissão da história oral, cultivadas por algumas civilizações, foi abrindo um pequeno caminho, não para ser substituída, mas para coexistir com outra forma de registro dos seres humanos sobre a Terra: a escrita, que ora passa a coexistir com os novos e atuais modos de registros e arquivos. Embora mencione a memória mineral, por se referir ao barro, com a escrita cuneiforme, o nome do livro de Umberto Eco, escritor e bibliófilo, estudioso das origens dos livros e das bibliotecas, muito convenientemente se chama *A Memória Vegetal*, já que as primeiras tentativas de registros humanos foram assim, com folhas, cascas de árvores ou madeira, como elementos fundamentais para carregar a história cotidiana, que se tornou a história da humanidade. O livro surgiu da primeira necessidade de registros cotidianos e comunicação escrita dos seres humanos com a posteridade.

Após a invenção da escrita pelos sumérios, com os primeiros recibos comerciais feitos em tabletas de argila, com a escrita cuneiforme, já não dava mais para retroceder. Com estes povos mesopotâmicos, também foram desenvolvidas e registradas as primeiras leis, como o código de Hamurabi ou as primeiras narrativas, como a epopeia de Gilgamesh, além de vários outros livros escritos em argila, que a história surpreendentemente conservou e ainda hoje presenteia a todos.

Frédéric Barbier (2018) inicia seu livro com uma definição muito básica sobre o que vem a ser uma “biblioteca”. Trata-se simplesmente do espaço destinado à acomodação ou armazenamento de livros. Apenas isso! A definição não é poética, crítica ou política. Trata-se de um espaço, como uma prateleira e, posteriormente, um cômodo onde se armazenavam os livros. Isso significa que o que está além dessa definição tem a ver com a relação que a sociedade estabelece com esse espaço e com os livros, em sua época, em seu contexto histórico.

A materialidade do livro passou a ser admirada e cobiçada, ainda na Antiguidade, pelos monarcas que desejavam possuir o maior acervo possível, isso porque os livros poderiam ser considerados pequenas obras de arte ou pequenos talismãs, guardados como tesouro pelos seus detentores. As bibliotecas, porém, surgiram não para dar visibilidade aos documentos, mas para contê-los e prevenir os roubos de peças, que eram parte de coleções de reis.

As primeiras bibliotecas, ou melhor, os primeiros armários e cômodos destinados a armazenar livros, atendiam a especificidade do seu proprietário. As primeiras bibliotecas existentes originam-se no Oriente Médio e Norte da África, nas regiões hoje conhecidas como Iraque, Palestina e Egito. Os primeiros povos a inventarem um sistema de escrita foram os sumérios, com um suporte mineral, a argila, que era escavada com um estilete e depois assada. Para que estes objetos fossem devidamente conservados, as estantes ou nichos destas primeiras e antigas bibliotecas não precisavam ser tão profundos. Uma das grandes bibliotecas do passado é a de Nínive, fundada pelo rei assírio Assurbanipal, conhecida pela sua coleção de peças, tendo em seu poder a famosa epopeia de Gilgamesh (Casson, 2018).

Os governantes do Império Assírio da Mesopotâmia (atual Iraque) reuniram quantidades consideráveis de documentos, todos cuidadosamente inscritos em tábuas de argila com a escrita cuneiforme. Essas tábuas de argila assadas sobrevivem de forma notável, já que são praticamente impermeáveis à umidade ou ao fogo; no entanto, elas eram extremamente volumosas para armazenar e muito pesadas para serem movidas facilmente.² (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 19, tradução nossa).

² No original: “*The rulers of the Assyrian Empire of Mesopotamia (present-day Iraq) gathered considerable quantities of documents, all carefully inscribed in their distinctive cuneiform script on to clay tablets. These baked clay tablets survive remarkably well, since they are virtually impervious to damp or fire; but they were enormously bulky to store and too ponderous to move around easily.*” (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 19).

A intencionalidade da existência de uma Biblioteca Real estava no poderio que isto conferia ao chefe de Estado que a detinha. No geral, após as guerras, seus despojos eram divididos, sendo os melhores objetos aqueles que conferiam maior status, aqueles oriundos dos templos ou das bibliotecas, como os livros que aquele reino possuísse. Assim, tais “prêmios” eram subtraídos dos vencidos e integrados às coleções particulares de monarcas ou da nobreza. Este ato está carregado de um simbolismo muito peculiar: a conquista de um povo também seria a sobreposição da cultura vencedora sobre o modo de vida, crenças e culturas dos “perdedores”. A intenção da coleta de outras bibliotecas nada mais é do que o aprisionamento dos saberes dos vencidos e, com isso, sua identidade.

No decurso, os egípcios apresentaram o papiro, produzido das fibras dessa planta de mesmo nome, que cresce ao redor do Rio Nilo, muito mais leve e fácil de movimentar, além de ser o suporte ideal para os diferentes tipos de escrita do Egito (a hierática, a hieroglífica e a demótica), que precisavam ter boa absorção da tinta, para os sinais pictóricos, fonéticos e simbólicos se fixarem sobre as folhas.

Geralmente o papiro recebia escrita apenas no lado interno e macio. As folhas podiam ser cortadas do tamanho desejado e, se necessário, coladas para formar um rolo mais longo. No período dos faraós, os rolos geralmente não ultrapassavam 6m, embora rolos muito maiores foram descobertos em túmulos. Uma vara de madeira podia ser presa à última folha. Era o umbigo (*umbilicus* em latim), que facilitava o manuseio do livro. (Lyons, 2011, p. 21).

Outros povos, porém, também se utilizaram deste suporte, como alguns povos mesopotâmicos, os gregos e os romanos, embora, paulatinamente, um novo objeto ascendesse à vista dos leitores: o pergaminho. Diferente do papiro, que é mais frágil e com a umidade pode se deteriorar com facilidade, o pergaminho, que é feito de pele de animal, tem uma durabilidade muito maior, além de sua maleabilidade, frente a algum erro de escrita, pois pode ser apagado. Supostamente, este nome lhe foi dado em referência à sua origem: Pérgamo, atual Turquia. Trata-se da pele de um animal, que poderia ser um boi, um carneiro, cabras ou até esquilos, que, após um cuidadoso tratamento, com a devida secagem, raspagem, alisamento e polimento, poderia ser cortado, de acordo com os objetivos de quem escrevia, ou emendado em outros, para formar um rolo. (Lyons, 2011).

A mais famosa biblioteca do mundo antigo, sem dúvida, foi a Biblioteca de Alexandria, que recebeu esse nome por causa da cidade de Alexandria, erigida em homenagem a Alexandre Magno. Após, sua morte, o seu reino macedônico, promotor

da cultura helenística, foi dividido por seus quatro generais, sendo que, para Ptolomeu I, ficou o reino do Egito e, conseqüentemente, Alexandria. O desafio desse sucessor era fazer de Alexandria uma capital da cultura, que rivalizasse com Atenas. Assim, para atrair a intelectualidade da época, houve a inauguração de um Museu, que, diferente do que se entende hoje, era uma espécie de templo em honra das musas³, conseqüentemente, em honra das artes, que as musas representavam. Havia, nesse local, salas de aulas, galerias de pinturas, jardins, observatório celeste, entre outros espaços – até mesmo um zoológico, de modo que os filósofos, cientistas e escritores da época se sentissem acolhidos e estimulados a produzir e sintetizar os conhecimentos.

Neste complexo cultural, após a morte de Alexandre Magno, foi fundada a Biblioteca de Alexandria, por volta de 300 a.C., por Ptolomeu II. Alexandria se tornou uma espécie de repositório de grandes obras do mundo antigo, pois, por dispor de muitos recursos financeiros, pôde adquirir livros, rolos, tabletes em diversos idiomas e de diversas partes do mundo. Ou ainda, pelo serviço de escravos copistas, detinham a obra original e entregavam uma cópia do livro para o seu dono; faziam, assim, crescer o acervo, buscando desenvolver e difundir a cultura helenística. Além disso, por ser público, todo este complexo cultural, que compreendia o Museu e a Biblioteca, era aberto aos estudiosos da época, que poderiam passar o dia em seu interior, para leitura e consultas diversas, além de diversas experiências culturais. (Casson, 2018).

Da infinidade de livros, tanto os originais, nos idiomas em que foram escritos, ou as traduções para o grego, como o que ocorreu com a Torah dos judeus (Septuaginta) e mesmo alguns livros do Novo Testamento, entre outros, que foram traduzidos para o grego, surgiu a necessidade de organizar, catalogar e categorizar os documentos. Assim, despontam as primeiras noções de biblioteconomia de que se tem notícia, com o estabelecimento de códigos para os autores, para os nomes dos livros, números de páginas ou de linhas, números para as estantes, para as prateleiras e para os *volumens* ali existentes. (Barbier, 2018).

Outros modos de escrita podem ser reconhecidos na história, bem como outros suportes, como cascos de tartaruga e folhas de árvores; a escrita do Oriente, como

³ As musas eram entidades da mitologia grega que personificavam as artes e as ciências. Filhas de Zeus com Mnemósine (memória), elas eram em nove. No diálogo de Sócrates com Fedro, Platão discorre sobre as características de algumas delas e do respeito que se devotava a elas, a fim de garantir seus favores. (Platão, 2019, p. 818).

os livros sanfonados do Japão, as folhas de papel da China ou mesmo os hieróglifos maias, da América Central. O alfabeto grego deu uma noção das letras que hoje são reconhecidas, mas foram os fenícios que criaram o alfabeto original, aperfeiçoado pelos romanos, chegando até os dias atuais, no Ocidente.

Engana-se, porém, aquele que acredita que o livro nasceu feito [...]. Era antes um volume que se desenrolava com a mão direita e se enrolava com a esquerda [...] esses rolos frágeis de papiro [ou pergaminho] que variavam de 2,5 e 12 metros de comprimento, com altura média de 16 a 30 centímetros. (Schwarcz, 2017, p. 169).

Na Roma Antiga, as bibliotecas desempenhavam um papel significativo na disseminação da cultura. A própria administração da Biblioteca de Alexandria aconteceu também durante o período romano, com diretores escolhidos pelos imperadores. A localização das bibliotecas romanas era normalmente em ambientes públicos, como termas, fóruns, ginásios e academias. No seu interior, estavam previstos os espaços de armazenamento de livros e recintos específicos para estudos, pesquisas e discussões dos textos disponíveis. A peculiaridade da biblioteca romana se dava pelo surgimento da biblioteca pessoal, ou seja, aquela que era constituída na casa dos nobres, que detinham espaço físico e escravos capazes de copiar com maestria os mais diversos pergaminhos, em forma de rolo.

Realmente, poucos eram os ricos ou membros ilustres das profissões liberais (advogados, médicos, oradores) que não possuíssem uma de maior ou menor dimensão.⁴ (Escolar Sobrinho, 1990, p. 101, tradução nossa).

Uma das salvaguardas de grande parte dos livros, mesmo da coleção de Aristóteles, que estava em Alexandria antes de sua destruição, foi a atuação de alguns escravos, que clandestinamente faziam cópias a mais dos originais, a fim de comercializarem com outros proprietários de bibliotecas pessoais. Tal proeza garantiu, de certa forma, que algumas peças fossem conservadas até os dias de hoje.

Outra inovação romana foi o fato de dispor a biblioteca para a população, de maneira que fosse pública. Embora se saiba que o nível de alfabetismo nessa época só atingia mesmo as camadas mais abastadas da população, tal inovação permitia que mesmo escravos alfabetizados entrassem nestas instituições. Além disso, foi Roma quem protagonizou a maior revolução que o livro sofreu desde sua invenção: o códice. Isto consistia em formar páginas, com peças retangulares cortadas,

⁴ No original: *“Realmente pocos fueron los ricos o los miembros distinguidos de las profesiones liberales (abogados, médicos, retores) que no poseyeron una de maiores o menores dimensiones.”* (Escolar Sobrinho, 1990, p. 101).

sobrepostas e costuradas uma na outra, dando a forma de livro, como hoje se conhece. “O códice foi uma invenção pagã. Segundo Suetônio, Júlio Cesar foi o primeiro a dobrar um rolo em páginas, para despachos a suas tropas.” (Manguel, 1996, p. 74). Tal invenção certamente revolucionou a leitura, o manuseio, o armazenamento dos livros nas salas de leitura e bibliotecas e até mesmo o modo como as pessoas passaram a se relacionar com os novos livros; ou seja, mudou sua materialidade, de modo que a leitura se tornasse um ato muito mais íntimo. O códice passou a ser amplamente utilizado pelos cristãos, com sua literatura religiosa, com os manuscritos epistolares e históricos, no modo geral.

As permanências e mudanças históricas são conceitos que raramente podem ser usados separadamente, já que fazem parte do mesmo processo. Se, por um lado, forças desejem manter o que está posto como definitivo, por outro, forças opostas se chocam em busca de reconhecimento (Ferreira; Oliveira, 2019). O mesmo ocorreu na história da transição entre a confecção e o uso de rolos ou códices, em que, por exemplo, os judeus, apegados à tradição, utilizavam a Torá, seu livro sagrado, em forma de rolo, enquanto que os cristãos se adaptaram ao códice, pela facilidade no transporte e pela eficiência na localização de um trecho que julgassem importante, até por causa da perseguição que sofreram nos primeiros séculos de sua existência. A partir do século II, esta mudança teve início e, já no século IV, o códice estava popularizado na Europa. A princípio, vários textos poderiam ser encadernados no mesmo códice, sem que a autoria fosse a mesma e até o assunto poderia ser diverso (Lyons, 2011).

Muitos mosteiros também desempenharam um papel importante ao preservar a cultura romana de copiar manuscritos que continham obras de autores clássicos; de fato, foi assim que quase todos os textos clássicos chegaram até nós hoje.⁵ (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 39, tradução nossa).

Com a soberania da nascente Igreja Cristã primitiva, que se tornou oficial do Império Romano, pelo Imperador Constantino, em 313 d.C., esta passou a ter algumas regalias, algumas compensações do período anterior, em que era considerada clandestina e foi perseguida. Muitos escritos cristãos primitivos haviam sido incendiados, como cartas, conselhos e demais literaturas, mas, com o edito de Milão,

⁵ No original: “Many monasteries also played an important role in saving the remains of Roma culture by copying manuscripts containing the works of classical authors; indeed this is how virtually all classical texts have come down to us today.” (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 39).

os locais de cultos considerados pagãos passaram a ser destinados aos cristãos, bem como a recuperação de seus bens.

A partir desses momentos, os livros e as bibliotecas cristãs receberam proteção oficial, puderam agir à luz do dia e alcançaram um crescente desenvolvimento em contraste com a decadência contínua em que a cultura pagã foi caindo.⁶ (Escolar Sobrinho, 1990, p. 103, tradução nossa).

As bibliotecas criadas por Constantino, com o fim de devolver aos cristãos sua propriedade intelectual, tiveram mais de 100 mil volumes (Escolar Sobrinho, 1990). Com maiores poderes dados aos agrupamentos cristãos, surgiram outros problemas, como a tentativa de destruição cultural das religiões não cristãs, que antes foram opressoras do cristianismo. Conseqüentemente, as fogueiras reacenderam contra objetos de culto, de arte e contra os livros. Dentre os modos de destruição dos livros pagãos, houve a prática do palimpsesto, que era a raspagem dos textos escritos e a reutilização dos pergaminhos, com a escrita de outra coisa.

No quinto século depois de Cristo, o Império Romano enfrentava tremendos desafios externos, com as pressões e invasões bárbaras, além de crises políticas. A divisão do Império Romano ocorreu em 395 d.C., estabelecendo-se duas capitais: no Oriente, a capital era Constantinopla; no Ocidente, a capital era Roma. Em ambas as capitais, o cristianismo se desenvolveu de modo distinto, com dogmas diferentes, mas com uma mesma característica: os livros e a valorização da cultura letrada. Não que a possibilidade de saber ler fosse estendida a todos os fiéis, mas uma elite passou a ser ainda mais valorizada, não apenas pela posse, mas também pela capacidade de ler, de interpretar e ditar um novo estilo de vida.

Por parte de Roma, a repressão ao pensamento, ao culto, à fé diversa do catolicismo do período feudal desligou os eruditos dos saberes clássicos ocidentais e reduziu as produções a temáticas religiosas cristãs, como os livros de horas ou livros de oração. As ordens religiosas foram as responsáveis pelo cultivo da cultura letrada, sendo os livros um símbolo dos mosteiros, já que a maior parte da população permanecia analfabeta e tais objetos interessavam mesmo aos mais afortunados, que, diante da autoridade da Igreja, tratavam de seguir os dogmas e se entregar à leitura das vidas dos santos ou dos livros de horas. Monges e freiras de diversas ordens, sobretudo da ordem dos beneditinos, foram os principais detentores, tanto da

⁶ No original: “A partir de estos momentos el libro y las bibliotecas cristianas recibieron protección oficial, pudieron actuar a la luz del día y alcanzaron un creciente desarrollo frente a la decadencia continuada en que fue cayendo la cultura pagana.” (Escolar Sobrinho, 1990, p. 103).

responsabilidade de manter guardados os livros quanto de multiplicar esse material pelas cópias ou pela autoria de novos textos de várias categorias, com destaque a textos literários e poéticos escritos por mulheres e com pseudônimos masculinos. Por intermédio deles, a escola do mosteiro ou do convento, onde aprendiam, passou a ter uma relação muito próxima à biblioteca e ao trabalho dos copistas, que deveriam saber escrever em vários idiomas e em várias fontes. Ainda que alguns não soubessem ler, todos deveriam também desenvolver as técnicas das iluminuras⁷. Alguns deles saíam para outros mosteiros, a fim de copiarem manuscritos interessantes para a composição da biblioteca monasterial. (Pettegree; Weduwen, 2021).

Em pleno decurso do Renascimento Cultural, fenômeno que se desenvolveu de maneiras diversas nos países europeus, a próxima grande virada da história livresca foi a invenção da imprensa de Gutenberg, por volta de 1430, na Alemanha. Mesmo que não tenha sido o único a utilizar modos de gravação em papel, por meio de tipos móveis ou presos em placas, pois estes métodos já existiam em países do Oriente, em locais como China ou Japão, a invenção da prensa deu um dinamismo na produção de livros, sobretudo com o barateamento do produto e, conseqüentemente, sua maior distribuição.

A produção de livros manuscritos aumentou em volume por pelo menos duas décadas após a invenção da impressa, no meio dos anos 1450. O surgimento da impressão não causou o colapso da cultura manuscrita; escritos manuscritos, em diversas formas, continuariam a desempenhar um papel importante no mundo governamental, na divulgação de notícias e no mundo literário por muitos séculos.⁸ (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 75, tradução nossa).

Mesmo com a coexistência de todas as formas de produção do livro, entre os manuscritos e os impressos, o apoio ao modo de pensar reformista de “John Wycliffe e Martinho Lutero, por ter tornado mais amplo o acesso ao texto da Bíblia, no início da atividade impressora” (Lyons, 2011, p. 58), ocasionou a difusão da leitura, a princípio com as igrejas protestantes, e proporcionou, juntamente com as recentes universidades, um crescimento da “[...] erudição humanista e a difusão das

⁷ Iluminuras medievais: ilustrações feitas à mão que adornavam manuscritos como a Bíblia, livros de orações e outras obras literárias. Tais trabalhos artísticos eram ricamente adornados com muitas tintas coloridas e ouro ou prata. (Lyons, 2011).

⁸ No original: “*The production of manuscript books increased in volume for at least two decades after the invention of printing in the middle of the 1450s. the birth of print did not cause the collapse of manuscript culture; manuscript writings, in many forms, would continue to play a major part in the world of government, in the provision of news and in the literary world, for many centuries.*” (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 75).

universidades criaram um crescente mercado de livros entre as elites seculares e religiosas.” (Lyons, 2011, p. 56). O Renascimento e a Reforma protestante foram o incentivo que faltava para que a supremacia dos livros impressos pudesse se tornar evidente na Idade Moderna. Lutero era muito interessado na imprensa e chegou a publicar diversos panfletos e pequenos livros, com espécies de resumo teológico de sua nova doutrina, o que aproximou o homem comum da religião.

A propagação da imprensa pela Europa, nos séculos que sucederam a sua invenção, utilização e popularização, aliada a uma secularização da cultura pelas universidades, tornou ainda mais difícil o controle religioso sobre o que se lia, consultava, pesquisava, embora esse domínio estivesse ainda muito vigente em determinados locais. Ainda assim, o acesso das pessoas aos bens culturais e a liberdade que a imprensa adquiriu foi a grande responsável pela “europeização” do mundo, a partir do final do século XVI, saindo dos limites do Velho Mundo para as instalações, inclusive em terras além do oceano, com o fenômeno das Grandes Navegações. (Lyons, 2011).

1.1.1 O livro no Novo Mundo

Em boa parte das terras americanas, a cultura letrada foi introduzida pelos colonizadores, pois, em sua maioria, os nativos possuíam forte influência da oralidade, cujas crenças, tradições e ritos eram passados de geração em geração, por meio de relatos e símbolos dessa cultura. Devido a questões religiosas, políticas e sociais, os ingleses tiveram a iniciativa de se mudar para a América do Norte, de modo a povoá-la. As Treze Colônias constituídas tiveram uma grande base leitora, pela religião protestante de seus colonos, a ponto de instalarem prensas de folhetos e livros, a princípio religiosos e, posteriormente, de toda natureza, a fim de proporcionar informação e conhecimentos religiosos e instituírem uma prática profissional, com um mercado editorial em desenvolvimento. Já as colônias ao centro e ao sul da América estavam submetidas a um regime de exploração, que não visava ao desenvolvimento local, apenas à extração das riquezas pelos espanhóis e portugueses, que, tão logo conquistassem o que queriam, tratavam de retornar aos seus países de origem.

A colonização, tanto de exploração como de povoamento, tinha como característica comum a invasão: apropriação indevida de territórios alheios, a imposição de uma cultura e de um modo de vida totalmente opostos sobre as culturas

já existentes, além dos confrontos físicos e violentos. Ao modelo de administração ao sul, havia um acréscimo, que era a atuação de religiosos no trato com os povos originários, e, posteriormente, com os escravizados africanos, o que se afinava com os ideais coloniais de subserviência e exploração.

Os conquistadores trouxeram sua bagagem cultural distinta em forma de livros, da Espanha para o Novo Mundo. Mas não encontraram uma sociedade analfabeta. Embora os Incas não tivessem uma grande tradição de escrita, o México e a América Central tinham culturas literárias ricas, anteriores ao período hispânico, que os conquistadores tentaram – em vão – destruir. (Lyons, 2011, p. 84).

Os povos indígenas foram suprimidos e sua cultura, considerada bárbara, foi aos poucos substituída por meio do violento processo de colonização, sobretudo no que tange à religiosidade. Os livros dos astecas e maias, encontrados no México e na América Central, tinham como temática instruções para sacerdotes, conhecimentos científicos acerca dos planetas, calendários, biografias de reis e personalidades importantes, mas foram sistematicamente destruídos, restando alguns volumes encontrados em museus da Alemanha, Espanha e França, levados como artefatos primitivos de curiosidade, que eram feitos de cascas de árvores dobradas em forma de sanfona, o que os tornava mais duráveis que os já conhecidos papiros egípcios.

A Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1540, tinha o objetivo de combater as heresias, os ideais reformistas protestantes, converter e aumentar a influência da Igreja Católica, ameaçada por esse movimento. Sua organização era quase militar, seus métodos reuniam estratégias e hierarquias muito bem definidas e eram conhecidos como os “soldados de Jesus”, dada a rigidez com que tratavam aqueles que não se identificassem com a doutrina católica romana. Eles ficaram responsáveis, desde que chegaram ao território americano, pela conversão dos nativos ao catolicismo.

Os jesuítas haviam chegado ao Brasil em 1549, e colégios foram estabelecidos em seis dos principais assentamentos. O Rei de Portugal apoiou a empreitada com doações de livros.⁹ (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 166, tradução nossa).

Os tais livros dados de presente pelo Rei de Portugal tinham como objetivo a pacificação dos indígenas e o reconhecimento da autoridade lusitana em terras de além-mar, assim, não tinham o objetivo de instruir a população que, no território, ia se

⁹ No original: “*The Jesuits had arrived in Brazil by 1549, an colleges were established in six of the major settlements. The King of Portugal supported the venture with gifts of books.*” (Pettegree; Weduwen, 2021, p. 166).

formando, mas de ostentar o poderio dos colonizadores e o peso de suas instituições. A circulação de livros fora dos espaços religiosos era quase nula, com exceção dos diários de viagens de forasteiros, sermões de pregadores e histórias de vida de pessoas consideradas fieis à Igreja e à MetrÓpole.

Os jesuítas cuidavam da entrada de impressos, e por isso mesmo predominavam os livros religiosos – obras de doutrina, de devoção mística e ascética – e ainda alguns clássicos, contanto que fossem expurgados trechos considerados inconvenientes. (Schwarcz, 2017, p. 368).

A tradição que se criou foi justamente a abertura de uma biblioteca em cada colégio, embora seu acervo, rigidamente controlado pelos religiosos, se voltasse mesmo para a propagação da fé cristã. A ordem jesuítica se tornou a grande referência da educação no período colonial, tendo assumido a responsabilidade de domar e pacificar os indígenas, a fim de que respeitassem e obedecessem aos colonizadores, e, ao mesmo tempo, se prestava a educar os filhos dos colonos, fossem aqueles ilegítimos, fossem os filhos das senhoras que aportavam nestas terras, por um casamento arranjado ou mesmo por terem sido degredadas de sua terra natal. “Nesse cenário, eram raras as mulheres que sabiam ler e escrever com fluência” (El Far, 2006, p. 14) e isso era uma estratégia para garantir a servidão feminina, o que só começou a mudar após a Independência. (Hallewell, 2017).

Desde a chegada dos jesuítas, e por muito tempo, o manuseio de livros era praticamente um privilégio de poucos homens de boa posição social e educação, enquanto a maior parte da população fora desse padrão era totalmente analfabeta. A educação pública oferecida às crianças e jovens no Brasil colonial era inexistente, pois o pensamento colonizador de expropriação da terra deixava sempre em evidência os reais objetivos da permanência portuguesa em terras americanas: a exploração dos recursos comercializáveis na Europa, na ausência de ouro, eram os provenientes do extrativismo da madeira, da agricultura, com a monocultura de cana-de-açúcar. Os livros que existiam eram aqueles que vieram nas embarcações; assim, para suprir a falta desses impressos, os padres jesuítas chegaram a ensinar aos indígenas a arte da xilogravura, como ocorreu antes da invenção da prensa, na Europa. (Hallewell, 2017).

A partir de 1759, graças à atuação do Marquês de Pombal em Portugal e sua tendência iluminista, os jesuítas foram expulsos do Brasil. Pombal “[...] empreendeu uma série de reformas no sentido de adaptar aquele país e suas colônias às

transformações econômicas, políticas e culturais que ocorriam na Europa” (Ghiraldelli Júnior, 2015, p. 30). Por sua corrente filosófica se opor diretamente à religiosidade, em favor do racionalismo e do cientificismo, e pelo fato de que os jesuítas gozavam visivelmente de uma influência elevada na sociedade que se formava, sobretudo entre os indígenas, o decreto fez com que o Estado assumisse algumas de suas instituições e fechasse outras. O encargo da educação passaria ao poder governamental, o que desarticulou o falho, mas único, sistema educacional vigente.

A desestrutura da na área da educação, até então regida pelos jesuítas e ora assumida pelo Estado foi perceptível: mesmo utilizando-se do que restou da intrusão anterior, a organização inicial passou a ter um diferencial marcante, que foi a implementação de aulas régias, ou seja, aulas dadas para grandes grupos de pessoas ao mesmo tempo, ministradas por professores que organizavam suas próprias escolas e requisitavam do governo um pagamento pelo ensino prestado. É bom lembrar que o problema era principalmente com a ordem dos Jesuítas, que tinham grande influência política no país, graças a sua atuação com os indígenas, ligado ao fato de serem grandes detentores de terras cobiçadas pelas elites coloniais, etc. Outras ordens religiosas, porém, puderam discretamente se beneficiar com os a oportunidade deixada na área da educação, como a contratação de religiosos bem instruídos para ministrarem as aulas régias, como os beneditinos e as ordens femininas, com uma proposta educativa quase sempre dual, voltada à erudição dos “bem-nascidos” e a instrução para o trabalho, aos filhos de trabalhadores.

De modo geral, ainda que tais medidas tenham desarticulado o incipiente, mas único sistema de educação, esse período foi rico na formação de intelectuais importantes em nosso país. Eles continuaram, como antes, a concluir seus estudos na Europa, mas agora sob a influência do Iluminismo. (Ghiraldelli Júnior, 2015, p. 32).

A influência filosófica do iluminismo, na formação dos filhos das classes coloniais abastadas, provocou grandes mudanças no seu sentimento de “pertencimento”, já que, por poderem estudar fora, desfrutando dos recursos de suas famílias, os jovens voltavam ao país com outra ideia de nacionalidade, outra ideia da colonização. Muitos jovens tinham que dar continuidade aos negócios de suas famílias e não tinham o interesse de enriquecer e “voltar” para a Europa, como seus pais, já que Portugal não era a sua terra natal. Essa nova consciência, do final do século XVIII em diante, deu início a várias revoltas importantes em terras brasileiras, com tentativas

de emancipação da metrópole, não exatamente como movimentos de independência, mas de afirmação do poder regional. (Fausto, 2001).

As revoltas regionais, como a Guerra dos Emboabas (1708) ou a Guerra dos Mascates (1710), ocorridas em Minas Gerais e Pernambuco, respectivamente, demonstram exatamente um regionalismo e um desejo de mais liberdade, já que o sistema de administração colonial limitava o desenvolvimento mercantil e fabril da colônia. Mas uma destas revoltas conseguiu repercutir um impacto diferenciado e oferecer um outro significado, tanto interna quanto externamente: a Inconfidência Mineira (1789). O grupo, envolvido nesse movimento, era composto por diversos elementos da sociedade, desde políticos, militares e uma parcela de membros letrados, tais como escritores e profissionais liberais. Outro aspecto marcante desta revolta é que, pela primeira vez, o processo contra os participantes do levante incluiu uma investigação de suas influências filosóficas, o que ocasionou, além das punições e sanções previstas, a busca e apreensão de obras suspeitas em suas bibliotecas pessoais. Ou seja, houve uma suspeita de que os livros pudessem ter uma influência sobre os acontecimentos. (Frieiro, 2020).

O final do século XVIII e início do século XIX foram fundamentais para que uma simples colônia de Portugal tomasse, de fato, um papel elementar na cena mundial: as tropas napoleônicas já tinham sido muito pacientes com o príncipe regente D. João VI, mas agora estava decidido que, apoiando os franceses no bloqueio à Inglaterra, seriam poupados e, negando esse apoio, seriam considerados inimigos e teriam seu território invadido. Em um ato estudado e estrategicamente planejado, embora os livros formem a ideia de que a decisão teria sido de improviso, D. João e seus ministros arquitetaram minuciosamente o plano de fuga, a fim de não perderem nem o trono português e muito menos sua colônia, em pleno desenvolvimento da exploração aurífera. Os preparativos para a viagem aos trópicos incluíam a transferência da sede administrativa do governo português ao Brasil, bem como todo o aparato burocrático que isso significava. A vinda da Família Real ao Brasil, em 1808, em fuga, com o apoio da Inglaterra, alterou não apenas o cotidiano dos viajantes, mas também a situação colonial do Brasil, que em pouco tempo se tornaria um Reino Unido a Portugal.

Entre 25 e 27 de novembro de 1807, cerca de 10 a 15 mil pessoas embarcaram em navios portugueses rumo ao Brasil, sob a proteção da frota inglesa. Todo um aparelho burocrático vinha para a Colônia: ministros, conselheiros, juizes da Corte Suprema, funcionários do Tesouro, patentes do exército e da marinha, membros do alto clero. Seguiam também o tesouro real, os arquivos do governo, uma

máquina impressora e várias bibliotecas que seriam a base da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. (Fausto, 2001, p. 121).

De uma hora para outra, um aumento populacional sem precedentes foi notado nas principais regiões do país, ou seja, nas maiores e mais prósperas cidades, como Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Diversos profissionais de diferentes áreas passaram a circular pelos centros urbanos subdesenvolvidos, evidenciando a necessidade do atendimento de várias demandas estruturais, voltadas ao saneamento básico, abastecimento, segurança e, claro, atrativos culturais. Naquele momento, como sede do governo português, o Brasil deveria atender às necessidades de cultura e entretenimento da Corte, que desembarcou em Salvador e se instalou no Rio de Janeiro.

As ações tomadas por D. João VI, príncipe regente de Portugal, como a abertura dos portos às nações amigas, serviu para que os produtos europeus pudessem ser comercializados com mais facilidade na colônia, a fim de dar um pouco mais de conforto aos membros da corte e atender às exigências do pacto com a Inglaterra. Embora o público de tais ações liberais não fosse exatamente o interno, este também se beneficiou com a abertura econômica e, entre tantos produtos, “[...] o acesso aos livros e uma relativa circulação de ideias [...]” (Fausto, 2001, p. 123), pôde ser notada, inclusive graças à imprensa, que enfim pôde ser oficializada, fora a abertura de “[...] teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas, para atender aos requisitos da Corte” (Fausto, 2001, p. 123).

Diferente do que ocorreu nas colônias britânicas e até nas espanholas, a imprensa demorou muito para ser utilizada, já que as proibições eram inúmeras e limitavam não apenas o seu desenvolvimento, como também o da indústria, do comércio e do crescimento em geral, com grande esforço, por parte da Coroa portuguesa, para manter a cultura agrária e extrativista. Os incentivos do período da família real e todo o aparato cultural que ela trouxe e instigou, como a música erudita, os corais, as peças de teatro, passeios e tendências, também se fizeram presentes. Com a oficialização da imprensa, ainda que muito vigiada e vista com receio, a efervescência que ela causou despertou, na população mais abastada, também, o incentivo ao consumo de livros, jornais e demais impressos, o que fez algumas livrarias abrirem suas portas no Brasil, com nomes conceituados na Europa, e outros aventureiros que resolveram explorar o campo.

A maioria dos livros ainda era impressa fora, mas Hallewell (2017) afirma que, de algumas poucas obras impressas por raras livrarias, após a vinda da Família Real,

esse número foi crescendo também, acomodando os trabalhadores do livro à sociedade brasileira. Pouco tempo depois da corte portuguesa, começaram a aportar as partes da Biblioteca Real, transportada em grandes caixotes e instalada, a princípio, no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, em 1810, no Rio de Janeiro e transferida, em outubro do mesmo ano, para o prédio usado como catacumba dos Religiosos do Carmo. A Real Biblioteca Nacional só pôde ser aberta ao público em 1814, disponibilizando coleções e mais de 60 mil volumes. (Schwarcz, 2017).

Juntamente com os livros, veio também todo o aparato que eles necessitavam: funcionários para armazenar e zelar pela segurança dos raros volumes. Outras bibliotecas surgiram, em território brasileiro, e apoiaram a educação popular, ampliando, aos poucos, a alfabetização e a cultura, como a famosa Biblioteca de Salvador, inaugurada em 1811, que mantinha uma relação de trocas e empréstimos de livros com várias regiões do Brasil. Por ocasião da Independência, em 1822, a Real Biblioteca tornou-se Nacional e, finalmente, legada ao Brasil, o que custou muito aos cofres da nascente nação. Ela demonstrava a firmeza de uma nação com uma história e tradição, ainda que importada de Portugal, ou seja, não representava de verdade, a maioria da sociedade de escravizados, analfabetos e excluídos. Estava mais para um símbolo, para conferir um *status* aos seus governantes. Por dentro, seu prédio não tinha a estrutura adequada e as mudanças constantes de um prédio deteriorado a outro também ocasionaram perdas preciosas e irreparáveis.

Em seu livro, *O bibliotecário do Imperador*, o escrito Marco Lucchesi apresenta um ficcional relato da transição do período Imperial da história do Brasil, para o período republicano, sob a ótica do fiel bibliotecário de D. Pedro II. O livro mescla bastante entre o real e o ficcional, já que os registros da vida desse bibliotecário são apenas algumas poucas anotações. No livro, a personagem tem vida própria e discorre com angústia os últimos momentos do Império. No limiar da inauguração de uma nova etapa da história, com o período de alternância para a República, no Brasil, e o ardiloso rompimento com Portugal, está o bibliotecário do Imperador, que, – em vida guardou fielmente a biblioteca preciosa e seus segredos – caminhando aflito pelas ruas do Rio de Janeiro, não resistindo à dolorosa transição, à incerteza de que, enfim, a barbárie tomara conta da cultura (Lucchesi, 2013). Salta para a morte e aparece nas elucubrações noturnas de Marco Lucchesi, o que lhe custa noites sem dormir, mas representa, de certo modo, o sentimento do povo, que pouco ou nada entendeu desse processo.

A República se instaurou e, com ela, um grande sentimento de não retroceder e não permitir discursos monarquistas, e, talvez, de refutar tudo o que fizesse referência ao passado, a fim de renovar as estruturas e modernizar os elementos do passado. Estivesse Raposo¹⁰ vivo, veria que, em 1910, sua amada Biblioteca seria decentemente instalada em um prédio novo, projetado para ela, com todos os elementos de cultura e arte, próprios da Capital do país. E, apenas para se ter uma noção do progresso, perceberia também, alguns exemplos de Bibliotecas Públicas de grande envergadura, inauguradas na primeira República, como a Biblioteca do Estado da Bahia, reformada e inaugurada em 1918; a Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, inaugurada em 1926, entre outras.

De acordo com o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas¹¹ (SNBP), criado em 1992, que faz parceria com todos os sistemas estaduais de bibliotecas públicas, que mantém dados atualizados de cada estado brasileiro sobre a situação de suas bibliotecas, o Brasil conta com mais de 7 mil bibliotecas cadastradas como públicas, fora as privadas ou as vinculadas a redes privadas de ensino. No site, é possível obter os nomes, telefones e endereços de todas elas, por município. Em uma busca rápida, apenas no Estado de São Paulo, há mais de mil bibliotecas!

Com a criação das escolas superiores, das escolas básicas e das bibliotecas públicas, o aumento do alfabetismo e a divulgação da leitura, pela imprensa, a sociedade brasileira passou por diversas fases com os livros e a leitura. Importante enfatizar que, dentre os objetivos desta pesquisa, está apenas uma reflexão histórica sobre os livros e as bibliotecas. Assim, na tentativa de descrever uma trajetória histórica mundial e brasileira, é possível notar ainda uma enorme lacuna nesta escrita, seja pela omissão de culturas não ocidentais, não europeias e, principalmente, pela supressão do papel da mulher e sua participação na construção do percurso das bibliotecas e dos livros. Há aqui um lamento por tais silêncios e estas lacunas devem ser preenchidas por pesquisas posteriores, de modo que a construção desta história se torne o mais verossímil quanto possível.

¹⁰ Refere-se ao último bibliotecário do Império, Inácio Augusto Raposo, personagem real e fictício do livro *O bibliotecário do Imperador*, de Marco Lucchesi. Não se tem muitas informações de Inácio e o livro tenta reconstruir a sua história, por meio de pequenas notas e fragmentos encontrados em arquivos e na Biblioteca Nacional.

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/sistema-nacional-de-bibliotecas-publicas-snbp/sistemas-estaduais-1>

1.1.2 A biblioteca intangível

Superadas as questões históricas e seus silêncios, a contemporaneidade é testemunha de uma outra revolução do livro, que provocou e ainda provoca inúmeras repercussões e debates acalorados: o livro digital. Borges (1899-1986), o grande escritor, tradutor e crítico literário argentino, escreveu, em seu conto *A Biblioteca de Babel*, publicado em 1941, o sonho profético de todo leitor voraz: uma biblioteca única, eterna e completa: “[...] a Biblioteca é interminável¹²” (Borges, 1974, p. 465). Nesse conto/sonho, ele profetiza a contemporaneidade, com sua infinidade de livros invisíveis, que se oferecem aos leitores curiosos, seja pela incessante busca, ou indicados pelos mais variados animadores digitais, que encorajam o leitor comum a caminhar pelos corredores invisíveis dessa biblioteca intangível, que não tem fim e se retroalimenta de outros leitores, autores e animadores digitais, para continuar a expandir suas estantes infinitas.

Em séculos anteriores, um estudioso poderia se esforçar para ler todos os livros escritos em sua época, ou pelo menos saberia da existência deles. Hoje, quando esse feito heroico está totalmente além de qualquer consideração, nós, no entanto, insistimos, como meros consumidores, que todos os livros publicados sejam colocados à nossa disposição on-line. (Manguel, 1996, p. 9).

Graças à tecnologia e sua constante evolução, outro suporte, que não o físico, passou a ser produzido e consumido, ou a título de curiosidade ou mesmo a fim de burlar os preços exorbitantes e a raridade das obras. A partir de 1930, os audiolivros passaram a ser produzidos, com a intenção de facilitar o acesso dos cegos ao universo da leitura, por meio de gravações em fitas cassete. Não era necessariamente um livro digital, como conhecemos hoje, mas era uma variação que se utilizava de um aparato tecnológico disponível à época, para dar acessibilidade aos textos escritos. O auge desse aparato ocorreu na década de 1960 e ainda hoje desperta a afeição e a repulsa dos leitores e críticos. (Serra, 2014).

Em seguimento às fitas cassete, o livro digital não passava de digitalização de obras, mas, com o passar do tempo e o aprimoramento da técnica, as adaptações realizadas em seu corpus o tornou uma ferramenta, com conteúdo de livro integrado a outras funções, que são as facilidades oferecidas pelo ambiente digital, como consulta a dicionários sem sair da tela, adaptação da fonte e do fundo, hiperlinks, etc.,

¹² Do original: “[...] la Biblioteca es interminable” (Borges, 1974, p. 465).

a princípio com os antigos CD-ROM ou DVD-ROM, até que se tornaram disponíveis direto na internet, disponíveis em PDF ou em outras versões, como *e-pub*, *e-book*, entre outros, podendo ser acessados nos computadores, nos tablets, celulares e nos aparelhos criados unicamente para fins de leitura.

Ainda que alguns autores afirmem que o códice tenha sido “a última revolução” do livro, já que alterou a forma como as pessoas se relacionavam com o texto escrito, corporalmente, por modificar o modo como as pessoas liam, por conferir ao ato de ler um caráter mais individual e exclusivo, a mudança ocasionada pelo livro digital também tem relação com a materialidade e corporeidade e o sentimento de posse do livro. A chamada biblioteca intangível configura-se como um universo paralelo, no qual a multiplicidade de títulos e assuntos envolve o leitor, que se perde nos corredores invisíveis de seus drives.

1.2 LEITURA

A história da leitura perpassa a história da evolução do livro e as relações estabelecidas entre as pessoas e esse objeto. Vai além de estudar o material usado na sua confecção, sua forma, o gestual que o ato de ler envolve e até os modos como os livros chegaram ao leitor. Análises realizadas pelos historiadores do livro acerca da iconografia de obras em que a prática da leitura está evidente, apontam que os hábitos de leitura variam conforme a era e conforme a materialidade do livro disponível. Roger Chartier (1999) apresenta, em seu livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, uma vasta gama de representações iconográficas, do simbolismo da leitura na arte. Por meio de tais imagens (reproduzidas nos anexos deste trabalho), é possível perceber o quanto a leitura é um conjunto de elementos que formam um comportamento variável, mas que pode ser comum, dada a natureza do material. Um in-fólio, por exemplo, não pode ser lido sem um apoio, como se vê na obra de Lorenzo Lotto¹³ (Chartier, 1999, p. 67), pelo seu tamanho. Assim como um pequeno livro de orações pode ser seguro em apenas uma das mãos do soldado, ao sol poente¹⁴ (Chartier, 1999, p. 76). A representação de Humboldt (Chartier, 1999, p. 8) indica a leitura em gabinete, com o indivíduo bem instalado em uma cadeira totalmente

¹³ Lorenzo Lotto, *Autoportrait*, cerca de 1530. Veneza, Galeria da Academia.

¹⁴ Carl Spitzweg, *Le Lecteur de bréviaire, le soir*, cerca de 1845, Paris, Museu do Louvre.

pensada para seu conforto, o ambiente iluminado e arejado, livre de elementos externos, com um enriquecimento ou apoio de outros objetos posicionados para criar um ambiente perfeito ao estudo¹⁵.

Há também a demonstração da leitura realizada em público (Chartier, 1999, p. 140), com o pastor¹⁶ a ler uma Bíblia para uma família ou um homem, que tem como público algumas mulheres da alta sociedade¹⁷ (Chartier, 1999, p. 145). O que é comum entre todas as imagens? O comportamento leitor. Herdado, imposto, sugerido, espontâneo, provando que a experimentação leitora pode variar e não é determinada pela posição social, gênero ou época, mas dá pistas de tudo isso também.

As ideias sobre a leitura no passado, porém, podem ser mapeadas, por alguns comentários relatados em cartas, em publicações, ou mesmo em pequenas manifestações da sabedoria popular, como o mito de que a leitura em demasia pudesse causar males à saúde, como se lê em um folheto de 1795, analisado por Robert Darnton (1992, p. 218-219): “[...] suscetibilidade a resfriados, dores de cabeça, enfraquecimento dos olhos, ondas de calor, gota, artrite, hemorroida, asma, apoplexia, doença pulmonar [...]”, entre outras.

Por mais que se tente, o campo da história que trata das formas de leitura é vastíssimo e complexo, o que pode permitir que se tenha uma ideia e não uma reconstrução perfeita do modo como os homens e mulheres do passado se relacionavam com os suportes de leitura; apenas se pode vislumbrar, por meio de algumas pistas. Sabe-se que alguns livros foram escritos para que fossem lidos em voz alta, isso favorecia a divulgação de um determinado pensamento, sobretudo religioso, aos demais que pudessem ser analfabetos. Há aqueles para ler silenciosamente, outros que só podem ser lidos com o auxílio de outras pessoas, entre outras formas de leitura. De acordo com Darnton (1992), outro processo que afeta bastante a relação das pessoas com os livros e com os modos de leitura, é o da alfabetização. A forma como as pessoas aprendem a ler dirá muito sobre a forma como estas tratarão o livro e se portarão para ler.

¹⁵ Ernest Hildebrandt, *Humboldt dans as bibliothèque*, 1856. Londres, Royal Geographic Society.

¹⁶ Henri Valkenberg, *Dimanche après-midi dans l'arrière pays*, 1883.

¹⁷ Jean-François de Troy, *Une lecture de Molière*, cerca de 1728.

Na História do Brasil, percebe-se o quanto foi lenta a iniciativa da instrução pública e toda a influência dos missionários de diversas ordens¹⁸, principalmente os jesuítas, tanto na atuação com os indígenas, no sentido de comunicação, quanto na sua conversão. Por mais que possuíssem um método próprio testado e aprovado na Europa, o *Ratio Studiorum*, que era um guia para a educação, que previa temáticas do ensino fundamental até o superior, combinando conhecimentos seculares e religiosos, que chegou a ser aplicado nas instituições de ensino fundadas em várias partes do mundo, em terras brasileiras, o que se aplicou foi o que Saviani (2008, p. 47) convencionou chamar de “[...] pedagogia brasílica, isto é, uma pedagogia formulada e praticada sob medida para as condições encontradas pelos jesuítas nas ocidentais terras descobertas pelos portugueses”.

Apenas após a proclamação da República houve uma preocupação um pouco maior de “romper com o passado” que envolvia fazer a ruptura com os vínculos com a Monarquia e com Portugal e, de fato, desenvolver a recém-inventada nação. Embora a República trouxesse tal sentimento, não foi de uma hora para a outra que a educação se fez. Como se sabe, na História, as rupturas e permanências não são abruptas e por isso mesmo é que se tem notícias de pequenos agrupamentos nas casas de professores, a ensinar a ler, escrever e contar, até a construção do Grupo Escolar, que, sob a influência norte-americana, entendia que a arquitetura imponente daria mais visibilidade e credibilidade à escola e à Educação, principalmente a partir da década de 1930 em diante, fortalecido pelas primeiras legislações que pensaram a educação, menos como um privilégio e mais como um direito. (Aranha, 2006).

Os precursores destas discussões educacionais formaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932. Notadamente, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Cecília Meireles, entre outros, foram incumbidos da oportunidade de alargar os debates e apresentar um paradigma educacional, fundamentado em princípios democráticos.

Pode-se destacar todo o apoio de Cecília Meireles, como incansável apoiadora da leitura e da educação de crianças. Ela desempenhou um papel significativo como defensora da educação no Brasil, durante o período de 1930 a 1933, e contribuiu para essa área por meio de uma extensa publicação de materiais pedagógicos, como

¹⁸ Há registros da vinda de franciscanos logo nas embarcações cabralinas e posteriormente fixando suas sedes no Sul do país e, posteriormente, em Olinda, com a inauguração do convento de Nossa Senhora das Neves. (Saviani, 2008).

cartilhas, livros infantis e de seus comentários diários na seção “Página de Educação” do jornal *Diário de Notícias*, na coluna intitulada “Comentário”. As publicações jornalísticas de Cecília Meireles tiveram um impacto considerável à época, alcançando educadores engajados na defesa dos direitos da criança. Além disso, suas contribuições foram, além do discurso, para a ação, com a inauguração da primeira biblioteca infantil do país, no Pavilhão Mourisco, localizado na região do Botafogo, Rio de Janeiro, em 1934. Sua atuação provocou disputas com intelectuais, governantes e responsáveis pelas diretrizes educacionais da época.

1.2.1 Leitura, alfabetização e letramento literário

Movendo o enfoque da narrativa histórica para a leitura e sua definição, como é o enfoque desta tese, entende-se que é o processo de decodificação, interpretação e compreensão da linguagem contida em um texto escrito. Ela permite que as pessoas possam acessar informações, aprender sobre diferentes assuntos, atualizar-se sobre o que acontece no mundo e comunicar-se de maneira aceitável socialmente, além de ser uma potente ferramenta para o desenvolvimento pessoal e intelectual. (Maia, 2007).

Ser uma pessoa alfabetizada, no entanto, não a torna emancipada e pronta para dominar as nuances da comunicação escrita. Apenas o desenvolvimento do exercício da leitura e sua assimilação gradual como ferramenta para compreender o mundo é que pode fornecer ao indivíduo caminhos para sua real integração à sociedade. O letramento é um conceito relativamente novo no rol de conhecimentos e pesquisas sobre alfabetização. Tem sua definição, marcada pela professora Magda Soares (2009), como uma sequência ao trabalho de alfabetizar alguém, o que significa que uma pessoa que aprendeu a lógica do sistema de escrita de seu país, doravante precisará utilizar-se desse sistema para se integrar à cultura, à sociedade e aos demais conhecimentos acumulados historicamente. A prática da leitura e da escrita é o que fará, de uma pessoa alfabetizada, uma pessoa letrada.

Pelo fato de não se refletir muito sobre o impacto dessa habilidade no cérebro humano, cotidianamente, as pessoas agem como se a leitura fosse algo natural e quase intrínseco aos seres humanos; porém, estudos neurocientíficos afirmam que o cérebro humano pode ser evolutivamente apto para muitas habilidades, como locomoção, sobrevivência e até a comunicação, mas a competência leitora e escritora

não está neste rol. Como afirma Wolf (2019, p. 32), “Felizmente, nascemos com um cérebro, que pelo seu projeto básico, está bem preparado para aprender uma grande quantidade de coisas não naturais”, e ler é uma delas.

Em contraste com a leitura, a linguagem oral é uma das nossas funções humanas mais elementares. Como tal, possui genes específicos, que se desdobram com assistência mínima para produzir nossas capacidades de falar, ouvir e pensar por meio de palavras. (Wolf, 2019, p. 31).

Ao longo de cada fase na evolução do livro, o cérebro humano foi progressivamente acumulando características distintas e estabelecendo conexões neurais, assemelhando-se a um intricado acoplamento de atualizações, desde os primitivos tabletes de argila, que demandavam uma leitura eminentemente física, até os rolos, com suas desafiantes nuances de manipulação, passando pelo papiro, com sua delicadeza peculiar, e culminando nos códices, com sua praticidade singular, assim como nos livros impressos e nas formas digitais de leituras. “Há muito no jogo do desenvolvimento do cérebro leitor e nas rápidas mudanças que caracterizam atualmente suas sucessivas evoluções” (Wolf, 2019, p. 10). Dadas as peculiaridades de cada um dos suportes mencionados, a humanidade foi desenvolvendo experiências leitoras únicas, resultando em uma complexificação progressiva das conexões cerebrais correspondentes.

A condição para que a aprendizagem da competência leitora se desenvolva está, sobretudo, na convicção de que o ensino da leitura não pode ser uma imposição autoritária e despida de sentidos. O educador precisa levar em conta os saberes do aluno, suas vivências e experiências, seu modo de estar no mundo, porque o

[...] ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, [...]. (Freire, 2011, p. 19).

Não se trata de uma tábula rasa, como os próprios jesuítas divulgavam em sua concepção de educação. A pessoa que se deixa educar percebe que será inserida em uma outra forma de estar no mundo, de conhecer o mundo dos livros, das histórias. É por isso que as reflexões sobre a evolução do cérebro leitor devem ser uma máxima nos cursos de formação inicial de professores e nas especializações oferecidas em serviço aos profissionais da educação, seja àqueles a quem está designada a responsabilidade de alfabetizar uma criança e àqueles que tratam da continuidade do ensino, ou seja, do seu letramento.

Deixando de lado a educação bancária, da qual se refere Freire (2013), o sentido da educação escolar deve ser a apropriação da cultura, por parte dos educandos, a fim de que se tornem seres humanos históricos, e muito disso começa com um bom processo de alfabetização, em um despertar sensível da curiosidade, a uma gradual aquisição de habilidades sociais do manejo da cultura. À medida que avançam no processo educativo, as crianças passam a ler textos cada vez mais complexos, em diversas fontes e suportes.

Para nós, seres humanos, ler é algo que tem que ser aprendido, isso significa que precisamos de um ambiente que nos ajude a desenvolver e conectar um sortimento complexo de processos básicos e não tão básicos, de modo que cada jovem cérebro possa formar seu próprio circuito de leitura novo em folha. (Wolf, 2019, p. 31).

Pela plasticidade cerebral infantil, é possível que uma criança desenvolva uma maior capacidade de se adaptar a diversas formas de leitura, diferente de muitos adultos que ainda hoje, mesmo com a grande evolução dos suportes digitais, relutam em ler *e-books* ou até textos em PDF. Com o advento do livro digital, novas sinapses são exigidas, a fim de que a leitura em profundidade tenha a reverberação necessária, que gere o entendimento e, mais ainda, o deleite. Na infância, a mente, ainda pouco afetada pelos estímulos de cores e vibrações das mídias, é mais suscetível à leitura e pode mesmo se encantar com ela, de modo a construir diversas imagens mentais e fantasias, mas à medida que vai crescendo e se tornando adolescente, o papel questionador do crescimento pode levar o indivíduo para o lado inverso, ainda mais com um ambiente impositivo, austero e pouco aberto ao diálogo, como o que muitas vezes acontece com a escola.

Outro fato que pode ser levado em consideração, para a renúncia da leitura, pode estar associado à teoria de Pierre Bourdieu (2007) sobre o capital escolar, que trata das diferenças sociais como ponto nevrálgico para o fracasso escolar dos estudantes mais pobres. A cultura elitista, à qual as escolas estão atreladas, e a inabilidade de alguns profissionais em fazer despertar o interesse dos estudantes, sobretudo os das classes menos privilegiadas (na leitura, por exemplo), têm tudo a ver com uma manutenção da ordem social vigente. Imaginando que, em uma escola pública, matricule-se um estudante que possui uma cultura familiar de motivação aos estudos, que se envolva nas atividades deste estudante, ele próprio estará muito mais comprometido com a própria aprendizagem e descobrirá caminhos para driblar a

massificação da escola, a ausência de professores, a escassez dos materiais, reproduzindo, com mais facilidade, o que aprendeu.

Em contrapartida, estudantes, cujas famílias não tenham instrução e que ninguém em seu círculo de convivência valorize a educação, dificilmente chegam aos bancos escolares mobilizados de fato a estudar; nem mesmo sua disposição física está preparada para permanecer tanto tempo concentrada de modo imóvel, e isto sem parar para pensar nas outras tantas dificuldades oriundas das questões sociais, como a fome, as carências materiais, além dos fatores próprios das escolas públicas brasileiras, como as ausências de professores, a escassez de materiais e recursos ou mesmo a falta de motivação e sensibilidade por parte dos professores. Assim se dá o fracasso na aquisição da habilidade leitora e o insucesso escolar, logo nos primeiros anos de escolaridade.

A ideia que se tem hoje, de ensino de literatura na escola, é o que Cosson (2022) apresenta como sequências de fatos históricos e características gerais dos períodos, o que levará o estudante a ler apenas resumos para responder às perguntas do vestibular, negando-lhe todo o vasto universo daquilo que é a função da leitura literária, que é “[...] construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (Cosson, 2022, p. 23). O autor se utiliza da premissa lançada pelo professor e crítico literário, Antônio Cândido (2011), no famoso ensaio em que defende que os seres humanos, que gozam de vários direitos, devem também ter garantido o seu direito à literatura, à qual, para simplificar, define entre outras coisas, como “fabulação”, considerando literatura como

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (Cândido, 2011, p. 176).

A professora Ana Haddad, em um de seus ensaios, apresenta uma ode à educação e ao papel do educador, para além de simples metodologias e estratégias mecânicas de ensino. Trata-se *Das cinco fórmulas poéticas que envolvem o belo e o sublime na Educação* (Baptista, 2018). Nele, a professora passa a discorrer com emoção sobre o papel do educador verdadeiro, comprometido com a formação humana de seus educandos. Para fundamentar o seu argumento, ela conta com Paulo Freire, ao tratar da educação bancária, e apresenta, afora aqueles discursos

vocacionais e religiosos, relacionando educação a um sacerdócio, a um dom, uma primeira definição do que significa ser educador:

A verdadeira educação é efetiva quando o professor olha para dentro de si mesmo e, além de uma profissão, enxerga, de longe, as possibilidades de, realmente, mudar a vida de alguém. E isso, em grande parte, faz parte do ato sublime que significa educar. (Baptista, 2018, n.p.)

Olhar para dentro de si é ir além da formação inicial universitária. O professor precisa ser um leitor. Seu exemplo, no trabalho de mediação de leituras, sugestões de livros, aprofundamentos de sentidos, só pode acontecer se ele mesmo tiver um repertório a ser apresentado e adaptado para cada situação. Segundo Cosson, os professores têm o papel fundamental de propiciar o contato dos educandos – e pode-se acrescentar, independentemente do suporte – com a leitura literária, ou seja, aquela que, respeitada a faixa etária, possa proporcionar prazer, curiosidade, satisfação, entre outros sentimentos, além da construção de um conhecimento da herança cultural de sua comunidade, por meio de obras canônicas, e descobrir o valor dos múltiplos olhares, por meio da diversidade e das obras profundas, que não percam seu significado e atualidade com o passar do tempo. (Cosson, 2011).

O modo como se deve fazer isso é um mistério, pois não há fórmula mágica, mas as atividades de mediação de leitura, de animação, intervenção ou contação de histórias devem ser alternadas juntamente com a oferta constante de títulos, de formatos, tamanhos, cores e formas, tanto pela escola quanto pela biblioteca (escolar, pública, pessoal, etc.). No entanto, apenas a ação de adultos, nessa tentativa de incentivar as crianças e adolescentes a descobrirem o mundo da leitura, não é suficiente. É preciso que os indivíduos, a quem se busca alcançar com estas práticas, circulem entre os livros, observem e conversem entre si sobre suas leituras. (Colomer, 2007).

O livro *Qué los hace leer así? Los niños, la lectura y las bibliotecas*, de Geneviève Patte (2011), bibliotecária francesa, professora da Universidade da Califórnia, que participa de vários projetos internacionais de fomento à formação de bibliotecas em várias partes do mundo, inclusive na América Latina, apresenta a experiência de uma biblioteca aberta em um bairro colombiano muito carente, cujas moradias eram muito precárias, com o saneamento básico quase inexistente e no qual mesmo as escolas não passavam de pobres edifícios. A biblioteca era um espaço muito bem organizado, frequentado diariamente por dezenas de crianças daquela comunidade, que aprendiam, observando aquele ambiente, o que era higiene,

organização, palavras de incentivo e encorajamento e um atendimento cortês, que as faziam retornar todos os dias.

Estratégias como a leitura em voz alta, a dramatização dos contos, as músicas, os bonecos ou marionetes, a exposição temporária, os concursos culturais, literários, a promoção de autógrafos, de encontros com os autores, a formação de clubes de leituras, de grupos de estudos, discussões e relacionamentos baseados em livros, devem ser desenvolvidas entre os estudantes de uma escola, entre os usuários de uma biblioteca e, principalmente, entre os professores e professoras da educação básica, de modo a oferecer experiências sensoriais, sociais, culturais potentes, que possam ser reproduzidas na sala da aula.

Por outro lado, defende Geneviève Patte (2011, n.p.), a biblioteca pode sim ser um lugar de alegria e dinamismo, com sons e agitação, mas também se deve “[...] convidar a fazer, saborear o silêncio”¹⁹. Reconhece-se a necessidade de calma, mas a solidão pode dar medo. “Neste espaço, o menino experimenta a felicidade de ler sozinho, mas rodeado de outros leitores absortos em suas leituras”²⁰ (Patte, 2011, n.p.). É no espaço íntimo que a leitura se revela. De acordo com Michèle Petit (2013), as pessoas buscam os bens culturais, dentre eles, os livros, para se descobrirem, para a elaboração de sua subjetividade.

¹⁹ No original: “[...] lo invitamos a hacerlo, saborear el silencio” (Patte, 2011, n.p.).

²⁰ No original: “En este espacio, el niño experimenta la felicidad de leer solo, pero rodeado de otros lectores absortos em sus lecturas”. (Patte, 2011, n.p.).

2 UM REFÚGIO, UM CASTIGO, UMA CASA?

A questão do aprisionamento de adolescentes e jovens reflete um preocupante fenômeno social que envolve a privação de liberdade de menores infratores. É um fenômeno complexo, que se desdobra numa teia intrincada de circunstâncias sociais, econômicas, políticas e culturais. Michel Foucault (1926-1984), filósofo, historiador da ideia, escritor e teórico francês, em sua obra *Vigiar e Punir*, publicada em 1975, oferece argumentos muito relevantes para a compreensão das dinâmicas do aprisionamento, não apenas de adultos, mas também de crianças e adolescentes.

Foucault (1987) aprofunda o conceito de “corpos dóceis”, nos quais as instituições sociais moldam e disciplinam os indivíduos para se conformarem às normas estabelecidas por um determinado poder. Essa análise é essencial para entender como, em muitos casos, o sistema socioeducativo, em vez de reabilitar, pode apenas “tirar de circulação” os corpos incômodos e contribuir apenas para aprisionar a infância, sem um propósito real de benefícios para suas jovens vidas.

Ao discutir a infância aprisionada, é vital abordar o papel das instituições totais. Esse termo foi cunhado por Erving Goffman (1922-1982) e fundamentado no seu livro *Manicômios, prisões e conventos* (Goffman, 1974). Tais instituições são como centros de detenção juvenil, não apenas segregando os menores infratores do convívio social, como também impondo uma série de estruturas e normas que moldam suas identidades de maneira prejudicial.

Segundo Goffman (1974), as instituições totais são caracterizadas como estabelecimentos confinados, que operam sob regime de internação, nos quais um contingente relativamente numeroso de indivíduos reside em tempo integral. Essas instituições desempenham o papel de local de residência, trabalho, lazer, e podem abrigar atividades específicas, tais como terapêuticas, correccionais, educacionais, entre outras. Geralmente, são administradas por uma equipe dirigente responsável pelo gerenciamento administrativo do cotidiano institucional.

A vida do internado é constantemente vigiada e sancionada do alto, sobretudo no período inicial de sua estada, antes que se habitue a se submeter aos regulamentos sem pensar. Cada especificação normativa da conduta priva o indivíduo da oportunidade de equilibrar suas necessidades e objetivos de maneira pessoalmente eficiente, violentando a autonomia pessoal. O controle minucioso é

extremamente limitador numa instituição total. Além da tiranização, o internado também está submetido ao processo de arregimentação. (Goffman, 1974, p. 44).

Goffman aborda diversas instituições totais, que podem ser categorizadas em cinco grupos distintos. O primeiro grupo é constituído por instituições destinadas ao cuidado de pessoas consideradas inofensivas, tais como idosos e órfãos. O segundo tipo de instituição tem a finalidade de conter indivíduos que são considerados ofensivos, mas de forma não intencional, exemplificados por sanatórios destinados ao tratamento de doenças infecciosas. Nas palavras do autor,

[...] terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração. (Goffman, 1974, p. 17).

O quarto grupo é de instituições descritas como espaços de trabalho específicos. São as escolas, quartéis ou navios e o quinto tipo é destinado para servir de refúgio do mundo, como conventos e mosteiros. No entanto, é importante notar que tais espaços roubam dos indivíduos a sua identidade, sua liberdade, sua subjetividade e, em muitos casos, sua esperança. Os efeitos devastadores de uma reclusão não espontânea dessa natureza, na vida de pessoas em desenvolvimento, como crianças, adolescentes e jovens, podem ter sérias consequências, mesmo com a intenção de educá-las.

Dentre os motivos que contribuem para o aprisionamento dos menores infratores, destaca-se a falta de oportunidades educacionais e sociais, a desigualdade econômica, a carência de políticas públicas eficazes e a criminalização precoce de certos grupos sociais. A falta de alternativas, muitas vezes, leva os jovens a caminhos perigosos, resultando em sua inserção no sistema de justiça juvenil.

Além disso, a própria natureza punitiva do sistema pode perpetuar um círculo vicioso de criminalidade, afastando esses jovens de possibilidades de reintegração efetiva na sociedade. O estigma associado à experiência de aprisionamento na infância pode dificultar a reabilitação e a reinserção social, aumentando a possibilidade de novos aprisionamentos ao longo da vida do indivíduo.

Diante desse panorama, é crucial repensar as políticas públicas e estratégias de intervenção, buscando abordagens mais holísticas e orientadas para a prevenção, visando quebrar o ciclo de aprisionamento da infância. Isso implica investir em educação, programas de apoio social e abordagens que considerem as circunstâncias

individuais, a fim de romper com os paradigmas que aprisionam a juventude em um sistema muitas vezes mais punitivo do que reabilitador.

Este tópico tem como objetivo tratar da evolução da concepção de infância e adolescência, por meio de alguns relatos retirados da história, da literatura e da legislação vigente, a partir do momento em que as crianças indesejáveis e jovens baderneiros passam a ser percebidos, no Brasil, como problema social. Foram visitados alguns documentos de época, com esse objetivo de reconstruir o pensamento, ou seja, a mentalidade brasileira acerca do assunto abordado.

2.1 A COLÔNIA E SEUS FILHOS ILEGÍTIMOS

Ao pesquisar sobre a origem da Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), é preciso compreender o modo como a sociedade de cada época percebe a natureza da infância e adolescência e lida com suas particularidades. Philippe Ariès (1914-1984), renomado historiador francês, ficou muito conhecido por suas significativas contribuições ao campo da história social da infância. Em sua obra *História Social da Criança e da Família*, publicada em 1960, Ariès (1986) conduz uma análise histórica, destacando as evoluções nas percepções e práticas associadas às crianças ao longo do tempo. Sua tese postula que, durante o período medieval, não havia uma definição efetiva sobre a infância, como uma fase da vida. As crianças eram comumente concebidas como “adultos em miniatura”, sujeitas a um tratamento semelhante ao dispensado aos adultos em diversos aspectos, como vestimentas, trabalho e comportamento. Representações artísticas dessa época frequentemente as inseriam em contextos adultos, consolidando a concepção de uma falta de delimitação precisa entre essas duas fases.

A emergência da concepção moderna de infância, como uma fase singular e identificável no desenvolvimento humano, conforme apontado por Ariès (1986), teve início no século XVII, com os escritos do filósofo John Locke – que admitiu que estes indivíduos estavam em uma fase de vida diferente dos adultos e deveriam se dedicar a aprender e se desenvolver até a maturidade –, e ganhou consistência nos séculos subsequentes. O autor destaca, ainda, que as mudanças nas atitudes em relação à infância e também à adolescência, estão intrinsecamente conectadas a transformações sociais, culturais e econômicas. Ainda que a adolescência não fosse

um termo muito comum até o século XX, essa fase da vida também é percebida na literatura como um período de transição para a vida adulta.

A compreensão e o tratamento da infância e adolescência no Brasil têm experimentado uma notável evolução ao longo da história, refletindo mudanças nas perspectivas sociais, culturais e legais. De certa forma, a criança sempre pertenceu à vida doméstica e era pouco vista fora desse meio, fosse pela grande mortalidade infantil ou por motivo de proteção às influências externas. No período colonial, entre 1500 e 1822, com a chegada e o estabelecimento do europeu no território brasileiro, as crianças indígenas foram envolvidas no processo de evangelização e catequização dos missionários, chegando a participar de atividades pedagógicas, como a dramatização, a música e o canto, a fim de apreender os dogmas católicos e apresentar aos seus parentes, pois era muito mais simples influenciar as crianças do que converter os adultos indígenas. (Saviani, 2008).

Devido ao sistema de colonização ao qual o Brasil fora submetido, os portugueses não pareciam de fato desejar estabelecer raízes e, portanto, muitos exploradores nem mesmo traziam suas famílias. A permanência destes homens, porém, gerou um grande fenômeno social, que era alvo de constante preocupação dos religiosos da época: as relações não matrimoniais do homem branco com as mulheres indígenas e, posteriormente, com as mulheres africanas escravizadas. Costumeiramente marcadas pela violência, estas relações, consideradas ilícitas pela Igreja, geravam filhos ilegítimos, que eram frequentemente abandonados pelos pais e viviam sob os cuidados femininos. A Igreja atribuía a imoralidade dos portugueses ao fato de não terem mulheres brancas com quem se casarem. Assim, o padre Manuel da Nóbrega (1517-1570) enviou, em 1556, uma carta à Metrópole, solicitando, entre outros pedidos e produtos, mulheres para habitarem a colônia.

Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remedio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. (Shumaker; Brazil, 2000, p. 530).

Assim, vieram para cá mulheres portuguesas, oriundas das mais diversas situações, fossem degradadas por heresia, vadiagem ou prostituição, ou mesmo órfãs, para quem a Coroa portuguesa oferecia um pequeno dote, a fim de que conseguissem um bom casamento arranjado e pudessem formar uma família de colonos em terras ultramarinas (Santos, 2020). Outras situações para promoverem o

matrimônio na colônia foi a proibição da construção de conventos em terras brasileiras, o que impedia que, aderindo à vida religiosa, as jovens deixassem de se casar e dessem uma baixa no povoamento colonial. A crise de mulheres nesse período era tão evidente que o mesmo padre relata que uma ama branca acompanhando um homem rico, foi motivo de desentendimentos entre solteiros. Desse modo, quando começaram a aportar mulheres portuguesas para aplacar um pouco a vida de “pecado” dos portugueses, a constituição de famílias passou a ser possível e, com isso, o nascimento de filhos legítimos, protegidos pelos laços do matrimônio, mesmo com o abuso e a violência contra as mulheres indígenas e negras permanecer por todo o período colonial, imperial e até republicano.

Pela constituição patriarcal da colônia, as famílias formadas, a começar pelas esposas, criados e até os seus filhos, todos deveriam respeitar e honrar a imagem do pai, ainda que ele não estivesse presente. Mary Del Priore (2016) caracteriza as relações familiares como sendo hierarquicamente conduzidas pela figura masculina, que mantinha, mas fustigava aqueles que o desobedecessem. Além disso, na casa paterna, muitos filhos ilegítimos eram inseridos aos cuidados das suas esposas, mesmo sabendo que eram fruto dos casos extraconjugais de seus maridos.

Por ser colônia de Portugal, o Brasil não teve uma legislação própria, apenas os reflexos do que ocorria na sua Metrópole, como as leis Afonsinas, Manuelinas e, em 1603, as Ordenações Filipinas, que, entre muitas questões, passaram a abordar a punição e determinar as idades daqueles que já poderiam ser imputáveis de penas de trabalhos ou morte, tanto em Portugal quanto no Brasil.

Quando algum homem, ou mulher, que passar de vinte annos, e commetter qualquer delicto, dar-se-lhe-a a pena total, que lhe seria dada, se de vinte e cinco annos passasse. E se for de idade de dezasete annos até vinte, ficará em arbitrio dos Julgadores dar-lhe a pena total, ou diminuir-lha. E em este caso olhará o Julgador o modo, com que o delicto foi commettido e as circumstancias delle, e a pessoa do menor; e se o achar em tanta malícia, que lhe pareça que merece total pena, dar-lhe-ha, postoque seja de morte natural! E parecendo-lhe que a não merece poder-lha-ha diminuir, segundo a qualidade, ou simpleza, com que achar, que o delicto foi commetido. (Ordenações Filipinas, Livro V, Título 135).²¹

Essa legislação permaneceu vigente até 1830, quando o governo imperial promulgou o Código Penal do Império (Brasil, 1830). No excerto, entende-se que, até os 17 anos, o indivíduo que cometesse um crime poderia, independentemente do sexo

²¹ Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242733>.

e da origem social, ficar a cargo do juiz e não seria imputada a pena de morte. A partir dessa idade, se a pessoa tivesse uma aparente boa conduta, também poderia ser poupada, o que não aconteceria se seu comportamento fosse “malicioso” e indomável.

Retomando a questão dos filhos ilegítimos, oriundos das relações abusivas do homem branco com indígenas e escravizadas, pode-se dizer que foi um agravante decisivo para a situação dita “irregular” infantil, daquele período. As crianças não eram indígenas e nem africanas, elas eram o que apenas no século XVIII se chamariam brasileiras, mas que naquele momento, não tinham nomenclatura, abrigo e não havia leis que as protegessem. Atendendo a esta demanda social do Brasil colonial, a Metrópole tratou de manter a tradição europeia do abandono “cristão” de recém-nascidos, evitando que fossem deixados em bosques, nas ruas ou até mesmo no lixo, com a Roda dos Expostos, uma instituição muito comum em diversas partes do mundo, que se utilizava de um mecanismo cilíndrico giratório, que garantia o anonimato da pessoa que fosse abandonar uma criança – ou por situação de pobreza extrema, ou órfãos nascidos fora do casamento – aos cuidados de uma casa de caridade ou de uma ordem religiosa.

Em Salvador, então capital do Brasil, foi criada a primeira Roda dos Expostos, anexa à Santa Casa de Misericórdia, em 1726. A seguir, em 1738, abriu-se uma Roda dos Expostos no Rio de Janeiro. Ambas as Rodas dos expostos foram fruto de diversas intervenções por parte dos religiosos e de governadores, que, sensibilizados com a ocorrência de bebês mortos em vias públicas, expostos às intempéries, aos animais e outras violências, sem que fossem sequer batizados, encaminharam diversas solicitações à Coroa, a fim de que esta apoiasse financeiramente a criação destes enjeitados. A partir de 1789, houve a criação da Roda em Recife e as demais rodas existentes no Brasil, foram criadas apenas no século XIX, sendo a maioria delas associadas às Santas Casas de Misericórdia de suas respectivas províncias. Apenas em 1950 é que foram definitivamente extintas. (Marcílio, 1997).

Em São Paulo, a Roda dos Expostos apenas foi aberta em 1825, mesmo com os apelos de esposas de políticos, governadores e instituições religiosas, dirigidos ao rei. A Câmara da Cidade de São Paulo precisou bancar a construção e manutenção desse espaço, localizado na Chácara dos Ingleses, no Largo da Glória, “[...] em instalações acanhadas e pouco satisfatórias” (Marcílio, 1997, p. 64). Ainda de acordo com a autora, surpreendentemente, no início do século XIX, esta unidade de São Paulo era a mais movimentada do país, tendo um número de batizados muito superior às demais.

Estes espaços chegaram a abrigar tantas crianças que havia um imposto exclusivo para arrecadar fundos para sua construção e manutenção. Muitos desses prédios ainda permanecem nos dias atuais, com as memórias dos órfãos e o atendimento ao público. Ironicamente, um destes espaços de recolhimento de crianças órfãs do período imperial, que funcionou de 1858 a 1866, é o Recolhimento de Santa Tereza, que hoje abriga uma das mais caras, se não a mais cara escola do Brasil.

Depois de levantarmos valiosa e variada documentação sobre o menor desvalido, pudemos perceber a existência de três fases distintas na evolução da assistência à infância abandonada brasileira, as quais, a partir da segunda fase, se justapõem. A primeira fase, de caráter *caritativo*, estende-se até meados do século XIX. A segunda fase – embora mantendo setores e aspectos caritativos – evoluiu para o novo caráter *filantrópico*, e está presente à rigor até a década de 1960. A terceira fase, já nas últimas décadas do século XX, surge quando se instala entre nós o *Estado de bem-estar social*, ou o Estado – Protetor, que pretende assumir a assistência social da criança desvalida e desviante. (Marcílio, 1997, p. 132, grifo da autora).

Muitos adultos, sem pensar exatamente em caridade, tomavam para si “filhos de criação”, com o objetivo de adquirir uma pequena renda, dada pelos governos municipais e, ao mesmo tempo, para obter mão de obra de graça para seus empreendimentos, o que ainda não dava conta de tirar todas as crianças da rua e dava lugar a uma grande quantidade de marginalizados. Os problemas sociais podem muito bem ser ilustrados pela literatura, sem perder a veracidade dramática da realidade, o que se percebe no clássico romance *Oliver Twist*, escrito por Charles Dickens em 1837. O contexto histórico do conhecido enredo remonta às mazelas do século XIX, na Inglaterra, marcada pelos efeitos da Revolução Industrial. Dickens (2021) apresenta as crises sociais, pelas quais passavam os camponeses e também o proletariado urbano, sem emprego e moradia, efeitos da industrialização do país, que só beneficiava os proprietários dos meios de produção. Segundo ele, “Uma vez que permitamos que ele se sinta um de nós, uma vez que incutirmos na cabeça dele de que ele agiu como um ladrão, ele será nosso! Nosso para a vida toda dele. Ho ho!” (Dickens, 2021, p. 198).

Nesse contexto universal, a literatura pode permitir pequenas generalizações e grandes significados, assim como Oliver, em meio aos bandidos e aliciadores, as pequenas e abandonadas crianças do período colonial, deixadas à própria sorte, eram aliciadas por ladrões, charlatões e toda espécie de golpistas, em busca de ascender socialmente ou, apenas, de sobreviver. O livro de Dickens trata, pela primeira vez, de

um protagonista infantil na literatura inglesa e vai apresentando os passos de uma criança que viveu as agruras do orfanato, com as mais diversas restrições alimentares e afetivas, marcada pela exploração do trabalho infantil e seu conseqüente envolvimento com o crime.

A atribuição unânime de responsabilização desses desfavorecidos era comumente baseada na suposição de que suas propensões viciosas e caráter moralmente desfavorável os impeliam a cometer atos ilícitos, como o trecho a seguir, retirado de um caderno de viagem do reverendo Robert Walsh, de 1828, que afirma:

[...] os moleques atacavam com suas facas, todos os estrangeiros que encontravam por perto e os mutilavam de forma selvagem; alguns, segundo fui informado, eram perseguidos até a morte e depois esquartejados por seus algozes. (Leite, 1997, p. 32).

O reverendo estava relatando o que houve após a revolta de um exército estrangeiro que não foi pago pelo Imperador e que, unindo-se a um movimento separatista, intentava matar Dom Pedro I e proclamar a Independência de Santa Catarina, em 1828. Em outros trechos do seu caderno, chega a relatar novamente a ação de “moleques”, que se apropriavam de bens alheios, apelando para a violência. A questão persistente do abandono de crianças representava um desafio significativo. Crianças órfãs e de ascendência mista, desprovidas de cuidadores, envolviam-se, de maneira inescapável, em delitos de diversas magnitudes, como um meio de subsistência.

O uso de nomenclaturas como “moleque” e “criança” tem um efeito crucial no modo como o assunto era tratado socialmente. Termos como delinquente, infrator, menor ou moleque se referem a crianças e adolescentes de classe social desprivilegiada, normalmente excluídos da escola e dos atendimentos de respeito, enquanto que criança era o termo usado para quem tinha uma família socialmente aceita, normalmente de pele clara e de condição social abastada. Um fato relatado por Machado de Assis, no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, representa bem a maneira como a criança desse período poderia ser criada:

[...] fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. [...] um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. (Assis, 2013, n.p.)

Mary Del Priore apresenta a visão de alguns viajantes, ao tratarem das crianças de famílias ricas, alegando serem mal-educadas, atrevidas e autoritárias, fustigando os escravos e governantas, com chicotadas e tapas no rosto, além das ofensas verbais dirigidas a estes, quando contrariavam a sua vontade (Del Priore, 2016). Apesar da persistência do sistema escravocrata, o período imperial brasileiro fomentou alguns avanços, no sentido de promoção de educação, tanto aos menos privilegiados quanto aos oriundos das classes mais abastadas. Um exemplo de destaque foi a Lei de 15 de outubro do Império, de 1827, que autorizou a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, com o uso do método lancasteriano, que buscava oferecer educação a um público maior do que apenas as aulas particulares.

Muitas escolas foram fundadas por professores em suas próprias casas, para ensinar as primeiras letras às crianças, notadamente por meio de grande rigidez, impondo castigos físicos aos atos de rebeldia dos estudantes. Não era algo atrativo, mas as famílias se esforçavam muito para manter seus filhos matriculados, na esperança de que se tornassem bacharéis, doutores, etc. Um belo conto de Machado de Assis remonta o cotidiano de 1840, em um desses espaços triviais de educação, como refere: “A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau” (Assis, 2010, p. 170). O autor passa a explicar as razões pelas quais precisava frequentar a escola, sendo, em primeiro lugar, o fato de já ter se ausentado na semana anterior e ter sido castigado: “[...] recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro” (Assis, 2010, p. 170), e o fato de não querer decepcionar o pai.

Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. (Assis, 2010, p. 171).

A educação permitiu que as famílias médias tivessem alguma esperança na formação de seus filhos e no seu posterior envolvimento em negócios, na política, na advocacia, etc., o que não podia ser ansiado pelos pobres e escravizados, pois o “[...] aparelho escolar do século XIX não modificou a ambiguidade de uma escola que praticava, simultaneamente, um adestramento para os pobres e uma formação de conhecimento potencialmente emancipadora para os ricos” (Del Priore, 2016, p. 336).

O código do Império foi inspirado no Código Penal francês de 1810, também conhecido como o Código Napoleônico. Essa influência reflete a tendência da época

de codificar e sistematizar as leis, tornando-as mais claras e acessíveis. Ele previa a pena de morte para alguns crimes considerados bárbaros, mas, ao mesmo tempo, oferecia uma oportunidade educativa ou corretiva, além da punição, como é o caso do excerto anterior que menciona as Casas de Correção.

Art. 13. Se se provar que os menores de quatorze annos, que tiverem commettido crimes, obraram com discernimento, deverão ser recolhidos ás casas de correção, pelo tempo que ao Juiz parecer, com tanto que o recolhimento não exceda á idade de dezasete annos. (Brasil, 1830).

Uma investigação mais profunda sobre a natureza dos espaços de correção de menores infratores pode ter sua origem na mesma análise que se faz sobre o sistema carcerário dos adultos: as instituições totais. Dentro do contexto institucional, emerge um clima de constante conflito entre os dois grupos antagônicos presentes e, mesmo dentro de cada grupo, existem facções e disputas, bem como relações de poder e forças em confronto, que constituem a dinâmica característica desse cenário institucional.

No Brasil, essas casas de correção passaram a ser construídas a partir da década de 1850, com o intuito de recolher os criminosos e determinar penas de trabalhos forçados, a fim de reabilitar os detentos por meio do trabalho, educação e disciplina. As primeiras Casas de Correção eram espaços muito insalubres, que abrigavam os meninos de rua, de modo a lhes corrigir a conduta, com castigos físicos e confinamento (Leite, 1997).

A primeira casa de correção do Império data de 1850, construída no Rio de Janeiro. Em São Paulo, a construção data de 1852 e, em Pernambuco, foi de 1855 (Albuquerque Neto, 2013). Em São Paulo, a Casa de Correção ficava “no bairro da Luz, no começo da avenida Tiradentes. [...] ocupava um só pavimento, com 33 presos, em 1853” (Campos, 2004, p. 53). Segundo a autora, o número de presos aumentou paulatinamente em menos de vinte anos, pois a violência na cidade era assustadora. Nesse local, os presos deveriam obrigatoriamente fabricar chapéus, sem manuseio de ferramentas, para a redução de suas penas.

2.2 MENORES OU CRIANÇAS?

O final do século XIX, marcado com o advento da República no Brasil, trouxe a noção de modernidade, com a mentalidade de que novos tempos, novas ideias e

novas formas de governo estariam chegando e seriam muito mais eficazes que as antigas instituições. Os seus reflexos, nas grandes cidades, foram muito perceptíveis, pois é possível encontrar relatos de massivos investimentos destinados à urbanização, na busca pelo padrão europeu de moradia, de circulação pública, de consumo, traduzindo a ideia de civilização e bom gosto. Investimentos nos meios de transporte, como os trens e as vias largas para a passagem dos bondes, a iluminação noturna para o embelezamento das cidades, para favorecer a circulação de transeuntes, inclusive à noite, com o endurecimento das ações de policiais para garantir e estabelecer um clima seguro à população, principalmente às elites. Até mesmo as instituições precisaram investir em uma imagem moderna, uma aparência admirável e a sensação de qualidade e credibilidade na execução dos serviços. Todas estas estratégias foram realizadas, a fim de que o cidadão esclarecido e rico não tivesse interesse em um possível retorno da Monarquia.

O espaço urbano moderno foi, assim, organizado de acordo com os critérios técnicos e científicos. Os discursos de modernização que permearam esse espaço – o positivismo, o cartesianismo, o higienismo e a racionalidade do traçado urbano – foram inspirados nas correntes de pensamento do século XVIII e XIX, que serviram de base científica para reger, não só a cidade, mas também a sociedade. (Nascimento, 2011, p. 42).

Houve uma grande tendência de trazer a civilização e a modernidade, por meio da ciência, administrando os espaços públicos segundo a ordem e a limpeza, tanto de detritos como de pessoas. Essa corrente de pensamento fez com que, no Brasil, os princípios de higiene fossem tão populares entre os ricos e tão associados aos ambientes periféricos, como se somente as pessoas e regiões mais humildes da cidade devessem ser escondidas da visibilidade e do convívio com as elites. A separação territorial entre pobres e ricos se acentuou com o autoritarismo do governo, que determinou a vacinação obrigatória da população em 1904. Aquilo que se convencionou de Revolta da Vacina foi a vitória do higienismo, com o governo enviando tropas aos cortiços, matando as pessoas que se manifestavam publicamente e definitivamente levando os populares para os morros e bairros bem afastados do centro, o que deu espaço a um amplo passeio público, às vias por onde passariam os bondes e um complexo de prédios na região central. A atitude governamental contra a pobreza, no Rio, foi um modelo seguido por outras cidades do país.

Apesar de toda a expansão e evolução da tecnologia, o crescimento urbano foi repleto de contradições apresentando um lado perverso e

caótico que com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problema de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver segmentos sociais mais pobres como uma “classe perigosa” que precisava ser domesticada. (Nascimento, 2011, p. 41).

Em São Paulo, o sucesso do café, como um produto de exportação em grande escala, que financiou a elite interessada em expandir ainda mais seus domínios, tendo praticamente sustentado os últimos anos do Império e o início republicano, proporcionou o processo de urbanização ainda na era Imperial, com iluminação urbana a gás, abertura de ruas e avenidas, pavimentação das ruas antigas e a construção de grandes obras públicas, como pontes, viadutos, prédios, como o Teatro Municipal, entre outros.

Em contraste com as regiões centrais da cidade, as áreas periféricas revelavam tudo o que o “progresso” da urbanização não conseguiu mascarar: a fome, o desemprego, a miséria. Um dos pontos nevrálgicos, além da violência, era a ausência de políticas voltadas à educação, sobretudo para o atendimento das massas menos abastadas, dentre elas, os ex-escravizados ou mestiços e demais imigrantes, que se aventuravam a sair de suas terras, em busca de melhores condições de vida. Muitos destes passavam boa parte do dia nas ruas a cometerem delitos e assustando o “cidadão de bem”. As pessoas abastadas exigiam ser protegidas dos menores delinquentes que habitavam as ruas das grandes cidades, ainda efeito da recém-abolição. Com uma visão higienista de urbanização, os primeiros legisladores apostaram na expansão de espaços de reclusão daquelas pessoas que desfiguravam o cenário urbano.

A “limpeza” das cidades passava da segregação dos pobres e chegava ao limite do seu encarceramento. Dessa forma, instituições de reclusão dos indivíduos, ainda que não cometessem crime algum, como as manicomiais, foram abertas, para que os indivíduos indesejáveis, como doentes mentais, viciados, alcoólatras, vadios e até pessoas em situação de rua, fossem levados pelo serviço de saúde pública, a bem da segurança urbana, segundo o Código Penal de 1890, “[...] que instituiu a responsabilidade penal a partir dos nove anos de idade, legitimando a repressão e internação de crianças e adolescentes, nas casas de correção” (Leite, 2006, p. 93). Estas pessoas recolhidas, institucionalizadas, perdiam sua identidade e passavam por toda sorte de opressão e privação, de modo a serem “curadas” de suas mazelas. As crianças ficavam em associações filantrópicas e os adultos passavam temporadas

entre internações e liberdade, como relata Lima Barreto (1881-1922) em sua narrativa, postumamente publicada (1953), que trata de sua própria experiência com a interação em um hospício. A história narrada apresenta relatos críticos de pessoas e procedimentos no Hospital Nacional dos Alienados, o Instituto Philippe Pinel, no Rio de Janeiro. Ele descreve as condições desumanas, a estigmatização²² e a falta de compreensão em relação às questões da saúde mental. Ele conta, em um de seus passeios pelo hospital:

[...] encontramos bandos de crianças loucas, de menos de dez anos, que iam brincar, sob a vigilância de uma enfermeira estrangeira, alemã [...] Havia de todas as cores, e todas eram feias, algumas mesmo aleijadas. (Barreto, 1953, n.p.).

O breve fragmento evidencia, por meio da expressão literária, que crianças eram igualmente recebidas em tais contextos, um elemento que o autor aborda com aparente naturalidade, sugerindo que tal prática fosse considerada comum à época. A sociedade estava em uma transição, mas as permanências ainda coexistiam com as novas teorias. Mesmo dividindo a infância entre menores e crianças, em uma abordagem totalmente higienista, preconceituosa e excludente, os legisladores da República precisavam, de alguma forma, resolver o problema social herdado de outro sistema de governo e que perduraria por muitos anos. Havia essa grande necessidade da existência de um código específico para a reflexão sobre a infância e seus problemas.

O primeiro deles foi o Código de Menores de 1927, resultado de um movimento de advogados, juristas e educadores em defesa dos delinquentes e abandonados. O primeiro juiz de menores do Brasil, Mello Mattos, foi o responsável pela formulação do código, tanto que ele também é conhecido como Código Mello Mattos. Até 1920 não tinha no Brasil um código específico para esta faixa etária, sendo o código criminal do império de 1890 a referência para legislar sobre o menor que havia cometido algum delito. (Carvalho, 2017, p. 17).

Trata-se de um pensamento que traduzia a doutrina da irregularidade, ou doutrina da situação irregular, que durou até meados do século XX. Essa doutrina enfatizava a intervenção estatal para as crianças ou os adolescentes que estivessem em situação de abandono, delinquência, mendicância, entre outras. A ênfase estava na tutela e na punição, visando a corrigir os vícios. As concepções que surgiram a partir desse pensamento influenciaram juristas e políticos a ponderarem sobre a irregularidade dos menores.

²² Conceito presente na obra de Goffman (1974) sobre a profunda marca que a institucionalização de um indivíduo deixa em sua personalidade.

Mello Mattos, formulador do Código de Menores de 1927, não foi o primeiro a pensar em ações em favor das crianças órfãs, abandonadas ou delinquentes, já que outras tentativas foram empreendidas, como a do Senador Lopes Trovão, ainda no período imperial. Posteriormente, em 1902, houve uma tentativa de intervenção, com um esboço de um código de menores, que foi desconsiderado. O Código de Menores foi aprovado no dia 12 de outubro de 1927. Ainda que não houvesse uma ideia mais avançada de educação e recuperação, já houve um passo a caminho da proteção dos menores, pois, anterior a esta decisão, as crianças poderiam ser presas no mesmo ambiente dos adultos, o que agravava ainda mais a situação, visto que abusos das mais variadas formas eram cometidos. Além disso, as mais duras formas de trabalhos forçados e restrições alimentares e de necessidades básicas eram imputados sobre tais crianças e adolescentes. (Carvalho, 2017).

Por muitos anos, os menores infratores foram tratados como “irregulares”, e as discussões acerca do atendimento de crianças e adolescentes foram sempre conduzidas da mesma forma: violência institucional, exclusão social e negligência de direitos fundamentais (Perez; Passone, 2010; Pessoa, 2018). Alguns marcos podem ser destacados rapidamente nessa trajetória rumo a uma visão humanística de socioeducação da contemporaneidade, que ainda não é a ideal, mas contém avanços significativos nessa trajetória.

O Serviço de Assistência ao Menor (SAM), criado em plena ditadura Vargas, em 1941, atuava na fiscalização dos espaços que atendiam menores infratores e que eram privados de liberdade. Em São Paulo, existiu o Recolhimento Provisório de Menores (RPM), como um prolongamento, criado em 1954, que era um serviço de recolhimento de menores que estivessem em situação irregular, ou seja, que vagassem sozinhos pelas ruas e avenidas, sem um adulto para cuidar e se responsabilizar por eles. (Del Priore, 2010).

Um exemplo obtido da literatura paulista, produzida nos anos de 1950, apresenta a visão popular acerca do tratamento infligido às crianças e adolescentes que iam parar no “juizado de menores”, crianças que poderiam ou não ter praticado um ato infracional ou que eram levadas pelos próprios parentes para que ficassem internadas. Carolina Maria de Jesus, autora do *Quarto de Despejo*, cogitou levar seu filho e entregar no juizado, a fim de que a instituição pudesse corrigir o menino:

Deitei o José Carlos e saí com o João. Fui no Juizado para saber se havia possibilidade de interná-lo. Preciso retirá-lo da rua porque agora

tudo que aparecer de mal vão dizer que foi ele. [...] No Juizado o Dr. que estava de plantão disse para eu voltar dia 10 que o dia 9 era feriado. (Jesus, 2014, p. 73).

Tal postura era bem comum entre as pessoas de sua classe social, como relata em um incidente em que uma mãe não queria a filha de dois meses e “As mulheres queriam ir chamar a polícia para levar a menina no Juizado” (Jesus, 2014, p. 60). Além disso, a presença constante da polícia na favela, cercando inclusive as crianças, pode ser observada nos excertos a seguir:

Ela disse me que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia preso. Que a Radio Patrulha cançou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para ele na cadeia. (Jesus, 2014, p. 19).

Chegou a Radio Patrulha, que veio trazer dois negrinhos que estavam vagando na Estação da Luz. 4 e 6 anos. É fácil perceber que eles são da favela. São os mais maltrapilhos da cidade. (Jesus, 2014, p. 38).

Quando eu estava preparando-me para sair a Dona Alice veio dizer que dois meninos do Juiz estava vagando aqui na favela. Fui ver. Estavam com roupas amarelas. Descalços e sem camisa. Só com aquele blusão em cima da pele. Eles estavam desorientados. Perguntei se queriam café. Responderam que não. Eu entrei e fui preparar para sair para a rua. O José Carlos acompanhou os meninos. Depois veio perguntar-me se eu podia arranjar umas roupas para os meninos.

— Vá chamá-los!

Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito. Contaram-me os horrores do Juizado. Que passam fome, frio e que apanham ininterruptamente. Perguntaram se eu podia arranjar-lhes umas camisas. Dei-lhes as camisas e as calças. Perguntei-lhes os nomes. O mulato é Antonio e o branco é Nelson. Perguntei-lhes se sabiam ler. Responderam que sim. Dei-lhes café. Falaram que residem na Vila Maria e que tem mãe. Aconselharam meus filhos para ser bons para mim. Que os filhos estão melhor com as mães. Que a coisa melhor do mundo é a mãe. Eles pegaram as roupas que eu dei-lhes. A calça do Nelson tinha tantos remendos que podia pesar 3 quilos. Quando eles saíram olharam o numero do meu barracão e pediu-me para não internar o João que a comida é deficiente. Que eles era obrigado a lavar louça. Que se uma criança jogar fora o resto da comida do lixo, que eles obriga a criança catar e comer. (Jesus, 2014, p. 72).

Os relatos da autora apresentam mesmo a preocupação com o modo como as crianças poderiam ser tratadas dentro ou fora dos espaços citados, de modo que a educação e a sociabilização não eram mesmo a ênfase no tratamento dos “menores delinquentes”. Embora o SAM tivesse, em sua nomenclatura, a assistência, no contexto da criação do Juizado de Menores, para causas específicas desse grupo, sua aplicação prática assustava e constrangia os agrupamentos de crianças em

situação de rua, de modo que fugissem e se escondessem, sendo, por vezes, acobertados pelos adultos, como no relato acima.

Um contemporâneo de Carolina Maria de Jesus, Jorge Amado, no contexto da Ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945), relata a história de meninos abandonados, envolvidos com toda sorte de crimes e golpes que a capital da Bahia já teve notícia. O romance *Capitães da Areia*, desse escritor, rendeu-lhe uma represália do governo de Getúlio, que o prendeu por ver, no teor do livro, uma crítica à segurança e ao Estado. Logo nas primeiras páginas, a narração apresenta uma série de cartas de jornal [fictícias], denunciando o terror que o bando de “crianças ladronas” estava espalhando pela cidade e a necessidade do juizado de menores tomar as devidas providências.

As aventuras sinistras dos "Capitães da Areia" - A cidade infestada por crianças que vivem do furto - urge uma providência do Juiz de Menores e do chefe de polícia - ontem houve mais um assalto. Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos "Capitães da Areia", nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários, fazendo Jus a uma Imediata providência do Juiz de Menores e do dr. Chefe de Polícia. (Amado, 2013, p. 4).

O excerto apresenta o “problema” da delinquência de modo prático e simplista: a elite se incomodava e enviava cartas aos jornais, solicitando atitudes enérgicas do juizado de menores. O juizado se defendia alegando que a polícia não fazia o seu trabalho de encontrar o esconderijo dos meninos e prendê-los, e o chefe da polícia se defendia o quanto possível, alegando que havia uma outra questão legal envolvida. Jorge Amado mostra uma tremenda disputa de poderes e recusas de responsabilidades, tanto com a segurança quanto com os meninos. Ele ainda narra uma ocorrência em que um casal de menores infratores foi apreendido, em que a menina foi mandada para uma instituição religiosa, a fim de se esquecer o crime, e o seu “noivo” ficou no reformatório, para que os agentes pudessem fazer com que contasse o local do esconderijo do seu bando, ao que foi submetido a todo tipo de castigos corporais ([uma denúncia e tanto para a época em que foi escrito!]).

Devido ao excesso de burocracia, com os processos morosos, muito distantes do atendimento das necessidades dos institucionalizados, sem uma abordagem preventiva, o que gerou uma criminalização da juventude, e pelo foco muito mais voltado a medidas mais punitivas do que educativas, o SAM foi incorporado a uma nova política em 1964, com a criação da Fundação para o Bem-Estar do Menor (Funabem). Foi instituída a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM), em 1964, que reafirmou as mesmas posturas, com relação à população atendida, embora ampliasse seus espaços de atendimento em São Paulo e em outros estados,

[...] integrando-se a programas nacionais de desenvolvimento econômico e social, dimensionando as necessidades afetivas, nutritivas, sanitárias e educacionais dos internos e racionalizando os métodos. (Passetti, 2010, p. 363-364).

Essa nova política, teoricamente preocupada com o bem-estar dos menores, fazia permanecer as mesmas atitudes de institucionalização dos meninos e meninas de rua, sem uma proposta humanizada, com abrigos em condições precárias, superlotados, com uma abordagem punitiva, sem refletir o direito das crianças. Em 1972, em São Paulo, o termo Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) substituiu o anterior, para se referir diretamente à instituição responsável pelo atendimento e assistência dos menores em situação de vulnerabilidade. Associado a todo tipo de violência, maus-tratos e dificuldades em fazer cumprir a ressocialização dos institucionalizados, a Febem tem seu nome também associado a diversas rebeliões, revoltas e levantes organizados pelos próprios internos, em protesto pelo tratamento recebido. Algumas destas rebeliões resultaram em fugas em massa, sequestro dos trabalhadores, tiroteios e morte de jovens e de agentes de segurança. Ainda que não diferisse basicamente em nada dos modelos anteriores, que no fim implicavam em exclusão destes indivíduos e na vilanização dos meninos e meninas de rua, fossem ou não infratores, em 1979, outro Código de Menores (Brasil, 1979) foi criado,

[...] tipificando as situações irregulares nas quais estes jovens se encontravam, sendo elas: 1. Privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória 2. Vítima de maus tratos ou castigos imoderados 3. Em perigo moral 4. Privado de representação ou assistência legal 5. Com desvio de conduta e 6. Autor de ato infracional. (Carvalho, 2017, p. 18).

As famílias não foram isentadas da responsabilidade, mas sabe-se que a questão social perpassa esta trajetória e, assim, em muitos casos, a reinserção dos

adolescentes de classes menos abastadas à sociedade, de modo digno e efetivo, era algo muito difícil e o índice de reincidência era bem alto. O preconceito que adolescentes e jovens enfrentavam refletia em suas famílias, muitas vezes pouco abastadas.

Em nome da suposta integração social, da ordem, da educação, da disciplina, da saúde, da justiça, da assistência social, [...] as ações se revezam para consagrar os castigos e as punições em um sistema de crueldades. (Passetti, 2010, p. 364).

A repressão aos adolescentes era reflexo do período de vigência do novo código: o regime ditatorial do Brasil, que durou até que a nova Constituição fosse promulgada, em 1988, quando, enfim, teve sua vigência abolida, embora se saiba que o estigma ainda permanece e é possível notar que forças opostas ainda hoje perduram em conflito.

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. (Foucault, 1987, p. 198).

Esta maquinaria é o modo como opera a polícia, o modo como se negam os direitos a uma vasta camada da população, o modo como não se pensa na recuperação, na reinserção, na ressocialização dos indivíduos, mas na punição pelos seus atos, sem se levar em conta o contexto no qual estão inseridos tais indivíduos, haja vista que todas as vezes que as “[...] escolas falham, mais fortes se tornam os argumentos em favor dos internatos” (Passetti, 2010, p. 365). Assim, o contexto da ditadura militar naturalizou muitas concepções contrárias à recuperação do jovem infrator, voltando à mentalidade colonial ou imperial, sem avanço, apenas retrocesso.

No corpo da nova Constituição Federal de 1988, uma nova visão de prioridade pode ser percebida: a proteção (Brasil, 1988). Crianças e adolescentes passam a ser tratados como prioridade absoluta, ao menos segundo a legislação, o que significa um atendimento mais rápido na área da saúde, na educação e em todas as áreas sociais, protegendo-os dos maus-tratos, da vulnerabilidade social, etc., como uma tentativa de combater o modo de tratamento ofertado a este público, inclusive frente ao abandono e ao ato infracional. A Constituição deu as bases para que houvesse um aprofundamento nos atendimentos da criança, adolescência e juventude. As legislações que se seguem caminham para uma compreensão mais aguçada do entendimento constitucional de proteção.

Nessa linha, um dos grandes marcos da sociedade brasileira foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990. O ECA trata dos seguintes princípios fundamentais: a proteção integral de crianças, que são indivíduos de zero a 12 anos incompletos, e adolescentes, que são pessoas de 12 a 18 anos incompletos; a prioridade absoluta; o melhor interesse e a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. A partir do ECA, a sociedade brasileira passou a assumir, de modo colaborativo, a responsabilidade por estes indivíduos, como até então não ocorria, envolvendo, por isso, a família, a sociedade, a comunidade e o Poder Público. No corpo do ECA, é possível que se localize os direitos deste grupo de pessoas, como a proteção da disciplina praticada por meio da violência, a tutela, as viagens e, na parte final, trata-se do entendimento da prática e do ato infracional. Assim, “Art. 103. Considera-se Ato Infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal” (Brasil, 1990), o que conduz estas discussões para um outro documento de suma importância para os objetivos desta pesquisa: o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), Lei nº 12.594/2012 (Brasil, 2012).

O Sinase é uma lei que estabelece os critérios para o atendimento de adolescentes que cometem ato infracional. A partir dele, é possível enumerar as etapas do atendimento destes, sob uma ótica de proteção, educação e ressocialização. As medidas socioeducativas, diferentemente das penas impostas aos adultos ou maiores de 18 anos, têm o caráter educativo e, de acordo com o Sinase, devem ser regidas pelos princípios expostos no artigo 35, a começar pelo princípio da legalidade, da excepcionalidade, da prioridade, da proporcionalidade, da brevidade, da individualização, da mínima intervenção, da não discriminação e do fortalecimento dos vínculos do adolescente com a sua família e comunidade (Brasil, 2012).

Ele enumera os procedimentos que podem ser deliberados pelo juiz, para atendimento aos adolescentes autores de ato infracional, expressos no artigo 112 do ECA, que vai desde a advertência, que é a medida mais branda, até a internação, que é a medida mais pesada, que envolve a perda da liberdade. Sobre o papel dos entes federativos, no artigo 3º do Sinase, a União formula e coordena a política dos atendimentos socioeducativos, os Estados criam e mantêm os programas de semiliberdade e internação e os Municípios mantêm as medidas mais brandas. É desse modo que o Sinase acaba formando um sistema integrado de direitos aos

adolescentes em cumprimento de medidas, para acessar vários direitos, como a saúde, educação, assistência social, profissionalização, entre outros.

Segundo o artigo 52 em diante, ao ser atendido pela primeira vez, o adolescente deve ser levado à construção do Plano Individual de Atendimento (PIA), que trata de traçar estratégias para que o indivíduo consiga atingir a meta estabelecida pelo juiz. No caso da semiliberdade, os educadores têm até 15 dias para estabelecer este PIA e, no caso da internação, os profissionais podem escrever o plano em até 45 dias (Brasil, 2012). O local onde se realiza a medida socioeducativa de internação, em São Paulo, chama-se Fundação CASA, que é dividida em várias unidades espalhadas pelo Estado e municípios.

O site da Fundação CASA²³ apresenta boletins mensais sobre o funcionamento geral desta instituição, com dados sobre a quantidade de pessoas atendidas, os principais motivos de apreensão dos adolescentes, a faixa etária, etc., como mostra a seguir a imagem retirada desse boletim, publicado no mesmo período em que a pesquisa de campo desta tese foi iniciada, dia 3 de março de 2023. Nesta data, havia exatamente 4.947 adolescentes em cumprimento de medida de internação. Deste universo, 95,98% dos atendidos eram do sexo masculino, contra 4,02% do sexo feminino.

Figura 1 – Adolescentes em cumprimento de medida de internação

Série de Referência (Matriculados)	Total
EF - Ciclo I	126
EF - Ciclo II	2081
Ensino Médio	2470
EM - Completo	164
Superior Cursando	0
Não Informado	106
Total	4947

Fonte: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/boletins>.

²³ Cf. <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/boletins/>. Boletim Imprensa de 03/03/2023.

Dos atos infracionais mais mencionados, o tráfico de drogas era, na ocasião, o maior motivo de imposição de medidas socioeducativas aos envolvidos (41,40%). Sobre a escolarização dos adolescentes, pode-se notar que a imensa maioria dos adolescentes atendidos pela Fundação está entre os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O campo teórico de estudos no qual esta tese se apoia tem a ver com uma crítica bastante concisa às formas históricas de concepção e tratamento das infâncias, que se formaram historicamente, no Brasil, tendo em vista a opressão do menor infrator, pela sociedade, que o concebeu e ora o considera como a causa, ou o principal “culpado” pelo transtorno da ordem social vigente. Assim, em termos teóricos, toda a pesquisa enfatizou as relações sociais conflituosas, explorando as dinâmicas de poder, desigualdade e alienação presentes nas estruturas sociais.

Diante do problema desta pesquisa, que elabora indagações sobre o lugar que a biblioteca, os livros e a leitura têm em ambientes de privação de liberdade de adolescentes e jovens, foi estabelecida uma abordagem qualitativa, tanto para a elaboração das estratégias de coleta de dados em campo quanto para a análise dos resultados obtidos dessa empreitada. Como destaca Stake (2011, p. 67), “[...] a maior parte das pesquisas qualitativas é pesquisa experiencial”, ou seja, a pesquisa deve ser uma experiência vivida pelo pesquisador sobre o seu problema de pesquisa. Assim, nessa linha experiencial, a primeira decisão metodológica tomada foi realizar um estudo de campo, cujos objetos pudessem ser observados no ambiente em que residem: duas unidades de acolhimento de adolescentes e jovens em conflito com a lei da Fundação CASA, de São Paulo, Capital.

Por se tratar de uma investigação com seres humanos, ainda que não envolvesse procedimentos que incorressem em danos físicos aos sujeitos da pesquisa, foi necessário entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade e submeter o Projeto da Pesquisa aos cuidados da Plataforma Brasil, a fim de obter as devidas autorizações. Também houve um contato inicial com a UniCASA, um departamento da Fundação CASA, que trata apenas de autorizar ou não os projetos de pesquisa que são propostos pelos pesquisadores. Após as primeiras liberações, ainda foi necessário que a Promotoria de Justiça de Infância e Juventude da Capital (DEIJ) avaliasse tanto o projeto quanto as liberações anteriores, com vistas a conceder a liberação judicial para que houvesse a possibilidade de interação com os/as adolescentes e jovens residentes nas unidades de internação da Fundação CASA indicadas.

Todos os percursos descritos apenas comprovam o quanto é preciso ser ético para realizar uma investigação científica de qualidade, de modo a não causar danos

aos/às adolescentes e jovens. “Não se pode considerar que as pessoas sendo pesquisadas irão proteger a si mesmas. São os próprios pesquisadores que fornecem o baluarte da proteção” (Stake, 2011, p. 225). Assim, como parte do tratamento ético dos dados coletados em campo, com o intuito de garantir a integridade dos/das participantes, todos os nomes de pessoas e locais que possam fornecer informações de identificação dos sujeitos desta pesquisa foram substituídos por nomes fictícios, mantendo apenas seus relatos e idades.

A participação de todos os sujeitos desta pesquisa foi consentida e devidamente esclarecida quanto à natureza do estudo, dos procedimentos e das fases da investigação, a serem consultados nos anexos deste trabalho. Assim, foram abordadas, de forma direta, as profissionais de ambas as unidades, bem como as professoras de Língua Portuguesa e outras pessoas, que, de algum modo, relacionavam-se com o objeto pesquisado. O número total de adolescentes e jovens da unidade masculina, que participaram da pesquisa, foi cinco; na unidade feminina, o número chegou a 20. A disparidade dos/das participantes se deu pela própria dinâmica de cada centro, já que, a fim de não atrapalhar a rotina dos ambientes, foi deixada a quantidade e a indicação de participantes a critério das coordenadoras de ambas as unidades.

3.1 COLETA DE DADOS EM CAMPO

Para a coleta dos dados em campo, optou-se por conduzi-la sob três formas distintas: a simples observação, tanto dos espaços quanto das relações; a entrevista aberta, com os profissionais envolvidos no cuidado e educação dos/das adolescentes internos/as; e a realização do grupo focal, como técnica de abordagem dos/das adolescentes. Escolheu-se o uso dessas três abordagens diferentes, de modo a triangular as informações coletadas, evitando deixar o relato tendencioso, se apenas um método de coleta fosse utilizado, já que a confiabilidade da pesquisa poderá ser observada na conjunção dos resultados.

A primeira técnica utilizada foi a observação simples dos espaços e materiais existentes, o que foi realizado e devidamente registrado no Caderno de Campo, apêndice a este trabalho, com um cronograma elaborado, previstas visitas entre fevereiro e abril de 2023. No referido período, a observação ocorreu de modo passivo,

com a simples observação das interações entre os sujeitos da pesquisa, e de modo ativo, com questionamentos do uso dos espaços e a investigação dos papéis dos sujeitos no ambiente.

A segunda técnica utilizada foi a entrevista aberta, com um breve roteiro elaborado previamente, contendo a intencionalidade da condução das perguntas, mas atentando aos aspectos emergentes nas falas e depoimentos das entrevistadas. Estas entrevistas foram realizadas com as profissionais que atenderam a pesquisadora: as coordenadoras, a diretora do centro feminino e as professoras de ambos os centros. As interações foram todas gravadas em áudio, por um aparelho autorizado pela equipe de supervisão da UniCASA, embora o uso de aparelho celular tenha sido expressamente proibido, assim como o registro fotográfico dos espaços e dos sujeitos da pesquisa, sendo liberadas apenas as imagens das bibliotecas, capturadas pelas próprias coordenadoras dos espaços: uma biblioteca na unidade masculina e duas na unidade feminina.

A terceira forma de coleta de informações foi realizada com a aplicação da técnica de grupo focal, com os/as adolescentes e jovens de cada unidade. Para tal coleta, as profissionais de cada centro indicaram, sob seus critérios e cientes do roteiro e de todo o descritivo da técnica, os/as adolescentes participantes da pesquisa.

3.1.1 Observação dos espaços, das rotinas e das relações

Em ambos os centros de internação para medidas socioeducativas, o objetivo traçado para o primeiro dia da visita foi a observação dos espaços e materiais destinados à educação e leitura dos/das adolescentes e jovens atendidos/as. De acordo com Stake (2011, p. 104), “Um pesquisador planeja os procedimentos de observação de maneiras diferentes quando espera encontrar mais dados agregativos que interpretativos, e vice-versa”. Para tanto, foi elaborado o roteiro a seguir, com a finalidade de cruzar as informações obtidas por meio das entrevistas e dos relatos coletados.

Roteiro de observação dos espaços, objetos e práticas:

1. Espaços destinados à educação;
2. Espaços de leitura (biblioteca, sala de leitura, sala de livros, sala de aula, locais ao ar livre para essa finalidade);
3. Existência de livros e gêneros literários existentes;
4. Movimento dos/das adolescentes e jovens nesses espaços;

5. Existência de um/a profissional na biblioteca (seu trabalho, suas práticas);
6. Observação das aulas:
 - a) Sobre os processos e estratégias: Aplica sequências didáticas que envolvam leitura?
 - b) Demonstra conhecimento dos livros oferecidos no local e extrapola as indicações?
 - c) Propicia momentos de partilha?
 - d) Relação com os/as adolescentes: Demonstra interesse na fala dos/das estudantes? Avalia o desenvolvimento da habilidade leitora?
 - e) Propicia momentos prazerosos e de deleite, com a leitura (contação de histórias, saraus, músicas, etc.)?

A observação dos espaços e materiais foi realizada no dia do primeiro contato com as unidades e tudo foi registrado em áudio e transcrito para o Caderno de Campo, apêndice a este trabalho. A pesquisadora optou por gravar as próprias impressões no lugar de escrevê-las em um bloco de notas, para não perder o tempo das visitas, que, em ambos os espaços, foram acompanhadas pela coordenação.

3.1.2 Entrevistas

As entrevistas abertas foram “[...] orientadas por uma relação de pontos de interesse” (Gil, 2010, p. 120), que foram sendo explorados durante o percurso das visitas e interações, a fim de motivar as participantes a se engajarem numa conversa simples e evitar que ficassem nervosas ou tímidas diante do gravador.

Proposta de entrevista com professoras da Fundação CASA²⁴:

1. Perguntas de aproximação: Nome, tempo de serviço na Fundação, área de conhecimento.
2. Qual é a média de escolaridade das pessoas que passam por aqui?
3. Existe aqui, na Fundação, uma biblioteca? Caso negativo: existe algum espaço de armazenamento de livros? Se positivo, quem trabalha nesse espaço?
4. Os/As jovens e adolescentes procuram livros? De que estilo? Se negativo, por que você acha que eles/as não procuram?
5. Durante suas aulas, você insere leituras?

²⁴ Roteiro elaborado inicialmente para submissão do Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa e à UniCASA.

6. Existe alguma prática pedagógica que você deseja compartilhar?
7. Quão importantes são os espaços, como bibliotecas ou salas de leitura, para jovens e adolescentes que passam pela Fundação?
8. Como contribuir para que os/as estudantes se apropriem desse espaço?
9. Você frequenta alguma biblioteca? Por quê?
10. Como você caracterizaria sua relação com os livros?

A estratégia funcionou e foi possível conhecer mais as entrevistadas, suas preocupações, angústias e seu compromisso profissional. Não houve recusa por parte das pessoas e muito menos momentos desconfortáveis. As conversas fluíram enquanto ocorriam as apresentações dos espaços. O registro completo e transcrito das entrevistas abertas está no apêndice deste trabalho.

3.1.3 Grupo focal

A decisão por realizar esta técnica de coleta de dados se deu quando ainda havia dúvidas sobre entrevistar adolescentes e jovens individualmente para conversar sobre educação, leitura, relação com o livro, etc. A princípio, imaginou-se que seria bom perguntar de modo estruturado, seguindo um roteiro, quase como um questionário, mas, em conversa com a orientadora, a pesquisadora entendeu que a melhor maneira seria uma abordagem coletiva, de modo que cada pessoa pudesse se colocar e, ao mesmo tempo, provocar os demais a também responderem. Em seu livro, a professora Bernadete Gatti (2005) orienta muito bem o modo de desenvolver o grupo focal em pesquisas sociais. Segundo ela,

Em geral, podemos caracterizar essa técnica como derivada das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social. Privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios – conforme o problema em estudo –, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal forma que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas. (Gatti, 2005, p. 7).

Na proposta apresentada a ambos os centros de internação de adolescentes e jovens em medidas socioeducativas, foi explicado como seria a abordagem com os sujeitos da pesquisa e deixado a critério de cada coordenadora, tanto a quantidade de adolescentes quanto o convite a cada um/uma, levando em conta a temática geral

da pesquisa: livros, bibliotecas e leitura. As coordenadoras contaram com o auxílio das professoras de Língua Portuguesa para selecionarem as pessoas participantes. No dia combinado, a pesquisadora compareceu em cada espaço e realizou as abordagens, levando em conta as instruções acerca da preparação inicial, com a elaboração de um roteiro, a conferência do gravador de áudios e a caderneta de rascunhos, bem como os espaços cedidos pelas coordenadoras.

Roteiro de perguntas do grupo focal – adolescentes²⁵:

1. Perguntas de aproximação: nome, idade, escolaridade (apenas para mapear os/as adolescentes e não para identificá-los/as diretamente).
2. Existe aqui, na Fundação, uma biblioteca? Caso negativo: existe algum espaço onde se pode encontrar livros? Caso positivo: que tipo de acesso os/as adolescentes têm a esse espaço?
3. Alguém já foi até esse espaço? O que procurou lá? O que encontrou lá?
4. Existe algum incentivo para a leitura, aqui na Fundação? Qual?
5. Alguém aqui gosta de ler? Já leu algum livro? Que estilo de livro?
6. O que a leitura representa para alguém que não tem contato com o mundo exterior e não pode usar aparelhos eletrônicos?
7. Vocês gostariam de comentar algo mais sobre este assunto?

As perguntas foram apresentadas de modo sutil aos grupos e as respostas foram bem livres, quase como uma conversa entre amigos, a fim de que não houvesse timidez ou medo, por parte dos/das adolescentes, na hora de responderem sobre suas experiências. Em ambos os espaços, masculino e feminino, o clima de amabilidade e interesse mútuo correu até a despedida. Todos os que realmente liam bastante opinaram e participaram com conteúdo. Indicaram livros, filmes e séries, leram suas redações e poesias, sem medo e com muito orgulho.

No grupo masculino, foram atendidos apenas cinco adolescentes, dos quais dois haviam sido alfabetizados na própria Fundação CASA. Nos dois grupos femininos realizados, o número de participantes foi de vinte meninas, divididas entre as mais velhas, do Espaço 1, e as mais novas, do Espaço 2.

²⁵ Roteiro elaborado inicialmente para submissão do Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa e à UniCASA.

3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Cumpridas as fases iniciais da pesquisa, com as devidas coletas de dados, foi possível fazer uma triangulação das respostas obtidas e gerar os resultados que estão no capítulo 4, bem como suas análises qualitativas. A presente pesquisa baseou-se no método de análise de conteúdo, como forma de sintetizar os dados recolhidos em campo, categorizar as informações e inferir significados a eles. A análise dos resultados da pesquisa de campo ocorreu com a aplicação da técnica de análise categorial de conteúdo, conforme Bardin (1977).

Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação por temas, ou *análise temática* é a mais rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples. (Bardin, 1977, p. 153).

Seguindo as fases de organização e categorização dos dados coletados, procedeu-se à interpretação dos depoimentos e entrevistas. Por se tratar de uma pesquisa, cujo interesse se volta para a existência de espaços educativos de leitura (bibliotecas ou afins) e as práticas de leitura realizadas na Fundação CASA, bem como a percepção dos/das adolescentes e jovens, acerca do significado e relevância de tudo isso para suas vidas, algumas categorias foram definidas *a priori*, ou seja, foram concebidas antes mesmo da saída a campo, utilizando o aporte da revisão de literatura realizada. Os roteiros de observação, entrevistas e grupo focal, ainda que não fossem elementos rígidos, já indicavam, de alguma forma, os objetivos elencados na introdução e as concepções estudadas na teoria. Estas primeiras categorias são: os espaços, os sujeitos, as práticas de ensino e os significados da leitura.

Para que a análise de conteúdo pudesse ser realizada, o primeiro passo foi a transcrição de todas as informações gravadas. O segundo passo foi a leitura de todos os depoimentos coletados, para destacar as unidades de registro (frases) que se identificam diretamente com as categorias preestabelecidas. Com a leitura exaustiva do material coletado, algumas partes das entrevistas e depoimentos gravados foram cortadas deste trabalho, pois, ainda que sejam ricas em detalhes, não se fazem necessárias para os objetivos desta pesquisa. Além disso, notou-se que novas categorias emergiram da leitura dos dados empíricos, destoando um pouco da análise de conteúdo tradicional, em que se devem elaborar as numerosas e extensas tabelas, com as unidades de registro, onde estão as categorias, que são alvo do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico deverá tratar dos resultados encontrados na pesquisa de campo, bem como desenvolver as análises e discussões, à luz da teoria. Para melhor aproveitamento da apresentação dos resultados, o tópico foi dividido em duas partes, as percepções do campo masculino, chamado CASA Monte Cristo, aludindo ao romance de Dumas (2008), e do campo feminino, chamado CASA Jardim Secreto, em referência ao romance de mesmo nome, de Frances Hogson Burnett, de 1911. A última parte do tópico se destina às análises e discussões. Os relatos completos poderão ser lidos no apêndice deste trabalho.

As categorias temáticas iniciais definidas *a priori*, com base nos roteiros preestabelecidos da pesquisa, são ora apresentados em formato de tópicos, aos quais vão sendo acrescentados depoimentos e recortes, tanto do Caderno de Campo quanto das entrevistas e grupo focal, sendo comentados e analisados.

4.1 CASA MONTE CRISTO

Este tópico trata das categorias espaços, sujeitos e práticas e significados da leitura, verificadas no tratamento de dados da CASA masculina. Importante mencionar que os adolescentes e jovens participantes do grupo focal foram indicados pela professora Celeste, de Língua Portuguesa, com a ideia de oferecer um contraponto, com a indicação de meninos leitores bem desenvolvidos e outros ainda em desenvolvimento. Os dados foram compilados das transcrições e organizados nas categorias.

4.1.1 Espaços

Para ambientar o relato, embora se possa consultar livremente toda a transcrição das visitas e interações, este tópico apresenta uma pequena reconstrução do cenário encontrado na visita, bem como um breve parecer sobre a rotina de horários e tarefas realizados pelos adolescentes.

Quadro 1 – Atividades dos internos

Horários	Atividade	Observação
5h30 – 6h	Despertar e preparativos	De segunda a sexta
7h15 às 12h50	Aula formal (SEDUC)	De segunda a sexta
14h30	Oficinas/cursos	Três vezes por semana/opcional
14h30	Práticas esportivas/leituras	De segunda a sexta/opcional
19h	Instituições religiosas	De segunda a sexta/opcional
22h	Recolher/adormecer	De segunda a sexta

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com informações obtidas pela coordenadora Mercedes.

Este quadro foi construído com base no depoimento da coordenadora pedagógica. Percebe-se que os finais de semana não foram mencionados, por dois motivos: a equipe pedagógica não trabalha aos fins de semana e porque, no geral, as atividades de fim de semana, além das visitas das famílias aos domingos, ou são propostas pelas igrejas e suas programações típicas, ou por funcionários que realizam algumas atividades físicas, como pequenos torneios, etc.

Sobre o espaço físico, trata-se de uma construção muito sólida, de grossas paredes e pesados portões, pintados de branco e azul royal. Na entrada, há um pequeno jardim, que não é acessível nem mesmo ao olhar dos adolescentes. A parte administrativa, com as salas do diretor, da coordenadora e outras, além da lavanderia e refeitório dos funcionários, fica fora do complexo construído para o acolhimento dos jovens e adolescentes. Para acessar esta parte, é necessário passar por seguranças e um enorme portão azul, que, ao ser atravessado, apresenta uma divisão, pois, naquele local, há duas unidades com as mesmas dimensões. São quatro pavimentos perfeitamente iguais, sendo dois módulos cada uma. As unidades não se comunicam e mesmo os funcionários não têm contato. Os módulos se alocam em grandes espaços espelhados, contendo uma quadra bem grande, com espaços para que os internos tomem sol, como uma arquibancada e, ao redor dessa quadra, há quatro dormitórios, dos quais apenas dois estavam em uso, em cada módulo, com beliches em alvenaria, e banheiro privativo, embora sem porta, mas protegido por uma pequena parede. Há outro banheiro apenas com chuveiros coletivos, e no outro lado da quadra estão as salas de aula.

Na parte da escola, há quatro salas de aulas, com tamanhos regulares e o uso muito aquém da sua capacidade, com uma média de dez estudantes por sala, todos identificados por uma lista na porta. Não há mais carteiras do que o número de alunos, o pé direito é muito alto, o que faz bastante eco e uma sensação de muito barulho, se

houver muitos alunos falando ao mesmo tempo. A lousa é apenas uma parede com tinta escura para giz e a mobília é toda em plástico. Não há estantes e nem livros, os cadernos e estojos são entregues e recolhidos ao final de cada aula, sempre conferido o número de lápis e canetas. Os livros didáticos, caso necessários, são distribuídos pelos professores, de acordo com sua aula. Os cadernos não podem ser usados para nenhum outro fim, como escritas de músicas, diários ou desenhos, pois, segundo os funcionários, esse material pode ser solicitado pelo juiz, a fim de avaliar a qualidade do estudante.

Os espaços de uso coletivo são: a quadra, em que todos podem permanecer juntos; a sala de informática, em que podem ir alguns poucos por vez, no máximo seis meninos; e a biblioteca, lembrando que, na falta de funcionários para acompanhamento, não se pode ler lá dentro. Os internos ainda podem usar outros espaços em ocasiões especiais; por exemplo, quando seus familiares não podem visitá-los, a coordenação providencia que haja ao menos um encontro presencial agendado na semana, uma ligação telefônica ou até uma videochamada, que ocorrem em salas específicas, mobiliadas com cadeiras plásticas.

A biblioteca é um cômodo semelhante a uma sala de aula, com quatro estantes de aço de cada lado, tendo ao centro uma mesa comprida, com quatro cadeiras e, na parede à frente, um quadro triplo, com imagens étnicas africanas; já, ao lado da porta, há uma outra mesa de professor com uma cadeira e um ventilador. As estantes são separadas por temas, com etiquetas coladas nas prateleiras: ficção, romance, autoajuda, livros pedagógicos, um pouco de livros didáticos, espiritismo, cristãos, literatura, contos, artes, etc.

Embora seja uma sala cadastrada oficialmente como biblioteca, o esforço para que o espaço enfim se tornasse uma biblioteca ocorria pela iniciativa dos funcionários, pois, como a coordenadora disse, aquela era a “menina dos olhos” da CASA Monte Cristo. Boa parte dos livros daquele espaço foram doados por benfeitores, como Leandro Karnal²⁶ (que é amigo da professora Lúcia). Os professores e professoras do centro também contribuem constantemente, pois, acabando a leitura de um livro, logo o conduzem à biblioteca; além disso, quando há alguma atividade diferente, uma

²⁶ Leandro Karnal é um historiador, escritor, palestrante e professor brasileiro. Ele nasceu em 1963 e é conhecido por suas palestras e participações em programas de televisão, abordando temas relacionados à história, filosofia, ética, educação e comportamento humano.

palestra, uma pesquisa, sempre usam esse espaço. Como a professora Lúcia diz: “Aqui o ambiente é mais propício para a leitura, para o estudo, para o letramento”.

As instituições que realizam trabalhos voluntários aos fins de semana, como grupo de cantos, música ou teatro, principalmente as religiosas, também contribuem com frequência com doações, o que realmente se pode notar, com as estantes de livros com temáticas religiosas. É possível que ao menos uma das oito estantes existentes seja dedicada inteiramente às temáticas religiosas de diversas denominações, como do espiritismo, Igreja Universal, Testemunhas de Jeová, entre outras. A Secretaria de Educação não envia livros de leitura para os internos e a própria Fundação não fez nem a composição inicial do acervo e nem a reposição dos livros da biblioteca. O que se mostra um grande problema, já que não há uma reflexão acerca dos livros que possam ser oferecidos, se existe uma adequação com as necessidades psicológicas, sociais e de desenvolvimento dos usuários.

Os internos podem ir àquele local, apenas uma vez por semana, para escolher ou renovar o prazo dos livros e depois depositam suas escolhas em uma caixa que fica em um pequeno hall, à entrada de cada módulo. Um espaço de leitura são as arquibancadas da quadra, segundo a coordenadora, aos fins de semana há alguns garotos que aproveitam o sol da manhã para ler, mas, por não haver cobertura, não funcionavam muito bem em dias de muito sol ou chuva. No grupo focal, ao ser questionado, Edmundo relata qual seu horário e local favorito para a leitura.

Pesquisadora – Qual é o horário favorito de vocês para ler?

Edmundo – Dentro do quarto, senhora. Fico lá deitado e tem até às dez horas. Um sete horas eu já faço tudo e vou pro quarto... A luz desliga às dez horas. Então, eu aproveito para ficar lendo lá mesmo.

Com o rígido horário para se recolher, os adolescentes ainda precisam devolver o livro no hall de entrada do módulo, para depois dormir.

4.1.2 Sujeitos

A CASA Monte Cristo está em uma localização de difícil acesso, o que pode ser percebido pelos almoços conjuntos e no fato de que raramente os funcionários se alimentam fora, em bares ou restaurantes, como apresentou a coordenadora Mercedez:

Coordenadora – Existe também o refeitório dos professores, com microondas e um sistema de aquecimento da comida dos funcionários,

por banho-maria, isto porque a localização é muito difícil e não há comércio no entorno. Por isso todos trazem o seu almoço.

Por terem sido muito breves os períodos de observação das relações entre os funcionários, é possível que a visão de proximidade e de cordialidade das relações de trabalho, estejam enviesadas, inclusive pela descrição do ambiente, feita pelos funcionários, já que almoçam juntos e têm longos períodos de convivência dirigindo-se uns aos outros de modo bem pessoal e com grande familiaridade. Com relação ao número de funcionários, entende-se que haja uma defasagem de pessoal, como informa a professora Lúcia: “É que para vir aqui, precisa ter funcionários para acompanhar e o número dos funcionários é pouco”. Há uma necessidade de novos concursos ou novas formas de ingresso, para que os ambientes não fiquem descobertos de acompanhamento.

Traçando rapidamente o perfil dos profissionais, temos aqueles que são de nível médio, como os agentes de segurança, cujo acesso ocorre por concurso público (com quem não foi possível estabelecer contato); os agentes educacionais, com nível superior, também acessando o trabalho por concurso público, como a coordenadora pedagógica Mercedes, os educadores de Educação Física Jane e Davi, a professora de redação Jéssica, a professora alfabetizadora Lúcia. Os professores contratados ou concursados pela Secretaria de Educação do Estado, designados como professores da CASA, como a professora Maura, de História, e a professora Celeste, de Língua Portuguesa. Sobre a formação das professoras:

Celeste – Sou formada em Letras, também tenho Pedagogia, já fiz outros cursos. Eu tenho uma Extensão na USP, Psicologia da Educação, fiz curso de Inglês na Cultura Inglesa e também curso oferecido pela Secretaria da Educação na EFAP [Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação].

Lúcia – Sou pedagoga. Faz 19 anos. Já vi de tudo por aqui.

Ainda que não se possa de fato aferir todos os tensionamentos do convívio entre os funcionários, pode-se perceber a cortesia com que os profissionais se referem uns sobre os outros, como no depoimento da coordenadora Mercedes, que demonstra sua afeição e admiração pelo trabalho dos professores:

Coordenadora – A Celeste é professora de Língua Portuguesa, mas ela é de artes também! Faz coisas lindas, de Dia das Mães, de decorações... a Celeste é multiuso! Olha, graças a Deus, eu tenho bons professores. O pessoal da pedagogia é muito ativo, ninguém fica sem fazer nada. Todos os meus professores são meus grandes parceiros que dificilmente faltam. São bem engajados.

Coordenadora – A preocupação dos professores é tão grande que até marcaram planejamento para o horário de aula com receio de que os alunos ficassem sem assistência. Não queriam parar de trabalhar.

As professoras que têm o maior contato com os internos, seja pelo número de aulas atribuídas, seja pelos projetos que realizam, são Celeste e Lúcia. Apenas pelo contato com os jovens durante o grupo focal, foi possível perceber a harmonia do relacionamento entre elas. Cada uma a seu modo, percebe-se que ambas demonstram ter muita familiaridade com os espaços, com o modo como a Fundação trabalha e com os internos. A professora Lúcia afirma: “Eu sou brava, mas eles gostam. Quando eu tiro o Alberto, eles ficam pedindo: ‘Oh, senhora Lúcia, eu não sei ler, não sei escrever’”, só para sair um pouquinho de lá, sabe. O relacionamento percebido nas palavras e atos não era apenas hierárquico, mas afetivo. A professora Celeste aparentava oferecer maior liberdade, com uma linguagem próxima à dos estudantes, enquanto a professora Lúcia permanecia mais firme, mas com bastante empatia.

Sobre os internos, não há um perfil típico de jovem ou adolescente da Fundação CASA. No geral, eles são bem diversos, quanto à cor da pele, ainda que prevaleçam os pretos e pardos, embora em uma conversa informal entre os agentes de segurança, na hora do almoço, um deles, que trabalha na mesma unidade há vinte anos, afirme que dez anos antes, podia-se “contar nos dedos” o número de meninos brancos apreendidos. Sobre suas aparências, é difícil distinguir a personalidade de cada um apenas por meio de observação, já que todos estão uniformizados, com bermudas azuis, camisetas cinzas e chinelos de alça azul clara, além disso, não existe exclusividade ou posse, tudo pertence à Fundação e eles recebem, ao entrar: uma sacola com itens de higiene pessoal, lençóis e cobertores perfeitamente iguais. Esta é uma das características das instituições totais: a disciplina e a uniformização, não apenas de atos, mas de aparência e comportamentos.

A capacidade máxima de internos que podem ser atendidos naquela unidade é de 52 internos, mas, na ocasião, a CASA contava com 38 jovens e adolescentes, com uma média de idade entre 17 e 19 anos. No geral, os jovens moram na Capital; com raras exceções, a maioria dos internos é da periferia de São Paulo, o que facilita a visita das famílias. Outro fator de destaque desta unidade é a inadequação idade / série / saberes, ou seja, a escolaridade discrepante com o desenvolvimento, como apresenta a coordenadora Mercedes, ao ser indagada sobre a presença de internos

que não dominam o sistema de escrita: “Aqui, nós temos bastante! São muitos meninos que chegam até 17, 19 anos, e simplesmente não sabem ler”. Além daqueles estudantes que desistiram da escola, ou que avançaram sem ter os devidos conhecimentos do ano de matrícula.

Uma característica desta unidade, em particular, é que se trata de um acolhimento exclusivo de reincidentes, o que significa que os adolescentes e jovens que ali residem já tiveram passagem e internação em outras CASAS da cidade. Pela sua idade,

Coordenadora – Dificilmente um menino que está aqui hoje, vai passar novamente por esta instituição ou por outra. Normalmente, eles já vão ser julgados como adultos, caso cometam novamente algum ato infracional. Aí vai para o CDP [Centro de Detenção Provisória].

Sobre a questão da violência e agressividade, foi possível perceber, pelos comentários indiretos dos funcionários, que aquela unidade recebia sempre os internos transferidos de outras unidades, por questões comportamentais, com histórico de brigas, de bullying ou de doenças mentais, os quais, sob acompanhamento de especialistas da saúde pública, tomavam remédios psicotrópicos.

A CASA Monte Cristo é vista como uma unidade de segurança e com uma rigidez, ou disciplina maior que as outras unidades, o que se mostra pela quantidade de seguranças, portões e trancas, pela disciplina mais evidente e pelo modo como os internos se dirigem a todos os adultos que lidam com eles, sempre pelo pronome de tratamento “senhor/senhora”, ao início e ao final de cada frase. A leitura que se faz dos corpos desses jovens, obedece uma métrica, dentro da qual, toda e qualquer alteração pode ser sinal de desvio de conduta ou agressividade.

A coordenadora informou que um dos motivos para tanta disciplina é a idade dos jovens, que já são mais velhos e até conscientes de sua condição e de que sua “última chance” de ter uma vida melhor e livre é avançar na sua medida e não voltar a infracionar. Isso remete o pensamento à ideia de docilização dos corpos (FOUCAULT, 1987): os rebeldes, fora da métrica, não são considerados “normais”, precisam se adequar a tais regras para serem novamente vistos como promissores. Algumas falas irrefletidas, não condizem com o afeto com que as profissionais descrevem seu trabalho, mas são falas típicas da instituição, um modo resignado e equivocado de pensar que apenas a Fundação poderá oferecer uma chance a um jovem de 19 ou 20 anos. Tal discurso, por ser construído dentro dessa instituição, de

certa forma, ostensiva, traduz as microviolências a que os adolescentes são expostos, ainda que possam ter um tratamento acolhedor, de um lado, demonstra de fato, o peso da instituição sobre seus ombros, bem como a constante ameaça de ter que retornar a um outro ambiente de privação de liberdade, se não souberem “aproveitar” sua “última chance”.

4.1.3 Práticas e significados da leitura

O presente tópico deve apresentar as maneiras pelas quais a leitura acontece, na CASA Monte Cristo, seja por meio da atuação institucional direta, por meio das aulas dos seus professores e por iniciativa dos próprios adolescentes e jovens. O que move este tópico é a pergunta: por que alguém se sente movido a ler, em um ambiente de privação de liberdade, como a Fundação CASA?

Para responder a esta pergunta, pode-se voltar um pouco nos relatos da coordenadora, em que afirma que, embora a Fundação não reponha os livros e raramente envie novos volumes, a simples presença de uma sala cadastrada e reconhecida pelo nome e função de biblioteca, em si, já é o primeiro motivo para a existência de leitores. Através de um e-mail direcionado a uma educadora da UniCASA, que é uma profissional que trabalha na autorização da execução de projetos e pesquisas nas unidades da Fundação CASA, foi questionado quantas unidades possuíam bibliotecas, ao que a educadora respondeu que todas as unidades deveriam ter acesso ao menos a bibliotecas digitais:

No início de 2021 foram liberados, pela Divisão de Tecnologia da Informática - DTI da Fundação CASA, os links que dão acesso ao acervo das Bibliotecas Virtuais do Estado de São Paulo. (Educadora da UniCASA, 2023)

Tendo como base a CASA Monte Cristo, que conta com apenas seis computadores e funcionários insuficientes para o acompanhamento dos internos, de maneira geral, tal acesso aos acervos virtuais não seriam tão eficazes ao estímulo da leitura na instituição. Em um depoimento da professora Celeste sobre a existência de bibliotecas nas outras unidades em que trabalhou, ela relata:

Celeste – Ter, tem... mas só que os meninos são desinteressados e os meninos, eles danificavam os livros, né? Tinha aquela mania, né de que “eu tenho o poder” e danificavam os livros... Não sei agora, mas na época era assim... Os adolescentes eram assim, não gostam de ler, não... Aqui eles são mais interessados, gostam de ler... Mas, assim, tudo muda...

Por serem reincidentes e terem passado por outras unidades, os jovens relataram, no grupo focal, a existência de bibliotecas em outras unidades:

Pedro – Na nossa primeira internação, a gente foi para Diadema... lá a biblioteca era bem grandona.

Peter – É... a gente lia lá dentro... tinha cadeira, mesa, puffs...

Pedro – Era tudo organizado! [...] Ele era preguiçoso, senhora, ia para lá só para ficar dormindo... fazia a caminha dele e ficava dormindo... [risos].

A UniCasa não informou ao certo se todas as unidades teriam bibliotecas, mas, pelos relatos apresentados, existe um incentivo institucional à leitura, ainda que incipiente, ao menos na unidade estudada, por não haver uma política de reposição de acervo, por não haver uma pessoa responsável pelo espaço e por não proporcionar o mínimo para o exercício da leitura, como a estrutura que o jovem Peter menciona em seu relato acerca da Unidade de Diadema.

Durante o grupo focal, mediante a pergunta sobre o local de leitura, a professora Lúcia respondeu: “[...] eles levam os livros e podem ler livremente no pátio, no horário que eles têm disponível”. Ao mesmo tempo, o jovem Peter relatou: “A gente também lê muito no quarto, senhora”. A professora Celeste, em um outro momento, destacou:

Celeste – Então, quando eles têm interesse de vir aqui na biblioteca, aí eles escolhem os livros que eles querem e levam lá pro pátio, que tem uma caixa... deixam os livros... só, assim, não é permitido ler dentro da sala de aula, quando o professor tá dando aula, tá explicando, mas, quando tem uma atividade de leitura, é permitido pegar livros.

Os relatos convergem para um fato: os estudantes dessa unidade leem em espaços pouco propícios, como refeitório, arquibancada da quadra. São impedidos de ler na sala de aula, em que há materiais para anotar e mesa para apoiar os livros.

Percebe-se que a professora tem uma postura de diálogo, de respeito com os internos, de modo que os aconselha, incentiva por meio de palavras e discursos; muitas vezes planeja suas práticas com antecedência, mas não tem uma ação sistemática, visando de fato, à leitura de livros. Abaixo estão alguns excertos de suas falas, ao longo da sua entrevista e de outros momentos de interação, sobre a relação de suas aulas e os livros:

Celeste – A leitura e interpretação também, nem se fala, eu nem passo livros... eu pego pequenos textos ou trechos, como o que eu usei na prova de hoje e o que eu passei na lousa... pequenos textos. Pra eles aprenderem. Textos curtos e trabalho com eles. Daí, conforme for o desenvolvimento deles, eu aumento o grau de dificuldade.

Quanto aos livros que trabalhamos com os meninos aqui, eu costumo trabalhar com as apostilas que são as mesmas das escolas estaduais, para sexto ano, mesmo para os oitavos e nonos e vou dizer que até mesmo para o ensino médio. Alguns deles ainda estão nesse nível. Mesmo assim os adolescentes ainda conseguem fazer as atividades em parceria, ou com o professor. Umhas palavrinhas simples, parece que nunca ouviram, por isso que nesse primeiro bimestre estou trabalhando com nível de quinto ano e, conforme for o desenvolvimento deles, eu vou subindo...

Pesquisadora – Enquanto você dá aulas, indica livros daqui para eles?

Celeste – Ah, eles perguntam... Aí eu dou um spoiler... Tem livros de romance, que eles gostam... livros de autoajuda, que eles gostam mais ainda, principalmente Augusto Cury...

Eu trago contos, peço para fazer uma leitura compartilhada, aí eu volto parágrafo e pergunto: “O que vocês entenderam? Tem uma palavra aqui que vocês não sabem o significado? Vamos procurar no dicionário, o significado?” Aí tem aluno aqui que nem no dicionário sabe procurar... Então, é assim, é um trabalho de formiguinha.

Pesquisadora – Você trabalha poesia com eles?

Celeste – Trabalho, mas só que eles não gostam muito... falam que tem umas coisas que não tem nada a ver... O que eles gostam de fazer é música funk. É música, música... então, vamos trabalhar. Mas eu falo para eles, eu explico: porque a poesia... o que é poesia. Porque a literatura é importante.

Pesquisadora – Sobre as suas aulas, especificamente, você consegue inserir a leitura de um livro?

Celeste – Bem, geralmente, assim, eu faço na sexta-feira, mas eu trabalho mais textos assim, com eles... Ah, também depende muito do dia. Eu trabalho textos e também trago os livros [didáticos] para eles e faço a leitura compartilhada. [...] Eu também pego os livros de literatura e trago para eles verem... e faço comentários... Mas ainda não tive essa oportunidade... Vou ver agora, no começo de abril, para fazer essa estratégia de leitura... trazer para eles lerem e fazer um resumo, já pensando como finalidade na escrita e no vestibular.

Muitos assuntos podem ser abordados, por causa dessa reunião de depoimentos da professora. Pode-se iniciar uma discussão pela forte influência que a professora tem pela gramática. Aparentemente, em alguns momentos, a sua vontade de que os conhecimentos gramaticais devam existir antes do texto, em suas mais diversas formas, é uma constante. Isso se tornou bem evidente quando após uma prova, os estudantes foram convidados a copiar um texto da lousa para acrescentar as vírgulas nos lugares certos. Sua preocupação parece muito voltada à forma “[...] e eles têm muita dificuldade com a escrita [...] escrevem sem coerência, sem coesão e a gente tem que explicar para eles o que é coerência e coesão” (Celeste). Até mesmo o uso do livro didático encontra uma resistência, pois, no geral, “[...] eu costumo

trabalhar com as apostilas que são as mesmas das escolas estaduais [...]”, com o argumento de que os estudantes não acompanhariam, não conseguiriam, pois desconhecem as palavras.

De alguma maneira, há uma falta de confiança de que os estudantes conseguiriam ler alguma coisa mais elaborada. “A leitura e interpretação também, nem se fala, eu nem passo livros... eu pego pequenos textos ou trechos”. A professora se afasta e os afasta da literatura, como se os estudantes precisassem atravessar uma fronteira da sapiência até chegar a um outro mundo de complexidade, com a literatura. Quando menciona: “Eu também pego os livros de literatura e trago para eles verem... e faço comentários... Mas ainda não tive essa oportunidade”, a professora apresenta uma ambiguidade e talvez realmente nunca tenha trabalhado com livros com os estudantes, ao mesmo tempo em que já associa a sua leitura a uma proposta de escrita, com a finalidade de que se saiam bem no vestibular.

Devido ao alto índice de adolescentes e jovens que desconhecem o sistema de escrita ou ainda que têm muita dificuldade de leitura e interpretação, a unidade Monte Cristo desenvolveu uma estratégia que, definitivamente, tem mudado a vida dos seus estudantes. A professora Lúcia, uma senhora que trabalha naquela unidade há 19 anos, concursada pela Fundação como educadora, desenvolve um projeto admirado por todos: o Projeto Reforço. Sobre ela, a coordenadora Mercedes relata:

Coordenadora – Eu tenho, nesta unidade, a Lúcia. Ela é uma pessoa extraordinária, que faz um trabalho muito bonito com os meninos que querem aprender a ler. Ela deveria até ficar com algumas atividades administrativas, mas faço questão de cobrir essa parte, só para deixar ela livre para fazer esse trabalho... normalmente, ela alfabetiza esses meninos em poucas semanas.

Com essa iniciativa, validada por todos os profissionais da CASA, a professora vai atendendo os estudantes em suas necessidades e conforme sua vontade. Nas palavras da professora:

Celeste – Quando chega um aluno novo aqui no centro, a Lúcia faz uma sondagem para saber a proficiência desse aluno no geral. Eu também pergunto algumas coisas sobre a escolarização anterior dele.

Com essa recepção, os estudantes são alocados nas turmas, de acordo com a documentação de escolaridade que trazem e, ao mesmo tempo, são introduzidos às primeiras letras na Biblioteca, com horários agendados, normalmente na parte da tarde, de modo que não haja ausência às aulas formais. Mercedes mencionou que a “[...] ideia da Lúcia é diminuir essa defasagem a ponto de que o menino consiga

acompanhar as aulas”. Uma orientação que Lúcia dá aos professores é que, para facilitar seu trabalho, eles elaborem algumas atividades mais simples, do mesmo conteúdo que ministram aos demais, assim, os jovens não ficam tão dispersos e se sentem confiantes em participar das aulas.

Um caso de grande mérito, que todas elas mencionaram por diversas vezes, foi o caso do jovem Alberto, de 19 anos, que até o início do ano de 2023 não sabia ler, mas que atualmente está começando a ler pequenos textos, escrevendo seu nome e sobrenome e também identificando a letra cursiva da professora no quadro. A preocupação com esse menino, especificamente no início, foi bem grande, ao que a coordenadora orientou os professores da seguinte forma:

Coordenadora – Ainda falando sobre o Alberto, ele ainda tá bem no início. Por isso, pedi para os professores trazerem atividades diferenciadas para ele. Eles poderiam imprimir, até lá na minha sala, ponto com atividades mais cheias de desenhos, formas e cores, com elementos simples, para que ele não fique parado enquanto os outros estão fazendo atividades um pouco mais complexas. Do contrário, ele não consegue desenvolver e fica desestimulado.

Com o atendimento individualizado, Alberto começou a dar sinais de gratidão, considerando que era muito tímido quando entrou e também muito reprimido. Não abria o caderno, não fazia lição e não conversava com os demais. Frequentemente seus companheiros tentavam se aproveitar dele, enganá-lo ou mesmo depreciá-lo por sua cor, sua altura, sua timidez e isso o tornava também agressivo, ao que se envolvia em brigas. Como ele chegou mais para o final do ano de 2022, provavelmente deveria estar no 1º ano do ensino médio, mas, após a intervenção da professora Celeste, ele foi retido e, em 2023, estava no 9º ano.

Após as aulas de reforço e o esforço conjunto dos professores da CASA, o rapaz mudou bastante. Agora, ele é alegre e sorridente, comunicativo, realiza as tarefas adaptadas. A professora Celeste mencionou a frase que o jovem lhe disse: “Eu fui resgatado!”. E ela se emocionou, assim como a coordenadora e a professora Lúcia. Todas elas têm um grande carinho por Alberto e pela sua determinação. Durante o acompanhamento da aula, o aluno abordou a pesquisadora em dois momentos diferentes. A princípio, para apresentar seu caderno, com uma letra bem grande e caprichada, com exercícios colados, pintados por ele, entre outros exercícios de desenhos, que ele se orgulhava de mostrar e explicar. Em outro momento, curioso para conhecer melhor seu trabalho, estabeleceu o seguinte diálogo:

Alberto – Senhora, é curso isso daí que a senhora fez pra poder entrar aqui?

Senhora, que bom que a senhora se preocupou com nós! Até conseguiu entrar aqui, mesmo sem ser mãe de ninguém daqui... Senhora, a senhora tá fazendo esse trabalho em outras CASAs? Já foi lá no Brás?

Pesquisadora – Não, estou fazendo em uma unidade masculina e em outra feminina.

Alberto – Ah, e qual é a que a senhora vai? Vai ali no Jardim Secreto?

Pesquisadora – Sim.

Alberto – Dizem que lá tem espaço pra menina grávida, né? Que tem até nenenzinho lá... é verdade? Lá é mais bonito que aqui?

Todas as perguntas do Alberto foram respondidas, mas foi uma grande surpresa, tanto para a professora que presenciou a abordagem dele com uma pessoa estranha e, ao mesmo tempo, demonstrou um pouco do que a professora Lúcia falou sobre o perfil desses adolescentes e jovens: “É falta de pai, mãe, família, alguém que ame com limites. Um abraço, um colo, uma chamada de atenção [...]” e sobre o Alberto:

Lúcia – Sim, o Alberto se empoderou depois que aprendeu a ler... se libertou! Ele entende as coisas, as malícias, entende o que os meninos dizem, aceita ou não aceita, ele tem escolha. Agora é o letramento, que depende muito dele...

A professora Lúcia, com toda a sua experiência de alfabetizadora, tem consciência de que não basta decodificar, é preciso interpretar, por meio do exercício da leitura. Ela informou que, após os rapazes separarem os livros que lerão no fim de semana, embora alguns tivessem optado por não escolher nenhum, ela mesma separa alguns e coloca na caixa, pois “Na hora do ‘nada’, quando não dá para fazer um esporte, porque tá chovendo, um livro no cantinho é uma sugestão!”.

Caminhando para a última parte deste tópico, a descrição das práticas de leitura dos internos, pensando em suas motivações, influências e modos de leitura, pode-se iniciar pela compilação dos depoimentos, tanto do grupo focal, que foi realizado com apenas cinco jovens: Alberto, 19; Fernando, 17; Pedro, 17; Edmundo, 19; Peter, 16, como quaisquer outras menções dos rapazes, durante a aula, acerca do motivo que levou a cada um deles a começar a ler. A professora Lúcia e a professora Celeste acompanharam a conversa, com bastante interesse.

Ao perguntar aos cinco jovens quem gostava de ler, a resposta foi unânime: todos responderam positivamente. Quando perguntados sobre quantos já tinham conseguido ler um livro inteiro, eles já passaram a enumerar as quantidades de leituras realizadas, apenas na internação atual, sem contar com as outras “passagens” em outras unidades. Alberto, que estava entre os indicados para o grupo, timidamente

respondeu que também leu, mas sua insegurança frente aos demais colegas foi evidente: “Eu li quatro, mas era gibi, serve?”. E após a resposta positiva da pesquisadora, sentiu-se mais encorajado a responder as demais perguntas.

Com relação aos gêneros literários de que mais apreciavam, as respostas foram: romance, ficção, autoajuda, religioso, históricos, baseados em fatos reais. Conforme os meninos foram respondendo, o aluno Fernando permaneceu calado, e sendo inquirido sobre seu estilo favorito, respondeu:

Fernando – Ah, qualquer livro eu leio.

Pesquisadora – Você não tem uma preferência?

Fernando – Não, senhora.

Após esta resposta, Fernando informou que foi alfabetizado recentemente, em uma outra unidade: “Eu aprendi a ler no ano passado, dentro da Fundação CASA, senhora... ler e escrever”. O que explicou o seu silêncio na maior parte das perguntas e comentários, pois, assim como Alberto, Fernando ainda estava iniciando sua trajetória de leitor, apropriando-se dos comportamentos, escolhendo um estilo que o agrada, enfrentando desafios de interpretação, de vocabulário, etc. Isso justificou sua postura rígida e o constante silêncio, quebrado apenas quando lhe dirigiam a palavra. Para que ficassem mais à vontade, foi facultada desde o início a participação de todos, de modo que, se quisessem permanecer sem responder, ou se quisessem se retirar, estariam livres. Todavia, Fernando não se moveu. Aparentemente, ele não queria ir embora, queria permanecer ali, observando, assimilando.

Com relação ao local e horário em que gostam de ler, os meninos mencionaram o mesmo: à noite, no quarto.

Edmundo – Dentro do quarto, senhora. Fico lá deitado e tem até às dez horas. Umas sete horas eu já faço tudo e vou pro quarto... A luz desliga às dez horas. Então, eu aproveito para ficar lendo lá mesmo.

Devido ao fato de não terem mesmo outro lugar com certo conforto onde ler, os adolescentes, muitas vezes, amontoam-se no quarto, nas próprias beliches ou no chão, a fim de conhecerem uma nova história. Perguntados acerca do hábito de leitura, se haviam aprendido com a família, Alberto respondeu que, em sua família, sua avó costumava ler a Bíblia: “Sempre vi ela lendo”. E Fernando respondeu, mesmo sem ser perguntado diretamente: “Na minha família, só eu, só, senhora”. Já os demais informaram que não havia leitores em suas casas. Sobre a motivação, dois depoimentos chamaram a atenção:

Edmundo – Eu comecei a ler quando estava em outra internação. É muito tempo ocioso, pensando, pensando... A cabeça não para... Peguei um para relaxar e, quando eu vi, já tava indo para outro e outro...

Peter – Eu também, senhora, quando tava em outra CASA. Eu não gostava não, senhora, mas depois que eu li o primeiro eu vi que eu podia! Comecei a pegar gosto e fui lendo...

A motivação inicial foi o fato de ter um espaço disponível e estarem sem fazer nada. A disposição dos livros, o convite que um espaço acolhedor pode proporcionar, simplesmente por existir no lugar e na hora certa, permite o encontro perfeito entre o livro e seu leitor. É o poder da biblioteca, nessa relação pacífica, mas não passiva. Edmundo menciona seu sentimento momentâneo, relacionando o livro a um remédio para a sua ansiedade: “Peguei um para relaxar” (alude quase a um cigarro). Ainda pensando nessas motivações para a leitura, há neles um discurso incutido ao qual deve ter ouvido falar muitas vezes. Esse discurso chega aos ouvidos dos alunos, na escola, por meio de seus professores, coordenadores. Ele está inserido no currículo oculto da escola, como também nas propagandas de TV e em outras formas de influência sofrida pelos jovens: “Além da gente ler, senhora, a gente aprende conhecimentos novos, a gente aprende as escritas, como se fala, como se escreve [...]” (Peter). Essa visão utilitarista da leitura deixa em todos a obrigação de estar sempre aprendendo, sempre produzindo. Não há espaço para o ócio, para o deleite.

Antes de serem apreendidos, nenhum deles tinha o hábito de leitura e, mesmo na escola, isso não acontecia. Na realidade, a escola sequer foi lembrada pelos jovens. A menção veio da pesquisadora, que quis saber sobre o incentivo à leitura no ambiente escolar. As respostas foram evasivas, mas Fernando, o tímido jovem silencioso, respondeu algo de grande significado: “Acho que, lá fora, a força de vontade é muito pouca, senhora. Acho que o apoio aqui dentro é melhor”, o que significa que ele percebe o esforço das equipes de educadores, para que eles aprendam e não sejam mais reincidentes. Peter completou e Pedro concluiu:

Peter – Querendo ou não, lá fora a gente tinha outras coisas para fazer, tava fazendo coisa errada e nem pensava em ler... A gente perdeu o foco lá fora... e aqui dentro, já tem mais um espaço de pensar no que vai fazer, no que não vai fazer quando sair... às vezes, por não ter nada para fazer, a gente ficava lendo livro, senhora...

Pedro – E acaba pegando aquela força de vontade... Nova esperança de tentar pelo menos aprender um pouco.

De uma forma indireta e sem generalizações, os meninos levantaram pontos importantes sobre motivos para não ler: muitas coisas para fazer, alguma forma de

sustento, algum tipo de trabalho ou saídas com os amigos, perda do foco. Com tantos lugares onde poderiam se “encontrar”, como a escola, uma prática esportiva ou cultural, aqueles jovens se acharam ali, na CASA Monte Cristo. As palavras “Força de Vontade” e “Esperança” parecem ter um significado a mais, pronunciadas por aqueles jovens. É o que os livros trazem: um significado para a vida! Apenas um lamento, uma pergunta: qual é o papel da escola, da biblioteca, dos centros de cultura, frente a essa realidade enfrentada pelos adolescentes e jovens brasileiros? Existe uma lacuna que a escola não consegue preencher, mas deveria: a ausência do Estado nas periferias e as carências marcantes dessa população mal atendida.

Sobre os sentimentos que os livros podem suscitar nas pessoas, muitas respostas diretas e indiretas podem ser notadas:

Edmundo – O que eu mais achei foi *A Cabana*. Eu gostei muito... acho que Deus vem preparando ele para, no final, ele conseguir perdoar o assassino da filha dele. É uma história muito pesada. Eu fiquei muito emocionado. Foi mais comovente que um filme... A gente vai construindo a história aqui... [apontou para a cabeça].

Pedro – Um que eu li foi o do Augusto Cury, *Você é Insubstituível...* achei muito interessante porque trabalha um pouco do autocontrole, emoções, ansiedade e isso tudo vem no decorrer do dia a dia aqui na CASA, não só comigo, mas com todo mundo. Quando você consegue compreender um pouco a leitura, você também entende que isso é coisa que a gente passa, que acontece com você. E continuei lendo outros livros que tinha sentido, como esse daí que eu comecei.

Peter – Esse daqui mesmo: *A Vida Sabe o que Faz*. Eu li esse livro aqui, senhora, porque o que acontece aqui no romance, senhora, aconteceu comigo, mas no futuro, nas outras vidas (ah, ela é do espiritismo), aconteceu uma coisa muito bonita também no futuro, senhora, por isso que eu me identifiquei com esse livro. Eu gosto muito, por isso que eu só leio livro de romance também, senhora, e tudo da Zíbia...

As sensibilidades despertadas pela leitura podem ser percebidas nos depoimentos dos meninos, que demonstram sentir a dor e o prazer. O mergulho em uma leitura profunda permitiu que suas subjetividades fossem alcançadas, com o que foram capazes de sentir em suas peles, de viverem aquelas palavras. O sentir extrapola a realidade e aflora, inclusive, a revolta, como Edmundo disse:

Edmundo – [...] eu sei que os quadrinhos podem dar emoção também... Eu li um de uns ratos... não consegui terminar porque fui liberado na semana que escolhi aquele livro... Mas a história tava me dando uma revolta... devia ser uma boa história, não lembro do título para procurar...

Seu sentimento era genuíno, como se vivesse com os ratos e sentisse a sua dor. A leitura pode, realmente, causar empatia. É o que Antônio Cândido (2011) chama

de “fabulação”, um direito inerente ao ser humano, uma oportunidade de se humanizar, de ver o mundo por outras perspectivas.

Seguindo as descrições das categorias, um outro ponto de destaque nas falas dos jovens é a influência. Que tipo de influência eles recebem, que tipo de incentivo existe para que leiam. Assim, os excertos demonstram que podem vir de vários lugares, seja pela percepção de um estudante, ou nas indicações de um professor.

Adolescente – Senhora, a senhora poderia ter acompanhado também as aulas de História, que é a professora Maura. Ela fala muito da história dos índios, de como os portugueses vieram pro Brasil, como foi a troca de pertences que eles fizeram com os brancos... É uma aula muito gostosa e ela fala muito pra gente ler os livros da biblioteca, fala mais que essa daqui...

Certamente que aquele estudante estava transbordando de vontade de interagir sobre leituras, embora não tenha sido indicado pela professora, mas sua concepção sobre a qualidade de uma aula se revela em uma pequena frase. O rapaz aponta uma boa aula, usando três elementos: o conteúdo, a empatia do professor e o valor agregado (a indicação de livros). Ao final, o estudante ainda compara as capacidades das professoras e tudo isso em apenas uma frase. Assim, o primeiro indicador percebido e apontado por um dos jovens é a influência de um professor, um agente, ao seu ver, especializado, que motiva e desafia suas inteligências, ao indicar livros. A seguir, foram separadas algumas falas do grupo focal, que serão analisadas na sequência.

Pesquisadora – Vocês compartilham o que estão lendo entre vocês?

Pedro – Sim... mostrando uma curiosidade... e a gente acaba perguntando um pro outro “Ah, o que você tá lendo?” O Ed tem essa mania: qualquer pessoa que chega perto dele, ou ele pergunta, ou ele acaba falando sobre o que tá lendo, o que tá entendendo e acaba compartilhando o livro para nós também.

Lúcia – E aí dá vontade de ler aquele livro...

Celeste – Fica curioso...

Pedro – É... e daí tem outros meninos que até fazem fila para pegar o livro depois do Edmundo... Às vezes até pega o livro dele [risos].

O compartilhamento das leituras, as indicações entre os próprios meninos têm grande peso. Eles passam muito tempo juntos e podem motivar um ao outro para realizar qualquer coisa, mas, nesse caso, destaca-se o jovem Edmundo, alguém que iniciou sua jornada de leitor na própria Fundação CASA, que começou a ler, em busca de uma “cura” da ansiedade e para preencher o seu tempo livre, que desenvolveu formas de driblar o barulho do quarto, a falta de acomodações apropriadas, que inventou um forma de leitura própria, adaptada às limitações e que, segundo suas palavras, permanece lendo até que

as luzes se apaguem. Esse jovem, além de ler, incentiva os demais com uma única pergunta: “O que você tá lendo?”. Essa pergunta movimentava um mundo, tira o sujeito de sua zona de conforto, pois é preciso pensar para responder. Além disso, pelo seu exemplo de leitor voraz, pelas histórias que ele conta, os internos se acercam dele e desejam ler o que ele leu ou está lendo. É uma potência!

Sobre a importância da leitura, os jovens responderam o que se esperava que respondessem: “Aprender conhecimentos”; “oportunidade de se especializar”; “reforçando o que a gente aprende na escola, como ortografia”, mas houve respostas que fugiram do senso comum e que trazem mais elementos para a discussão:

Fernando – Pra mim, senhora, é sempre bom pegar um livro e ficar lendo, senhora... Você vai suspirando ali, senhora... emocionando, viajando no livro, senhora.

Essa contribuição demonstra que não se trata apenas de utilitarismo, mas de fabulação, essa necessidade que deveria ser garantida, como um direito humano, como defende Cândido.

4.2 CASA JARDIM SECRETO

Este tópico trata das categorias espaços, sujeitos e práticas e significados da leitura, verificadas no tratamento de dados da CASA feminina. Importante mencionar que, pela incidência constante das menções à escola e às bibliotecas exteriores, escolares ou não, foram compiladas passagens e falas das meninas, sob ambas as temáticas, tratadas como subcategorias. Sobre a indicação das adolescentes e jovens participantes do grupo focal, não se pode saber ao certo, mas infere-se que a indicação foi da professora Georgiana, para as meninas do Espaço 2 e da própria coordenadora Jane, para o Espaço 1.

4.2.1 Espaços

Ao iniciar a descrição do relato dos resultados da unidade feminina, ainda que se possa consultar livremente a transcrição completa das visitas e interações, decidiu-se confeccionar um quadro com horários e rotinas das meninas, tendo como base os depoimentos das funcionárias.

Quadro 2 – Atividades das adolescentes e jovens – Espaço 1 (16 a 19 anos)

Horários	Atividades	Observações
----------	------------	-------------

6h	Despertar e preparativos	De segunda a sexta
7h15 às 12h50	Aula formal (SEDUC)	De segunda a sexta
14h30	Oficinas e cursos (parte 1)	De segunda a sexta
14h30	Oficinas ou cursos (parte 2) Práticas esportivas / Leituras	De segunda a sexta/ opcional
19h30	Instituições religiosas	De segunda a sexta / opcional
21h30	Recolher	De segunda a sexta
22h	Descanso	Todos os dias

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

As meninas do Espaço 2, com idades entre 12 e 16 anos, têm a mesma rotina, invertendo o horário da escola formal com o horário das oficinas e cursos para o período da tarde. Aos fins de semana, os espaços livres praticamente estão todos tomados pelas instituições religiosas, das mais diversas denominações, como Testemunhas de Jeová, Universal e Espíritas, que ocupam dois horários no sábado e dois horários no domingo.

Sobre a composição física da unidade Jardim Secreto, percebe-se que o bairro é muito arborizado e calmo, com um bom comércio ao redor e um hospital bem grande do outro lado. Seus imponentes muros simplesmente escondem a beleza dos espaços da recepção, com uma boa quantidade de árvores, arbustos e plantas. O aspecto inicial da CASA é o de uma escola pública, com a parte administrativa em uma parte mais elevada do terreno e a parte de acomodações, esporte, escola e oficinas, separadas por um outro jardim. Daí a escolha do nome Jardim Secreto.

Na parte administrativa, tem-se a coordenação pedagógica, a sala da direção, outra sala bem ampla da secretaria e outros espaços que não foram apresentados, por não ter relação com a pesquisa. Tanto as salas da direção como a da coordenação têm uma boa vista do jardim. Com relação aos espaços reservados para uso das adolescentes e jovens, estes se dividem em três: o Programa de Atendimento Materno-Infantil (PAMI), destinado às jovens que são apreendidas gestantes, que dão à luz estando em cumprimento de medida socioeducativa; o Espaço 1, para as meninas mais velhas, de 16 anos em diante; e o Espaço 2, destinado às adolescentes com idades entre 12 e 16 anos incompletos.

O PAMI é semelhante a uma casa bem grande, trancada com uma porta de aço, contendo uma sala bem grande, uma sala com uma estante em toda a extensão da parede lateral, com muitos brinquedos e artigos infantis, tendo ao centro um tatame e sofás forrados com um lençol e bem gastos ao redor. Há dois quartos com camas e berços montados ao lado das camas, uma sala de

amamentação, banheiros, cozinha para a refeição das jovens e uma outra cozinha menor, equipada com fogão, micro-ondas, pia, onde as meninas aprendem a preparar alimentos para seus filhos, e uma máquina de lavar em que as jovens lavam as roupas de suas crianças. Do lado de fora há uma pequena área em que as roupas dos bebês podem ser estendidas para secar e onde podem dar banho de sol nas crianças.

Ao passar para os espaços 1 e 2, deve-se atravessar um portão, constantemente fechado e vigiado por dois agentes de segurança durante todo o tempo. Eles revistam funcionários e visitantes, com um detector de metal, e autorizam a entrada em uma rampa de acesso ao corredor de uso comum. Nesse corredor, há duas salas usadas pelas meninas de ambos os espaços. Uma delas é um Salão de Beleza, muito bem montado e equipado com todos os aparelhos e mobiliário de um salão de cabeleireiro. O outro espaço é uma sala bem grande, dividida em setores, que elas chamam de “shopping”. É uma espécie de brechó, com vários itens organizados, como se estivessem à venda. É onde as meninas praticam técnicas de abordagem do cliente. A “venda” de produtos é real. Elas trocam suas “estrelas” (moeda local) por produtos que enviam às suas famílias ou que permanecem guardados até que saiam da medida. Esse corredor ainda possui um banheiro e uma sala de atendimento psicossocial. Em cada andar há uma sala dessas, que, segundo a coordenadora, está sempre à disposição das adolescentes para conversas, orientações e desabafos. As paredes são ornadas com quadros pintados por meninas que passaram pela fundação e o outro lado é uma grade bem alta, que possibilita uma vista do jardim.

O Espaço 1 tem Sala de Informática, com oito computadores; a seguir, uma sala de aula. No piso térreo há o refeitório, um pátio e o acesso à quadra poliesportiva, com uma boa arquibancada (estava em obras). O andar superior é onde ficam os dormitórios, as salas de aula e a biblioteca. São três quartos, com diversos beliches em alvenaria, todos com a roupa de cama organizada e um banheiro, cuja porta pode ser aberta por fora, sob o argumento de que a segurança das adolescentes deve ser garantida. Em cada cama há uma sacola com produtos de higiene pessoal, recebidos da Fundação.

As salas de aulas são pequenas e há os nomes das alunas nas portas. Até as carteiras têm identificação. A lousa ainda é de tinta de parede verde para giz, mas há aparelhos de TV e DVD Players em cada uma. Neste andar, também há banheiros

externos, sala dos professores e sala de monitoria. Na sala dos professores, há alguns armários de aço bem altos, contendo as pastas com os cadernos e estojos transparentes das adolescentes. Há também muitos livros didáticos, tanto do ensino médio quanto do fundamental, diversos materiais de artes, de educação física e trabalhos das adolescentes, já concluídos ou guardados para serem concluídos.

No corredor de cada andar, há vários quadros expostos, de artes feitas por adolescentes que já passaram por lá, bem como quadros de avisos, com dicas, indicações de filmes e livros e a comemoração de um feito importante, como a congratulação das adolescentes que pontuaram bem no ENEM ou que foram admitidas em alguma Universidade.

Sobre a biblioteca desse espaço, trata-se de uma sala razoavelmente pequena, mas muito bem assistida, pela quantidade de livros nas estantes de aço e prateleiras de madeira. Existe, nesse espaço, uma preocupação com o conforto das pessoas, com quadros pendurados, cadeiras, mesas e tatames coloridos.

Bela – E o interesse, na verdade, cresceu mais aqui dentro. Para mim, aqui é um espaço, que... Ah, a gente passou por uma reforma, que as prateleira não era assim. A gente deixou mais amplo, colocou os tatames, inclusive para ficar mais aconchegante, para gente poder ler, conhecer [...].

Os livros estavam separados por categorias: ficção, religiosos, espíritas, contos e, nas estantes dos fundos, livros de literatura para vestibular. Objetos que chamam a atenção são os jogos de tabuleiro, dispostos nas prateleiras de madeira. Há também uma divisória com alguns filmes disponíveis. O espaço é bem limpo e organizado, tendo inclusive um livro de controle de empréstimos e uma lousa de tinta de parede verde para giz.

O Espaço 2, localizado no lado oposto ao Espaço 1, é separado pelo corredor de uso comum e de muitos portões e grades, que não deixam esquecer que, ainda que pareça, aquele lugar não é uma escola. Ali, os espaços se repetem, com um acréscimo: no piso térreo, há uma cozinha experimental preparada para as oficinas de panificação e culinária e uma sala de aula muito grande, usada como multisseriada e como espaço de reuniões, sobretudo as reuniões religiosas semanais. Há, ainda, a pequena sala de informática e o refeitório e o acesso à quadra.

O andar superior é completamente parecido, com as mesmas disposições, e um destaque é a biblioteca do Espaço 2: trata-se de um espaço muito grande, como foi mencionado anteriormente. Seu interior tem estantes altas, planejadas, que vão

até o teto, murais decorativos, com ilustrações estilo grafite. Está dividida em vários setores, como o dos filmes, com a estante escura, o setor dos jogos, com as estantes cor de rosa. Na parte traseira, há estantes com livros didáticos e instrumentos musicais, além das prateleiras, com as identificações tradicionais de cada gênero, como romance, ficção, suspense, quadrinhos, contos, livros que viraram filmes, enciclopédia, dicionários, etc. As adolescentes podem escolher ler sentadas nos tatames ou na parte frontal da sala, onde há mesas e cadeiras plásticas. Há aulas que são ministradas ali; assim, em frente às mesas plásticas existe uma TV, com aparelho de DVD, e uma lousa.

Em ambos os espaços, as adolescentes podem frequentar a biblioteca, uma vez por semana, com a supervisora da biblioteca, para escolherem os livros de leitura da semana, que são acondicionados em caixas e levados para os quartos, para os momentos de ócio, ou são levadas para alguma oficina ou clube de teatro ou leitura. É possível que os professores agendem o uso da biblioteca e assim permitam que as adolescentes leiam sentadas no tatame, joguem ou ainda assistam aos filmes e documentários do acervo. Sobre a composição do acervo de cada uma, há uma descrição mais detalhada no apêndice, na parte da descrição das bibliotecas. Ambas são mantidas com as doações de parceiros, com a doação dos professores, ou mesmo com pequenas campanhas feitas por pessoas que visitam a unidade. Abaixo está o compilado de alguns depoimentos acerca dessas doações:

Georgiana – Veja, uma vez, jogaram uma caixa cheia de livros, no lixo lá do prédio onde eu moro. Eu peguei os livros, limpei e trouxe para cá, e aqui eles fazem o maior sucesso. A gente aceita muita doação de livros, porque as meninas têm gostos muito variados.

Darcy – A gente conta bastante com vizinhos que doam, com professores, funcionários.

A ação da equipe de profissionais da CASA é fundamental, tanto para a organização e manutenção quanto para o uso da biblioteca. “Biblioteca muito arrumadinha é sinal de que ninguém mexe. Não é um bom sinal” (Lessa). Há um sentimento muito positivo, por parte dos educadores da própria Fundação, em relação às bibliotecas dos dois espaços. Percebe-se que sempre que havia uma interação, ou do grupo focal ou de alguma entrevista, os agentes educadores e até alguns seguranças paravam para prestar atenção ou fazer um comentário. Segundo a coordenadora, até os adultos pegam livros emprestados.

Sobre o episódio dos livros encontrados no lixo, pode-se considerar que seja algo dotado de muito simbolismo, pois se por um lado se revela como um belo gesto, por parte da professora, demonstra a situação de degradação dolorosa, que o relapso sistema, se é que existe, de reposição de acervos inflige em seus usuários, como um todo. No próprio depoimento das envolvidas, parece não haver uma preocupação acerca do que apresentar para as internas. A constituição do acervo não leva em consideração a opinião das usuárias, ou suas características psicológicas e de desenvolvimento, sem uma curadoria, sem uma seleção de um profissional de biblioteconomia, ou um especialista em mediação de leitura. Tal displicência, não por parte dos funcionários, mas por parte da Fundação e do Estado, apenas comprova o quanto essa parcela da população, que, teoricamente é dotada de direitos, mas que na prática, não tem um olhar voltado às suas necessidades, com um acesso às literaturas que sejam significativas para sua formação, experiência, fruição e deleite. A falta de tais estruturas que todas as bibliotecas precisariam ter para se tornarem equipamentos motivadores da leitura, é comprovada ainda mais pelas falhas e descontinuidades, como demonstra a insatisfação por parte de algumas internas, pois, como se sabe, alguns livros são escritos em formato de série e, infelizmente, pelo fato de o acervo ser composto em sua maioria por itens doados, boa parte das sequências de coleções está incompleta, o que as deixa com um sentimento de frustração, como dizem:

Lavínia – Tipo *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*, que eu fiquei muito brava porque não tinha o resto da série... [outras meninas concordaram].

Rute – É que nem, eu tava lendo o *Para sempre* e o *Lua Nova*, e toda vez eu querendo mais, mas parou no *Lua Nova*, porque aqui não tem continuação.

Sula – Aqui tem muitos livros desse que não têm continuação, que a gente só tem o primeiro livro e depois não tem continuação...

Uma característica distintiva da Unidade Jardim Secreto é a menção constante à “escola”, à “biblioteca da escola”, como apresenta a adolescente Beatriz: “[...] eu quero falar um pouco da escola, porque aqui a gente estuda bastante [...]”. Tal peculiaridade encontrada, foi considerada uma subcategoria de espaço. Assim, os compilados e os comentários que se seguem têm como objetivo apresentar o pensamento geral que os funcionários, as adolescentes e as jovens possuem acerca do papel da escola, como espaço de aprendizagem e de relação com a leitura.

A primeira menção realizada acerca da escola é um comparativo entre a quantidade de pessoas atendidas em uma classe de ensino médio em um espaço exterior e no Centro Jardim Secreto. Nas palavras da coordenadora Jane acerca da quantidade de meninas no Espaço 1, aos seus olhos, excede um pouco a capacidade da sala, mas não supera uma sala de ensino fundamental ou médio no ensino regular de uma escola pública, o que torna esta oportunidade de um atendimento mais individualizado, uma possibilidade maior de superações de traumas e dificuldades. Algumas meninas concordam com esta afirmação, como se pode notar:

Rute – [...] mas é como o que ela falou, é como aquelas escola integral, que a pessoa passa dia e noite [referindo-se a escolas particulares e internatos].

Maiara – Você vê os recurso bom que a gente tem aqui dentro?

Rute – A escola, para muitas meninas aqui dentro, foi uma descoberta, que muitas nunca pegou num caderno de desenho...

Anelise – Eu tinha de tudo, eu fui muito ingrata para minha família... Minha mãe me levava até a porta da escola e buscava sempre, e eu fazia corpo mole, não queria estudar. E aqui dentro eu vi que eu posso, sabe, que estudar é uma coisa boa, mesmo que eu não consigo umas coisa [...].

Os comentários das meninas sobre sua relação com a biblioteca fora da CASA, de alguma maneira, perpassam a escola. Muitas delas presenciaram em suas unidades escolares, salas de leitura, com aulas de literatura, incentivos para empréstimo de livros e em algum momento perceberam que “pegar” um livro era um comportamento louvável. A seguir, alguns depoimentos que entendem a escola como um espaço de incentivo da leitura e dos livros, ainda que muitas não consigam desempenhar esse papel:

Verônica – Todas as escolas, praticamente, têm biblioteca. A gente pode ficar lá lendo.

Liz – Eu nunca estudei em escola com biblioteca.

Beatriz – Perto da minha casa tem uma biblioteca que você vai lá faz o seu cartãozinho e pode pegar os livros para emprestar e depois devolver.

Aysha – Lá no lugar onde que eu moro tem um tipo de pracinha e lá tem uma geladeira, sim, que, quando a gente abre, está cheia de livro. Aí na pracinha tem também uma biblioteca, eu acho. É um espaço lá que tem livro e eu já fui lá uma vez e lá eles dão curso de um monte de coisa. Aí eu ia lá direto. Eu ia lá para ler e também para comer.

Sula – Ah, na biblioteca lá da escola eu lia direto.

Bela – Eu estudei numa escola que tinha biblioteca... muito linda e eu nem ia lá...

Carolina – Acho que eu nunca entrei numa biblioteca antes de vir para cá, sério.

Pesquisadora – Alguém mais, que nunca viu uma biblioteca, nem na escola?

Outras duas meninas concordaram.

Lívia – Então, aí, a minha escola tinha biblioteca e a gente podia levar o livro embora e todas as quintas-feiras a gente trocava de livro.

Rute – A biblioteca lá na minha escola tem uma sala de leitura bem grande, cheia de livros.

Escolas, centros culturais, centros comunitários e demais ambientes em que haja um espaço para a leitura, oferecem aos adolescentes e jovens um pequeno desvio das atividades ilícitas que possam planejar fazer. Não se trata de um tratamento medicamentoso, já que muitos outros fatores podem ser estancos para o ato infracional, mas encontrar em seu bairro, em seu caminho, uma biblioteca instigante, a curiosidade de estar em ambientes inusitados, como um local com uma geladeira que é estante de livros, a diversidade de títulos com boas mediações, podem proporcionar o bem-estar e o acolhimento de que estes adolescentes necessitam para resistir, para se reconstruir de seus traumas, frustrações e injustiças sofridas; por isso precisam ser utilizadas suas potencialidades para reunir mais e mais jovens, engajar e formar uma rede de apoio, que em conjunto com outras instituições se mostrem como uma opção, um refúgio. A professora Georgina fez uma declaração que resume bem a atmosfera da unidade e a essência desta tese:

Georgiana – [...] muita gente não valoriza os livros fora daqui. Dizem que as bibliotecas vão terminar, que biblioteca física já era, mas a gente sabe que muita gente não tem condição de comprar livro e, como você falou para as meninas, a gente precisa manter, continuar o hábito de leitura fora daqui, porque senão ele acaba. E por isso é importante manter as bibliotecas nas escolas nos bairros, nos bairros mais afastados.

Sua ênfase na manutenção das bibliotecas fora dos muros da Fundação está em consonância com a sua ideia de que haja uma continuidade nas leituras e na apreciação de livros. A professora não ignora o fato de que nem todos os bairros contam com uma biblioteca pública, o que inibe as chances dos adolescentes, que vivem em áreas periféricas da cidade, de se descobrirem leitores e até escritores. Sua defesa, implícita em suas palavras, é em favor da juventude desfavorecida de recursos financeiros e sociais, que ainda não descobriu o universo da leitura.

4.2.2 Sujeitos

Na busca por estabelecer um perfil dos sujeitos desta pesquisa, a observação foi fundamental, bem como o entrecruzamento de informações oferecidas pelos depoimentos. A começar pelos seus funcionários, sabe-se que o modo de acesso aos cargos educativos, em sua maioria, ocorre por meio de concursos promovidos pela Fundação CASA, mais aqueles que são contratados sob outras formas de vínculo, o que não cabe enumerar neste trabalho. Com relação especificamente às educadoras de maior frequência e relevância, pode-se destacar a diretora Elizabeth, a coordenadora Jane e a professora Georgiana.

A diretora Elizabeth, responsável pelo Centro Jardim Secreto há quase dois anos (de acordo com o seu depoimento, por ocasião da execução da pesquisa de campo – até março de 2023), já tinha uma experiência na Fundação, como diretora de centros masculinos. Seu envolvimento com as internas vai além de uma simples atuação como educadora, perpassa pela sua sensibilização com a causa feminina, com as mazelas pelas quais as meninas passam, que são muitas vezes, pouco consideradas, como a maternidade precoce, o abandono, o abuso e as carências e privações.

Sobre a envergadura da sua posição frente à educação e à leitura, muitos conseguem reconhecer seus esforços, como a professora Georgiana diz.

Georgiana – Eu estou aqui há 19 anos trabalhando, mas posso afirmar que a senhora Elizabeth, que é a diretora, é a pessoa que mais valoriza a leitura e o incentivo dessa leitura para as meninas [...]. Ela é uma multiplicadora, porque, a partir do momento que ela valoriza a leitura, mesmo sendo diretora... porque tem gente que fala assim “ai, eu sou diretora”, e deixa essa parte para as professoras ou para escola. Mas ela não. Ela motiva, inclusive a equipe, a ler mais. Eu percebo que, nestes 19 anos que eu estou aqui, a gente já teve vários diretores muito bons, mas o incentivo à leitura nos últimos anos tem sido cada vez maior por causa dela.

As estudantes também se recordaram da diretora, com as seguintes frases:

Adolescente 1 – Nas avaliações da senhora Elizabeth, ela falou uma frase que foi muito boa: “entre escolher estar certo e ser gentil escolha ser gentil”. É do *Extraordinário*, aquele livro do menino que, tem até o filme, do capacete.

Beatriz – Aqui, a gente também tem as recaídas. Não é fácil cumprir as regras toda hora, mas a senhora Elizabeth é como aquela mãe. Ela insiste com você.

Anelise – Mas, quando isso acontece, quando você zera, a senhora Elizabeth manda você ler um livro e daí o que você entendeu você tem que apresentar para todas as meninas.

Verônica – Aqui, a diretora mostra se preocupar com as meninas, que parece que ela gosta bastante do que faz...

Professora Lídia – Aqui, a gente incentiva muito para a leitura e essa diretora que está aqui é a maior incentivadora!

Luana – Acho que a diretora corre mais atrás da gente assim, por educação, sabe?

Nice – É tipo nossa mãe, pegando no nosso pé...

Mencionada nos depoimentos de internas e professoras, a diretora apresenta ter uma atribuição fundamental no bom andamento da unidade. Seu papel ativo em favor da leitura tem tocado até mesmo os professores e funcionários, no sentido de envolvê-los nas atividades avaliativas, no encorajamento das internas e até motivando-os a ler mais. Ainda que se preocupe com o bem-estar das meninas, não hesita em reafirmar as regras e conferir consequências àquelas que não as cumprem.

A coordenadora Jane tem formação em pedagogia e atua na unidade Jardim Secreto há quatro anos. Seu papel como coordenadora é mediar os compromissos das agendas dos diversos envolvidos, garantindo que a educação formal aconteça, mas que as meninas tenham uma oportunidade de formação intelectual e para o mercado de trabalho. Seu envolvimento com as internas vai além das obrigações específicas para a sua função. Ela trabalha com muita dedicação e comemora as vitórias das jovens, fazendo-as reconhecer o seu potencial. Ela está em total consonância com a administração da diretora Elizabeth, que converge para uma formação direta para as meninas e uma ideia de feminilidade prática e bem-sucedida, já que as meninas a admiram muito.

A professora Georgiana é formada em Letras – Inglês, trabalha há 19 anos na Fundação CASA Jardim Secreto. Trabalhou por muito tempo com as meninas mais velhas, com quem desenvolveu boas práticas, com o ensino de Língua Portuguesa para o ensino médio. Seus projetos são muito conhecidos de todos na CASA e é lembrada pelas adolescentes, com muito carinho.

Maiara – Eu falo por mim. Eu, lá no mundão, eu num estudava... mas quando eu cheguei aqui eu conheci a Prô Georgiana [risos]. Ela me apresentou o poema e depois desse dia eu nunca mais parei de fazer poema.

Sua conexão com as meninas do Espaço 2 é muito evidente. Sua maneira de falar com elas e de se referir a elas demonstram o quanto está comprometida com sua formação e sua remição: “Elas são muito profundas”. “Eu até tenho uma página

no *facebook*, que se chama Poetisas da Fundação”. A professora Lídia, de Língua Portuguesa, que teve conhecimento da pesquisa sobre leitura, afirmou:

Lídia – A professora Georgiana fez um trabalho muito bacana pautado em redação, sobretudo com o ensino médio, e a gente viu o resultado do Enem, que as notas de redação foram muito boas [...].

Com relação às internas da CASA, é muito difícil traçar um perfil homogêneo e as generalizações não são muito indicadas; assim, algumas características esparsas podem dar uma ideia da diversidade de origem e temperamentos. Segundo a diretora Elizabeth, havia na CASA, por ocasião da pesquisa de campo, entre janeiro e abril de 2023, 81 meninas no total, divididas nos três espaços, por idades. Sobre as disposições evidentes nas meninas, a coordenadora Jane destaca que muitas delas tiveram uma história de vida muito sofrida.

Coordenadora – [...] voltadas para o abandono, para o descaso, para o abuso. Isso é muito comum, chega a 90% aqui [...]. Nas condições sociais tão degradantes, as meninas que, nas próprias casas, não tinham nem porta, estavam suscetíveis.

Com relação à sua aparência, por meio da observação dos espaços, foi possível notar uma grande diversidade de corpos, cabelos e peles, não sendo possível distingui-las de longe, pois todas usavam uma camiseta lilás, uma bermuda violeta e chinelos de tiras azuis. A coordenadora informou que nenhum objeto pessoal é exclusivo, a fim de não gerar conflitos ou sentimentos de preferência.

Ao perguntar o número daquelas que não dominam o sistema de escrita, a coordenadora Jane respondeu que não havia meninas não alfabéticas no Jardim Secreto, embora perceba-se que Lessa, a pedagoga da Fundação, tem, como uma de suas atribuições, ministrar o reforço escolar na biblioteca e às vezes até alfabetizar também, o que demonstra que, em outros momentos, a alfabetização pode ser necessária, haja vista que a entrada de novas internas é quase diária.

Sobre as relações interpessoais na CASA, a coordenadora destaca que há sempre muitos conflitos de ordem emocional.

Coordenadora – Ah, normalmente elas brigam entre elas, às vezes é ciúme. Uma questão que a gente lida aqui e que a gente toma muito cuidado são as questões homoafetivas, que são muito frequentes por aqui, homoafetivas, porque isso gera ciúme. O trabalho em grupo na escola gera ciúme.

As condutas citadas sempre geram uma consequência negativa para as meninas envolvidas.

Coordenadora – [...] o próprio Sinase alerta que o adolescente precisa acompanhar a sua medida. Ele tem que saber tudo sobre a

sua medida, a sua evolução. Ele tem que ter esse *feedback* de como ele está na medida, e nós fazemos isso juntando tudo, uma avaliação tanto da escola quanto do comportamento com a segurança etc.

As meninas admitem que têm essa dificuldade, porque não se conhecem muito bem, suas preferências, gostos e repulsas. Há uma questão importante, observada nas falas de algumas, que envolve ao mesmo tempo uma falta de confiança em si mesmas e uma crise de autoestima, muito visível nas relações delas com as suas atividades, inclusive escolares. Muitas delas admitem não compreender determinados conceitos, ou se sentirem um pouco perdidas, em alguns momentos.

Liz – E quando a gente lê e é muito nova e não entende...

Beatriz – Eu tenho uma amiga, que... ela fala que lê o livro, mas ela não entende...

Adolescente 3 – Quando eu cheguei aqui, eu não me interessava por livro e até hoje eu leio um livro, mas eu leio, mas eu não entendo. Eu tô lendo o livro mas tô pensando em outra coisa. Não consigo me concentrar, não consigo entrar no livro e não consigo entender o que tá passando ali. Eu tô lendo tem até a figura dele, quando tem a figura era mais fácil.

Leila – É isso que acontece comigo. Assim, eu tô lendo um livro e daqui a pouco começo a me desconcentrar das coisas.

Uniformizadas, numeradas, rotuladas, estas meninas – algumas delas até com problemas como dislexia, vulnerabilidade emocional, dificuldade de aprendizagem, com necessidades invisíveis aos olhos de suas famílias, das escolas e da sociedade – foram negligenciadas e lutam contra o preconceito. Na Fundação existe o apoio psicossocial, que as auxilia também nas questões de aprendizagens, viabilizando atendimentos na rede pública, terapias e até medicamentos, além do carinho e apoio das amigas e dos educadores.

Outro aspecto que se pode destacar é o fato de que, em seus comentários, de certa forma, elas sempre comparam seu estado atual com a escola, seja para demonstrar seu sucesso ou o seu fracasso. Algumas meninas alegaram que não gostavam de estudar, enquanto eram livres:

Maiara – Eu falo por mim. Eu, lá no mundão, eu num estudava...

Anelise – Eu tinha de tudo, eu fui muito ingrata para minha família. Minha mãe me levava até a porta da escola e buscava sempre, e eu fazia corpo mole, não queria estudar.

Anelise – E matemática, então? [Comoção total das meninas].

Lavínia – Eu até chorava! E colava.

Rute – Quando a gente tava naquele mundo, a gente não via livro, não via amigo, não via escola... só via as festa, só via dinheiro, só via dinheiro.

Adolescente 1 – Lá na minha cidade tem uma biblioteca, mas só que eu não gosto de ler. Eu tenho vontade, mas eu não consigo me concentrar para ler.

Elas reconhecem que, de alguma forma, tiveram uma chance, um incentivo mínimo por parte das suas famílias, mas, de algum modo, a escola não era um local tão atrativo, gerando até um pouco de receio de não saber, não entender, não ter uma boa relação com os professores, oferecer propostas que talvez não as interessasse de fato. Ao chegarem ao ponto de serem apreendidas, as meninas confessam ter ficado com muito medo, imaginando que o local para onde deveriam seguir fosse como os reformatórios aos quais estavam acostumadas a ver em séries e filmes, um ambiente hostil, violento e cheio de vícios, que certamente as levaria para mais distante do ideal.

Verônica – Aqui, eu vejo assim, eu imaginava uma coisa muito pior também, porque é a minha primeira passagem. Então, eu achava que ia ser horrível e tal... E não é nada disso! Eu não imaginei que ia ter escola, [pensei] que ia ter cigarro, sabe, aquela coisa bem jogada, e não é nada disso... Os professores ensinam muito bem, muitas coisas que a gente não aprendeu lá fora. Aqui, a diretora mostra se preocupar com as meninas, que parece que ela gosta bastante do que faz...

Beatriz – Eu acho que, não que aqui tenha que ser um lugar bom, porque, “entre aspas”, tinha que ser um lugar ruim pra menina aprender e não querer voltar mais, mas aqui é um lugar bem melhor do que as pessoas imaginam lá fora.

Elas se admiraram que, ao entrar na Fundação, houvesse um acolhimento e uma disposição dos funcionários em atendê-las, em levá-las a se sentirem seguras e, principalmente, que se deparassem com a presença de uma escola. Hoje, apreciam os recursos didáticos e pedagógicos de incentivo ao seu desenvolvimento, à progressão dos seus estudos e ao acompanhamento de suas medidas e sua evolução de modo semanal.

Lavínia – Você soma quatro semanas de bom comportamento e pode fazer compras. O que mais pesa é a escola! Todo mundo fala!

Anelise – Pro juiz, o mais importante é a escola, porque, assim, é o que vai provar se a pessoa se arrependeu, se ela tá focada para voltar para frequentar a escola.

Beatriz – Quando o juiz vem, ele pede, do nada, o caderno, a avaliação da semana e tal.

Anelise – E seja o que Deus quiser! [Todas riem].

Lavínia – Lá fora, antes de vir para cá, quando tem audiência, o juiz sempre pergunta: Você tava estudando? Como que era a sua vida? Como era a sua casa? Você tinha dificuldade? O juiz sempre pergunta.

Pesquisadora – E se hoje eu pedisse o caderno de vocês, está em ordem?

Elas responderam quase em coro – “O meu tá, sim, com certeza”. [E riram de novo].

Ao se encontrarem reclusas, isoladas de suas realidades, a única coisa que lhes gera alguma familiaridade com o mundo é a escola. Assim, sua relação com ela passa a mudar, como demonstram as suas falas:

Beatriz – Para quem não gostava de estudar lá fora, que ficava pensando: Ah, vou cabular hoje... E agora, nossa, ama estudar, faz tudo, se dá bem com as professora, tem já uns quatro caderno já terminado...

Rute – A escola, para muitas meninas aqui dentro, foi uma descoberta, que muitas nunca pegou num caderno de desenho...

Beatriz – Por isso que tanto a escola tanto as suas próprias metas, você se descobriu. Você pode fazer uma faculdade de Artes...

Sofia – E muitas meninas saíram daqui de dentro com curso feito.

Anelise – Que tem menina do outro espaço que fez, que passou na Educação Física e na Pedagogia.

Sofia – [...] e veterinária.

Lessa – Gente, tem cinco meninas esperando para começar a faculdade!

Anelise – E quando a gente tá aqui dentro a gente vê todas as portas abrindo [...]. Entendeu, então é muito interessante essa parte da educação aqui dentro.

A própria relação entre elas, as notícias das meninas mais velhas se projetando na vida, pagando o próprio aluguel, desenvolvendo-se, tornando-se autoras, é como um exercício da esperança. A diretora informou que essas meninas, de um modo geral, são esquecidas pelas suas famílias, por isso foi necessário preencher um pouco seu fim de semana com a atuação das igrejas em dois horários de sábado e domingo, já que o domingo, sendo um dia de visitas, é praticamente vazio de familiares, o que lhes resta é a força que uma vai dando para a outra e que os funcionários transmitem: “Ninguém da pedagogia desiste de você aqui” (Beatriz).

4.2.3 Práticas e significados da leitura

O que doravante se apresenta é a compilação de depoimentos das adolescentes e jovens acerca da maneira como a leitura, de fato, ocorre na CASA Jardim Secreto, seja por meio de uma atuação institucional percebida por elas, seja pelas aulas frequentadas e pela influência das amigas construídas. Como foi mencionado anteriormente, por se tratar de jovens que, de certa forma, foram abandonadas, vítimas de abusos tanto pela sociedade quanto pelas suas famílias, a

referência que a maioria delas possui de leitura (salvos os poucos casos em que as mães são professoras, como a mãe de Nice, que encorajavam a educação, como a adolescente Anelise, ou mesmo que adquiriam livros para as filhas, como a adolescente Rute), praticamente não provém de casa, como se pode notar nos depoimentos:

Bela – A minha família não me encoraja ler, não... quando eu chegar lá com toda essa bagagem que eu tenho aqui, a minha família vai estranhar. Vão perguntar: “Onde você tava?”.

Liz – Nossa, é verdade! Meu irmão veio aqui e eu mostrei o livro que eu fiz e o livro que eu tava lendo. Daí ele perguntou: “que página você tá?”. E eu disse: “acho que na 200 e tralalá...”. Eu já tava... E ele disse: “Nossa! Se fosse eu já tinha parado de ler na segunda folha!”.

Sobre os motivos para não ler, alguns resultados apontam para as dificuldades cognitivas e de interpretação, como foi visto anteriormente: o mau uso do tempo, a ausência de bibliotecas em suas escolas e a relação com as redes sociais, como afirma Rute: “Enquanto que, lá fora, a gente usava o celular, tipo só para ficar lendo fofoca. Não parava para ler um livro... eu tiro por mim...”. O consentimento das demais foi unânime aos motivos apresentados. No Espaço 2, tendo realizado o mesmo questionamento, as meninas disseram que “Tudo” as impedia de ler:

Luana – Eu acho que ninguém parava para pensar... ninguém parava para pegar um livro e ler.

Sara – Tem essa coisa do tempo também.

Algumas meninas – [risos] a gente tinha a vida... lá a vida acontece... coisas erradas... [mais risos] não eram só coisas erradas, também...

É possível perceber tanto pelo fato de duas salas da unidade terem sido oficialmente consideradas como bibliotecas, tais espaços já se abrem com a oportunidade de descoberta da leitura. Representando a instituição, seus funcionários atuam de modo efetivo na promoção da leitura, com os incentivos da avaliação individual, que atribui pontuação às meninas que, entre outras regras, também apresentam um comportamento leitor, retirando livros às sextas-feiras, apresentando seus resumos em reuniões e até retirando citações de suas leituras para as reflexões coletivas, além da promoção de eventos especiais, como relata a adolescente Liz.

Liz – [...] vai ter agora um evento, que as meninas vão poder escolher um livro de qualquer tema, de qualquer estilo, para a gente poder falar um pouco sobre ele [...].

O projeto da diretora, e desenvolvido por todo o grupo, teria uma programação muito especial (embora até a data da conclusão da pesquisa de campo ainda não tivesse ocorrido). A coordenadora informou que haveria convite de autores de livros e

um grande espaço para a participação das meninas que se inscrevessem, além de apresentações de músicas e outras atrações culturais, em uma programação bem extensa, que estava sendo finalizada. A percepção do incentivo por parte da Fundação pode ser observada na visão de Bela, como segue.

Bela – Daí eles [professores] pegam uns livros mais simples, mas as meninas têm o livre arbítrio, a opção de querer ler ou não querer ler, entendeu? Tem as lições da escola, mas também tem a biblioteca. E é dessa forma que eles ensina... eles faz a gente se desenvolver, a gente querer assim...

As aulas frequentadas podem ter alguma vinculação com o comportamento leitor das meninas, já que a professora Georgiana, que trabalha na instituição há quase vinte anos, tendo praticamente ministrado aulas para vários grupos, possa ter, de alguma forma, também uma responsabilidade pela formação das adolescentes, pois suas aulas revezam conhecimentos estruturais da língua com a presença de diversos gêneros de escrita, como a poesia, que evidentemente é o que ela trabalha com grande prazer.

Georgiana – A poesia estimula na aprendizagem das meninas e também na sua autoestima. É aqui que elas se descobrem. Descobrimo a poesia, elas se descobrem também [...]. Já outras, eu sento junto, converso, a gente faz uma lista de palavras que rimam, para elas se sentirem mais seguras, para fazer uma poesia rimada. Eu vou ajudando a florescer.

As suas tarefas não são apenas os exercícios de escrita, mas motivação para uma visão artística e autoral, um exercício de sensibilidades. A professora Lídia, atualmente com as internas do Espaço 2, também indica, em suas aulas, livros da biblioteca e organiza momentos de estudo e discussão dos livros lidos.

Lídia – [...] interpretação é muito cobrado. Trabalho, sim, inclusive os livros de vestibular, mas de um modo mais prazeroso, porque às vezes a pessoa não gosta, mas ela tem que se permitir gostar.

O papel da escola formal, nesse processo de descoberta da leitura, pode ser crucial para a promoção da familiaridade das meninas com a literatura.

Georgiana – A literatura como um todo tem esse poder de transformação, de sensibilização, de aprendizado.

A professora apresenta ainda uma estratégia que desenvolveu nesses anos, para não oferecer constrangimentos, mas motivar a leitura das meninas.

Georgiana – Vou estimulando e falo assim bem perto de uma menina que não gosta de ler. Eu pergunto para outra que tá pertinho, que é bem leitora: “O que você está lendo? Qual é o livro que você está lendo?”. E eu percebo que uma vai olhando por cima do ombro, assim, de rabo de olho, e acaba depois aqui no registro (a gente tem acesso

a esses registros), a gente acaba vendo que a menina acabou pegando o livro que a outra indicou sem querer.

Todo o esforço empreendido no sentido do desenvolvimento da leitura, pode ser percebido com a presença de dois fenômenos, como resposta: o despertar da sua consciência em relação à leitura e espaços, e a vontade, das meninas que leem, de que outras internas também se descubram leitoras, como mostram em suas falas:

Pesquisadora – Quem aqui chegou não gostando de ler?

[Todas levantaram as mãos, sorrindo... muitos sorrisos, quando viram as mãos das outras levantadas].

Adolescente 2 – Eu não lia e nem gostava de ler e hoje eu leio bem mais por mês. Eu chego a ler 2 a 3 livros. Eu gosto bastante de ler.

Bela – Como assim, a biblioteca? Depende... Aliás, meu nome é Bela, tenho 17 anos e sou da Zona Sul de SP... A primeira biblioteca que eu entrei foi na quinta série. Lembro até hoje! Só que eu não tinha esse interesse que eu tenho hoje nos livros, que foi despertar aqui dentro da Fundação.

Ao serem novamente questionadas pela pesquisadora, desta vez sobre quantas ali gostavam atualmente de ler, todas elas levantaram a mão. Isso ocorreu em todos os grupos pesquisados. Já quando foi solicitado a elas que falassem um pouco sobre o significado da leitura, houve uma diferença notável entre os grupos. Entre as meninas mais novas, notou-se ainda um apego à forma, à gramática e à ortografia. Ou pelo fato de algumas delas ainda estarem se apropriando do sistema de escrita, ou iniciando uma familiaridade mais profunda com os livros, a literatura, etc. e, talvez até por influência de seus professores, seus depoimentos consideram que a leitura precisa ter uma função mais pragmática, mais utilitária, como mostram alguns depoimentos:

Beatriz – Vamo começar daqui. Meu nome é Beatriz, eu tenho 16 anos e a leitura para mim, ela me inspira, tanto na aula quanto no livro, porque eu procuro entender o que acontece, gosto bastante e para mim é um meio de tanto ler o livro, mas sim também tá interessada nas aulas de português.

Lavínia – Meu nome é Lavínia, tenho 13 anos e acho que a leitura é uma forma de adquirir mais aprendizado.

Anelise – Meu nome é Anelise, tenho 17 anos e, para mim, a leitura me ajuda muito na forma de falar. Ajuda também na curiosidade e na forma de... depois, para melhorar o jeito de escrever, de falar. Então, para mim, ela representa muito.

Maiara – Meu nome é Maiara, tenho 16 anos e a leitura para mim representa muita superação e muitos meios de conhecimento.

Sueli – Meu nome é Sueli, eu tenho 16 anos e, para mim, a leitura representa quase tudo na minha vida. Porque me ajuda na forma de me expressar, ajuda na minha forma psicológica para a minha

superação, para a minha vida e ajuda muito no meu aprendizado. Então, para mim, ela é tudo!

Sofia – Meu nome é Sofia, tenho 17 anos e acho que a leitura melhora tudo, melhora minha dicção, melhora o meu jeito de interpretar.

Por meio de suas falas, a relação de algumas adolescentes se concentra mais nos resultados práticos e nas aplicações diretas da leitura, em vez de se concentrar no prazer estético ou na apreciação artística. Com as meninas mais velhas, é possível perceber, em seus relatos, uma maior autonomia ao falar, não repetindo o senso comum, com o que lhes disseram sobre a leitura, mas sobre o que elas mesmas experimentam com o ato de ler.

Bela – É você sentir as emoções.

Carolina – Você entrar na história...

Nice – Imaginar, interpretar...

Bela – É você abrir sua mente, na verdade, com a leitura...

Carolina – Acho que é isso... É a gente começar a ler um livro e ele ficar tão interessante que a gente quer tanto ler o final, saber o que vai acontecer, que a gente não para de ler... continua lendo...

Carolina – Ah, a imaginação de tá ali dentro daquela história. Parece que você tá ali... é muito bom! Você foge... foge de tudo o que tá acontecendo assim, na sua vida...

Bela – É você imaginar, sabe, fugir um pouco da realidade... Você ser uma outra pessoa, você sentir, você, tipo assim, se posicionar em outro lugar. Você consegue enxergar as coisas com outros olhos... Você pode fazer o que quiser...

Liz – E assim, às vezes, a leitura, ela resgata alguns sentimentos de criança, sabe, da sua infância ou aquele sentimento que você já não tinha, sabe, que você se trancou ali na frieza, e ela resgata...

As respostas obtidas pelas jovens do Espaço 2 encorajam um outro tipo de interpretação: a maturidade – ainda que a diferença etária não seja muito grande – que desenvolveram, pela vivência institucionalizada revela uma profundidade de sentidos atribuídos à leitura. Com relação ao Espaço 1, os sentimentos que a leitura de alguns livros lhes provoca é o de admiração, de poder, por terem sido capazes de ler um livro grosso, ou um livro com uma história muito cativante, como dizem.

Maiara – Eu sou muito preguiçosa para ler essas coisa, mas, quando eu cheguei aqui dentro, aí eu peguei um livro fininho, para começar, daí depois eu fui pegando outros livro e eu acho legal, sabe. Quando eu deito na cama, eu vou ler, aí eu entendo porque eu sou meio ruim para interpretar. Às vezes, tem umas palavra difícil, meio diferente mas aí a gente pega os dicionário para ajudar, daí eu fico até assim: “Nóss... não acredito que eu consegui ler esse livro!”.

Beatriz – Acho que um final diz tudo. É a emoção de chegar no final do livro, que às vezes é raiva, às vezes queria que continuasse...

Anelise – O que a gente sente, quando a gente consegue ler um livro assim... A gente vê que lá fora a gente achava que não era capaz, mas aqui a gente vê que a gente consegue... Eu acho que... Ah, eu fico muito feliz...

O significado da leitura para as meninas se reflete diretamente em sua confiança em si mesma. Tem a ver com autoestima, descoberta de si mesma, sentimentos positivos que continuam motivando o comportamento leitor. O que, de certa forma, coloca-as como grandes incentivadoras da leitura entre as demais, como relatam:

Flor – Sim, eu vejo isso como uma influência, sabe? Muitas vezes a gente tá lendo um livro, comenta com a outra e já surge o interesse nela e dela vai para outra...

Gisele – E daí já tem uma sequência de quem vai ler o livro. A gente divulga.

Pode-se perceber o zelo e o interesse das garotas do Espaço 1 por sua biblioteca, no relato de Bela, pois esta estudante auxiliou a montagem e a composição do espaço, juntamente com outras amigas e a equipe pedagógica. Ao que se pode entender, ela também parece incentivar bastante as suas colegas, a fim de que desenvolvam suas capacidades. Ao perceber que as colegas iam o tempo todo aos funcionários pedir que lhes dissessem o significado de algumas palavras que não entendiam, relatou:

Bela – E daí eu coloquei um dicionário em cada quarto. Porque eu via as meninas perguntando: Ah, o que é tal coisa? E eu até falei pros funcionários: “Não fica respondendo. Faz elas ir no dicionário e procurar. E se elas ainda tiver dúvida, aí sim”.

A prática de indicar livros mostra o desenvolvimento bem consolidado do comportamento leitor, pois só se pode oferecer alguma indicação se se souber ao menos parcialmente o teor do livro indicado.

Rute – Na hora de ler livro, a gente acaba indicando pras outra. Aí a gente tem a nossa união... porque tem a avaliação e daí a gente se ajuda, vai lá, pega livro na biblioteca...

Rute – Tanto as colegas convidando: “vamo lá pegar um livro para gente apresentar na avaliação” e, no final: “ah, eu não vou fazer, por causa daquela professora...”

Beatriz – Eu tenho uma amiga, que... ela fala que lê o livro, mas ela não entende... Daí eu falo para ela: “vamo lá, prestar atenção na aula de português também”.

Bela – Aí as menina me falava: Bela, me indica um livro? Daí eu dizia: que tal esse, que tal aquele?

O exercício de indicar livros se mostrou constante, podendo ser notado até mesmo na execução do grupo focal, quando, entre as garotas, os títulos dos livros, seus conteúdos e suas localizações eram constantemente socializados. A leitura, que

abriu o mundo para as estudantes, é a mesma que desperta sua empatia, inclusive no acolhimento com as jovens ingressantes na CASA.

Como reconhecimento pelo seu trabalho inclusivo e potente com as meninas da Fundação, o Jardim Secreto recebeu um convite, no início do ano de 2022, para desenvolver um projeto autoral entre as suas estudantes.

Darcy – Foi uma associação que incentivava a escrita das meninas e foi a primeira vez que eles trabalharam com a gente. O nome da associação é Associação Meu Primeiro Livro. Cinco meninas dessa unidade escreveram, e temos quatro meninas aqui que participaram. Sei que tinha a parte *on-line*, tinha um tutor que vinha comentar e recolher o que elas escreveram. Elas vão contar os detalhes.

O projeto não pôde ser destinado a todas as jovens, apenas seis internas foram indicadas, levando em consideração os critérios definidos pela avaliação semanal. O objetivo era publicar um livro, cujo tema poderia ser livre, mas para tanto haveria um curso ministrado, a fim de oferecer subsídios às meninas escritoras.

Liz – Eu acho assim, que fazer um livro e contar a nossa biografia e as histórias que a gente já viveu, faz a gente voltar naquilo, sabe? No meu caso, tinha histórias que eram boas e tinha histórias que eram ruim de voltar... foi lembranças que marcaram a minha vida. Sei lá... acho que foi bom.

No processo de escrita, muitos elementos se uniram, a fim de contribuir para a construção das biografias das meninas, e a própria coordenadora informou que, enquanto escreviam suas histórias, algumas delas precisaram de algum tipo de apoio emocional, existente na própria CASA, a fim de enfrentarem suas questões pessoais, momentos traumáticos de abandono e abuso sofrido. Nem todas as temáticas poderiam estar nos livros, mas aquilo que não foi parar nos capítulos foi tratado em análise psicológica.

Pesquisadora – E teve um lançamento, fiquei sabendo! Como foi?

Liz – Foi incrível!

Sara – Foi na Pinacoteca... acho que foi muito especial porque a gente pôde sair assim, livres... Tinha pessoas muito diferentes, que queriam ver os nossos livros.

Uma fagulha de orgulho brotou nas fisionomias das autoras, que se sentiram prestigiadas por diversas pessoas, em um ambiente esplêndido, como a Pinacoteca, local em que a maioria delas jamais visitou e que estava aberta, não para ser apreciada, mas para dar destaque ao que elas produziram. Além disso, deixaram de lado os uniformes e assumiram sua forma individual,

Flor – Ah, foi tão legal, porque a gente pôde sair com roupas, também! Quero dizer, com roupas diferentes... A gente tirou este uniforme.

As meninas se sentiram livres e puderam perceber que sua produção estava sendo valorizada e contemplada por várias pessoas.

Sara – Mas a parte mais legal para mim foi quando as pessoas fizeram fila, sabe. Porque elas ficaram interessadas no que a gente fez.

Darcy – Foi uma sessão de autógrafos!

Embora todos os familiares tenham sido convidados e as meninas pudessem entrar em contato telefônico e por videochamada, para convidá-los, ao menos a metade das meninas não receberam nenhuma visita para prestigiar seu sucesso. Tal conduta pode ter uma interpretação dúbia acerca das famílias e da importância que possam oferecer ao evento: por um lado, em uma visão mais apressada, a ausência da família pode confirmar o quanto as meninas são deixadas de lado e desprezadas, sobretudo quando cometem um erro, como o que as levou a serem apreendidas; a segunda interpretação, talvez mais refletida, ou não, tem a ver com a visão que os familiares pudessem ter sobre a distância, sobre a impossibilidade financeira de arcar com o deslocamento, o vestuário, ou mesmo a ausência de uma compreensão acerca do significado do trabalho das jovens. Mesmo as mães que compareceram, relataram certa estupefação e desconfiança sobre a capacidade das filhas, como relata Carolina, que disse:

Carolina – Nossa... a minha mãe que ficou desacreditada, que nem eu acreditava que eu conseguia fazer um livro!

Darcy – Foram só três famílias, a da Larissa, que foi embora, a da Vanessa e a da Liz, mas foram as técnicas, foram alguns funcionários, a diretora, professoras daqui também foram.

Embora o projeto tivesse privilegiado poucas meninas, em relação à maioria que não produziu o livro e nem mesmo assistiu ao lançamento, o testemunho dos professores e funcionários envolvidos, que presenciaram o evento, gerou uma grande admiração de todo o grupo, refletindo inclusive no Espaço 2, sobre as meninas mais novas, que manifestaram, no grupo focal, a grande vontade de conhecer o teor dos livros de suas companheiras:

Beatriz – Eu quero ler ele, eu quero ver, porque uma pessoa... as meninas fizeram um livro, lá no outro espaço e, para mim, a gente acha que não tem capacidade, que vai chegar aqui e não fazer nada...

Anelise – São as meninas que estão no mesmo local que a gente, entendeu. E quem imaginaria que tanto nós quanto elas poderiam fazer um livro um dia?

Rute – Então, acho que vai ser interessante ler o livro delas, porque a professora mesmo falou para gente que umas fez livros de poemas e outras fez de biografia. Então, se for uma biografia delas, elas deve ter colocado quando que elas entrou, que que elas fazia...

As práticas observadas na CASA Jardim Secreto demonstram que um trabalho coeso foi realizado conjuntamente com as próprias meninas, a fim de aproveitar o máximo das potencialidades das bibliotecas e extrapolar os muros da Fundação, inundando de leituras as vidas egressas das meninas ora institucionalizadas. As meninas apontaram maneiras de dar continuidade ao hábito da leitura, por meio do uso de equipamentos públicos, como as bibliotecas e centros comunitários, e houve quem anunciou o uso de livros digitais, como possibilidade de estender a leitura para seu cotidiano fora da instituição.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Não é objetivo desta tese infligir críticas às pessoas que servem ao sistema de justiça do país, apenas apresentar as incongruências percebidas na pesquisa, em comparação com a literatura científica produzida sobre o assunto, sabendo que nem se pode julgar as atitudes de funcionários que servem neste tipo de instituição, apenas analisar, de modo a encontrar formas de minimizar os efeitos da institucionalização sobre os adolescentes e jovens brasileiros.

Apresentadas as compilações das unidades mais importantes, segundo a associação com as categorias iniciais preestabelecidas neste trabalho, e acrescidas outras subcategorias ao corpus da apresentação organizada dos depoimentos, tem-se, resumidamente, as seguintes categorias: espaços, sujeitos e práticas e significados, definidas *a priori*, sobre as quais serão construídos os roteiros de observação e interações, incluindo-se a estas a escola e a biblioteca externa, seja escolar ou de outra natureza, como subcategorias.

A premissa de se fazer uma comparação é que existam elementos ou aspectos passíveis de serem comparados. Por exemplo, ao pensar em dois objetos, dois eventos ou dois conceitos, é essencial que haja características mensuráveis ou observáveis que permitam a análise de semelhanças ou diferenças entre eles. O objetivo desta análise não é o de comparar ambos os centros apresentados, mas de estabelecer algumas formas de inferir generalizações a ambos os espaços.

Nessa lógica, pode-se iniciar pela característica marcante nas estruturas da Fundação CASA, sobretudo para alguém da área da educação pública: a hostilidade arquitetônica, que o espaço inflige sobre os indivíduos, principalmente a unidade

masculina. Começando com a burocracia para entrar, a presença visual de elementos que constantemente lembram que aquele espaço não pertence ao âmbito privado: o constante olhar dos agentes, o abrir e fechar de pesados portões com cadeados enormes, a padronização da cor dos prédios, a presença de uma rotina rígida e definida, a fim de que não existam grandes lacunas e, conseqüentemente, o ócio, já que, em consonância com o entendimento de Goffman (1974, p. 18), sobre as instituições totais,

[...] todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários.

A instituição possui um peso próprio do poder que representa, embora este poder não seja evidente e é esperado que não seja, pois, segundo o filósofo Byung-Chul Han (2019, p. 8), “Quanto mais poderoso for o poder, mais silenciosamente ele atuará”. Ele se apresenta sutilmente nos discursos dos próprios subordinados, nas atitudes dos que são governados por ele, de modo natural, quase orgânico. Passando das características físicas para as atividades estabelecidas, percebe-se, em linhas gerais, a necessidade de se manter o indivíduo recluso, sob uma rotina, a fim de que exista uma sensação de produtividade, no caso dos jovens, com a “construção” do seu futuro, pois “Um poder maior é, assim, o que forma o futuro do outro, e não o que o bloqueia” (Han, 2019, p. 9). O que é muito perceptível em ambas as unidades, mas se destaca na unidade feminina. As agendas são intensas, as atividades são frequentes. Existe uma idealização de um estilo de vida e ainda precisa sobrar “espaço” para a leitura.

Passando para as acomodações, estas, certamente, poderiam tornar a leitura um momento de muito mais prazer para todos, mesmo sendo o lugar mais “propício e aconchegante”, na visão da professora Lúcia, da unidade Monte Cristo, para o qual todos os adolescentes sentem vontade de ir. As Bibliotecas de ambos os centros não podem ser livremente usadas ou fazer parte de uma rotina diária prevista na agenda, para leitura por deleite, já que o problema apresentado na unidade masculina foi a falta de funcionários, mas pode também ser identificado pelas suas dimensões espaciais limitantes. E o problema da unidade feminina foi a intensa atividade de diversas naturezas, que consomem as jovens durante a semana.

O problema da falta de recursos para a manutenção das bibliotecas dos dois centros é, sem dúvida, a falta de renovação de seus acervos, o que deixa as

instituições à mercê da caridade alheia, seja pela boa-vontade dos próprios professores e funcionários, o que se percebe claramente nos depoimentos, mas também na ação de instituições de diversas naturezas e representando diversos interesses. Pensando nessa composição dos acervos, nota-se que a porcentagem – ainda que não se tenha um número específico – aponta para uma quantidade significativa de livros religiosos, oriundos das várias denominações que realizam trabalhos nesses espaços.

O avanço das igrejas evangélicas sobre os presídios e espaços de reclusão de liberdade, como a Fundação CASA, é histórico e muito perceptível, o que pode representar um perigo para a formação cidadã e democrática dos indivíduos, com interpretações limitantes ou sufocantes das diversas visões de mundo. Pode ser um problema para o incentivo à leitura pela apreciação estética, política ou ideológica, sendo indicada apenas como autoajuda, como motivação para “mudanças de comportamento”, para sujeição de suas individualidades, para o pensamento de manada. Os discursos apresentados nas literaturas religiosas privilegiam, no geral, um discurso único e estabelecem um micropoder, nas palavras de Foucault (2010), que age de modo sutil e toma conta dos corpos daqueles sobre quem se impõem. As igrejas têm se ocupado de espaços que a sociedade e o Estado não ocupam, ou por falta de interesse ou por excesso de demandas. Elas se tornaram, de certa forma, a antessala das demandas sociais, de ordem caritativa e solidária; realizam as funções e preenchem os espaços culturais também.

Apenas a existência dos espaços em si pode parecer que a Fundação dê o apoio necessário, mas a falta de acesso a eles tem gerado alguma frustração e o entendimento de um trabalho mal-acabado. Essa impossibilidade deixa os estudantes com poucas opções de espaços de leitura, o que lhes resta o quarto, onde a coletividade não lhes permite desenvolver sua subjetividade. Isso ficou bem perceptível no depoimento de forma ideal de leitura, pela adolescente Rute: “E é assim, quando a gente tá sozinha assim lendo, parece que a gente consegue entender mais [...], o que no geral não acontece”. Ela mostra o ganho qualitativo relacionado à leitura em um ambiente propício, mas o silêncio e a solidão são gêneros praticamente inexistentes na CASA e nas instituições, como um todo.

Se a compreensão espacial da Fundação pode aparentar indícios de um poder não identificado, pronto para estruturar as noções de organização, a vida na coletividade, o comportamento obediente, as crenças e a lembrança constante da

privação de liberdade, quais são os sinais e os efeitos de tais poderes sobre os corpos e as individualidades dos adolescentes e jovens atendidos? Foucault (2010) apresenta sua leitura:

Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. (Foucault, 2010, p. 130).

Sobre os sujeitos desta pesquisa, percebe-se uma acomodação de comportamento. Em uma pequena análise do material coletado, percebe-se que há uma harmonia entre as forças, embora a modelagem do comportamento dos internos e internas se mostre evidente em suas roupas padronizadas, em seus andares e falas subservientes, com os uniformes masculinos e femininos e os chinelos arrastando ao chão, com o uso constante do pronome de tratamento “senhor”, “senhora”, que mostra deferência dos mais jovens para com os adultos, hierarquizando as relações.

O poder da disciplina como a terceira tecnologia do poder penetra profundamente no sujeito como feridas e representações. Ele penetra, por assim dizer, no interior do corpo, deixando nele “rastros” feitos pelo automatismo do hábito. (Han, 2019, p. 34).

Além da linguagem e do comportamento, percebe-se, na resignação das falas das meninas, a expressão de tais feridas, com a repetição de certos discursos reproduzidos como verdades. O aprisionamento da juventude pode ser inferido (não somente) como uma alternativa ao fracasso das instituições exteriores, como a família e a escola. As famílias, consideradas estes agrupamentos que se formam sem uma estrutura, com a ausência dos adultos, por conta das exaustivas jornadas de trabalho, atreladas às horas despendidas em transporte público, porque raramente as famílias desprovidas de recursos financeiros residem no centro das cidades, deixando os filhos à mercê dos cuidados de terceiros e, claro, da escola.

A escola, por outro lado, pensada para aqueles estudantes com uma estrutura familiar bem ajustada, com o ideal da família patriarcal, não consegue assimilar os estudantes e, muito menos convencer de que pode apresentar-lhes um mundo novo de curiosidade e contentamento, ao contrário, repele os diferentes e acolhe os iguais. Além disso, as universidades, sobretudo as privadas, respondem pela maior parte de licenciados, formados a cada semestre para ministrar aulas nas instituições públicas, dispostos a trabalhar do mesmo modo como foram educados. Uma educação não

reflexiva, não consciente dos problemas sociais e culturais, reproduz, segundo Bourdieu e Passeron (2010), os padrões hegemônicos da educação que Freire chama de bancária. Em seu site²⁷, o professor aposentado da Faculdade de Educação da USP, Vitor Paro, apresenta um conceito que muito pode explicar esse fenômeno dos licenciados atuantes em escolas públicas ou outras instituições, com uma falta de profissionalismo e consciência de classe, como “amadorismo pedagógico”, que, pautado pela “boa vontade” do profissional, também ele vítima dessa rede sem fim,

[...] é uma espécie de senso comum que ignora séculos de história da educação e de progressos científicos na elucidação da maneira como as pessoas aprendem e na proposição de novas formas de ensinar. (Paro, 2018, n.p.).

Nessa falta de formação crítica, de conhecimentos científicos e na ausência de uma boa formação realizada em serviço, professores e professoras acompanham, sobretudo após a pandemia de 2020, a evasão massiva de estudantes, de seus bancos escolares. Onde eles estão? Qual é a assistência que recebem? Foucault afirma que “O delinquente é um produto de instituição” (1987, p. 327). Nascer sob esse quadro pode ser viver à sua sombra para sempre, assim o seguem pelo resto de suas vidas, do orfanato ou da ausência de famílias que os assistam, para a Fundação CASA, destas para as prisões e quando ainda sobrevivem aos hospícios ou asilos, a fim de esticar o tênue fio de sua desgraçada existência (Foucault, 1987).

O que desconstrói um pouco esse discurso determinista é aquilo que os/as adolescentes institucionalizados/as depuseram sobre a leitura e suas possibilidades. O trabalho das professoras, de humanizar o atendimento pedagógico, de se colocarem à disposição e, ao mesmo tempo, de investirem na possibilidade de inseri-los no universo da leitura, da fabulação, é o maior ato de rebeldia contra os poderes estabelecidos.

As ações educativas, ainda que pequenas, quando se trata da unidade Monte Cristo e um pouco mais estruturadas, percebidas na CASA Jardim Secreto, têm dado frutos interessantes, para o rompimento com o círculo vicioso das instituições. Ainda que a escola não tenha sido sequer mencionada, na unidade masculina, ela ainda se mostra um potencial aliado do acolhimento de meninos e meninas oriundos/as das realidades sociais mais carentes.

²⁷ Cf. <https://www.vitorparo.com.br/28-razao-mercantil-e-amadorismo-pedagogico/>.

As atividades de incentivo à leitura, desenvolvidas na Fundação CASA, em suas instalações prediais dedicadas à biblioteca, tanto motivam quanto desafiam os internos a buscarem novas formas de se relacionarem com o livro, seja no silêncio quase impossível, seja nas arquibancadas das quadras, ao sol brando de uma manhã de domingo, seja nos seus quartos, driblando um pouco o momento coletivo de atividades religiosas ou na própria biblioteca. Eles descobriram, de alguma maneira, que é possível sair, mesmo estando apreendidos e para além das pequenas oportunidades de passeios oficiais!

Um fato um pouco lamentável da CASA Monte Cristo foi a questão de a professora Celeste resistir em entregar livros para seus alunos. Numa tentativa de protegê-los ou mesmo de evitar constrangimentos, ela nega a eles, muitas vezes, até o livro didático, numa relação de desconfiança de suas potencialidades. Nega-lhes o prazer da poesia, mesmo constatando que os meninos gostam de música. A professora Ana Haddad escreve sobre a tendência negativa de se separar poesia e prosa, pois suas consequências refletem diretamente no afastamento das pessoas, “da leitura e do ato de escrever” e completa: “Mostramos, dentro do possível, que a prosa e a poesia misturam-se a todo momento. Que prosa e poesia podem estar lado a lado, inclusive, em livros aparentemente conceituais.” (Baptista, 2017, n.p.)

A professora Georgiana parece ter percebido o poder da poesia no resgate primeiro da atenção de suas alunas e depois nas suas formas de se relacionar com os livros. Os seus pequenos e grandes incentivos, para que as meninas escrevam, a sua didática carinhosa a se aproximar delas, sem constrangimentos e, em suas palavras, ajudando-as a “Florescer”, com seu estímulo da criação da página do *Facebook*, ainda que não possam acessar estando aprisionadas, mas com a esperança de serem lidas, de serem observadas. Todo esse papel afeta profundamente o seu lado emocional.

De algum modo, a institucionalização das jovens da CASA Jardim Secreto parece promover as pazes entre elas e a escola, não apenas a escola aprisionada, mas a exterior também. Essa relação passa a ser primordial para o complemento de suas rotinas. Em meses de férias, em que as atividades de oficinas e cursos dão uma pausa, as meninas relataram o quanto sofreram com a ausência de atividades da educação formal, e contam, de modo divertido, que chegaram a pedir, aos agentes educacionais, desenhos para pintar, a fim de reduzir o tempo paradas, algumas sem inspiração para a leitura de livros repetidos ou com coleções incompletas.

Na CASA Monte Cristo, destaca-se a atuação da pedagoga Lúcia, alguém muito sensível à inabilidade de alguns estudantes para ler e, ao mesmo tempo, atenta ao seu papel de não apenas ser alfabetizadora, mas incentivadora do letramento de seus estudantes. Em horários determinados, ela resgata alguns meninos, para que vivenciem experiências mais gratificantes do que o tédio e, ao abrir a porta da biblioteca, abre-lhes a porta de um mundo. “O ato de educar somente pode ser efetivado quando suas sensibilidades (dispostas?), de fato, se tangenciarem.” (Baptista, 2018, n.p.). Eles andam entre os livros, manuseiam, pegam, arrependem-se, trazem de volta, pedem ajuda, pedem dicionários, fazem desenhos ainda infantis, mas que compreendem que faz parte do processo de alfabetização. O trabalho de Lúcia é possibilitado pela ação da coordenadora Mercedes, que, ao cobrir sua função burocrática, deixa-a exclusivamente para esta função. A integração entre as profissionais apura ainda mais o olhar sobre as necessidades dos meninos, que são atendidos e favorecidos com esse trabalho.

Quanto à CASA Jardim Secreto, há também uma união entre a equipe como um todo, tendo, na pessoa da diretora, o papel de incentivo e encorajamento. Em uma ocasião, enquanto apresentava a unidade, a coordenadora Jane fez, a princípio, um comentário negativo acerca de um livro, que já tinha passado pelas mãos de todas as meninas, mas, depois, ela mesma parou e refletiu sobre o que pode ter motivado as meninas a lerem tanto aquele livro, tendo chegado à conclusão de que elas realmente precisavam de algo com o que se identificarem, para seguir em frente, o que naquele momento era o livro religioso em questão. Esta reflexão tem a ver com o olhar empático sobre o outro, não apenas voltado aos próprios valores.

Nessa passagem, é fácil observar que meninos e meninas se tornaram mais sensibilizados a leituras, ainda que não canônicas. Cosson (2022) apresenta uma possibilidade prática de sequência básica para o ensino do letramento literário na escola, à qual associa as seguintes fases: “motivação, introdução, leitura e interpretação”, apresentando exemplos práticos dessa atividade sequencial. As possibilidades de motivação da leitura literária são inúmeras, mas a primeira, sem dúvida, é não duvidar de que o estudante seja capaz.

Para encerrar as discussões, alguns relatos de estudantes que, mediante a presença da pesquisadora, em seus ambientes, demonstraram profundo respeito e apreço, na mesma medida em que se sentiram especiais, por poder ser ouvidos e

vistos por uma pessoa que não tinha parentesco, mas tinha interesse em seus comentários e opiniões, a começar com Juliana, que comentou:

Juliana – A senhora não fez como os outros que escrevem sobre aqui, sem virem aqui, sem olhar na nossa cara... e ainda fala mal. Isso é muito importante.

Com certa criticidade e reconhecimento, demonstrou sua opinião sobre os tantos que falam dos adolescentes institucionalizados sem conhecer o trabalho desenvolvido. Assim também foi o estudante da unidade Monte Cristo, que, curioso com o que seria feito dos resultados da pesquisa, iniciou o pequeno diálogo que segue:

Estudante – Ah, não sabia que era para isso. Depois disso vai virar um livro?

Pesquisadora – Sim, posteriormente pretendo escrever um livro sobre a minha experiência na Fundação CASA.

Estudante – E nós estaremos nesse seu livro?

Pesquisadora – Sim, a ideia é esta, mas não irei identificá-los. No lugar de seus nomes, colocarei nomes diferentes, por exemplo, de desenho animado, para que não haja a identificação. Também não haverá identificação do espaço ou mesmo do nome das professoras e coordenadores.

Estudante – Mas quando eu for ler o seu livro, vou saber que a senhora está falando sobre mim! [Disse o adolescente sorridente].

A sagacidade do comentário dele provocou um sorriso em todos ao seu redor, mas sua interação guarda um significado: ele espera um retorno. Outros comentários, de meninos e meninas e até da professora, são pílulas de encorajamento para outros estudos e trabalhos:

Alberto – Senhora, que bom que a senhora se preocupou com nós! Até conseguiu entrar aqui, mesmo sem ser mãe de ninguém daqui... Foi da hora...

Edmundo – Foi bom saber que tem gente que se preocupa com a gente aqui dentro, senhora.

Pedro – Obrigada por conversar com a gente!

Rute – Muito prazer. Meu nome é Rute e é muito legal que você tenha vindo aqui, que você esteja interessada em nós, por você ter dado essa oportunidade da gente conhecer você.

Georgiana – E até a sua visita é muito importante para a gente porque mostra que tem pessoas do lado de fora que estão olhando para nós aqui dentro.

Rute – Eu achei muito bom, porque a gente se sente gente.

Maiara – Eu gostei muito de você, gostei muito que você veio aqui. [...]. Espero que você venha mais vezes.

A resiliência dos meninos e das meninas da Fundação CASA é marcante. Eles se inventam e reinventam, apesar das limitações espaciais e de recursos. O encanto com que demonstraram apreciar a biblioteca e seus livros é o que lhes permite buscar outros meios de resistir, de exercer sua individualidade, ainda que sua subjetividade não consiga ser totalmente experienciada.

A pergunta geradora de Edmundo, de Georgiana e dos vários educadores da Fundação CASA, deve ser repetida mil vezes aos ouvidos dos estudantes, tanto institucionalizados como livres: “O que você está lendo?”. Esta pergunta, no mínimo, tira a pessoa questionada do comodismo. Ele pode pensar: O que eu estou lendo? Por que eu estaria lendo? Eu já li alguma coisa? Pode haver alguma coisa interessante para ler? São perguntas instigantes e provocativas, que, atreladas a espaços propícios, como bibliotecas ou salas de leitura (de preferência bem estruturadas, com boa gestão de acervo e vários lugares para sentar, para fantasiar, fabular), possam ser respondidas com um sorriso de quem viajou o mundo e nem saiu do livro.

ANTES QUE AS LUZES SE APAGUEM...

Esta tese foi escrita entre muitas dúvidas, passos em falso e recomeços. À luz da bibliografia mencionada, foi possível encerrar o texto, mas não o assunto. A tentativa de se realizar uma trajetória histórica dos livros e bibliotecas oscila entre o que já está consolidado nesta área de estudos e as novas perspectivas de abordagens, e mesmo fatos históricos descobertos. Os assuntos ora tratados correspondem ao mesmo pensamento freireano de incompletude do ser, frente à grandeza da história e do universo, que não têm fim, e o ponto de partida pode ser a partir de qualquer ponto.

Se os objetivos elencados corresponderem às investigações acerca das origens das bibliotecas e dos livros, este trabalho apresentou a evolução material desses itens, desde os primeiros tabletas sumérios de argila, passando pelos papiros egípcios, os pergaminhos em forma de rolos, em *in-fólios*, em forma de códice e, finalmente, produzidos com outros materiais, até o livro em papel, como se conhece. As evoluções, pelas quais estes materiais passaram, provocaram revoluções no modo de pensar dos seres humanos, assumindo, ao longo dos séculos, novas conotações para a abertura ou fechamento das bibliotecas. Assim, se, no início de sua existência, a natureza dessas bibliotecas era muito mais conter os livros do que ampliar o contato das pessoas com eles, as abordagens foram variando. Momentos em que o colecionismo superava a leitura, momento em que era conveniente manter as populações longe de sua influência e, finalmente, estabelecer campanhas nacionais pelo livro, para sua aquisição e leitura.

Sobre o livro no Novo Mundo, algumas contradições foram apresentadas, porque se, por um lado, a leitura liberta, por outro, ela gera uma desconfiança e um mal-estar. A força da colonização portuguesa foi extremamente maligna para que a palavra escrita pudesse ser divulgada e apropriada pelos colonos. A escassez dos livros, a proibição de sua impressão em terras brasileiras, a repressão ainda no período colonial, as revoltas legítimas que surgiram das influências iluministas de padres e dos parques intelectuais da época da Inconfidência Mineira, mostraram o quanto uma biblioteca, ainda que pessoal, ainda que com poucos volumes (embora não o fosse para a época) poderia fazer um bom estrago nas estruturas opressoras daquele tempo.

As formas de incentivo que permearam a República, após a sua proclamação, por meio da promoção de escolas e espaços de aprendizagem, para uma sociedade de séculos de ausência de políticas públicas voltadas à instrução, denotam uma confusa combinação de elementos progressistas e outros certamente conservadores das estruturas de poder, favorecendo, como sempre ocorreu, a educação dual, em que os donos dos meios de produção têm a possibilidade de promover os melhores níveis de instrução teórico-científica aos seus filhos, ao passo que aos pobres restava apenas a possibilidade de se profissionalizar e sobreviver. O sistema escravista permanente até o final do período imperial era mais uma das contradições sobre as quais a sociedade brasileira se estruturou. As constantes legislações tinham apenas um papel pró-forma, de libertar partes da sociedade escravizada do período imperial, sem que, na essência, nada mudasse; efetivamente, a situação social se agravou ainda mais, com o cinismo das libertações, sem um plano de inclusão dessas camadas populares a nenhuma outra forma de subsistência, que não fosse a informalidade.

As profundas marcas da exclusão social com as quais os pobres e escravizados foram infligidos, ainda ressoam na contemporaneidade, em forma de empobrecimento, falta de acesso aos bens sociais e culturais e a lotação dos espaços de privação de liberdade. Mesmo as atuais campanhas de leitura e apropriação da cultura letrada não alcançam a contento essa parcela da sociedade.

O trabalho apresentou ainda uma pequena trajetória da leitura, acompanhando as eras e o desenvolvimento dos suportes de leitura, passando pelo modo como se liam os mais diversos tipos, até iniciar uma abordagem mais científica, com base nas descobertas da Neurociência acerca da leitura, da aquisição dessa habilidade evolutivamente desenvolvida no cérebro humano, bem como seus efeitos nas ligações neurais, no comportamento e na formação da mente. Uma pontuação sobre o comportamento leitor foi realizada, a fim de compreender as potencialidades do cérebro leitor. Buscou-se relacionar alguns tópicos teóricos com a literatura e a reflexão sobre o letramento literário e sua insuficiência para definir, informar e inserir novas discussões nessa perspectiva eurocêntrica, com os assuntos mais atuais presentes na contemporaneidade, como o protagonismo feminino, a luta das minorias. Assuntos deveras relevantes para a composição de um trabalho dessa natureza, embora, como todas as produções humanas, permeado de vieses e incompletudes, que certamente instigarão novos pesquisadores.

O último tópico teórico abordado desta tese apresenta a dura realidade dos filhos ilegítimos da colônia e as várias particularidades da exclusão social de indivíduos nascidos dentro de um quadro de “irregularidade”, criado pela própria sociedade que os paria. As casas de correção, os reformatórios, os hospícios eram todos espaços criados para conter os incorrigíveis, escondê-los, mantê-los distantes do olhar patriarcal e higienista das grandes cidades, erigidas sobre as aldeias e cemitérios dos povos originários e banhadas em seu sangue, suor e lágrimas. O que se deveria entender como excepcionalidade se torna a regra, mas não livra os institucionalizados dos estigmas e das profundas marcas com as quais caminharão para as próximas instituições ou para a morte. No decurso, as atuais instituições disciplinares, escolas, instituições de internação de adolescentes e jovens em conflito com a lei ou prisões, propõem-se a criar “corpos dóceis”, treinados em toda sorte de virtudes e programados para obedecer.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a existência de bibliotecas na Fundação CASA São Paulo e a percepção de adolescentes e jovens acerca da educação e das práticas de leitura vividas nesses locais. Diante do problema desta pesquisa, que elabora indagações sobre o lugar que a biblioteca, os livros e a leitura têm em ambientes de privação de liberdade de adolescentes e jovens, e com o levantamento histórico-teórico parcialmente realizado, a pesquisa conduziu-se de modo empírico, apontando, como campo dotado de significados, a Fundação CASA São Paulo, em suas duas unidades: Monte Cristo (masculina) e Jardim Secreto (feminina), espaços onde foram realizadas visitas de observação, acompanhamento de aulas e interações e o grupo focal, em uma conversa franca com os/as adolescentes de ambos os centros, realizadas entre fevereiro e março de 2023.

A metodologia adotada, com a ideia de uma triangulação, trouxe uma gama de resultados tão extensa que daria para apresentar outros trabalhos e outras interpretações, o que se abre como contribuição desta tese à ciência: a possibilidade de novas pesquisas, com novas nuances e inferências, graças ao seu vasto material apresentado integralmente no Apêndice. Outra contribuição à área da Educação consiste em dar voz às vozes aprisionadas/apreendidas, a fim de possibilitar uma pequena visibilidade aos indivíduos, que, gratos, manifestaram sua satisfação com a participação nesta pesquisa e dão, de algum modo, pistas de suas reais necessidades.

Alguns aspectos limitantes, porém, podem ser notados no decurso desta pesquisa: o volume de materiais coletados em campo e a impossibilidade de explorar a sua totalidade. Se houvesse a possibilidade de repetir a pesquisa, a ênfase poderia ser em apenas uma unidade, a fim de explorar melhor outras nuances. Sobre as limitações da pesquisa, um ponto que não pôde ser detalhado totalmente foi a questão apontada anteriormente acerca do protagonismo das mulheres, seus hábitos de leitura, suas contribuições acerca dessa área. Não apenas as mulheres, mas os negros e as legislações que tanto prejudicaram seu engajamento na educação, na leitura, na autoria. São temas fundantes, que certamente serão abordados em outros trabalhos de investigação e divulgação do saber científico.

No que tange às contribuições teóricas, pôde-se mensurar, em primeiro plano, a preocupação com os educadores, em sua formação inicial e em serviço. Algumas ponderações podem ser úteis para futuros desdobramentos, como o questionamento acerca de uma educação para a promoção dos direitos humanos; a formação dos educadores institucionalizados, como parte da matriz curricular dos cursos de licenciatura, haja vista que a excepcionalidade desse tipo de educação exige reflexões decisivas para esta área, no sentido de oferecer uma educação mais real, mais pautada na realidade de tais adolescentes e jovens. Outras contribuições visíveis estão no campo das metodologias de trabalhos científicos: é preciso que, mesmo nos cursos de licenciatura, as disciplinas de metodologia de pesquisa enviem seus estudantes para estágios em campo, visando aproximar o universitário do campo em que pretende trabalhar após a formação.

Além das contribuições destacadas, esta tese buscou o máximo possível dar voz a um grupo de indivíduos que nem sequer são vistos ou cogitados, salvo por esparsos pesquisadores de temas que fogem aos padrões da academia. Ouvir os adolescentes e jovens falarem de suas estratégias para sobreviver ao isolamento, à coletividade total e à falta de privacidade, e demonstrarem suas preferências, ainda contrariamente ao que uma instituição precisa fazer, que é uniformizar e nivelar os indivíduos. Nesse contexto, a leitura é, sem dúvida, um ato de rebeldia e esses meninos e meninas precisam de uma dose disso todos os dias, para não se perderem de si mesmos.

E, para não concluir, mas finalizar, é bom lembrar do relato de Edmundo que, com sua pressa em correr para o quarto, para ler enquanto os colegas estão em outras atividades, e assim conseguir um pouco de privacidade para seus pensamentos,

declarou: “A luz desliga às dez horas. Então, eu aproveito para ficar lendo lá mesmo”. Enquanto Carolina, sua companheira de leitura, separada por muitos quilômetros e pelo desconhecimento de sua existência, também inventa modos de ficar mais tempo com o livro: “A gente pode ficar com o livro até às 22h, mas às vezes quando as luzes se apagam, a gente ainda consegue enxergar um pouquinho.... [risos] principalmente se o livro tá bom...”.

Estas constatações demonstram que a biblioteca vive, que o livro reina e que é possível a realização de atividades sensíveis e gentis, mesmo em um ambiente de aprisionamento. É possível uma fuga. Não da Fundação, mas da situação de privação de direitos, sobretudo se o direito à literatura se tornar mesmo um direito humano.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE NETO, Flávio de Sá Cavalcanti de. Punir, corrigir, lucrar: O trabalho penal na casa de detenção do Recife na segunda metade do século XIX – Experiências e Repercussões. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 49, jul./dez. 2013.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Lelivros, 2013.
- ANDRADE, Francisco Ari de; PAIXÃO, Erinelda da Costa. A formação leitora entre livros e redes sociais: os sentidos produzidos por alunos da educação básica sobre a biblioteca pública da sua cidade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 1-16, 2020. DOI: 10.5007/2175-795X.2020.e65104. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/65104>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ASSIS, Machado. **Melhores contos**. 16. ed. São Paulo: Global, 2010.
- ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Salvador: Nostrum Editora, 2013.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Educação, linguagens & livros**. 2. ed. Campo Largo: Sg Leitura Digital, 2017. *E-book*.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Poéticas da Educação**. São Paulo: BT Acadêmica, 2018.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* **Marco Lucchesi: poeta do diálogo**. Belo Horizonte: Tesseractum, 2022.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. TAVARES, Antonio Manuel. Linguagem: colonização, colonialidade e descolonização. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; SILVA, Maurício (org.). **Educação e cultura literária**. São Paulo: BT Acadêmica, 2016. p. 31-62.
- BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas: de Alexandria às Bibliotecas Virtuais**. São Paulo: EDUSP, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARRETO, Lima. **Cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1953. Edição para Kindle.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas**: 1923-1972. Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Seleção, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 dez. 2016.

BRASIL. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Manda executar o Código criminal. Rio de Janeiro: Império do Brasil, 1830. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 11 jan. 2024.

BRASIL. **Lei Federal nº 6.697, de 10 de outubro de 1979**. Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6697.htm. Acesso em: 26 dez. 2016.

BRASIL. **Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 27 dez. 2016.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm. Acesso em: 19 ago. 2022.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. População e sociedade em São Paulo no século XIX. *In*: PORTA, Paula. **História da Cidade de São Paulo**: A cidade no Império, 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 15-55.

CÂNDIDO, Antônio. O Direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CARVALHO, Daniel Elias de. **História oral de vida de arte educadores da Fundação Casa: a arte como resistência**. 2017. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_5e2039256cb14472594228bcd9e72cf6. Acesso em: 19 ago. 2022.

CASSON, Lionel. **Bibliotecas no Mundo Antigo**. São Paulo: Vestígio, 2018.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: Do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial, 1999.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

COSTA, Willian Kleyton. **Para governar os pobres: Cândido Motta e a questão dos menores na cidade de São Paulo (1902-1935)**. 2021. 195 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.

DARNTON, Robert. História da leitura. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 199-236.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: o Império**. São Paulo: Leya, 2016. v. 2.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Jandira: Principis, 2021.

DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ECO, Umberto. **A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ESCOLAR SOBRINHO, Hipólito. **Historia de las bibliotecas**. 3. ed. Salamanca: Fundación Germán Sanchez Ruiperez, 1990.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. Percepções de jovens em conflito com a lei privados de liberdade: educação e socialização. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 126-144, 2019. DOI: 10.20396/etd.v21i1.8651291. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8651291>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Edições Graal, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 59. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do cônego**. 3. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2020.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação brasileira**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: Sua história**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Petrópolis: Vozes, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LEITE, Carla Carvalho. A doutrina da situação irregular à doutrina da proteção integral: aspectos históricos e mudanças paradigmáticas. **Revista do Ministério Público**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 93-107, 2006. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/2764825/Carla_Carvalho_Leite.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 31-68.

LUCCHESI, Marco. **Cultura da Paz**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.

LUCCHESI, Marco. **O bibliotecário do Imperador**. São Paulo: Globo, 2013.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1997.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. **A cidade de papel**. Rio Branco: Edufac, 2011.

PARO, Vitor Henrique. **Professor: artesão ou operário?** São Paulo: Cortez, 2018.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 347-375.

PATTE, Geneviève. **Qué los hace leer así?** Los niños, la lectura y las bibliotecas. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2011.

PEREZ, José Roberto Rus; PASSONE, Eric Ferdinando. Políticas sociais de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 649-673, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/sP8smWgyn5fJS77m6Cv4npj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material *In*: LE GOFF, Jacques. **História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 177-213.

PESSOA, Gláucia Tomaz de Aquino. Escola Correccional Quinze de Novembro. *In*: BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Arquivo Nacional. Memória da Administração Pública Brasileira. **Dicionário Primeira República**. Brasília, DF: MAPA, 23 ago. 2018. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/573-escola-correccional-quinze-de-novembro>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETTEGREE, Andrew; WEDUWEN, Arthur der. **The Library: A fragile History**. Londres: Profile Books, 2021.

PLATÃO. **Box Grandes Obras de Platão**. [S. l.]: Editora Mimética, 2019.

SANTOS, Georgina. Papéis passados: a história das mulheres a partir da documentação arquivística. **Revista O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira**, [s. l.], 7 maio 2020. Disponível em:

http://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5347&Itemid=460. Acesso em: 10 jan. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Editores Associados, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: Os desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Contexto, 2019.

APÊNDICE A – Caderno de campo

Este espaço deverá ser reservado para o registro de todos os preparativos e contatos com a Fundação CASA, que é o universo desta pesquisa. Os eventos que foram gravados estão aqui relatados ou transcritos, a fim de gerarem as impressões e interpretações necessárias para a categorização dos resultados. A partir de agora, todos os registros serão descritos como preparação, contato ou visitação. As observações não participantes foram registradas em áudio, já que não se permitiu o registro fotográfico dos espaços e sujeitos.

Preparação – setembro de 2022

Com a definição do tema, do problema, dos referenciais, após uma reunião com a minha Orientadora, professora Dra. Ana Maria Haddad Baptista, dei início às pesquisas para entender como funcionam as pesquisas científicas que envolvem seres humanos. Assim, entrei na Plataforma Brasil e comecei a escrita do projeto que originaria as minhas pesquisas de campo. Antes dessa escrita, a consulta à própria Instituição a ser pesquisada foi de suma importância para conhecer o delineamento do projeto. Recebi prontamente um e-mail com a Portaria Normativa nº 373/2021, que trata das peculiaridades da pesquisa na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA) e todos os passos que deveria seguir para adequar a proposta à Portaria.

No dia 30 de setembro de 2022, submeti a primeira versão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, após ter adequado e recolhido todas as assinaturas da orientadora e do diretor do departamento de Doutorado em Educação da UNINOVE, o professor Dr. José Eustáquio Romão. No dia 11 de outubro, o projeto foi recusado, pois havia alguns pontos a serem completados no inicial e que deveriam ser melhor elaborados. Em novembro do mesmo ano, solicitei à Promotoria de Justiça de Infância e Juventude da Capital (DEIJ) a liberação do juizado para a comunicação com os/as adolescentes e jovens em regime de internação na Fundação CASA, nas unidades liberadas pela própria Fundação, de modo que, após a apresentação das liberações do Comitê de Ética em Pesquisa e da UniCASA, que é o departamento que cuida das pesquisas neste órgão, fui liberada para seguir com o cronograma da minha pesquisa.

Feitas as alterações de cronograma, endereços e outras informações, o projeto foi novamente submetido e, no dia 06 de dezembro de 2022, teve o parecer favorável.

Primeiro contato com as equipes

Em posse de todas as documentações das etapas referidas, entrei em contato com a Fundação CASA, oficialmente autorizada, e marcamos a nossa primeira reunião, que ocorreu de modo virtual, pelo *Google Meet*, no dia 24 de janeiro de 2023, sob a mediação de Janaína Vida, que trabalha na Regional, é educadora, formada em Pedagogia, responsável pelo setor que libera as pesquisas pela UniCASA; o assistente social Piero Notoli, responsável pela mediação entre a Regional (DRMSE) e a CASA Jardim Secreto; Silva, chefe de sessão técnica da DRMSE; a supervisora Carla, da DRMSE, que acompanha a CASA Jardim Secreto, juntamente com a coordenadora pedagógica Jane Motta, e a supervisora e psicóloga Renata; Ana Lúcia, que estava representando a DRMNO, pela unidade Monte Cristo, embora não tenha conseguido se apresentar por problemas técnicos. Nesta data, além das apresentações formais, houve uma apresentação do meu projeto de pesquisa, a fim de que todos os responsáveis pelas unidades pudessem ter ciência da natureza da minha pesquisa e do cronograma de cumprimento.

Com a apresentação do projeto, apontei os principais aspectos da metodologia da pesquisa. Tendo respondido a algumas perguntas, fui orientada a enviar às unidades uma declaração de responsabilidade pelos dados coletados e obtive algumas orientações acerca de vestimentas e protocolos de verificação no início de cada entrada a ambos os espaços, inclusive da necessidade de revista, com o uso de detector de metais. Ficou combinado que, no primeiro contato com os gestores, definíssemos o cronograma de visitas aos espaços liberados.

Unidade masculina – observação não participante (28/02/2023)

No primeiro dia de visita ao centro de acolhimento de adolescentes da Fundação CASA, unidade masculina Monte Cristo, localizado na Vila X, fui recebida pela coordenadora Mercedes, que prontamente me atendeu e me acompanhou pelos espaços da unidade, com bastante solicitude, passando-me as informações acerca

de cada espaço, desde as dependências de acomodações até os destinados aos estudos dos adolescentes.

Todo o local era muito fechado, com muros altos, pintados pela metade de azul e a outra metade de branco. Há muros muito altos, com grades por toda a sua extensão e portões muito pesados, com cadeados extremamente grandes e pesados, que rangem na gravação, como se me lembrassem que aquele não era um espaço comum, como uma escola, mas que estávamos em um ambiente de privação de liberdade e, como tal, deveria sempre ficar trancado. Ao atravessar o pequeno jardim e chegar à parte onde estão os adolescentes, há um grande portão azul, com chapas de aço e ferrolhos enormes. Portões ou grades separam um espaço de outro e para todos há um agente da segurança para abrir e fechar no mesmo instante.

Neste dia, visitei as salas de aulas e fui cumprimentada por adolescentes bem calorosos, curiosos com a minha presença. Chamou-me muito a atenção o fato de, sempre que se referem a algum funcionário, professor, etc., utilizarem o pronome de tratamento “senhor/senhora”. Observei-os após o intervalo, enquanto caminhavam pelos corredores até as salas de aula. Observei seus sanitários, seus refeitórios e dormitórios. A coordenadora informou que, naquela data, havia na CASA 38 adolescentes e jovens reincidentes, divididos em dois módulos. Cada módulo é subdividido em quatro quartos, para onde os internos vão mudando, conforme avançam, na medida socioeducativa, para o módulo seguinte e, posteriormente, para a liberdade. Descobri que eles não podem ter objetos pessoais, já que tudo é padronizado, como seus uniformes, que consistem em bermudas azuis, camisetas cinzas e chinelos de alça azul clara, suas toalhas de banho, kits de higiene, lençóis de cama, etc. Apenas as cartas e algumas fotografias que recebem de seus parentes, permanecem com eles, como uma memória do mundo exterior.

Visitei os espaços externos, como a sala de informática, em que há seis máquinas apenas, embora os profissionais estejam sempre organizando e ajustando os equipamentos para os cursos *on-line*. A sala dos professores tem armários de aço que dividem o ambiente entre os artigos esportivos (colchonetes, cones, bolas, coletes) e os materiais e livros didáticos, tanto para a educação formal quanto para os cursos que fazem no contraturno. Conheci alguns agentes de segurança e também me informei do precioso trabalho dos educadores naquele espaço, não apenas os educadores vinculados à Secretaria Estadual de Educação (Seduc) mas os próprios agentes educacionais da Fundação, que realizam um trabalho importantíssimo, tanto

do ensino formal quanto do resgate mais básico, como o atendimento de adolescentes não alfabetizados, que ali chegam, a fim de reforçarem os conhecimentos construídos em sala de aula, ou mesmo alfabetizando-os, com os meios disponíveis, utilizando a biblioteca como lócus destas aulas especiais.

Na parte administrativa, encontram-se os setores jurídicos e educativos, além de salas específicas para higiene de roupas, lençóis e toalhas. Os alimentos provêm de outra central de distribuição. Há uma visível desconfiança por parte dos funcionários, com relação à minha presença, ao que a coordenadora pedagógica tenta amenizar, apresentando-me como “a pesquisadora”. O mais interessante de tudo é que, com o passar de poucos minutos, tinha a sensação de ser invisível, como se fosse mesmo um objeto de decoração e, como tal, pude captar as conversas, os movimentos e perceber o quanto os funcionários, professores e agentes possuíam uma cumplicidade, uma amizade, provavelmente pelo fato de realizarem diariamente as refeições naquele espaço e de não haver opções de restaurantes próximos. Ali, se encontrava cada agente de segurança, sentado ao lado dos educadores e dos professores e professoras da SEDUC, da coordenação. Todos pareciam realmente acreditar no seu trabalho.

A biblioteca da unidade masculina

Enquanto conversávamos, a coordenadora Mercedes abriu uma pesada porta de aço azul, com um cadeado bem grande. A porta rangia e a luz ia entrando e iluminando o cômodo, semelhante a uma sala de aula, com quatro estantes de aço de cada lado, tendo ao centro uma mesa comprida, com quatro cadeiras e, na parede à frente, um quadro triplo, com imagens étnicas africanas; já, ao lado da porta, havia uma outra mesa de professor com uma cadeira e um ventilador.

As estantes estavam separadas por temas: ficção, romance, autoajuda, livros pedagógicos, um pouco de livros didáticos, espiritismo, cristãos, literatura, contos, artes, etc. Enquanto a coordenadora entrava, ia me apresentando o espaço, lendo as etiquetas das identificações de cada estante. Ela informou que a maior parte dos livros daquele espaço foram doados por benfeitores, como Leandro Karnal e os professores e professoras do centro, que, acabando a leitura de um livro, logo o conduziam para a biblioteca, assim como as instituições que realizam trabalhos, principalmente as religiosas. A Secretaria de Educação não enviava livros de leitura para os internos e

a própria Fundação não fazia a composição da biblioteca. O esforço para que aquele espaço enfim se tornasse uma biblioteca ocorria pela iniciativa dos funcionários, pois, como a coordenadora disse, aquela era a “menina dos olhos” da CASA.

Os internos podiam ir àquele local, uma vez por semana, para escolher ou renovar o prazo dos livros. Normalmente eles eram levados um a um e depois depositavam suas escolhas em uma caixa que ficava à entrada de cada módulo. Estes livros podiam ser acessados pelos rapazes ao fim do dia, caso não tivessem interesse na programação religiosa e ficavam disponíveis até que as luzes se apagassem, às 22h, ou aos fins de semana, em que não havia atividades da escola formal. Outro momento em que os adolescentes podiam ir à biblioteca era quando a Oficina de Cartas teve início: um funcionário conduzia alguns adolescentes para que aprendessem a escrever cartas aos familiares e usavam aquele ambiente para soltar sua imaginação.

Ao final da primeira visita, a coordenadora Mercedes se despediu de mim de um modo muito afetuoso e se mostrou muito solícita para os próximos encontros.

Unidade masculina – entrevistas e grupo focal (30/03/2023)

Marquei outros encontros que foram impedidos pela greve dos metroviários, por um ponto facultativo e por problemas pessoais, e consegui voltar à Casa Monte Cristo em 30 de março, para um dia de intensas atividades, já que a coordenação, entendendo a urgência do trabalho, possibilitou-me um dia inteiro de investigações e não apenas algumas horas.

Acompanhamento da aula

Pela manhã, iniciei acompanhando a professora Celeste, em suas aulas. Ela me recebeu muito bem e foi muito solícita ao responder minhas perguntas de diversas naturezas. Hoje, o plano era a realização de uma avaliação com os estudantes. A sua aula era após o intervalo e os estudantes se acumularam na porta. Pude entrar na sala, acompanhada pela coordenadora e tive a oportunidade de explicar a natureza do meu trabalho. Havia oito estudantes negros que me felicitaram e desejaram boa sorte. Com alguma dificuldade, a professora os colocou sentados em seus lugares e distribuiu suas avaliações, que, segundo ela, atendiam aos níveis de desenvolvimento

deles, já que se tratava de uma sala multisseriada, de anos finais do ensino fundamental. Não houve silêncio total. Os estudantes recorriam a ela o tempo todo, com suas provas nas mãos, perguntando sobre os termos, sobre o significado das palavras, dos enunciados, sobre usar o banheiro ou sair para buscar um dicionário.

A prova tinha oito questões com alternativas, e os estudantes se consultavam o tempo todo sobre o significado de antônimo, sinônimo, feminino e masculino e também sobre o que era sufixo e prefixo. Em uma das provas, o texto falava sobre *bullying*. A professora passou a explicar sobre um *meme* que evocava justamente essa questão, para ver se os estudantes entendiam. Os estudantes discordavam sobre a razão de uma pessoa se ofender com algumas brincadeiras e apelidos. A professora lia e explicava o texto para um estudante que apresentava muita dificuldade de lembrar o que leu. E fiquei sabendo pela coordenadora, que permaneceu ao meu lado o tempo todo, que aquele estudante fazia uso de vários medicamentos que alteravam sua memória.

Um dos estudantes não sabia o que era a palavra “finalidade” e o outro explicou com suas palavras o significado depois. Quando entregaram as folhas para a professora, alguns estudantes passaram a conversar conosco [com a coordenadora e comigo] mostrando os seus cadernos, suas artes, seus desenhos e também suas letras e o tamanho das contas de matemática que faziam. Eles estavam muito orgulhosos de apresentar aquele material para nós e explicavam detalhes das atividades. Outros estudantes que ainda não haviam terminado a prova perguntavam o que significa ONG e a professora gentilmente explicava com exemplos estes significados. Os estudantes perguntavam para a coordenadora se o Alberto poderia continuar fazendo desenhos em seu caderno, já que desenho e desabafos não poderiam ser feitos nos cadernos de classe, apenas em cadernos específicos. A coordenadora tentou explicar a eles que o Alberto ainda estava se alfabetizando e por isso tinha necessidade de ter desenhos em seu caderno.

Enquanto aguardava a aplicação final da prova, observava aquela sala muito vazia. Nela havia apenas as carteiras plásticas, e o teto muito alto produzia um eco, o que deixava o ambiente barulhento. A lousa ainda era de tinta de parede, para giz. Quando todos os estudantes terminaram e entregaram a folha de exercícios, a professora solicitou que todos eles abrissem o caderno para copiarem um exercício que ela começou a passar na lousa.

O exercício era um trecho do livro *Abadia de Westminster*, de Jane Austen, para que os estudantes posicionassem as vírgulas no lugar certo. O trecho trazia palavras bem complexas para o grupo, de modo que precisaram usar o dicionário por várias vezes e, ao mesmo tempo, consultar os agentes de segurança ou mesmo a coordenadora e a mim. A atividade atraiu a atenção de dois estudantes, que ficaram de pé, em frente à lousa, com um giz colorido, marcando os locais em que achavam que haveria vírgula. Os outros estudantes ficaram parados no fundo da sala, alguns copiando o texto e outros de braços cruzados ou conversando, como o que aconteceu com o estudante Alberto, que começou a conversar comigo sobre o meu trabalho. Nesse pequeno instante, tive bons diálogos com os estudantes, que aproveitaram um pouco da aula para iniciar uma conversa comigo.

Entrevista com a professora Celeste

Acompanhei a professora Celeste durante o almoço e iniciei a entrevista com ela na biblioteca. Conheci a educadora Lúcia, uma senhora muito polida, que falava com firmeza sobre seu trabalho de alfabetizadora. Ela realizava os grupos de reforço dentro da biblioteca, às vezes até retirando os estudantes da aula, ou em outros períodos, e, em pouco tempo, ela os motivava a pegarem algum livro para “exercitar” a leitura. No princípio, ela mesma entregava o livro aos estudantes, mas, na medida em que iam avançando e obtendo autonomia, ela os deixava “livres para escolherem e se arrisarem”.

Por volta das 15h, a professora Celeste indicou os estudantes que fariam parte do grupo focal e a coordenadora os conduziu até a biblioteca, onde chegaram falantes e se calaram, por timidez. Novamente, ao revisar as gravações, a palavra “senhora” era a mais dita por eles. Iniciavam e terminavam frases assim. O grupo escolhido pareceu um pouco desconexo: por um lado, três estudantes bem leitores e bastante familiarizados com a biblioteca; por outro, dois estudantes que ainda não tinham total domínio da habilidade leitora, pois um deles, inclusive, mentiu ao informar ter lido sete livros. A tensão dos dois estudantes não leitores era evidente. Permaneceram calados e só responderam quando as perguntas foram direcionadas para eles. Os demais se revezavam para responder e destacavam detalhes de livros e comportamento leitor. O grupo focal durou uma hora e não foi possível atender um outro grupo do Módulo 2, mas foi uma experiência que gerou inúmeros dados a serem analisados.

Figura 1 – Vista da Biblioteca do Centro Monte Cristo, pelo ângulo de entrada da porta



Fonte: Foto cedida e encaminhada pela coordenadora pedagógica do Centro.

Figura 3 – Vista do lado direito da Biblioteca do Centro Monte Cristo



Fonte: Foto cedida e encaminhada pela coordenadora pedagógica do Centro.

Transcrição das gravações (28/02/2023)

No primeiro dia de visita ao centro de acolhimento de adolescentes da Fundação CASA, unidade masculina Monte Cristo, fui recebida pela coordenadora Mercedes, que prontamente me atendeu e me acompanhou pelos espaços da unidade, com bastante solicitude, passando-me as informações acerca de cada espaço, desde as dependências de acomodações até aos destinados aos estudos dos adolescentes.

Ao atravessar o pequeno jardim e chegar à parte onde estão os adolescentes, havia um grande portão azul, com chapas de aço e ferrolhos enormes. Portões ou grades separavam um espaço de outro e para todos havia um agente da segurança para abrir e fechar no mesmo instante. Liberadas do primeiro acesso, a coordenadora iniciou sua apresentação do local:

Coordenadora – Aqui a gente tem biblioteca, tem a sala de informática, a gente tem as salas de aula e tem salas de atendimento. Aqui nós temos uma sala da pedagogia lá dentro e uma sala da pedagogia aqui fora.

Pesquisadora – Quantos internos vocês têm nesta unidade?

Coordenadora – É muito relativo. Mas falando hoje, nós temos 38 adolescentes divididos nos dois módulos.

A gravação me relembra dos sons de um portão muito grande com as grades enormes...

Coordenadora – Então, os meninos são separados por Módulos. Tem o Módulo 1 e 2. A gente acolhe os adolescentes por chegada. No Módulo 1, eles estão iniciando a caminhada; conforme vão progredindo, vão mudando de quarto – quarto mesmo, de dormir – e daí vão para o quarto 1, 2, 3 e 4. Aí ele é progredido de módulo. Aí ele vai para o Módulo 2 e inicia novamente, do quarto 1 para o quarto 2, quarto 3 e 4. No Módulo 2, ele já está numa fase próxima de ir embora, então aí ele sabe que vai chegando perto da data do relatório conclusivo deles.

Enquanto caminhávamos, ela explicava os detalhes da estrutura arquitetônica. Trata-se de uma construção muito sólida, toda pintada de branco, com alguns detalhes em azul royal, inclusive as grades e portões. Tudo fica disposto em um corredor comprido, que tem uma pequena divisória entre o Módulo 1 e Módulo 2. Os módulos são espelhados e possuem praticamente os mesmos espaços destinados para os mesmos fins. Os adolescentes não se misturam. Quem é de um módulo fica sempre com os adolescentes do mesmo módulo. No momento em que eu cheguei na

Fundação, foi exatamente quando eles tinham acabado as aulas da manhã e estavam na hora do intervalo.

Coordenadora – Justo agora é a hora do intervalo. Os meninos têm 20 minutos de intervalo entre as aulas.

A coordenadora aproveitou para me mostrar uma sala vazia, apenas com algumas cadeiras, que pode ser usada para atendimento, mas também para visitas.

Coordenadora – Em alguns casos excepcionais, em que a família não conseguiu comparecer no dia certo da visita, os meninos podem encontrar seus familiares. Em alguns casos, os meninos são encaminhados para uma sala de reuniões, com computadores, de modo que eles consigam se comunicar com seus familiares por meio de videochamada. Tem também um telefone [o atendimento nestas salas é sempre individual, sob fiscalização].

Perguntei-lhe se seria ali que eu faria o grupo focal e ela me deixou muito à vontade para usar o espaço que eu desejasse, para fazer o trabalho de grupo de foco, ou mesmo entrevistar os/as profissionais, mas indicou que a biblioteca é um espaço muito mais adequado e mais aconchegante e que os adolescentes apreciavam mais.

Todos os ambientes ficam trancados com ferrolhos e cadeados muito grandes. Logo que chegamos, a biblioteca estava trancada e precisávamos do molho de chaves para continuar as visitas.

Coordenadora – Para você conhecer, por um lado, são as salas de aula e banheiro... A gente tem um banheiro de uso deles fora do quarto, para quando eles estão em atividades coletivas. A outra parte é para quando eles vão se recolher. Em cada quarto tem banheiros também, assim eles não precisam sair do quarto.

E enquanto caminhávamos pelos corredores, a coordenadora ia me apresentando a todos os funcionários: apresentou-me para alguns agentes educacionais. Dentre eles, havia os que acompanhavam os adolescentes à biblioteca uma ou duas vezes por semana.

Coordenadora – Aí ele descobre o livro que eles querem ler...essa leitura acontece normalmente quando eles estão sem atividade ou perto da hora de dormir. Eles pegam empréstimos uma vez por semana, e tudo acontece igual nas bibliotecas comuns: tem o prazo de uma semana e pode renovar.

Aqui nessa sala tem o atendimento psicológico, mas não é daqui de dentro da Fundação. É um atendimento de fora. Não estão aqui hoje. Ah, chegamos! Aqui é a sala dos professores. Aqui a gente só tem livros didáticos.

Naquela sala é que ficam os livros paradidáticos... lá naquela sala que a gente chama de biblioteca. Nós, aqui, recebemos muita doação de

livros. A Lúcia tem contato com um escritor famoso... ele mandou para gente alguns livros. Acho que é o Cortella! E recebemos outras doações também... de igrejas, do centro espírita. [Depois descobri que as doações vêm do Karnal].

A organização dos horários nesta unidade funciona da seguinte maneira: de manhã é destinado ao momento educacional. Então, os alunos têm aulas de todas as matérias, com os professores destinados da diretoria de ensino. Já na parte da tarde, os adolescentes têm acesso a cursos profissionalizantes. Os meninos do módulo 1 têm sempre um curso mais teórico e os de módulo 2 têm um curso mais prático. Durante esse ciclo²⁸, o módulo 1 tem aulas de Eventos e o outro módulo Customização de Camisetas e Bonés. Fazemos isso pelo fato dessa turminha dos mais velhos estarem saindo da CASA e queremos deixar uma lição. Algo para eles fazerem com um curso mais mão na massa, para dar continuidade quando estiverem fora da unidade.

A coordenadora abriu os armários de aço e me apresentou os materiais ali guardados:

Coordenadora – Aqui é do curso do contraturno, você pode ver que estão organizadinhas por pastas, tem a parte da teoria que os alunos recebem do curso de eventos e aqui é onde ficam os materiais da escola formal, que são pastas com as identificações dos alunos, junto com os cadernos. [Pastas e estojos são transparentes] contendo um lápis, uma borracha, uma caneta e um apontador. Agora, essas pastas estão vazias, porque o material está lá com eles.

Esses materiais são todos enviados pela Fundação. Temos os cadernos, os lápis, as borrachas e outros materiais, como cartolina, EVA, tesoura, cola... a escola, mas também a gente recebe, como lá fora, aquele kit das escolas estaduais. A gente tem uma escola que vem dar aula aqui. A escola Florinda Cardoso manda os kits de cada menino. E a gente tem tudo bem organizadinho, que é para não desperdiçar... aqui desse outro lado é da customização.

Aqui neste espaço os professores fazem hora de ATPC. Então eles usam o computador da sala de Informática ou da minha sala. Eu deixo eles bem à vontade, para eles poderem estar utilizando as nossas coisas. Aqui atrás, nós temos os materiais de educação física, que são os uniformes, os cones, as bolas, os colchonetes.

Pesquisadora – Quantas aulas eles têm de educação física prática?

Coordenadora – Na escola formal eles têm a quantidade que a secretaria manda. Na parte da tarde, eles praticam também atividade física com os profissionais educacionais da Fundação. A Jane, que você viu na minha sala, é profissional de educação física contratada da Fundação. Faz os torneios, organiza os jogos dos alunos e até as premiações. O outro profissional da educação física chega ao meio-dia, porque ele só sai meia-noite. Ele acompanha os meninos até o final.

²⁸ Os ciclos na Fundação CASA correspondem basicamente aos bimestres da escola básica. A cada ciclo, há uma reestrutura das práticas esportivas e das atividades dos cursos profissionalizantes.

Os educadores da Fundação fazem muitas práticas esportivas diferentes com os meninos. A Jane faz bastante meditação com eles e até yoga. É uma coisa mais introspectiva, voltada para a concentração, a respiração e o controle dos pensamentos e das suas ações... Já o Davi gosta de fazer roda de conversa com os meninos, para falar de coisas saudáveis, como alimentação, que muitas vezes eles acabam não tendo na formal. Porque na formal o professor entra, dá a bola para eles fazerem atividade, mostra como que faz. Eles acabam fazendo alguns campeonatinhos no final do semestre... Mas o Davi e a Jane acabam fazendo uma atividade diferenciada com os meninos.

À noite, a gente tem as visitas dos parceiros religiosos, porque a cada dia da semana, vem uma igreja ou um centro espírita, para fazer atividades religiosas com os estudantes.

Pesquisadora – Como as instituições religiosas têm acesso aos adolescentes?

Coordenadora – Ah, eles têm que fazer um cadastro na Regional e, depois de aprovado, eles começam a vir para a unidade. Aqui, por exemplo, nós temos umas cinco instituições. Nós temos a Igreja Universal, nós temos Testemunhas de Jeová, nós temos o pessoal do SOS Jesus, nós temos a Casa André Luiz, a Congregação.

A formação religiosa, eles já sabem... cada dia é o Dia de uma instituição e os meninos escolhem a instituição que eles vão participar. Eles não são obrigados a participar e apesar de nem serem de uma denominação ou de outra, muitos meninos acabam participando todas as noites. Eles adoram as atividades que são propostas pelas instituições religiosas. Inclusive, tem um parceiro que é testemunha de Jeová. Eles são das Testemunhas de Jeová, mas trazem coisas diferentes. Por exemplo, sexta-feira, eles vão fazer uma palestra pros meninos, perguntando... com o tema: Quem sou eu? Não tem nada a ver com a Igreja. São mais assuntos para que os meninos possam se conhecer melhor. Quais são as angústias que eles sentem. E aí, bem, eu acho o trabalho deles fantástico! Muito diferente de tudo que eu já vi por aqui. Eles não impõem nada para os meninos. Eles fazem para os meninos se conhecerem. Trazem palestra de primeiro emprego, de como se comportar numa entrevista de emprego... É muito legal! A Universal também faz um trabalho fantástico de final de semana. Eles trazem teatro, cinema, vem com banda... porque eles sabem que a Pedagogia²⁹ não está aqui de fim de semana e acaba tendo muitos espaços livres e não sobre muito o que os alunos fazerem, por isso eles acabam vindo e trazendo essas atividades que ocupam bem a mente dos meninos. É um trabalho bem legal mesmo.

Os nossos meninos aqui desta casa são todos reincidentes. Alguns já possuem até mais de 18 anos na faixa etária... Eu tenho pouquíssimos meninos com menos de 17 anos. A média por aqui é entre 17 e 19 anos. Dificilmente um menino que está aqui hoje, vai passar novamente por esta instituição ou por outra. Normalmente, eles já vão ser julgados como adultos, caso cometam novamente algum ato infracional. Aí vai para o CDP.

²⁹ Equipe Pedagógica da CASA, que trabalha de segunda a sexta-feira.

Aqui, nesta unidade, eles têm pelo menos duas ou três passagens... Existem adolescentes que têm quatro, cinco, até seis passagens. Acontece que alguns começam com 12, 13 anos e vai em uma sequência... O processo é um pouco cíclico. Uns saem daqui de manhã e à tarde já foram presos de novo. É triste... é muito triste, porque você faz todo um trabalho e pensa: esse menino está pronto, não vai mais se meter em confusão. Ele tá preparado. Mas ele sai, dá de cara com a vida, com os mesmos convívios... Agora, a Fundação fez uma parceria fantástica com a CAT, que é um local em que eles procuram emprego e eles dão uns cursos de bonés. Aqui tem alguns meninos que estão fazendo um curso chamado Bolsa Jovem. Enquanto eles estudam, recebem uma ajuda financeira... em seis meses de curso, quando esse menino sair e a família tiver guardado o dinheiro dele, ele já não vai mais precisar tanto entrar no crime. Eles recebem R\$ 627 por mês. Saindo da Fundação, o menino já não vai precisar sair desesperado para traficar e roubar, porque tem uma pequena reserva. A gente tenta implantar essa consciência neles: "vocês vão sair daqui com 4000 reais, não precisam sair daqui e infracionar novamente".

A gente tenta implantar essa sementinha neles, de sair daqui, procurar um estágio, um emprego... Eu tenho dois meninos concluintes. A gente tá tentando conseguir bolsa para eles frequentarem a faculdade. Eles fizeram até o ENEM.

Então, eles são meninos que a gente precisa conversar um pouco mais... Não tem essa coisa de molecagem. Eles são muito receptivos. Você vai perceber que você vai conversar com eles e perceber que são muito receptivos. Eles entendem o que você fala. Eles são uma população bem diferente mesmo. Eles estão no horário de lanche agora e você não escuta quase gritaria. É bem bacana.

Pesquisadora – Fora o período noturno, em que os adolescentes ficam mais ociosos, eles têm algum horário disponível durante o dia para leituras?

Coordenadora – Sim, vou te passar mais ou menos como funciona a nossa agenda aqui, vamos pegar o exemplo do módulo 2: Eles têm curso de customização segunda e quarta-feira. Na segunda, eles têm o projeto de um pessoal que vem conversar aqui com eles, que é o Projeto Águia. A segunda-feira deles é tomada, mas na terça-feira eles têm atividades mais livres. Então, eles têm biblioteca, a gente tem oficina de carta.

Pesquisadora – Cartas que eles escrevem para mandar para a família?

Coordenadora – Se o menino não quiser fazer cartas, ele pode continuar a ler o livro que ele já estava lendo. Aí, na parte da tarde, depois da oficina de cartas, eles têm atividade de educação física, que aí entra a Jane. Então, na quinta, eles têm dois cursos na quinta. Eles têm o curso de customização e eles tem o CIEE, para dar um outro curso para eles, porque eles já estão saindo para o mercado de trabalho. Eles fazem um cadastro e eles têm preferência na hora de buscar um estágio, uma colocação no mercado de trabalho. Como eles já são maiores de 18, isso para eles é fantástico.

Pesquisadora – De onde são os adolescentes que vocês atendem?

Coordenadora – A maioria é daqui da cidade mesmo... eu tenho só um menino que é do interior, de Atibaia, e também temos outros dois que são de Osasco, mas a maioria é da capital mesmo. Eu venho de um trabalho que fazia na Semiliberdade³⁰ e lá havia muito mais vindos do interior. Aí os meninos tinham que comprar passagem na rodoviária, eles iam embora na sexta, tinham que voltar na segunda. Mas aqui nós atendemos muito mais os meninos da capital. Inclusive para facilitar a visita da família. E durante os fins de semanas aqui é bem cheio. O domingo é o dia de visita e as famílias vêm no horário determinado. Agora, a família que não pode vir, a gente faz a videochamada ou, no dia que pode, a gente faz um atendimento diferenciado naquela salinha que eu te falei.

Pesquisadora – Como é o fim de semana deles?

Coordenadora – No domingo, que é o dia da visita, normalmente de manhã, eles mesmos limpam os próprios espaços: o quarto, os banheiros, com o coordenador orientando, os funcionários ajudando. Mas eles limpam para receber a visita, então eles almoçam e as visitas chegam. No sábado a gente deixa a bola para eles jogarem. A gente deixa a recreação com jogos e os livros. Deixa tudo o que é para eles terem atividade, e mais, as visitas dos religiosos.

Pesquisadora – Além dessa oficina de customização de bonés, existem outras preparadas?

Coordenadora – Normalmente, essa é uma oficina que sempre tem, inclusive, se um professor falta, a instituição manda um substituto. Eu não fico sem esse curso. A empresa que o promove é a FAT. Os meninos gostam muito!

Pesquisadora – Quem decide que curso será, no início de cada ciclo?

Coordenadora – A empresa manda uma lista com os cursos disponíveis a serem oferecidos. Daí, a gente apresenta a lista para os meninos e eles escolhem o que querem fazer. Porque não adianta nada a gente trazer o curso que a gente acha melhor e os meninos perderem o interesse e não participarem.

Fui apresentada à professora Celeste, de Língua Portuguesa e Inglesa, da rede estadual, que atua aqui na unidade.

Coordenadora – A Celeste é professora de Língua Portuguesa, mas ela é de artes também! Faz coisas lindas, de Dia das Mães de decorações... a Celeste é multiuso! Olha, graças a Deus, eu tenho bons professores. O pessoal da pedagogia é muito ativo, ninguém fica sem fazer nada. Todos os meus professores são meus grandes parceiros que dificilmente faltam. São bem engajados.

A professora Celeste disse que conta com uma equipe maravilhosa. Inclusive com uma coordenada incrível. A professora se colocou à minha disposição para uma conversa. Ao sair da sala dos professores, a caminho da sala da coordenação, fomos conversando sobre a disponibilidade e a habilidade de seus professores, que atendem

³⁰ É um regime de transição para o meio aberto.

aos estudantes. Logo que a coordenadora chegou e quis conversar com os/as professores/as, em uma reunião de planejamento, eles/as disseram que poderiam atendê-la fora do horário do próprio trabalho deles/as, de modo que acabaram formando um grupo no *WhatsApp* e fazendo a reunião durante a noite pelo *Meet*.

Coordenadora – A preocupação dos professores é tão grande que até marcaram planejamento para o horário de aula com receio de que os alunos ficassem sem assistência. Não queriam parar de trabalhar.

A coordenadora me mostrou a ordem e o silêncio do espaço, mesmo durante o intervalo, que ainda não havia terminado.

Coordenadora – Vejo isso, que o interesse que os meninos têm é uma resposta ao interesse que os professores demonstram por eles. Se eles percebem que estão soltos, aí a bagunça vira generalizada. É claro que tem um momento que eles vão estar mais descontraídos. Livres para fazer alguma atividade, para conversar, para ler um livro ou qualquer outra coisa. Mas no geral eles são bem interessados... eu procuro deixar a agenda bem fechadinha para que eles tenham atividades todo o tempo e que apenas no final de semana eles relaxem mais.

Pesquisadora – Temos, aqui, estudantes que não sabem ler?

Coordenadora – Aqui, nós temos bastante! São muitos meninos que chegam até 17, 19 anos e simplesmente não sabem ler... Eu tenho, nesta unidade, a Lúcia. Ela é uma pessoa extraordinária, que faz um trabalho muito bonito com os meninos que querem aprender a ler. Ela deveria até ficar com algumas atividades administrativas, mas faço questão de cobrir essa parte, só para deixar ela livre para fazer esse trabalho... Normalmente, ela alfabetiza esses meninos em poucas semanas.

Enquanto nós passávamos de um espaço para o outro, ela ia me apresentando aos agentes educacionais e de segurança. Conheci o espaço dedicado às aulas de informática. Ela me apresentou os dois agentes educacionais Rodney e Vinícius, que trazem os estudantes para fazer curso on-line.

Coordenadora – E eles mesmos limpam, deixam tudo organizadinho, não é a função deles, mas eles fazem. A gente tem que tratar os meninos como a gente gostaria de ser tratado. É muito legal, eles são bons e gentis. Eu fiquei feliz de ter vindo para cá... nós temos oito computadores conectados com a internet. Como eu tenho dois meninos concluintes, eles estão fazendo curso do Bradesco on-line, que eles mesmos escolheram de Letramento digital, então que eles fazem no horário do intervalo para os meninos não ficarem muito tempo lá ociosos, só com livros ou conversas.

Essa é a Jéssica. Ela também é do educacional e trabalha com redação, com os meninos... ela faz um preparatório para eles, para o ENEM ou para ETEC.

No mesmo local, só que do lado inverso, existe uma outra unidade, chamada CASA Villa, que é também uma unidade masculina de internação de adolescentes e que provavelmente deve ter a mesma estrutura física do espaço da CASA Monte Cristo, mas com administração diferente, sendo que uma sede não tem contato com a outra e nem mesmo as equipes planejam atividades juntas. O tempo todo percebo os portões rangendo, abrindo e fechando, com suas pesadas fechaduras e cadeados.

Pesquisadora – Quantos adolescentes vocês têm na Monte Cristo?

Coordenadora – Aqui tem capacidade para 52 meninos, mas hoje a minha população é de 38, mas eu tenho capacidade para 52...

Pesquisadora – E aqui do lado na Villa, você tem ideia?

Coordenadora – Eles também devem ter a mesma capacidade, só que eu não sei qual é a população deles também, não sei o que eles têm lá dentro... se eles têm biblioteca, se tem sala de informática? Como que é a escola que cuida deles, nada disso.

Por aqui, eu tenho meninos que chegam, que só sabem fazer o primeiro nome e que já estão no ensino médio... Eu tenho meninos que não sabem nem fazer o primeiro nome. Então o que acontece com esses meninos que, ou têm dificuldade ou que não sabem ler mesmo? A Lúcia, que é a nossa pedagoga, atende 16 meninos na biblioteca, separadamente e em horários agendados. Ela vai ensinando a ler, escrever... A ideia da Lúcia é diminuir essa defasagem a ponto de que o menino consiga acompanhar as aulas. Porque se o menino está no primeiro ano do ensino médio, mas não sabe ler e escrever, como ele vai se interessar pela aula?

Então, a gente conversa com o professor formal, para pedir uma atividade diferenciada para esse menino, combinando com as atividades que a Lúcia propõe na parte da tarde de reforço. Quando chegar no final do ano, ele está mais ou menos apto para continuar frequentando... não é que vai estar igual aos outros, mas pelo menos já vai ter aprendido a ler. Não é o nível do ensino médio, mas já vai começar a acompanhar... Esse trabalho existe aqui também!

A coordenadora me apresentou a parte das salas administrativas: a sala da área técnica, a sala do diretor, a sala da coordenação ou pedagogia, a parte administrativa que cuida da documentação, a sala de materiais que vêm da Fundação, os banheiros.

Coordenadora - Está havendo uma reforma nesse local, com a adaptação de banheiro e piso tátil. Haverá uma sala para atendimento de dentista e um almoxarifado. tem também o espaço das roupas, uniformes e roupas de cama, mesa e banho, que são lavadas na própria unidade. Tem um funcionário para a limpeza e outro para a roupa. Existe também o refeitório dos professores, com microondas e um sistema de aquecimento da comida dos funcionários, por banho-maria, isto porque a localização é muito difícil e não há comércio no entorno. Por isso todos trazem o seu almoço.

Existe também um espaço que é intitulado área verde, mas que é apenas um espaço bem grande, que não tem nenhum tipo de acomodação, e do qual o mato tomou conta.

A coordenadora contou sobre um estudante chamado Marquinhos. Segundo ela, ele entrou na Fundação muito assustado, mas encontrou ali um local de grande incentivo e foi muito motivado pelo corpo docente e pelo corpo pedagógico da própria instituição, para se desenvolver de muitas maneiras.

Coordenadora – Pensa num menino extremamente inteligente... Ele me pedia apostilas de inglês e aprendeu inglês sozinho. Depois disso, queria estudar Mandarin, mas a gente não tinha material. Ele saiu daqui e agora está pedindo ajuda para fazer outras coisas... Ele não perdeu o vínculo com a gente... Ele é muito legal e esforçado... Você ia gostar muito de conhecer. A Jane [agente educacional esportiva] levou ele no MIS e ele ficou muito envolvido, nunca tinha ido a nenhum museu. E quando chegou lá gostou muito, se envolveu e fez todas as propostas das Exposições. Ele se identificou muito com arte.

Pesquisadora – Ah, e como funcionam as aulas-passeio?

Coordenadora – Essas programações vêm da gerência. Eles mandam a proposta. Se a CASA aceitar, leva; se a CASA não estiver em um momento legal, não leva. Mas, normalmente, a gente manda, não todos... Normalmente, o projeto vai para um ou dois meninos, acompanhado pelos agentes de segurança e alguém da pedagogia. Normalmente tem alguém do próprio espaço para fazer a monitoria, para fazer as atividades com os adolescentes lá dentro e eles curtem muito. É uma oportunidade, uma descoberta.

Pesquisadora – Existe algum incentivo para cursos, como ETEC ou outros, que são externos?

Coordenadora – Sim, se eles passam no Vestibulinho, ou têm interesse em alguns, eles podem fazer o curso à noite. A Fundação leva e traz, para ETEC, FATEC, entre outros. A gente incentiva bastante, ainda mais porque eles são maiores. Então, o nosso foco com eles é fazer com que eles saiam daqui para trabalhar.

Após buscar a chave da biblioteca, caminhamos novamente pelos corredores a fim de conhecê-la, mas paramos na frente da sala de informática, pois havia lá um agente de segurança e um agente educacional, com dois estudantes que tinham prestado ENEM.

Coordenadora – Como eles já concluíram o ensino médio, não tem porque estar em sala de aula e, para que não ficassem ociosos, pedi aos agentes que os acompanhassem até a sala de informática, para o curso do Bradesco e assim aproveitassem para pesquisar sobre faculdades, porque eles prestaram o ENEM e tiraram notas boas!

Este foi o meu primeiro contato direto com os internos e, após os cumprimentos, pude perceber que os estudantes usam constantemente o pronome de tratamento Senhor/Senhora. Os estudantes me deram as boas-vindas e estavam muito contentes, aguardando chegar a resposta da faculdade.

Lucas – Oi, senhora, seja bem-vinda. Sou Lucas, tenho 19 anos. Este aqui é o Alan.

Alan – Oi, senhora.

Pesquisadora – Parabéns, concluíram o ensino médio! Como vocês se saíram no ENEM?

Lucas – Obrigado, senhora. Eu tirei uma nota muito razoável no ENEM. Tô muito ansioso pelo resultado da resposta da faculdade. O Alan tirou 580, eu tirei 620.

Congratulei a ambos pelos resultados e os encorajei a não desistirem dos seus objetivos. Perguntei-lhes o que pretendiam fazer.

Lucas – A gente se inscreveu no Sisu e estamos aguardando. Eu pretendo fazer Gestão financeira e o Alan quer fazer TI?

A coordenadora estava realmente muito orgulhosa do êxito dos estudantes. Mencionou o enorme trabalho que têm desenvolvido e a preocupação com os estudantes. Nós nos despedimos deles e, a partir daquele momento, passamos a entrar para conhecer as salas de aula.

Novamente, portões muito pesados, com grades muito grossas, foram abertos por um agente de segurança e entramos no local. A coordenadora apresentou, no âmbito geral, todos os espaços, começando pelo refeitório. Depois, foi apresentando as salas de aula, os banheiros e os dormitórios.

Os estudantes estavam dispostos no segundo período da aula. Alguns ainda estavam do lado de fora; outros, dentro da sala de aula, estavam de pé. Mas todos com cadernos abertos, para a tarefa de Língua Portuguesa, ministrada pela professora Celeste. Havia quatro salas de aula de uma parte e outras quatro de outra parte. Fui apresentada em todas as salas de aula. Os estudantes me receberam muito bem, foram educados, cumprimentaram-me com cortesia e respeito. Enquanto eu andava, alguns de outras salas espiavam curiosos a minha presença e inquiriam os agentes sobre a minha pessoa.

Passamos pelo banheiro coletivo e não havia baias ou divisórias para o banho. No caso dos sanitários, estes ficam nos fundos e a parte de banho na frente. Mostrou-me que cada quarto comporta em torno de seis adolescentes, identificados nas portas

por foto e nome. Pela janelinha que fica na porta de aço, foi possível ver, dentro dos quartos, os beliches de alvenaria, com colchões, lençóis e cobertores organizados e, ao fundo, com pouca privacidade, um banheiro em cada quarto.

Coordenadora – À medida que os meninos vão progredindo, eles vão trocando de quarto, assim até atingir o próximo módulo, que tem a mesma sequência até a liberdade.

Em frente a todo esse espaço está uma grande quadra poliesportiva, com aro de basquete e também traves de futebol, além de outros espaços para que os adolescentes possam sentar ao sol. As salas de aula são multisseriadas, divididas entre fundamental e médio, nos dois módulos.

Coordenadora – A gente queria muito que eles saíssem daqui com uma outra cabeça para uma outra vida, para uma Nova Vida.

Ficamos por um instante sem comunicação com o agente de segurança que abre os portões e os próprios adolescentes já estavam incomodados e pediram para que o agente viesse nos abrir a porta.

Enquanto isso, houve uma pequena brincadeira entre eles e um perguntou ao professor de ciências: “Por que as mulheres também têm gogó?” [risos]. Ao que o professor respondeu: “Quem é essa mulher que você está vendo por aí com gogó? Mulheres não têm, não”... E houve uma brincadeira geral. Após essa brincadeira, os agentes estavam com dificuldade de colocar os adolescentes para dentro, porque todos eles estavam curiosos com a minha presença.

A coordenadora aproveitou para dizer que dificilmente havia aula vaga.

Coordenadora – Caso um professor avise que vai faltar, a própria secretaria já manda um outro professor substituto ou mesmo se não houver aviso, a equipe pedagógica se encarrega de dar uma atividade para aquela turma.

Diante das brincadeiras dos adolescentes, a coordenadora disse:

Coordenadora – É assim, as coisas são super disciplinadas, mas a gente aceita algumas brincadeiras para que o ambiente fique mais leve. Porque também não dá para ficar levando tudo a ferro e fogo. Os funcionários, às vezes, brincam com eles, mas sempre tem aquele que puxa para ir para sala de aula.

No módulo 2, o processo foi o mesmo. Havia um segurança que fez a nossa entrada, abrindo as pesadas grades e o cadeado enorme. Ao entrar lá, percebi uma caixa de papelão colocada antes do portão. Quando olhei para a caixa, a coordenadora disse:

Coordenadora – Olha aqui o que temos para os meninos! Esta é uma caixa de livros que eles mesmos separaram... alguns já estão lendo, mas a caixa é sempre colocada aqui. E os meninos podem pegar quando estiverem de horário livre, ou em algum momento em que eles estejam ociosos.

A arquitetura do módulo 2 é exatamente igual à do módulo 1, inclusive com a quadra poliesportiva rodeada por salas de aula e dormitórios, além do refeitório próprio para atender a este módulo. A coordenadora procedeu da mesma maneira, apresentando-me em todas as salas. No módulo 2, ao ser apresentada para uma turma, um adolescente que já estava de olho no vestibular, gostaria de saber um pouco mais sobre o que é a minha pesquisa e como fazer para entrar nessa faculdade. Ao que respondi naturalmente.

Além disso, alguns outros adolescentes, ansiosos com as decisões judiciais, marcavam reuniões com a coordenadora para saber o status do seu processo.

Pesquisadora – Os adolescentes não possuem nada que lhes seja próprio?

Coordenadora – Aqui dentro, não... Tudo é padrão. Eles usam uniformes, chinelos, cobertores, todos os itens de higiene padronizados, para que não haja diferença no tratamento com eles, mas possuem também alguns itens que trazem de casa, por exemplo, alguma fotografia da família. Eles também recebem as cartas das famílias, que passam por uma revisão antes de serem liberadas para que leiam. Eles podem guardar as cartas que fizeram para entregarem às suas famílias.

Pesquisadora – A comida que eles consomem é produzida aqui mesmo na CASA?

Coordenadora – Não, comida chega em recipientes de outra unidade e as serventes que trabalham no refeitório montam os pratos deles com aquilo que eles escolhem.

Pesquisadora – Você já trabalhou em alguma outra unidade da Fundação CASA?

Coordenadora – Ah, sim, já trabalhei na semiliberdade, já trabalhei no Brás e na Casa São Paulo, que é do outro lado da Marginal. No Brás, eu trabalhei em duas unidades uma na frente do metrô e outra perto do DEIC, em que os meninos ficavam até 45 dias... Ali não tem escola formal. É totalmente diferente.

Porque eles vão embora muito rápido, eles só ficam esperando o julgamento para ver se vão sair, se vão para a semiliberdade ou para a internação. Lá eles têm uma atividade chamada PEC, que são pequenas atividades nada formais, apenas de escrita, para mantê-los ocupados.

Pesquisadora – Qual é o modo de acesso para trabalhar na Fundação CASA?

Coordenadora – Acesso por concurso. Eu prestei concurso para Agente Educacional da Fundação Casa, para a semiliberdade. Eu trabalhei lá na Casa São Paulo e, quando veio a pandemia, a semiliberdade fechou e os meninos começaram a cumprir medidas em casa e todo mundo que trabalhava na semiliberdade passou a trabalhar nas unidades de internação. E quando eles viram meu trabalho na São Paulo, recebi uma indicação para ser coordenadora aqui. Foi um bom sinal de reconhecimento.

A biblioteca

Enquanto conversávamos, ela abriu uma pesada porta de aço azul, com um cadeado bem grande. A porta rangia e a luz ia entrando e iluminando o cômodo, semelhante a uma sala de aula, com quatro estantes de aço de cada lado. Ao centro, uma mesa comprida, com quatro cadeiras. Na parede, ao lado da porta, havia uma outra mesa de professor, com uma cadeira e um ventilador. Na parede oposta à porta, havia um quadro triplo, com imagens étnicas africanas.

As estantes estavam separadas por temas: havia ficção, romance, autoajuda, livros pedagógicos, um pouco de livros didáticos, espiritismo, cristãos, literatura, contos, artes, etc. Enquanto a coordenadora entrava, ia me apresentando as estantes, lendo as etiquetas das identificações de cada estante, e dizia:

Coordenadora – Aqui os meninos ficam à vontade para escolherem o que quiserem. E aqui também a Lúcia dá reforço para os meninos, porque esta sala tem uma cara mais acolhedora. Acho que aqui a gente pode fazer a sua entrevista em grupo com os meninos. A gente pode trazer mais cadeiras, fazer uma roda. Aqui você só não vai poder fechar a porta, porque temos que ter os agentes de segurança em todos os espaços. Esse aqui é o caderno de controle dos livros. A Lúcia que controla tudo, dizendo quando pegou, qual foi o livro que o menino pegou e quando deve devolver.

Os meninos se interessam bastante. Eu falo que, se tem uma coisa aqui que nunca é demais, é livro! Porque os meninos leem os livros... Muitas vezes, os livros chegam novos e são muito manuseados. Olha aqui como estão... Isto é de uso mesmo. [Ela apontou para alguns livros que estavam com as capas reformadas com durex]. E a gente sempre deixa tudo muito organizado e eles já sabem exatamente onde está o livro. Aí a gente prepara as caixas volantes para o final de semana. Porque esse espaço não fica aberto no fim de semana. Então, a gente deixa separadinho, tudo o que eles vão usar no fim de semana: os materiais de educação física, os livros.

Esta decoração deste espaço serve para eles se sentirem no mundo literário. Olha, tem livros de contos, autoajuda, pedagogia, psicologia. A gente catalogou tudo direitinho.

Pesquisadora – Vocês receberam esses livros da Secretaria de Educação ou da Fundação CASA?

Coordenadora – Esses livros são todos de doação. Esta sala é cadastrada como biblioteca. Oficialmente, a gente tem poucos livros que vieram da Fundação. A maior parte dos livros é originária dos próprios professores que trazem, daquela doação do Karnal.

Como eles sabem que aqui tem uma biblioteca e quem chega aqui percebe que o nosso local é organizado, limpo, separado e que os livros são utilizados com respeito, que os meninos leem mesmo, que os livros não estão aqui só de enfeite, as pessoas fazem questão de doar... Até a gente doa! Eu terminei de ler um livro, trago ele para cá e os agentes fazem a mesma coisa. As igrejas doam também muitos livros, mais coisas religiosas. E faz parte também, ter livros religiosos. Porque isso leva o menino a pensar um pouco na vida dele e poder decidir o que quer fazer de sua vida, se arrepende dos erros, recomeçar.

Eles se descobrem! Alguns meninos chegam aqui totalmente perdidos na vida, e acabam se apegando à figura do pastor. Isso é bom! São bons exemplos. E isso muda a vida deles. Inclusive, tem um menino que saiu daqui desta unidade, começou a cantar na igreja e hoje ele mesmo vem dar culto para os meninos da Villa. Ele dá o testemunho dele... Ele se achou, se encontrou e faz esse trabalho pros outros meninos.

As despedidas foram muito calorosas e a coordenadora se colocou à disposição para quaisquer dúvidas e também para viabilizar a assinatura dos documentos, a fim de que as entrevistas aconteçam o mais rápido possível, com os/as profissionais e também com os adolescentes. Fechando a porta da biblioteca, a coordenadora disse:

Coordenadora – Na verdade, esta aqui é a “menina dos olhos” da CASA Monte Cristo. Acho que deve ser por isso que você foi indicada para vir para cá, porque aqui a gente tem uma estima muito grande pela nossa Biblioteca, um carinho! Tudo o que a gente faz com eles é diferente a gente traz eles para cá... A gente dá muito valor. Ainda mais porque a gente tem uma quantidade bem grande de doações, de livros muito diferentes aqui. A gente recebe doação de livro novo... Então a gente mostra... Olha, a gente sabe que vocês estão na era digital e que dificilmente vocês vão numa livraria, mas olha só, isso aqui é um livro novo. Quando a gente ganha um livro, vocês não têm esse hábito, mas quem é da Pedagogia, normalmente ama ganhar livro. E a gente tem um amor e mostra para eles...

Alguns meninos como aquele que eu te falei, o Marquinhos, que é um menino que era muito leitor, a gente perguntava pra ele o que ele queria ler e a gente comprava. Eu imprimi as apostilas pra ele, ele foi fazendo apostila. Chegou no dia da prova, eu levei. Ele fez a prova, tirou uma certificação de inglês... Foi maravilhoso! São histórias de sucesso que nós guardamos aqui.

E a gente segue acreditando que pode ser diferente. E é por acreditar que a gente faz essas coisas. Eu mesma falo sempre para os meus

amigos, que é pra eles virem pra Fundação, vir dar aula aqui, porque não é o que as pessoas imaginam... A gente só vê quando chega a notícia ruim, mas as notícias boas não se espalham... Eu digo, aqui você vai pegar uma sala reduzida, você pode fazer um trabalho diferenciado, você pode mudar a vida de crianças e adolescentes. Os meninos aqui prestam atenção, não tem falta de respeito. Eu sempre falo para os meus amigos: “vai lá conhecer”... Porque não é esse bicho que as pessoas pintam e olha que eu estou numa casa de reincidentes!

Ela foi me acompanhando até a portaria. Peguei meus documentos, minha bolsa. Permaneceu comigo até abrir o portão, quando me disse:

Coordenadora – Fique à vontade, que a CASA é nossa!

Transcrição da visita (23/02/2023)

A professora Celeste me recebeu para observação não participante de sua aula. Neste dia, ela havia planejado fazer uma avaliação de seus alunos, embora não quisesse nomear desta maneira. Disse que era um exercício, mas eles logo entenderam que o exercício era uma prova.

Celeste – Eu não gosto de dizer aos estudantes que se trata de uma prova, mas de uma avaliação, que eles não vão precisar copiar da lousa, porque, quando eu digo prova, eles já vão pensar nas notas e vão ficar ansiosos. Em cima dessas necessidades e defasagens deles, eu faço um plano de ação, depois de avaliar essas provas.

Aguardamos até que o agente de segurança abrisse o portão e os estudantes já começaram a receber a professora no portão. Prontamente, eles me cumprimentaram e reservaram um local para que eu sentasse. A professora passou a apresentar os estudantes, a começar pelo Alberto, um jovem de 19 anos que até o início do ano não sabia ler, mas que agora já consegue ler pequenos textos, escrever seu nome e sobrenome e também identificar a letra cursiva da professora no quadro. A professora tem uma boa relação com os estudantes e permitiu que eu me apresentasse. A coordenadora pedagógica também tomou um acento na aula para me acompanhar durante a observação não participante.

Percebi a sala bastante agitada com os estudantes se levantando muito e outros saindo da sala, mesmo com dois agentes de segurança do lado de fora, sentados em cadeiras plásticas.

Os estudantes já sabiam que a professora aplicaria uma avaliação hoje. Ainda que ela não tivesse mencionado o termo prova, muitos já estavam ansiosos. Os estudantes estranharam um pouco a presença do meu aparelho eletrônico de gravação de áudio, ao que tive que explicar a eles o motivo pelo qual estava gravando a interação daquela aula.

Estudante – Com licença, senhora. O que é esse aparelhinho que a senhora está segurando?

Pesquisadora – Este é um gravador de voz que eu uso para gravar este momento de aula e não perder as interações estabelecidas nesta sala de aula, para depois passar a limpo tudo digitado, para enfim entregar o meu trabalho à minha orientadora.

Estudante – Então a senhora ainda estuda?

Celeste – É claro que ela ainda estuda porque está até fazendo uma pesquisa...

Estudante – Ah, não sabia que era para isso. Depois disso vai virar um livro?

Pesquisadora – Sim, posteriormente pretendo escrever um livro sobre a minha experiência na Fundação CASA.

Estudante – E nós estaremos nesse seu livro?

Pesquisadora – Sim, a ideia é esta, mas não irei identificá-los. No lugar de seus nomes, colocarei nomes diferentes, por exemplo, de desenho animado, para que não haja a identificação. Também não haverá identificação do espaço ou mesmo do nome das professoras e coordenadores.

Estudante – Mas quando eu for ler o seu livro, vou saber que a senhora está falando sobre mim! [Disse o adolescente sorridente].

A professora Celeste passou a entregar as folhas que tinham atividades diferentes para cada estudante, já que a sala era multisseriada. Os estudantes foram sentando separadamente nas carteiras, de modo que cada um passou a tentar realizar seus exercícios.

Estudante – Isso daqui vale nota, senhora Celeste?

Celeste – Tudo o que a gente faz aqui vale nota. Quero ver como vocês estão.

Os estudantes apresentavam dúvidas muito diferentes. Enquanto alguns estavam com dúvidas sobre a interpretação do texto, outros se perguntavam sobre

verbetes muito simples, dos quais não sabiam o significado, um estudante cantava ao fundo:

Estudante – Minha mãe mandou eu escolher esse daqui...

Um estudante chamou a atenção da professora para dizer que já havia tentado ler o texto três vezes e não conseguia entender ou se lembrar das primeiras linhas que leu. A professora, então, passou a ler e explicar o texto para o adolescente, enquanto os outros estudantes iam fazendo ou tentando fazer os exercícios. Um adolescente saiu da sala momentaneamente e voltou com um dicionário, que ia consultando palavras da prova e revezando com outros estudantes que usavam o mesmo dicionário.

Dentre eles, havia dois ou três estudantes que não sabiam usar o dicionário. O que estavam fazendo era uma atividade de menor complexidade. É o caso do Alberto, que estava preenchendo as lacunas de um exercício retirado da Cartilha Caminho Suave, que a sua professora lhe entregou.

De vez em quando, a professora parava a leitura, do texto do rapaz que havia lhe pedido ajuda, para responder perguntas sobre o significado de algumas palavras, como protagonista, antagonista ou importância secundária.

Os estudantes que conseguiam responder o exercício com maior autonomia, às vezes, chamavam a atenção dos demais para o barulho, pois a sala, por ser mais vazia, produzia muito eco.

A coordenadora me disse que aquela turma pertencia ao módulo 1 e que era uma classe multisseriada. A coordenadora ainda informou que o ciclo estava terminando (é como se fosse o bimestre numa escola regular) e por isso os professores estavam avaliando os estudantes. Ao término do ciclo, um novo seria inaugurado com novas oficinas e, pelo que parece, haverá a oficina de histórias em quadrinhos para o módulo 1.

Para o módulo 2, haverá oficina de pequenos reparos, ou seja, manutenção e conserto de pequenos equipamentos ou eletrodomésticos.

Em alguns momentos, os estudantes ouviam Alberto soletrando algumas palavras e o ridicularizavam, pegando o seu livro, mostrando uns para os outros e dizendo que aquilo era muito infantil. A professora apenas pedia para que o Alberto não os levasse em consideração.

Pesquisadora – Em algum momento a professora os levará a biblioteca hoje?

Coordenadora – Não, a professora não os leva à biblioteca em nenhum momento, mas há aqui um agente educacional que costuma levá-los para pegar livros de sua preferência. Ele leva menino por menino lá, anota no livro grande qual foi o empréstimo e por quantos dias vai ficar e depois ele traz o livro e coloca na caixa que fica ali na porta de entrada, para que, nas horas vagas, o menino possa ler. Ele leva menino por menino para que eles possam ter a própria opinião e não ter ninguém que escolha por eles e nem que indique nada para eles, mas que eles desenvolvam o próprio gosto, lendo o que quiserem.

Pesquisadora – Mas não seria interessante que eles indicassem suas leituras uns para os outros?

Coordenadora – Ah, eles fazem isso quando estão no quarto por exemplo...

A prova tinha oito questões com alternativas, e os estudantes se perguntavam o tempo todo e perguntavam à professora também, coisas como antônimo, sinônimo, feminino e masculino e também sobre o que era sufixo e prefixo. As carteiras não eram identificadas e os estudantes poderiam escolher onde sentar. São ofertadas, inclusive, carteiras para canhotos.

Coordenadora – Ainda falando sobre o Alberto, ele ainda tá bem no início. Por isso, pedi para os professores trazerem atividades diferenciadas para ele. Eles poderiam imprimir, até lá na minha sala, ponto com atividades mais cheias de desenhos, formas e cores, com elementos simples, para que ele não fique parado enquanto os outros estão fazendo atividades um pouco mais complexas. Do contrário, ele não consegue desenvolver e fica desestimulado. Quando ele chegou, não sabia nada, ele e um outro menino do módulo 2, mas a Lúcia o leva sempre para a biblioteca e ali ele tem aprendido com ela. É como uma aula de reforço.

Um dos textos da prova falava sobre bullying. A professora passou a explicar sobre um meme que evocava justamente a questão do bullying. Os estudantes discordavam sobre a razão de uma pessoa se ofender com algumas ofensas e apelidos. A professora lia e explicava o texto para o estudante que tinha muita dificuldade de lembrar o que leu. Enquanto professora ia explicando para o estudante, a coordenadora disse:

Coordenadora – Eu sempre digo pra ele aqui tem coisas ruins, por exemplo porque vocês são privados da liberdade, mas as oportunidades que vocês têm aqui dentro dificilmente vocês vão ter na escola. Atenção quase exclusiva, cursos, uma equipe de psicólogos para atendê-los e vários outros profissionais que estão

aqui para ajudá-los. Por exemplo, aqui tem oito meninos nesta sala. Na sala de aula do meu filho, que é de uma escola particular, tem 20!

Um dos estudantes não sabia o que era a palavra “finalidade” e o outro explicou com suas palavras o significado. Depois, quando entregaram as folhas para a professora, alguns estudantes passaram a conversar conosco [com a coordenadora e comigo], mostrando os seus cadernos, suas artes, seus desenhos e também suas letras, e o tamanho das contas de matemática que faziam. Eles estavam muito orgulhosos de apresentar aquele material para nós e explicavam detalhes das atividades.

Outros estudantes, que ainda não haviam terminado a prova, perguntavam o que significava ONG e a professora gentilmente explicava com exemplos estes significados. Os estudantes perguntavam para a coordenadora se o Alberto poderia continuar fazendo desenhos em seu caderno, já que desenho e desabafos não poderiam ser feitos nos cadernos de classe, apenas em cadernos específicos. A coordenadora tentou explicar a eles que o Alberto ainda estava se alfabetizando e por isso tinha necessidade de ter desenhos em seu caderno.

Os estudantes aproveitaram a presença da coordenadora na sala, para perguntarem a ela sobre quais seriam as oficinas do próximo ciclo e, quando a coordenadora respondeu que era de Histórias em Quadrinhos, um dos estudantes disse:

Estudante – De novo? Eu já até tenho um certificado dessa oficina. Vou ter que fazer de novo?

O outro estudante comentou:

Estudante – Eu não sou bom com desenhos e nem sou criativo para criar história.

A coordenadora disse que eles poderiam fazer de novo a oficina porque seria com outro professor, com outra metodologia. E poderiam fazer a inscrição porque só havia 15 vagas.

Alberto – O que quer dizer essa oficina aí?

Coordenadora – Essa oficina é para ajudar você a criar uma história em quadrinhos, ou seja, fazer um Gibi. Sabe, um Gibi tipo da Mônica? A duração é de 3 meses.

Alberto – Ei, senhora, será que eu posso fazer parte dessa oficina aí? Eu gosto de desenhar. Só não sei escrever direito.

Coordenadora – Pode, sim. Vou colocar você na lista. Depois eu vou chamar vocês e vou ver quem tem interesse.

Enquanto aguardava a aplicação final da prova, observava aquela sala muito vazia. Nela, havia apenas as carteiras plásticas, e o teto muito alto produzia um eco, o que deixava o ambiente barulhento. A lousa ainda era de tinta de parede, para giz. Quando todos os estudantes terminaram e entregaram a folha de exercícios, a professora solicitou que todos eles abrissem o caderno para copiarem um exercício que ela começou a passar na lousa.

O exercício era um trecho do livro *Abadia de Westminster*, de Jane Austen, para que os estudantes posicionassem as vírgulas no lugar certo. O trecho trazia palavras bem complexas para o grupo, de modo que precisaram usar o dicionário por várias vezes e, ao mesmo tempo, consultar os agentes de segurança ou mesmo a coordenadora e a mim.

A atividade atraiu a atenção de dois estudantes, que ficaram de pé, em frente à lousa, com um giz colorido, marcando os locais que achavam que haveria vírgula. Os outros estudantes ficaram parados no fundo da sala, alguns copiando o texto e outros de braços cruzados ou conversando, como o que aconteceu com o estudante Alberto, que começou a conversar comigo, sobre o meu trabalho:

Alberto – Senhora, é curso isso daí que a senhora fez pra poder entrar aqui?

Expliquei de modo didático, como era a carreira acadêmica e ele gostou de saber que o meu interesse estava nos adolescentes da Fundação CASA.

Alberto – Senhora, que bom que a senhora se preocupou com nós! Até conseguiu entrar aqui, mesmo sem ser mãe de ninguém daqui... Senhora, a senhora tá fazendo esse trabalho em outras CASAs? Já foi lá no Brás?

Pesquisadora – Não, estou fazendo em uma unidade masculina e em outra feminina.

Alberto – Ah, e qual é a que a senhora vai? Vai ali no Jardim Secreto?

Pesquisadora – Sim.

Alberto – Dizem que lá tem espaço pra menina grávida, né? Que tem até nenenzinho lá... é verdade? Lá é mais bonito que aqui?

Respondi que sim, que fui para a Unidade feminina Jardim Secreto e que lá era muito mais parecido com um colégio.

Adolescente – Senhora, a senhora faz livro também, de história?

Expliquei-lhe que escrevia e participava de livros, mas nenhum deles era de histórias e sim de educação, sobre a gestão, sobre outros escritores, etc.

Alberto – Mas ela vai chegar lá! A senhora tem filhos?

Disse que sim e quiseram saber um pouco mais sobre eles, idade, o que faziam. Respondi a todas as suas dúvidas e ficaram satisfeitos. Aproveitando a presença da coordenadora, um dos adolescentes perguntou:

Adolescente – Ô, senhora Mercedes, não estou enxergando direito, acho que preciso de óculos.

Coordenadora – Você já falou com o seu assistente social? O que ele disse?

Após as explicações a coordenadora completou:

Coordenadora – Aqui funciona assim: temos uma equipe da UBS que vem fazer atendimentos e também o menino pode ser levado pela viatura para fazer exames fora daqui.

Adolescente – Senhora, a senhora poderia ter acompanhado também as aulas de História, que é a professora Maura... Ela fala muito da história dos índios, de como os portugueses vieram pro Brasil, como foi a troca de pertences que eles fizeram com os brancos... É uma aula muito gostosa e ela fala muito pra gente ler os livros da biblioteca, fala mais que essa daqui...

Como estava na hora de me retirar, eu me despedi do adolescente e agradei as dicas. Passei duas aulas nesta classe e depois os estudantes e os professores foram almoçar. A professora precisaria cumprir horário na unidade, pois estava em ATPC.

Entrei no refeitório e encontrei outros profissionais ali, que ficaram um pouco constrangidos com a minha presença. Houve um grande silêncio após a minha entrada no refeitório, pois tanto os agentes de segurança quanto professores e educadores estavam em um momento de descontração. Quando eu entrei, ficaram constrangidos, mas logo se soltaram de novo.

Um dos agentes de segurança mais antigos da casa relatou um caso que aconteceu há mais de 20 anos ali mesmo, que foi quando um adolescente fez um segurança de refém. Houve, inclusive, tiros, porque a polícia de choque entrou ali e atirou contra os adolescentes. Ele disse que hoje os métodos são bem diferentes do que já foram e os adolescentes parecem um pouco mais calmos.

Segundo ele, as aulas de educação física, principalmente, ajudam bastante para que eles fiquem cansados e não tenham muita energia de pensar em outras coisas. Ele percebeu, dentre outras coisas, que a quantidade de adolescentes pretos e pardos era muito maior dez anos atrás. E que podia “contar nos dedos”, quantos dos adolescentes internos eram brancos, na FEBEM de antigamente. Agora, a coisa está diferente. Ele relata de um adolescente branquinho de cabelo loiro, que era especialista junto com outros em invadir condomínios. De acordo com o funcionário, o adolescente era bem astuto e também um pouco cruel. Como ele, tem muitos outros que inclusive que usavam meninas para os seus disfarces

Transcrição de entrevista com a professora Celeste

Celeste – Agora eu vou cumprir minhas APD³¹ aqui. Vou adiantar umas atividades do Dia das Mães. Vou fazer umas lembrancinhas com caixa de ovo. Eu vou dar uma adiantada porque eles demoram muito. E essa atividade dispõe de muito tempo.

A professora justificou a prova como sendo de um nível de facilidade e, ao mesmo tempo, justificou a atividade de colocar vírgulas, como algo que os próprios estudantes pediram para ela e não poderia, de jeito nenhum, passar todas as regras gramaticais na lousa, porque eles não iam entender nada. Por isso, ela fez o exercício mais prático. Para que eles mesmos entendessem um pouco sobre o uso da vírgula.

Celeste – A ideia é depois cobrar pequenas produções escritas... Eles têm muita resistência em fazer redação, tem vergonha e medo de errar. Tem muitos aqui que estão muito defasados em idade e série. Por exemplo, o próprio Alberto, que tá no nono ano. Quando ele chegou aqui, conversando com todos os professores, todo mundo sabia que ele não tinha condição nenhuma de frequentar o ensino médio. Isso seria pior para ele. Daí nós reprovamos. Ele era muito retraído, nem abria o caderno, nem fazia as tarefas, nem conversava com ninguém.

E hoje, você vê? Ele está aí, conversou até com você, que nem conhecia... conversa com os colegas e interage. Ele brinca que foi resgatado. [emocionada] E foi mesmo, porque ele ficava isolado, porque ele tinha vergonha, e agora os meninos ficam zoando ele, mas eu aconselho que ele não leve a mal essas brincadeiras. Entenda que é um processo que ele está aprendendo. Eu falo sempre que ele está no hall da fama. Ele perguntou o motivo e eu disse: é porque você está aprendendo, se desenvolvendo e as pessoas ficam admiradas com isso... Então, aproveita a oportunidade que você está aqui, tem

³¹ Nesta nova modalidade de horário da Seduc, o professor cumpre algumas horas em seu local de trabalho, para estudar ou organizar seus materiais, corrigir atividades, etc.

professores dedicados que são assíduos, em uma sala super reduzida, diferente da rede estadual lá fora... Então, se você não perguntar não vai saber.

Olha, eu não avalio o aluno por nota. Eu avalio aluno pelo desempenho dele... É um conjunto. Se eles não sabem, eu estou aqui para ensinar. Às vezes, a aula parece um pouco confusa, mas eu atendo cada um e todo mundo ao mesmo tempo. Tem dias que nem vou com um plano rígido, só para ver as dúvidas deles.

Então é assim, tem que ter paciência, estratégia, né? Esta unidade aqui é de excelência. Todo mundo é preocupado com esses meninos, se eles sabem ler se não sabem.

Mencionei o episódio do adolescente que lhe disse que não se lembrava das informações que tinha acabado de ler... e questionei se ele não teria dislexia.

Celeste – Olha, veio uma orientação da Regional, dizendo que o aluno sofre de transtornos psiquiátricos e que não é pra contrariar. Por isso, há atividades que ele faz e outras atividades que ele não quer fazer, e, pra todas elas, a gente respeita o tempo dele. Ele foi transferido de outra unidade e é muito agressivo. Até foi feito um teste com ele, e os meninos ficaram zoando, dizendo que era um teste para quem era louco ou pra diagnosticar o nível de loucura. Ele ficou muito bravo e precisou ser acalmado.

Ele não gosta de receber ordens. Já teve problemas com outros meninos, por não respeitar as regras que os outros meninos estabeleceram. Porque aqui na Fundação, apesar de termos os agentes de segurança, os meninos também estabelecem algumas regras, que são, na verdade, regras de convivência e que eles levam muito a sério. Porque normalmente pode dar brigas ou isolamento daqueles que não respeitam essas regras.

Eles têm um código de conduta nos momentos coletivos. Quando um dos meninos quebra a regra, eles ignoram, isolam o menino. Por exemplo, tem um menino lá do outro módulo, que tá isolado. Os colegas estavam chamando de X9. E por isso todos os outros estavam ignorando.

O menino fica, tipo: “Ah, professora não tem que falar com eles não”. Mas eu digo que não posso fazer isso, eles são meus alunos. Vocês estão “bulinando” ele... Isso não pode, isso é feio. Aí eles param... Então, é assim, você tem que ter muito jogo de cintura.

Eles têm um carinho, um respeito e uma carência muito grande com a gente. Quando eles fazem alguma coisa, eles ficam de castigo. Até pra segurança deles mesmos, pra não ter briga.

A Monte Cristo é uma unidade que recebe adolescentes de outras unidades, que já deram problema nas outras unidades e vem tudo para cá. Assim, pra trabalhar na Fundação tem que ter muita paciência, tem que gostar muito...

Eu sempre tenho que voltar conteúdo, explicar pra eles coisas de fundamental, de 1ª série: o que é adjetivo, o que é substantivo, ortografia, ditado... E o foco do programa de São Paulo para a Fundação CASA é leitura e produção escrita... e eles têm muita

dificuldade com a escrita. Tem muita insegurança... escrevem sem coerência, sem coesão e a gente tem que explicar para eles o que é coerência e coesão.

A leitura e interpretação também, nem se fala, eu nem passo livros... eu pego pequenos textos ou trechos, como o que eu usei na prova de hoje e o que eu passei na lousa... pequenos textos. Pra eles aprenderem. Textos curtos e trabalho com eles. Daí, conforme for o desenvolvimento deles, eu aumento o grau de dificuldade.

Enquanto caminhamos e passamos pelos portões, aquele som característico das grades rangendo e dos ferrolhos sendo abertos e fechados, na sequência, fazem uma trilha sonora para nosso diálogo e fica ainda mais evidente na gravação.

Celeste – Praticamente, toda vez tenho que voltar conteúdos para poder avançar. Tem um ou outro, por exemplo, aqui no médio, que eu chamo ele de cérebro... Eu falo: Edmundo, você só não é muito inteligente porque você tá aqui... Mas ele é bom, ele é muito bom! Gosta de estudar. Um aluno que todo professor gostaria de ter, mas é raridade. Então, nem tudo o que trabalha na rede dá para fazer aqui, tem que fazer adaptações e passar por uma filtragem.

Após o almoço, a professora me conduziu de volta para a sala dos professores e, no meio do caminho, ainda interagimos com jovens que estavam reclusos no quarto, porque deveriam ter “aprontado” alguma coisa.

Um comentário feito pela professora foi que apreciava muitos livros da biblioteca. Disse que eram muito bons. Ela apresentou a cartilha que trabalha com o Alberto, que foi concedida pela Lúcia nas aulas de reforço.

Celeste – Quanto aos livros que trabalhamos com os meninos aqui, eu costumo trabalhar com as apostilas que são as mesmas das escolas estaduais, para sexto ano, mesmo para os oitavos e nonos e vou dizer que até mesmo para o ensino médio. Alguns deles ainda estão nesse nível. Mesmo assim os adolescentes ainda conseguem fazer as atividades em parceria, ou com o professor. Um palavrinho simples, parece que nunca ouviram, por isso que nesse primeiro bimestre estou trabalhando com nível de quinto ano e, conforme for o desenvolvimento deles, eu vou subindo...

Pesquisadora – Você é alfabetizadora?

Celeste – Não, eu não sou, mas aqui fui obrigada a aprender e, no geral, até que estou conseguindo. Mesmo tendo pedagogia, eu percebo que não foi o suficiente, mas estou aprendendo muito mais na prática aqui com os meninos.

Aí tem dias que eu trabalho com eles a interdisciplinaridade... Por exemplo, matemática. Trabalho a interpretação dos enunciados e vou conscientizando: “tá vendo, precisa interpretar pra fazer as continhas...”. São atividades simples. “Fulano tem 10 balas e João lhe dá mais duas balas”. Com o Alberto, estou trabalhando dessa maneira, com essas contas mais simples... Já os outros, vou trabalhando coisas

mais difíceis... Os professores reprovaram o Alberto e eu também concordei e fui fazendo uma conscientização com ele, de que se ele não fosse reprovado, infelizmente ele estaria ainda mais isolado... Então, ele só atingiu esse nível de sociabilidade com as pessoas justamente porque ele aprendeu a ler e essa aprendizagem o levou a ter mais segurança para se comunicar com as pessoas e se sentir empoderado. É assim que eu faço: em alguns momentos dou as broncas, em outros momentos, vou elogiando, para eles se sentirem mais confiantes... As broncas são sempre mais sutis...

Nesse horário, eu não entro mais em classe, mas tenho que ficar aqui para planejar aulas e para preencher coisas, por isso fico normalmente na biblioteca e acompanho a Lúcia, quando ela tem algum aluno para atender na hora do reforço... É assim que estou aprendendo a alfabetizar... Quando chega um aluno novo aqui no centro, a Lúcia faz uma sondagem para saber a proficiência desse aluno no geral. Eu também pergunto algumas coisas sobre a escolarização anterior dele. Agora, eu sei que você vai ter uma atividade ali na biblioteca e por isso quero acompanhar. Qual é o critério que você vai usar para escolher os meninos com quem você vai conversar?

Pesquisadora – Pensei em consultar você para saber quais adolescentes seriam mais indicados para esse grupo focal, lembrando que o tema da minha pesquisa é sobre os espaços e as práticas de leitura aqui na Fundação.

Celeste – Se sou eu que devo indicar os alunos, podemos pegar dois focos diferentes e ter visões diferentes!

Transcrição do grupo focal

Acompanhei a professora Celeste até a biblioteca, que estava fechada. Movemos a enorme tranca e pude perceber um cômodo de um pouco mais de 30 m². A professora passou a me apresentar as estantes e os gêneros disponíveis da biblioteca, como literatura, ficção, etc.

Celeste – Aqui ficam os livros... tem literatura, tem ficção, que eles adoram... são muitos livros legais...

Pesquisadora – Enquanto você dá aulas, indica livros daqui para eles?

Celeste – Ah, eles perguntam... Aí eu dou um spoiler... Tem livros de romance, que eles gostam... livros de autoajuda, que eles gostam mais ainda, principalmente Augusto Cury... [passando os olhos na estante, foi comentando um pouco das temáticas], religiosos, não muito... muitos dos meninos são de matriz africana... mas eles leem da Universal que fala de... enfim... [folheando um livro, a professora continua]. Acho que eles gostam mesmo é de ficção, que tem um melhor acervo do que nas outras CASAS...

Pesquisadora – Você conhece outras unidades?

Celeste – Sim... trabalhei do outro lado, na Villa³², na Vila Guilherme, na São Paulo... Dei aula bastante na Fundação...mas a unidade que eu amo é a Monte Cristo... Monte Cristo, o pessoal brinca que é a Beverly Hills do Bairro...uma unidade de excelência.

Olha, tem este livro. Quem tem medo de assombração tem medo de ler esse livro... É de literatura... Morro dos ventos uivantes, da Emily Brontë. Ele também fala sobre discriminação, sobre preconceito... Antigamente, a condição da mulher... Este outro aqui é de vampiro, tem a coleção toda... Livro também que eles gostam muito é de Espiritismo... da Zíbia Gaspareto... Eles gostam... Ah, tem este aqui também. Ah, eu falo para eles que tem livros legais.

Bem, enfim... [caminha pelas estantes e comenta livremente]. Livro de contos... eles não gostam muito não... Olha aqui! Augusto Cury, eles gostam bastante. De autoajuda, mas, mesmo, o que eles gostam mais... Olha! Nem sabia que tinha esse aqui! Eu adoro! São contos!

Pesquisadora – Então, nas outras unidades que você trabalhou, não havia bibliotecas?

Celeste – Ter, tem... mas só que os meninos são desinteressados e os meninos, eles danificavam os livros, né? Tinha aquela mania, né de que “eu tenho o poder” e danificavam os livros... Não sei agora, mas na época era assim... Os adolescentes eram assim, não gostam de ler, não... Aqui eles são mais interessados, gostam de ler... Mas, assim, tudo muda... Aqui também tem bastante livro que eu acho legal, né, de literatura... Mas só que literatura para eles, eles têm dificuldades, porque para ler literatura tem que ter o quê? Dicionário do lado e, mesmo assim com o dicionário, eles têm dificuldade. Essa estante aqui tem pedagógicos, tem bastante material para professor. Acho interessante... Tem livro que cai em concurso... Este aqui, por exemplo: Fracasso escolar. Eu já li... Este aqui, também, acho interessante... É de inglês. Como eu dou aula de inglês... Mas é mais complicado... É bem complicado... Precisa de muita adaptação, porque se eu for entrar com o livro didático em sala de aula... não vai, porque eles não entendem. Acham difícil, acabam não fazendo... Então, eu tenho que fazer o quê?... Adaptação. Voltar pro bê-á-bá do inglês para poder chegar na proposta curricular. É... tem bastante livro. Emília Ferreiro, Reflexão sobre Alfabetização... Este é um clássico, mas minha formação é Letras... Eu fiz pedagogia, mas não exerço. Aprendi a alfabetização aqui na Fundação, para eu aprender a lidar com esses adolescentes, aprender a como chegar, como trazer ele para as atividades. Eu também tive que me virar...

Pesquisadora – Não é muito diferente da sala de aula, né? Lá também temos que voltar conteúdos, adaptar e aprender fazendo.

Celeste – Isso mesmo, igual eu falo para eles: Na minha época, né... era muito diferente! Quantos colegas meus eu vi reprovar por meio ponto. E tudo era mais difícil. Hoje, os jovens têm tanta facilidade, tem muito... Tem ETEC em vários bairros, FATEC também... E hoje só não faz faculdade – igual eu falo para eles – quem não quer. E o governo dá tudo! Dá material, dá livro, dá a condição de chegar lá. É muito melhor do que na época que eu estudava... Então, assim, muitos

³² Esta Unidade da Fundação CASA é dividida em dois centros de acolhimento: O Centro Monte Cristo e o Centro Villa. Ambos possuem a mesma arquitetura, mas têm administrações diferentes.

falam: “assim, professora, ir pra escola para quê? No mundão³³, eu não reprovava mesmo, faltava e ia para escola sem fazer nada e passava... Estudo não dá nada”. E eu tenho que argumentar. Mas conhecimento é poder! Quando você souber de algo, você não vai perder e ninguém vai tomar de você. E você não vai ser ludibriado facilmente. Mas é assim, para mudar a mentalidade deles é difícil. Tem que ter muita paciência, muito diálogo. **E muitos aprendem, assim, a gostar da escola, na Fundação!** A gente já teve caso de meninos que chegaram aqui totalmente defasados e foi feita uma força-tarefa, que eles conseguiram superar suas defasagens e saíram daqui para fazer uma faculdade. Então, assim, eu falo para eles: “A Fundação CASA é uma mãe, gente... vocês têm oportunidade que muitos que tão lá fora não conseguem...”. Aqui também tem livros de conhecimentos gerais. Então, quando eles têm interesse de vir aqui na biblioteca, aí eles escolhem os livros que eles querem e levam lá pro pátio, que tem uma caixa... deixam os livros... só, assim, não é permitido ler dentro da sala de aula, quando o professor tá dando aula, tá explicando, mas, quando tem uma atividade de leitura, é permitido pegar livros. Eu trago contos, peço para fazer uma leitura compartilhada, aí eu volto parágrafo e pergunto: “O que vocês entenderam? Tem uma palavra aqui que vocês não sabem o significado? Vamos procurar no dicionário, o significado?” Aí tem aluno aqui que nem no dicionário sabe procurar... Então, é assim, é um trabalho de formiguinha.

Pesquisadora – Você trabalha poesia com eles?

Celeste – Trabalho, mas só que eles não gostam muito... falam que tem umas coisas que não tem nada a ver... O que eles gostam de fazer é música funk. É música, música... Então, vamos trabalhar. Mas eu falo para eles, eu explico: porque a poesia... o que é poesia. Porque a literatura é importante. Faço uma comparação entre os dias de hoje e como era antigamente... “Antigamente, para você conquistar a moça, primeiro tinha que conquistar os pais, para depois se chegar nas moças. Mulher de antigamente não se vestia como as de hoje. Antigamente, o máximo que elas mostravam era o tornozelo...”. Eles falam: “Ai, isso é tiração”. Mas eu digo: “Antigamente tinha mais romantismo. Na época do Trovadorismo... eles faziam serenata de amor para sua dama, para sua amada e hoje, não.... Hoje, tá como?”. Aí eles falam: “Ah, professora, hoje as meninas tão muito interesseira...”. Por isso é assim. Muda muito os valores. Daí tem aluno que gosta mais de Matemática, aí tem aluno que gosta de Português... nem Jesus Cristo agradou todo mundo... nem tudo o que faço eu gosto, tem coisa que eu gosto de fazer e outras não, mas preciso... Isto é a vida... Então, estes meninos, realmente... tem que ter muita paciência. Saber conversar, dialogar, não bater de frente. Tem que ser firme e com carinho, porque, assim, conquista mais coisas. Eu também dou aula de Projeto de Vida, mas na Fundação é bem diferente do que na Rede. Aqui eu trabalho temas da atualidade. Por que eu trabalho temas da atualidade? Para eles perderem um pouco o medo de falar em público, se posicionar. E outra, que também são questões que caem em Vestibular. Porque uma coisa que aqui eles não admitem é a questão do homossexualismo. Eles acham que é tiração, que não aceitam, não sei o quê... tem que morrer.

³³ Expressão bastante usada pelos adolescentes e por outros, para designar o mundo externo à Fundação CASA.

Principalmente essas pessoas Trans. Daí eu trouxe uma reportagem que passou na Globo, passei para eles, que hoje é assim: a tecnologia, a medicina tá tão avançada, que não dá para você... dependendo... não dá para você distinguir, se realmente é uma mulher que nasceu mulher, ou é um homem que se tornou mulher. Eles falam: “Ah, é molhado... é grossa... não sei o quê”. Aí eu falo: “Não! Vocês não podem ter essa postura, senão vocês podem ser processados, sofrer as consequências. Então, se vocês não gostam, respeite, fica quieto. Mesma coisa eu chegar aqui e ofender vocês, pelo que vocês fizeram. Vocês gostam de ser... de apontar o dedo pelo que vocês fizeram? Não, então é essa questão, trabalhar a diversidade, respeitar.” Também trabalhar essas questões de doenças venéreas. Um menino que me procurou perguntou como é que pega olho de peixe. Eu achei interessante, montei uma aula e vou trabalhar com eles. Eles tiram o “barato” entre eles: “Ah, professores, não fica perto desse menino não, ele tem boqueira”... Daí eles perguntam porque dá herpes. Perguntas assim simples, mas que tem meninos que têm vergonha e também não têm acesso. O universo deles é outro. Em termos de conhecimento, umas coisas tão simples, que muitos não perguntam porque têm vergonha, e acabam fazendo umas perguntas assim quando têm mais liberdade, mais contato com professor. Eu não tenho problema de falar de sexualidade, mas quando eu vejo assim que o menino tá com outro sentido, aí eu já corto, já peço para falar com o profissional de saúde da associação, e encerro o assunto sem desrespeitar, sem deixá-lo sem graça. E aí eu falo para eles que eu sou cobrada, que não é porque a gente trabalha aqui na Fundação que é bagunçado, que se eu tiver que reprovar aluno, eu reprovoo, eu faço documento. A escola aqui na Fundação é levada a sério e se eu tiver que reprovar um aluno eu reprovoo e, se tiver que fazer um documento, eu faço, porque, é como eu falo com eles: “eu me importo é com a aprendizagem de vocês”. Se tiver que reprovar um aluno aqui, eu falo com eles... Não dá para ter caderno fantasma, um aluno não fazer nada. Porque não tem como eu dar nota para um aluno assim, com aluno que não faz nada... eu ofereço todas as oportunidades de avaliação, mas se o aluno não quer nada, não tem como. Tem um caso aqui de um adolescente, ano passado, que não fazia nada... eu falei para ele, aqui a gente reprova, sim! Como eu vou avaliar um aluno que não faz nada? Depois isso pode sobrar para mim. E ele foi reprovado mesmo, porque não tinha nada no caderno dele, nada, nada. O curioso é que, no caso desse aluno, que é o Alberto, que você conheceu, “abaixou um pouco a bola” dele e dos meninos. Hoje ele é o primeiro aluno da sala. Eu falo: “Tá vendo? Você é um diamante bruto, que precisa ser lapidado.

Pesquisadora – Qual é o tempo que eles ficam aqui normalmente?

Celeste – É variável, tem menino que apronta e fica aqui uns três meses, de castigo, tem outros que não participam da escola, acabam ficando um pouco mais... por isso que, para ir embora rápido, eles também participam da escola... Então varia muito. Tem menino que não dá trabalho e passa rápido, daí já tem audiência com o juiz e não fica aguardando muito tempo a resposta. O tempo mínimo é um ano e meio, eu acho... Mas pode se alongar um pouco mais. Tem menino que não quer ir à escola, daí o tempo demora um pouco mais. Tem menino que sabe aproveitar o tempo que tá aqui. Eu falo para eles: “Em vez de vocês ficarem ociosos, porque vocês não aproveitam...

aproveitar as oportunidades, muitas vezes, melhor que escola particular: turmas reduzidas, professores assíduos, que não faltam. Então, é uma oportunidade de ouro!” Eu falo para eles: “A Fundação é uma mãe... Vocês têm o que muitos lá fora não têm: cinco refeições por dia, tem atividade física, tem psicólogo, tem médico, tem psiquiatra... todo atendimento. Se ficam doentes, dá para fazer cirurgia, passa na frente.” Quando tem que ir no médico, eles mesmos relatam que ficam, assim, constrangidos, porque veem aquelas filas, aqueles idosos que dormem lá na fila, e eles passam na frente. Falo assim para eles: “A Fundação é uma mãe!

Igual, tem o aluno Daniel aqui. Eu falei para ele: tá vendo que você tem bagagem? Você tá sendo, assim, aluno 5 estrelas, hein! Você tá deixando os outros no chinelo. E ele fica todo feliz. Ele participa das aulas, pergunta. E assim, isso surpreendeu. O Alberto é um caso, também, que chegou, tava muito isolado, mas se soltou... mostrou até caderno. Fica todo orgulhoso, todo feliz...

Eles ficaram esperando você na semana passada... Quando você não apareceu, eles disseram: “Mas o que ela vinha fazer aqui, professora? Vinha para falar mal da gente?” Daí eu disse: “Não, ela quer mais saber como funciona aqui...”

Eu não pude ir até a fundação no dia marcado, por causa da greve dos metroviários. A coordenadora me avisou que seria melhor que eu não fosse, pois não haveria quem me acompanhasse.

Pesquisadora – Qual é a sua formação?

Celeste – Sou formada em Letras, também tenho Pedagogia, já fiz outros cursos. Eu tenho uma Extensão na USP, Psicologia da Educação, fiz curso de Inglês na Cultura Inglesa e também curso oferecido pela Secretaria da Educação na EFAPE [Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação].

Pesquisadora – Quer saber um pouco da sua trajetória profissional.

Celeste – Então, assim, eu era bancária... mas sempre trabalhei com público... relacionamento com pessoas... Eu trabalhei muitos anos em um banco e estava cansada de fazer o que eu fazia, daí eu pensei: “Ah, vou dar aula, vou ver, se eu gostar, quem sabe. Se não der certo, eu volto para minha antiga área... E a minha irmã, quando eu falei que ia dar aula na Fundação, que o pessoal fala tão bem da Fundação, que falei: “Vou lá ver como é que é...”. Sempre fui muito curiosa. Daí a minha irmã disse: “Você tá louca, vai dar aula lá? Só tem rebelião”. É aquela imagem que as pessoas têm da época da FEBEM. E eu vim aqui por curiosidade e já tô aqui por oito anos. Eu já trabalhei com primário, já trabalhei com multi...

Pesquisadora – O que é multi?

Celeste – Multiresidente, é igual aqui, de um outro perfil; tem mais assim, mais experiência nessa vida. Então, assim, eu já trabalhei em todos os perfis praticamente... E foi aqui que eu mais me identifiquei. Já estou aqui há cinco anos... e o curioso é que quando eu vim para essa unidade, era uma unidade que o pessoal tinha medo por causa da ponte... difícil acesso... Do outro lado, eu não consegui pegar aula... porque tinha outros professores com pontuação maior que a minha...

Aqui foi o que sobrou. Chorei muito... fiquei com medo da ponte e não da unidade... mas me acostumei. É uma unidade que hoje... muitos professores são loucos para vir trabalhar aqui nesta unidade...

Pesquisadora – Ah, você é efetiva?

Celeste – Não, sou professor temporário, mas a Monte Cristo é uma unidade em que muitos professores gostariam de trabalhar aqui... É assim... Eu me identifiquei aqui, um corpo pedagógico maravilhoso, tanto os profissionais quanto os adolescentes... Não tenho problema com ninguém e eu gosto de trazer coisas diferentes para eles pesquisarem. Assuntos da atualidade, a que eles, privados da liberdade, não tem acesso... Assuntos polêmicos, fazer roda de conversa, saber a opinião deles.. “Ah, eu não gosto”. Tá, mas vamos respeitar, porque Jesus Cristo, que é Jesus Cristo, não agradou todo mundo. Por isso eu falo para eles: “vamos respeitar”... É o que eu falo para eles: brincadeiras... se eu não gosto de brincadeira, não posso dar ousadia, porque, entre eles, começam brincando e terminam brigando. Eu falo: “Olha o bullying, precisa respeitar” E daí eles param... Eu sempre sou leve, brinco com eles e eles me perguntam que nota vão tirar. Eu digo que quem tira nota é o aluno. Eu dou atividade escrita, mas isso não significa que isso vai ser sua nota final. Eu avalio o conjunto, a participação, o caderno, o interesse... Eu falo para eles que eu valorizo muito aquele aluno que não sabe nada, mas pergunta... Melhor aquele aluno “pentelho” do que aquele aluno copista, que só copia. Prefiro aquele aluno que questiona, porque tá interessado em aprender. Aqui, os meninos são carentes. Uns perguntaram: “Ah, professora, você não quer me adotar? Eu já tive uma experiência de um aluno externo, que frequentou minha casa, brincou com meus filhos e mudou de escola, de casa... E, um dia, encontrei com ele aqui! Fiquei sabendo pelos outros meninos, que disseram: “Ah, professora, fulano disse que conhece a senhora, que a senhora tem uma casa assim, um carro assim, assim... A senhora tem dois filhos, que o levava no Mc Donalds”. Quando eu vi, me segurei para não chorar. É muito difícil...

Pesquisadora – Sobre as suas aulas, especificamente, você consegue inserir a leitura de um livro?

Celeste – Bem, geralmente, assim, eu faço na sexta-feira, mas eu trabalho mais textos assim, com eles... Ah, também depende muito do dia. Eu trabalho textos e também trago os livros [didáticos] para eles e faço a leitura compartilhada. Peço para cada um ler um pedacinho, porque tem muitos ali que têm dificuldades de ler... ou então não têm entonação... lê tudo atropelado. Eu também pego os livros de literatura e trago para eles verem... e faço comentários... Mas ainda não tive essa oportunidade... Vou ver agora, no começo de abril, para fazer essa estratégia de leitura... trazer para eles lerem e fazer um resumo, já pensando como finalidade na escrita e no vestibular. Eu falei pra eles que, neste ano, o que será cobrado no currículo é leitura, interpretação. Então, todo mundo tem que saber ler e escrever. Isso serve para eles prestarem o Enceja.³⁴ Então, eu falo assim para eles: “eu tô trabalhando com vocês, por etapas, tá? Eu já preparei uma aula,

³⁴ Enceja é o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Ele emite um certificado de conclusão do ensino fundamental ou do ensino médio, que é válido em todo o território nacional.

um Quiz, que é um simulado com questões do Enceja, do ano anterior, para eles aprenderem a se orientar: “Ah, essa alternativa não tem nada a ver”, e vai eliminando as alternativas. Estou trabalhando com eles pequenas doses de gramática e de leitura, para depois eu chegar numa produção escrita, porque eles têm muita resistência... muita resistência mesmo. Mostrar para eles que o grande problema quando faz produção escrita é repetição de palavras... “Tá vendo como o texto fica, assim, pesado para quem lê?” Dou até um exemplo: João foi na feira, João ao chegar em casa tomou banho. João foi descansar... “Olha como tem João, como o texto fica chato, não é? Então vamos substituir o João por pronomes, por sinônimos, não é? Viu a importância da gramática?” Aí eu apresento o texto, com muitas repetições de palavras e depois peço para eles refazerem o texto, mas só que, antes, vou ter que voltar conteúdo, conjugação... Eu até brinco com eles: “Vocês não vão assassinar a Língua Portuguesa e ‘tacar’ pedrada, né? Dizendo ‘nóis vai’, ‘nóis fica’... O texto fica como? Fica feio, não é? Aí você vai falar com uma ‘novinha’ e diz ‘Nóis vai aonde?’. Olha, se eu tiver um paquera e falar isso para mim, já broxou”.

Nesse momento, entrou a pedagoga Lúcia, já perguntando sobre o grupo focal... quantos adolescentes, como seria, se o espaço seria suficiente. Disse a ela que deixaria por conta da professora Celeste definir quem ela indicaria para a conversa. A coordenadora entrou também na biblioteca e disse que não poderíamos misturar os módulos, assim, como a acompanhei no Módulo 1, achamos por bem que ela indicasse adolescentes desse módulo.

Lúcia – É que a Celeste tem trabalhado muito mais a leitura, no módulo 1 do que no módulo 2, não é, Celeste?

Celeste – Sim, porque o módulo 1, tem o ensino médio e o fundamental, já o 2 só tem fundamental. Vou indicar cinco meninos, o Alberto...

Pesquisadora – As perguntas são estas aqui, talvez fosse necessário pensar em pessoas que tenham um hábito de leitura.

Celeste – Ah, tá... pode ser o Fernando, Peter... agora do médio, o Edmundo e o Pedro.

A coordenadora foi buscar os adolescentes e a pedagoga Lúcia passou a organizar as cadeiras.

Os adolescentes chegaram muito animados. Eles nos cumprimentaram muito alegres e falantes e a coordenadora passou as regras da roda de conversa:

Coordenadora – Pessoal, é o seguinte, a senhora Kacianna vai ter uma conversa com vocês, é para pesquisa dela do doutorado. Levem o máximo a sério que vocês puderem, para estar ajudando na pesquisa dela. A opinião de vocês é de extrema importância pro trabalho dela.

Um dos adolescentes perguntou se depois da conversa poderia pegar um livro e a coordenadora respondeu que o funcionário o acompanharia depois para escolher seu livro.

Coordenadora – Então, gente, como eu falei para vocês, a pesquisadora veio aqui só para ouvir vocês. E eu que indiquei vocês para esse momento!

A reação dos adolescentes foi muito animada e bem-humorada, agradecendo a indicação. Eu me apresentei aos adolescentes e expliquei os objetivos do meu trabalho. Alguns já sabiam, mas dois deles, que eram do ensino médio, ainda não. Expliquei também que não teremos qualquer publicação que envolva seus nomes originais, que provavelmente usarei os nomes fictícios de animes, de personagens de livros, etc. Expliquei também o motivo de usar um gravador e iniciamos com os nomes e idades: Alberto, 19; Fernando, 17; Pedro, 17; Edmundo, 19; Peter, 16.

Pesquisadora – Quantos de vocês gostam de ler?

Todos levantaram as mãos.

Pesquisadora – Vocês já conseguiram ler um livro inteiro?

Edmundo – Só nessa passagem aqui eu li 34.

Pedro – Eu li 12.

Peter – Eu li 12 também, senhora.

Fernando – Eu li 7.

Alberto – Eu li 4, mas era gibi, serve?

Pesquisadora – Claro que sim! São leituras iniciais e isso é muito bom!

A professora que estava acompanhando a conversa disse estar orgulhosa do Alberto.

Peter – Os que eu li era só de romance. Eu gosto de romance, mas eu leio de tudo, ficção, autoajuda...

Pedro – Eu gosto mais de autoajuda, todos os livros que eu li são de autoajuda.

Perguntei ao adolescente mais tímido da turma: e você?

Fernando – Ah, qualquer livro eu leio.

Pesquisadora – Você não tem uma preferência?

Fernando – Não, senhora.

Edmundo – Eu gosto muito de romance, ficção, autoajuda, os históricos, os baseados em fatos reais... acho que esses são os meus

favoritos: ver o que aconteceu com uma pessoa, que foi de verdade e que ela escapou... é muito bom!

Pesquisadora – Que livro você leu e que o impactou profundamente?

Edmundo – O que eu mais achei foi *A Cabana*. Eu gostei muito... acho que Deus vem preparando ele para, no final, ele conseguir perdoar o assassino da filha dele. É uma história muito pesada. Eu fiquei muito emocionado. Foi mais comovente que um filme... A gente vai construindo a história aqui... [apontou para a cabeça].³⁵

Pedro – Um que eu li foi o do Augusto Cury, *Você é Insubstituível...* achei muito interessante porque trabalha um pouco do autocontrole, emoções, ansiedade e isso tudo vem no decorrer do dia a dia aqui na CASA, não só comigo, mas com todo mundo. Quando você consegue compreender um pouco a leitura, você também entende que isso é coisa que a gente passa, que acontece com você. E continuei lendo outros livros que tinha sentido, como esse daí que eu comecei.

Peter – Ah tem um livro que eu li que tá ali. Posso ver, senhora Lúcia? [Lúcia assentiu com a cabeça e o adolescente foi até a mesa para procurar o livro. Edmundo já sabendo de que livro se tratava, esticou o braço e o entregou ao colega]. Esse daqui mesmo: *A Vida Sabe o que Faz*. Eu li esse livro aqui, senhora, porque o que acontece aqui no romance, senhora, aconteceu comigo, mas no futuro, nas outras vidas (ah, ela é do espiritismo), aconteceu uma coisa muito bonita também no futuro, senhora, por isso que eu me identifiquei com esse livro. Eu gosto muito, por isso que eu só leio livro de romance também, senhora, e tudo da Zíbia...

Eu me dirigi aos dois adolescentes que não pediram a palavra, para que eles ficassem à vontade para responder a qualquer momento.

Pesquisadora – De quanto em quanto tempo vocês vêm para a biblioteca?

Edmundo – Uma vez por semana, a gente vem fazer trocas.

Pesquisadora – Vocês leem aqui também?

Todos – Não, senhora... não pode.

Pesquisadora – [Eu me dirigi às professoras] Aqui os adolescentes não podem ficar para ler?

Celeste – Daí eu não sei...

Lúcia – É que para vir aqui, precisa ter funcionários para acompanhar e o número dos funcionários é pouco. Antigamente, a gente fazia leitura dirigida e trazia assim, de três em três, ou mais e podiam ficar aqui fazendo a leitura, mas eu preciso que venha alguém da Pedagogia e alguém da Segurança para acompanhar esses meninos e nem sempre temos. Por isso, eles levam os livros e podem ler livremente no pátio, no horário que eles têm disponível.

Peter – A gente também lê muito no quarto, senhora.

³⁵ Não vou deixar meus comentários evidentes, apenas as respostas dos envolvidos e das professoras que estavam comigo.

Lúcia – Exato, com exceção dos horários de aulas e dos cursos.

Pesquisadora – Qual é o horário favorito de vocês para ler?

Edmundo – Dentro do quarto, senhora. Fico lá deitado e tem até às dez horas. Umás sete horas eu já faço tudo e vou pro quarto... A luz desliga às dez horas. Então, eu aproveito para ficar lendo lá mesmo.

Pesquisadora – Vocês compartilham o que estão lendo entre vocês?

Pedro – Sim... mostrando uma curiosidade... e a gente acaba perguntando um pro outro “Ah, o que você tá lendo?” O Ed tem essa mania: qualquer pessoa que chega perto dele, ou ele pergunta, ou ele acaba falando sobre o que tá lendo, o que tá entendendo e acaba compartilhando o livro para nós também.

Lúcia – E aí dá vontade de ler aquele livro...

Celeste – Fica curioso...

Pedro – É... e daí tem outros meninos que até fazem fila para pegar o livro depois do Edmundo... Às vezes até pega o livro dele [risos].

Pesquisadora – Então, o Edmundo é essa ponte entre os livros e os adolescentes?

Pedro – Sim, ele faz isso...

Peter – Mas eu também, senhora, todos os livros que eu li sempre compartilhei com eles... falei o que acontecia.

Pesquisadora – Esse hábito de leitura é de família?

Edmundo – Eu comecei a ler quando estava em outra internação. É muito tempo ocioso, pensando, pensando... A cabeça não para... Peguei um para relaxar e, quando eu vi, já tava indo para outro e outro...

Peter – Eu também, senhora, quando tava em outra CASA. Eu não gostava não, senhora, mas depois que eu li o primeiro eu vi que eu podia! Comecei a pegar gosto e fui lendo...

Alberto – Na minha família, tem a minha avó... ela gosta de ler Bíblia, esses negócios. Sempre vi ela lendo...

Pesquisadora – Quem gosta de poesia, aqui?

Edmundo – Ah, eu não gosto não... Prefiro mergulhar nas histórias.

Peter – Eu gosto mais do suspense do livro, para chegar logo no final dele e saber o que aconteceu...

Fernando – Na minha família, só eu só, senhora....

Pesquisadora – E na escola? Como era a leitura na escola?

Fernando – Eu nem dava muita importância lá... Eu aprendi a ler no ano passado, dentro da Fundação CASA, senhora... ler e escrever...

Alberto – Eu também tô aprendendo agora!

Fernando – Acho que, lá fora, a força de vontade é muito pouca, senhora. Acho que o apoio aqui dentro é melhor...

Peter – Querendo ou não, lá fora a gente tinha outras coisas para fazer, tava fazendo coisa errada e nem pensava em ler... A gente perdeu o foco lá fora... e aqui dentro, já tem mais um espaço de pensar

no que vai fazer, no que não vai fazer quando sair... às vezes, por não ter nada para fazer, a gente ficava lendo livro, senhora...

Pedro – E acaba pegando aquela força de vontade... Nova esperança de tentar pelo menos aprender um pouco.

Pesquisadora – Por isso que o nome da CASA é Monte Cristo, né?

[risos]

Pedro – Por isso mesmo!

Peter – Além da gente ler, senhora, a gente aprende conhecimentos novos, a gente aprende as escritas, como se fala, como se escreve...

Lúcia – Aqui eles usam muito o dicionário para escrever as palavras corretamente e para saber os significados.

Pedro – Às vezes, no quarto mesmo, não dá para ficar com o dicionário, mas a gente vai pensando naquela palavra que a gente não conhece e, quando vai seguindo com a leitura, pá! A gente entende!

Peter – Ou então guarda para pesquisar depois...

Lúcia – Aqui eles usam tanto os dicionários, que estão velhinhos.

Alberto – E vocês não gosta, não, de gibi?

Fernando – Sim, quando eu aprendi a ler eu só lia gibi da Mônica...

Burburinho geral sobre títulos de quadrinhos: Mônica, Cebolinha, Mickey, Marvel.

Edmundo – Mas hoje eu prefiro os livros... Mas eu sei que os quadrinhos podem dar emoção também... Eu li um de uns ratos... não consegui terminar porque fui liberado na semana que escolhi aquele livro... Mas a história tava me dando uma revolta... devia ser uma boa história, não lembro do título para procurar...

Foi aí que eu lhe disse o título: Maus, de Art Spiegelman, e ele olhou para mim com muita gratidão.

Edmundo – Mas quando eu vejo que chegou um livro grandão aqui na biblioteca, já fico interessado, já quero pegar...

Pesquisadora – Quando vocês saírem daqui, como vai ser a rotina de leitura? Dá para levar para fora daqui essa prática, esse hábito?

Peter – Eu mesmo pretendo, senhora... quando chegar lá fora, que não tiver fazendo nada, eu pretendo ficar lendo livro...

Pedro – Eu quero levar esse hábito, sim...

Todos os demais manifestaram conjuntamente o mesmo objetivo.

Pesquisadora – E aonde vocês podem ir para conservar esse hábito? Dá para comprar livros sempre?

Edmundo – Perto de onde eu moro tem um ônibus da Prefeitura, que vem toda terça-feira. Por dentro ele é uma biblioteca. Aí você vai lá,

faz um cartãozinho e toda terça-feira você vai lá e troca... Eu mesmo tenho o meu cartão...

Fernando – Lá perto da minha casa tem um negócio assim, bem grandão... Daí pode entrar lá e ficar lá lendo, senhora...

Pesquisadora – Você sabe o nome desse espaço? Você já ficou lendo lá?

Fernando – Não sei, não, senhora, e nunca fiquei lá não, senhora... Só vi uma vez.

Edmundo – Livro não é barato... nós que é pobre tem que ler em biblioteca mesmo...

Lúcia – E há bibliotecas confortáveis, em São Paulo! Aquela do Parque da Juventude é a melhor da América do Sul... Tem até aquelas poltronas enormes de deitar, relaxar e ter um momento... Eu levava muito os meninos para lá, quando eu trabalhava na Semiliberdade... Eles descobriam um mundo novo! A gente passava a tarde lá! Se vocês, quando saírem daqui quiserem fazer um passeio com a família, com a namorada, vai, que vocês vão conhecer a melhor biblioteca da América do Sul! Espetacular, com aqueles puffs enormes, e tem livro de tudo quanto é língua, revistas da semana, jornais diários... materiais em braile, que é aquele tipo de escrita com relevo para cegos... tem computador... Vale a pena!

Fernando – Ah, sei onde que é, senhora... eu moro lá perto.

Pedro – Ah, eu moro na Zona Sul, senhora, não dá para frequentar lá, não... mas dá para tirar um dia pra conhecer! Aqui em São Paulo tem muito lugar que realmente é bastante interessante conhecer.

Lúcia – Principalmente se vocês envolverem a família! Deixar de lado um pouco os amigos e levar a família para conhecer esses lugares, para ficar mais perto da família!

Edmundo – Lá perto também tem o CEU... [outros meninos se manifestaram positivamente, informando que estão próximos a este equipamento].

Peter – CEU Butantã... só descer a rua de casa, não é, Celeste? Eu e o Pedro se conhece desde que a gente era criança, senhora... Brincava junto, estudava junto e agora a gente tá aqui junto... [risos].

Pedro – Na nossa primeira internação, a gente foi para Diadema... lá a biblioteca era bem grandona.

Peter – É... a gente lia lá dentro... tinha cadeira, mesa, puffs...

Pedro – Era tudo organizado!

Peter – Lá eu li *O Segredo*, senhora, e um outro lá que era reservado, que tinha várias histórias, senhora.

Pedro – Ele era preguiçoso, senhora, ia para lá só para ficar dormindo... fazia a caminha dele e ficava dormindo... [risos].

Pesquisadora – Estou terminado, mas queria saber: O que a leitura representa para vocês?

Peter – Ah, a leitura representa, senhora, aprender os conhecimentos novos, até mesmo se inspirar, dependendo do caso que tiver no livro...

Pedro – representa a cultura, a oportunidade de se especializar na vida e aprimorar diversos conhecimentos para passar pros próximos.

Edmundo – Através da leitura, você consegue adquirir diversos conhecimentos. Os livros de autoajuda podem te ajudar pro seu futuro, os romances, ou as histórias baseadas em fatos reais, que são exemplos para sua vida... até reforçando o que a gente aprende na escola, com a ortografia, consegue melhorar ali e isso muda bastante a nossa relação com a escola.

Peter – E quando cê tá lendo ali, senhora, cê já se imagina, como é que é... com aquilo que tá acontecendo nas páginas.

Alberto – A leitura é o que te leva para frente, não é, senhora?... Você aprende aqui agora e na frente vai pensando lá... coisa boa, não é senhora?

Fernando – Pra mim, senhora, é sempre bom pegar um livro e ficar lendo, senhora... Você vai suspirando ali, senhora... emocionando, viajando no livro, senhora.

Ao final, os adolescentes passaram a me perguntar sobre o meu hábito de leitura:

Peter – Oh senhora, e a senhora gosta de ler livro? De que tipo?

Respondi a eles, de modo informativo sobre a minha pesquisa, mas terminei numa perspectiva mais infanto-juvenil, de modo a motivá-los a procurar os títulos que encontrei na própria biblioteca: *O Morro dos Ventos Uivantes*, *O médico e o Monstro*, *Contos*, de Machado de Assis, *Drácula*.

Lúcia – Todos os livros que nós temos aqui foram doados... às vezes alguns vão ficando velhinhos e a gente restaura. Quando não dá mais, a gente descarta... Todos aqui da fundação, quando leem alguma coisa, ao terminar, normalmente trazem aqui para a biblioteca. O Karnal sempre manda uns livros para a gente. Até preciso ligar para ele... pedir algumas coisas...

Peter – Esse hábito que a senhora tem da leitura é desde criança, senhora?

Respondi que minha infância não foi fácil e que o primeiro livro que eu li eu já tinha 9 anos, ao que o Alberto falou:

Alberto – Muito nova, senhora! Eu tô lendo agora, dez anos depois da senhora [risos].

Depois de dar o meu depoimento sobre livros e bibliotecas, eu me encaminhei para o fim da roda de conversa.

Pedro – Eu achei bastante interessante, senhora, o que a senhora tá fazendo... O que era do seu passado lá a senhora tá querendo colocar no presente como uma inspiração para todo mundo.

Celeste – É porque é muito bom a gente ler esses livros grossos, esse calhamaço, e ficar torcendo e até triste quando tá acabando...

Alberto – É que nem uma novela... [risos].

Edmundo – Muitos livros viraram filme, mas nunca é a mesma coisa... Às vezes é mais fraco... mas eu já assisti alguns depois de ler o livro, a *Cabana* mesmo, aquele *Quatro vidas de um cachorro*, senhora...

Celeste – Ah, eu chorei muito... [risos].

Edmundo – No livro é da hora, porque você vê até o pensamento do cachorro, ali, não é, senhora?

Peter – Eu mesmo, senhora, se eu tiver assistido o filme, nem quero pegar o livro, sabe, senhora, mas já tive vontade de assistir filme de livro que eu li que quando a história acabou eu ficava pensando... mas tem um livro que também tem o filme, que eu li, que é o *Mãos Talentosas*.

Celeste – Ah, eu chorei muito também...

Alberto – Aê, professora, a senhora é chorona... [risos].

Edmundo – Outro livro que eu gostei foi da Malala... que fala dos direitos das mulheres de poder estudar.

Terminamos com agradecimentos profundos e sinceros, e os adolescentes dizendo que gostaram da atividade da tarde.

Alberto – Foi da hora...

Edmundo – Foi bom saber que tem gente que se preocupa com a gente aqui dentro, senhora.

Pedro – Obrigada por conversar com a gente!

Minha frase final para cada um que cumprimentei com um caloroso aperto de mãos é que foi um prazer conhecer a cada um deles e de gratidão pelas contribuições para o meu trabalho! Também aproveitei para incentivar o Edmundo a continuar indicando livros para seus colegas!! Este é um grande talento!

Quando os estudantes saíram, a professora Celeste disse:

Celeste – Ah, foi ótima a conversa! Você viu que maravilha esse grupo! Por isso que selecionei eles... Viu o Edmundo? Eu chamo ele de gênio... Digo que ele só não é mais inteligente porque ele tá aqui. O Pedro também é bom, é comunicativo... Também o Peter... ele gosta de conversar. Eu também incentivo eles. Eu falo: ó, vocês têm uma biblioteca aqui fantástica de livros de assuntos, que nem eu falei que eles gostam muito de ler livros da Zíbia, de ficção... de autoajuda... igual eu falo para eles, se vocês não gostam de ler, vamos começar por coisas que vocês gostam, vai... vocês gostam de moto, carro? Então, vamos ler artigos que falam de moto, carro. Aí você vai começar a ter o hábito de leitura, igual o Alberto, com os gibis... Então, vamos começar com historinhas curtas e também umas mais longas que já trabalham a paciência... Vamos para esse lado mais prazeroso. A partir daí vocês vão criar esse hábito. Eu já falei para eles que eles

têm um acervo de livros fantásticos... Eu sempre digo que depende deles... Eu procuro diversificar as aulas, porque também é muito chato ficar só copiando, copiando, por isso eu procuro trazer atividades impressas... Trazer documentários curtos, trazer aulas em vídeo, trazer quiz, que eles gostam, assim de competição entre eles... vamos lá, quiz assim de conhecimento de mundo... vamos ver... Na minha próxima aula, eu pretendo trabalhar as questões do Encceja, em forma de quiz, para treinar eles, para eles se familiarizarem com o tipo de prova... Igual o Fernando, que a referência dele disse que ele foi alfabetizado na Fundação... O que eu acho legal dele é que ele pergunta muito as coisas para mim... Pergunta o tempo todo e eu sempre falo para ele: “seu problema é insegurança. Precisa trabalhar isso, porque quando você for fazer o Encceja, a professora não vai tá aqui do seu lado para ficar soprando para você”... O que eu acho legal nele é que no começo ele tinha dificuldade de identificar o que era letra cursiva, o que era letra de forma. Com o apoio da Lúcia...

Lúcia – Em janeiro, eu alfabetizei dois! O Alberto e outro que foi pro outro módulo. Agora é treinar: leitura e releitura, escrita e reescrita. Precisa treinar... Ele tem que pegar livros e tentar ler...

Celeste – É por isso que eu pego textinhos, para eles treinar... e é assim que eu faço o meu trabalho aqui na Fundação, com muita paciência e dedicação... porque aqui você é tudo: é psicóloga, é amiga, eles querem conversar, querem carinho, querem que a gente seja mãe...

Lúcia – A falta de condições, a falta de estrutura fez com que eles caíssem no caminho errado...

Celeste – Isso mesmo, o Edmundo...

Lúcia – É falta de pai, mãe, família, alguém que ame com limites. Um abraço, um colo, uma chamada de atenção... E eles têm ciúmes aqui... Eu sou brava, mas eles gostam. Quando eu tiro o Alberto, eles ficam pedindo: “Oh, senhora Lúcia, eu não sei ler, não sei escrever”, só para sair um pouquinho de lá, sabe... Aqui o ambiente é mais propício para a leitura, para o estudo, para o letramento. Por isso que a minha parte aqui é tentar criar um vínculo com os meninos... A parte jurídica e penal eu deixo para os técnicos... Comigo aqui é vínculo, é atenção, mas é limite também.

Celeste – É o caso do Alberto, que era reprimido, calado...

Lúcia – Alberto só apanhava e calado... agora os meninos dizem: d. Lúcia, o Alberto tá malcriado, tá respondendo pra gente.

Celeste – Claro, eles queriam passar a perna nele...

Lúcia – Sim, o Alberto se empoderou depois que aprendeu a ler... se libertou! Ele entende as coisas, as malícias, entende o que os meninos dizem, aceita ou não aceita, ele tem escolha... Agora é o letramento, que depende muito dele...

Pesquisadora – Aqui tem gibis?

Lúcia – Não temos mais, o gibi tem um tempo de vida menor que o livro. Ele gasta mais fácil. Olha, eu até coloco uns livros a mais nas caixas, sabe por quê? Na hora do “nada”, quando não dá para fazer um esporte, porque tá chovendo, um livro no cantinho é uma sugestão! Teve um menino que já saiu daqui, que ele leu 70 livros [

Marquinhos]... Nós temos um caderno de controle aqui, então é possível perceber o movimento dos livros.

Pesquisadora – Há quanto tempo você trabalha aqui, Lúcia? Qual é a sua formação?

Lúcia – Sou pedagoga. Faz 19 anos. Já vi de tudo por aqui.

Pesquisadora – Você acha que Fundação CASA está melhor do que quando você entrou?

Lúcia – Acho que melhora, sempre, mas o estrago lá fora tá acelerado. O exemplo dos nossos líderes deixa tudo mais difícil... ensinar eles a ser eles mesmos, criar seu próprio estilo, não tem sido fácil. O Edmundo, por exemplo, é um cara que tem autonomia. Se der um texto para ele, ele consegue interpretar, produzir, mas não tem muito autocontrole. Parece que toma remédios para se acalmar, é um pouco estourado... O comportamento dele, ou de outros garotos que estão lá fora, pode ser influenciado por maus exemplos. A parte cultural dos meninos é mais estreita, por isso que eu sempre trago exemplo de lugares para eles passearem com os familiares, para ter acesso à cultura... tudo é incentivo...

Eu me despedi de ambas as professoras, com gratidão e felicitações.

Unidade feminina – observação não participante (03/03/2023)

No primeiro dia de visita à unidade feminina da Fundação CASA Jardim Secreto, fui direcionada à sala da diretora Elizabeth, com quem tive a oportunidade de dialogar acerca da dinâmica daquela unidade. Após as devidas autorizações, iniciamos as apresentações e a entrevista aberta, em que os funcionários puderam se sentir livres para conversarem abertamente sobre o assunto e a abordagem que desejassem.

A Casa Feminina atendia, naquela data, 81 adolescentes, que eram divididas em três espaços: o PAMI, que é o local onde permanecem as adolescentes que dão à luz dentro da Fundação, e cuidam de seus bebês até o fim da medida; o Espaço 1, que é das adolescentes mais velhas e o Espaço 2, para as adolescentes mais novas. A diretora informou ainda que cada espaço tem a sua própria organização, desde as oficinas próprias para as idades até os horários da educação formal, e cada espaço com sua própria biblioteca. A cada espaço em que circulávamos, havia agentes de segurança que abriam e fechavam portões bem grandes e pesados.

PAMI – Programa de Atendimento Materno-Infantil

Fui levada ao espaço da Maternidade e Berçário. São três adolescentes que vivem nesse local com seus bebês, acompanhadas pelas funcionárias, que dão

todo o apoio e suporte, e as adolescentes devem cuidar dos seus bebês, desde que nascem até a finalização da sua medida socioeducativa. Ao destrancar a sala, fui apresentada a um espaço bem grande, uma sala com uma estante em toda a extensão da parede lateral, com muitos brinquedos e artigos infantis, com um tatame e sofás bem gastos, forrados com um lençol, ao redor do tatame colorido, que tomava dois terços da sala. No centro do tatame, uma criança engatinhava e provocava os sorrisos de todas ali presentes. Sentada em um dos sofás, estava a agente. O nome da criança é Ayala e tinha 9 meses na ocasião; sua mãe, aos 17 anos, acompanhava as peripécias da filhinha. Havia uma outra jovem, que acabara de dar à luz, e uma outra criança que dormia, enquanto sua mãe participava de uma oficina.

O espaço é bem grande: contém dois quartos com camas e berços montados ao lado das camas, uma sala de amamentação, onde os bebês dormem à tarde, banheiros, cozinha para a refeição das jovens e uma outra cozinha menor, onde as meninas aprendiam a preparar alimentos para seus filhos, já que as refeições infantis deveriam ser preparadas pelas próprias mães. Do lado de fora havia uma pequena área em que as roupas dos bebês poderiam ser estendidas para secar e onde poderiam dar banho de sol nas crianças. O espaço é, ao mesmo tempo, muito bem estruturado e atende muito bem ao objetivo, que é despertar a responsabilidade da jovem, sobre seu filho e também muito triste, já que a maternidade apreendida é uma realidade que não deveria existir.

Após o retorno deste espaço, pude conhecer a coordenadora Jane, que prontamente me direcionou aos espaços 1 e 2, bem como às áreas comuns. Iniciamos pelo espaço do corredor, que é uma área comum. Nele estão localizados a Sala de Beleza, um espaço muito bem montado, com cadeiras e lavatórios de cabelereiro profissional, propagandas de produtos, esmaltes e itens de manicure, entre outros. O outro espaço comum é o “shopping”, que nada mais é do que um brechó, que funciona em uma sala, com divisões que contém roupas femininas, masculinas e infantis, brinquedos, acessórios e produtos de higiene e brinquedos. As adolescentes mesmas organizaram o espaço e, segundo a coordenadora, podem fazer “estágio”, quando saem dos cursos de atendimento a clientes. As adolescentes conseguem comprar os produtos usando as “estrelas”, que recebem por semana, por meio de atitudes colaborativas e bons resultados na escola formal.

O Espaço 1

Começamos pela Sala de Informática, em que estavam as adolescentes em período de preparação para a prova da ETEC e para o ENEM. Eram oito computadores, que atendiam 10 adolescentes. No interior, uma agente educacional e do lado de fora havia um agente de segurança. As alunas vestiam uma bermuda violeta, uma camiseta lilás e chinelos de tiras. O horário da tarde, que foi o horário da visita é dedicado às oficinas e às aulas preparatórias. Já no período matutino, havia aula da escola formal. Por ser sexta-feira, havia também os momentos de recreação. Apesar de a quadra poliesportiva estar interdita, por estar sendo coberta, havia uma sala de aula, em que as agentes tinham instalado um videogame na TV, e o pátio das refeições estava sendo usado como quadra, para a prática de brincadeiras com raquete.

Em cada andar há uma sala de atendimento psicossocial, que, segundo a coordenadora, está sempre à disposição das adolescentes, para conversas, orientações e desabafos. O andar superior é onde ficam os dormitórios, as salas de aula e a biblioteca. São três quartos, com diversos beliches em alvenaria, todos com a roupa de cama organizada e um banheiro, cuja porta pode ser aberta por fora, sob a explicação de que a segurança das adolescentes deveria ser garantida. Cada cama possuía uma sacola com produtos de higiene pessoal, recebidos da Fundação.

As salas de aulas são pequenas e há os nomes nas portas. Até as carteiras têm uma identificação. A lousa ainda é de tinta de parede verde para giz, mas há aparelhos de TV e DVD Players, para que os professores que desejarem possam transmitir algum filme ou outro tipo de projeção. Neste andar, também há banheiros externos, sala dos professores e sala de monitoria. Na sala dos professores, há alguns armários de aço bem altos, contendo as pastas com os cadernos e estojos transparentes das adolescentes. Há também muitos livros didáticos, tanto do ensino médio quanto do fundamental, e diversos materiais de artes, de educação física e trabalhos das adolescentes, guardados para serem concluídos ou já concluídos e em exposição.

No corredor de cada andar, há vários quadros expostos, de artes feitas por adolescentes que já passaram por lá, bem como quadros de avisos, com dicas, indicações de filmes e livros e a comemoração de um feito importante: as adolescentes que pontuaram bem no ENEM ou que foram admitidas em alguma Universidade.

A biblioteca do Espaço 1 – Unidade Feminina

Quando nos aproximamos da sala, pude notar que havia três caixas de papelão encapadas com papel colorido, nas quais algumas meninas depositavam livros. Trata-se da separação dos livros do final de semana. A cada semana, as adolescentes são levadas à biblioteca e escolhem os livros para a próxima semana. As representantes comparecem na sexta-feira para retirar os livros das companheiras de quarto, ou renovar seus prazos. Havia uma certa agitação entre as adolescentes na biblioteca. Elas estavam acompanhadas de uma agente educacional, que cuida do acervo e anota as reservas e empréstimos. Todas conversavam livre e alegremente sobre a escola, as outras colegas, etc.

Logo ao entrar, percebi que a sala não era assim muito grande, embora houvesse muitos livros e estantes de aço e prateleiras de madeira. Havia uma preocupação com o conforto, com quadros pendurados e tatames coloridos. Os livros estavam separados por categorias: ficção, religiosos, espíritas, contos e, nas estantes dos fundos, livros de literatura para vestibular. Objetos que chamam a atenção e que diferem bastante do ambiente masculino, além das cores, é a existência de jogos, que ficam disponíveis para as adolescentes. Há também alguns filmes disponíveis. O espaço é bem limpo, com opções de uso dos tatames coloridos ou das cadeiras com mesas.

Figura 4 – Biblioteca do Espaço 1 – Fundação CASA Jardim Secreto



Fonte: Fotografia cedida pela coordenadora do Centro Feminino.

Figura 5 – Biblioteca do Espaço 1 – Fundação CASA Jardim Secreto



Fonte: Fotografia cedida pela coordenadora do Centro Feminino.

O Espaço 2

Logo que saímos do Espaço 1, atravessamos novamente o corredor e, após a abertura de um pesado portão, pelo segurança, chegamos ao espaço das adolescentes mais novas. A coordenadora me mostrou uma enorme cozinha experimental, toda equipada, com fornos, pias, geladeiras e bancadas. Aquele espaço servia para as oficinas de panificação e aulas de culinária. Naquela temporada, as adolescentes estavam aprendendo a fazer doces brasileiros (brigadeiros, beijinhos e outros doces para festas). Naquele local, apenas as adolescentes que fossem bem equilibradas e que dessem sinais de confiança é que poderiam frequentar os cursos, já que o ambiente sempre pode gerar algum risco, como o manuseio de facas e outros equipamentos perigosos.

Passamos para a sala de informática, com seus seis computadores e, a seguir, chegamos a uma sala de aula, já que naquele horário da tarde, elas estavam em aula, pois tiveram recreação ou oficinas de manhã (os horários das aulas da escola formal são invertidos de um espaço para o outro). Ainda no piso térreo há o refeitório, um acesso à quadra (naquela unidade há duas quadras poliesportivas). Subindo as escadas, a arquitetura e o uso dos ambientes quase se repetem: há três salas de aulas perfeitamente iguais às do outro espaço, banheiros, dormitórios, sala dos professores e uma biblioteca.

A biblioteca do Espaço 2 – Unidade Feminina

Como foi mencionado anteriormente, a biblioteca do Espaço 2 é muito mais atrativa do que a do Espaço 1. Seu interior tem estantes altas, planejadas que vão até o teto, murais decorativos, com ilustrações estilo grafite. Está dividida em vários setores, como o setor dos filmes, com a estante escura, o setor dos jogos, com as estantes cor de rosa. Na parte traseira, há estantes com livros didáticos e instrumentos musicais, além das prateleiras, com as identificações tradicionais de cada gênero, como romance, ficção, suspense, quadrinhos, contos, livros que viraram filmes, enciclopédia, dicionários, etc. As adolescentes podem escolher ler sentadas nos tatames ou na parte frontal da sala, onde há mesas e cadeiras plásticas.

Há aulas que são ministradas neste espaço; assim, em frente das mesas plásticas existe uma TV, com aparelho de DVD, e uma lousa. Este espaço, as adolescentes podem frequentar uma vez por semana, com a supervisora da biblioteca, para retirarem os livros de leitura da semana, que são acondicionados em caixas e levados para os quartos, para os momentos de ócio. É possível que os professores agendem o uso deste espaço e assim permitam que as adolescentes leiam sentadas no tatame, joguem ou ainda assistam aos filmes e documentários do acervo.

Figura 6 – Biblioteca do Espaço 2 – Fundação CASA Jardim Secreto



Fonte: Fotografia cedida pela coordenadora pedagógica deste espaço.

Figura 7 – Biblioteca do Espaço 2 – Fundação CASA Jardim Secreto



Fonte: Fotografia cedida pela coordenadora pedagógica deste espaço.

Transcrição das gravações (03/03/2023)

No primeiro dia de visita à unidade feminina da Fundação CASA Jardim Secreto, fui direcionada à sala da diretora Elizabeth, com quem tive a oportunidade de dialogar acerca da dinâmica daquela unidade. Após as devidas autorizações, iniciamos as apresentações e entrevista não estruturada, em que os funcionários podem se sentir livres de conversarem abertamente sobre o assunto e a abordagem que desejarem.

Diretora – Meu nome é Elizabeth, sou diretora do centro há um ano e seis meses, mais ou menos. Esta é a minha primeira direção com meninas. Trabalhei por 12 anos em uma casa masculina e agora estou trabalhando com meninas... as coisas são bem diferentes na atuação entre as meninas e os meninos.

Mas é envolvente... as meninas, elas têm mais conteúdo, elas se deixam mais. Os meninos são mais contidos, eles são mais introspectivos em relação às questões emocionais, conteúdos internos... tem aqueles que são mais expressivos, mas eles são mais rasos, não trazem tantos conteúdos. As meninas são mais profundas, são mais carentes, são mais sofridas. Elas vêm de abandono familiar. Porque mesmo os meninos, causando mais danos, mais prejuízos, as famílias ainda dão retaguarda... Com as meninas, o apoio é menor, a quantidade de visita é menor, a questão do interesse... Esta casa tem três espaços distintos. O Espaço 2 é das adolescentes mais novas,

que, de uma certa forma, acabam tendo mais respaldo da família, são meninas de 12 até 16 anos e 9 meses e as visitas acabam vindo mais para essa turma. O Espaço 1 é para meninas de 16 anos e 9 meses para frente... Aqui, no momento, tem até meninas de 20 anos, por que cometeram ato infracional, com menos de 18, e estão cumprindo medida. E, às vezes, a gente recebe meninas que tem mais de 18 anos, porque, na época em que fizeram a ocorrência, elas eram menores de idade e às vezes com o percurso de prazo, não foram sentenciadas, ou foram sentenciadas tardiamente. E, às vezes, já com 18, 19 anos, acabam vindo cumprir medida.

E, como eu dizia, as meninas do Espaço 1, que são as mais velhas, não recebem visitas... Essas famílias vêm menos, porque quanto mais velhas as meninas, mais as famílias se distanciam. Tem meninas aqui que já não moravam em casa, já não moravam com pais, já moravam com namorados. O que justifica que as famílias muitas vezes não ofereçam o mesmo respaldo que para os meninos... No caso dos meninos, assim, as mães acabam até colocando as namoradas dentro de casa, mesmo quando eles estão internados. Então, existe uma grande diferença com relação à forma como a família trata.

Agora, isso é uma coisa muito irônica, porque, normalmente, quando você vai a um hospital, o maior número de acompanhantes dos velhinhos, dos pais são meninas, são mulheres, ou seja, as mulheres cuidam mais. Mas as mulheres não são cuidadas, inclusive quando crianças e adolescentes.

Eu não vejo só esta diferença com relação à família... O próprio judiciário tem um diferencial entre os meninos e as meninas, porque, no geral, os meninos saem mais rápido que as meninas. Eles têm o menor tempo de internação. Pelo que a gente observa, os juízes acham que as meninas precisam de uma proteção. Então, eles entendem a instituição como um ambiente protetivo... Eles têm uma exigência maior com relação à menina. Como se ela tivesse que ser perfeita para sair da internação. O menino já não tem tantos quesitos assim.

Tem uma diferença também com relação à Comarca³⁶ e a DEIJ³⁷, aqui em São Paulo. A Comarca é um juiz só e ele tem uma proximidade maior com o Centro, de acompanhar os processos. E tem uma questão importante: é que a medida de internação deve ser excepcional... e a gente também tem que trabalhar com a brevidade da medida. A Comarca considera muito o desenvolvimento do adolescente na unidade... A medida de internação tem que ser uma medida excepcional e tem que ser breve.

E não é pela gravidade do delito, mas pelo desenvolvimento nesta medida... A medida não é punitiva, a medida é sancionatória. Então, isso é um olhar da Comarca, que já existe. Eu trabalhei em Franco da Rocha por todos esses anos e o juiz de lá tinha clareza de que era assim que tinha que ver o desenvolvimento dos adolescentes e era uma parceria excelente com o centro, sempre houve um bom atendimento.

³⁶ Comarcas ou Foros Distritais, que mantém os programas socioeducativos no Interior.

³⁷ Departamento de Execuções da Infância e da Juventude, mantém os programas socioeducativos na Capital.

Agora, aqui em São Paulo, não é um juiz só, são vários juízes. E tem entendimentos muito distintos. Então, é diferente... assim, uma adolescente que é de um determinado juiz, pode ser que a mesma questão seja avaliada de uma forma para esse e para a menina ser de outro... o que a gente percebe que muitas vezes os meninos estão com as namoradas fazendo os mesmos atos infracionais, os dois são apreendidos. No geral, o menino sai primeiro que a namorada.

Eu fiquei meio chocada. Às vezes, a conduta mais ofensiva, mais ostensiva foi do menino. Ela ficou lá fazendo uma cobertura. E ela acaba tendo uma punição maior, uma medida mais longa. Outra coisa que notei é que o tempo de medida também é diferente para os meninos daqui de São Paulo e os de Franco da Rocha. Um período de sete meses, oito meses para decidir a desinternação, pode parecer pouco para um adulto, mas é muito para um adolescente. Pela Comarca, a gente até consegue acelerar esse processo, por causa do PIA, que é o Plano Individual de Atendimento... A gente recebe um adolescente que, por exemplo, cometeu um ato infracional com 13 anos e foi apreendido com 15... Nesse lapso temporal, deu tempo de muita coisa. Às vezes, o menino voltou para escola e tá fazendo as coisas corretamente, não tá usando droga, tá tendo uma vida lícita, tá tendo tudo correto... Não faz sentido essa apreensão tardia, e lá [no interior] a gente colocava isso no relatório.

Graças a esse PIA, a gente tinha a possibilidade de até tirar um adolescente da Fundação, porque todo adolescente, quando é sentenciado, a gente tem 45 dias para fazer essa avaliação... Então, ele é avaliado pela equipe psicológica... psicossocial. Ele passa pela avaliação pedagógica e tem uma avaliação da segurança nos quatro plantões [porque as equipes são divididas nos plantões de dia e da noite]. A cada dois dias tem uma equipe diferente, tanto de dia quanto de noite. Isso tudo é avaliado. Aí chega o momento de a gente encontrar a família... A família participa desse momento e aí a gente trata dessas questões. Se, no PIA, a gente entende que esse adolescente não tem necessidade de ficar na medida de internação, a gente sugere ao juiz uma medida mais branda, como uma liberdade assistida ou uma semiliberdade e até mesmo a extinção da medida. Tudo isso vai depender do que a gente fizer com a avaliação e também com o PIA.

Isso na Comarca é muito tranquilo, porque o juiz consegue enxergar com esses olhos... Agora, aqui em São Paulo é muito difícil, porque o Judiciário entende que se o adolescente foi apreendido, precisa vivenciar a medida... Por isso, raramente a gente consegue desinternar um adolescente com o PIA, mesmo nessas circunstâncias que eu te falei, ele tem que passar um período, para poder o entendimento do Judiciário ser que aquela pessoa poderia avançar para progressão de medida... Acho que isso acontece talvez pelo tamanho de São Paulo ou pela quantidade de juízes atuando em casos semelhantes sem uma comunicação e com entendimentos muito distintos.

Pesquisadora – As meninas têm essa noção?

Diretora – Elas têm essa noção e eu faço questão de dizer isso a elas. Quando eu cheguei aqui, eu percebi que as meninas eram muito acomodadas com o tempo delas, quero dizer, como elas não saem de

medida, como eu te falei. Quando eu cheguei aqui, a diferença em relação a medida começa já na concepção dos meninos e das meninas. No caso dos meninos, a liberdade é muito importante. E eles fazem de tudo para ficar bem para cumprir a medida e voltar para casa. Então, a liberdade é um foco, uma meta dentro do oferecido.

Eles trabalham com as coisas. É porque eles desejam sair. Para a menina, como isso é mais tardio, como isso demora, elas vão atrás de outros mecanismos, para que consigam superar a privação de liberdade, porque é muito difícil ficar confinado... Algumas pessoas precisam ficar 3 anos! É pouco tempo para um adulto, mas para um adolescente de 13 anos, a vida tá fluindo lá fora... é desesperador! O tempo aqui, ele é terrível, imagina três meses aqui dentro. Quando dá 6 meses já fica angustiada e deprimida. É um sofrimento e tanto. E como elas percebem que elas não vão poder sair tão cedo (não saem com 6 meses... é muito raro), elas começam a se desinteressar, lá pelos 9, 10 meses. Um ano é muito comum para delitos como o tráfico, por exemplo. Não que eu esteja sendo a favor do tráfico, não estou considerando o tráfico como um ato menor, ou melhor, não estou minimizando o tráfico, mas, ao mesmo tempo, acho que tem outros modos... Delitos pequenos ou grandes, eu entendo que é assim, é uma infração e precisa ser tratado como tal. É necessário que haja reflexão. Mas eu acredito no desenvolvimento. É claro que homicídio, sequestro, roubo com violência, latrocínio... é lógico que a gente precisa de um tempo maior. Matar uma pessoa não é qualquer coisa. Não dá para dizer que com seis meses a pessoa possa sair... isso não! É a realidade! As pessoas precisam entender as consequências dos seus atos, como um adolescente tem essa atitude, isso leva tempo. Mas existem outras coisas: tem furto, tem ameaças. Tem coisas que poderiam ser vistas de uma outra forma, como o próprio tráfico! Muitas vezes, o tráfico não é entendido exatamente pelo adolescente como algo que esteja prejudicando a vida de alguém. É um meio de ganhar dinheiro, como um comércio. O meio de ganhar um sustento. Por isso, aqui, a gente precisa desconstruir isso.

Não precisa de grandes elaborações. Não uma coisa que precisaria estender durante tanto tempo, principalmente se tiver família e apoio. Por isso, as meninas acabam se ligando a outras coisas, para poder manter a sanidade, para poder manter essa condição.

Pesquisadora – Quantas meninas vocês atendem nesses três espaços?

Diretora – Neste momento, a gente tá com 81 meninas no total. Então, eu te falei que temos três espaços: Espaço 1, das meninas maiores; Espaço 2, das menores, e temos o PAMI, que é um programa de assistência materno-infantil. Porque eu recebo meninas também gestantes. Não é para aquela que tem filhos, não é para a criança vir para cá, mas é para aquelas que são apreendidas grávidas, independentemente da idade, elas vão para esse programa e elas ficam com a criança do nascimento até a liberdade, até a sua saída, pela extinção da medida, ou ela vai para liberdade assistida. Lá nós temos três meninas.

Pesquisadora – E quantos bebês?

Diretora – Nós temos três crianças, sendo duas meninas e um menininho que acabou de nascer.

Como você falou sobre biblioteca, eu falei em relação aos livros que as meninas escreveram. A Jane, que é coordenadora pedagógica, vai poder ter mais informações, mais detalhes, porque ela vai saber o nome do projeto. Eu não me lembro mais, mas ela vai te dizer como foi feito isso. Só posso te dizer que existe um projeto que foi destinado para vários Centros, e vieram pessoas aqui, com uma quantidade de seis vagas, para as meninas. Essas pessoas vieram com uma proposta para seis meninas, que fossem selecionadas pelas suas professoras, dentro de uma proposta, de um critério. E aí que ele escolheu de acordo com a perspectiva de leitura e escrita, porque como é um projeto de leitura e escrita, elas iriam desenvolver um livro e a equipe pedagógica escolheu seis adolescentes para iniciar esse projeto. E esse projeto foi feito do início ao fim, esclarecendo para as meninas o que é, como se faz um livro, falando da abordagem. Elas foram tendo aula de estrutura, de redação e foram feitas e confeccionados. A criação era totalmente delas. Elas poderiam fazer tanto de ficção como de poesia, de música ou autobiográfico. Elas fizeram as escolhas. Depois que foi feita a escolha do gênero, então foi feita a revisão e a publicação. Elas participaram inclusive da confecção das capas! Algumas foram ilustrações, outras foram fotos mesmo. O final desse projeto ocorreu com uma tarde de autógrafos na Pinacoteca do Estado.

E elas disseram que foi uma produção muito linda dessas meninas. Ainda temos cinco que estão aqui no centro, uma saiu... Como esse livro não foi para a venda, elas tiveram uma quantidade para levarem para elas e o centro ficou com uma também... Se as famílias tivessem ido, poderiam ter pego os exemplares. Cada menina tem o seu exemplar. O Centro ficou com um exemplar para que outras meninas leiam, e para complementação do acervo de livros. Quando a gente emprestar, eu quero ver ele de volta intacto, para que outras adolescentes também tenham acesso.

E aí, nesse dia, as meninas puderam dizer como foi para elas se inscreverem, o que elas sentiram... O evento foi muito prestigiado, muito chique! Nem dá para acreditar... Uma delas veio para cá no oitavo ano. Ela fez o Encceja e conseguiu ultrapassar todas as etapas e concluiu o ensino médio, com uma prova que ela fez. Foi matriculada na Anhembí Morumbi. A gente poderia manter ela aqui, se o curso fosse EAD, mas o que ela escolheu foi Direito e Direito só tem presencial e não era possível conter a menina aqui. Conversamos com o juiz, tivemos uma audiência. Aí ela ainda estava em curso de medida... tinha necessidades emocionais, não pedagógicas, nem comportamentais. Porque ela nunca teve problema de comportamento, mas tinha muitas coisas a serem trabalhadas e nós avaliamos que a melhor medida para que ela não tivesse prejuízo, seria a semiliberdade. E aconteceu uma audiência em que o juiz concedeu a semiliberdade para ela. Então, ontem, ela foi para casa.

A conversa já estava se encaminhando para o fim, porque a coordenadora já estava livre para me atender e para me apresentar os vários espaços do centro.

Diretora – Eu vou chamar a coordenadora, porque aí ela te mostra as bibliotecas, porque tem biblioteca no Espaço 2 e no Espaço 1. Nos quartos das meninas tem umas caixas, que elas podem solicitar e

podem levar livros para ler. De final de semana, elas podem ler; durante a semana, não muito. A gente não deixa elas descerem com os livros, porque senão... elas têm aula, curso e a rotina delas é assim: de manhã, o Espaço 1 tem aula no ensino formal, das sete até uma hora da tarde, praticamente. Então, nesse período, elas estão na escola. Elas almoçam e à tarde tem suas atividades específicas. E isso acontece ao contrário, no Espaço 2. De manhã, elas têm atividades específicas e à tarde elas têm o ensino formal.

Então, quando você for lá, elas vão estar no ensino formal e essas aqui vão estar em curso [um miado ao fundo, um gato preto enorme e todos param para cumprimentá-lo]. A gente tem um gato visitante, que tá sempre aqui, faz parte da nossa equipe... Ele vem, ele anda, ele é o dono da casa! Chamam ele de Negão. Algumas meninas chamam ele de Fundação!

Enquanto a coordenadora terminava um atendimento, fui apresentada a algumas salas da parte administrativa pela Lili.

Lili – Oi, meu nome é Lili, sou a Encarregada de Área Técnica. Sou formada em Serviço Social e minha função aqui é acompanhar todos os casos, processualmente... Eu oriento, dou um norte para a equipe psicossocial e, indiretamente, para a equipe da segurança e da Pedagogia... Então, tecnicamente, as intervenções passam todas por mim...

Gentilmente foi me apresentando às pessoas que trabalham em cada setor, como na coordenação e na sala do pessoal que organiza o atendimento psicológico das meninas. As pessoas do administrativo foram muito simpáticas e solícitas à minha presença. Enquanto caminhávamos em direção ao PAMI, ela me alertou de que estavam em reforma.

Lili – São três meninas: uma ainda em Licença Maternidade, uma estuda de manhã e outra à tarde, por isso, uma tá na escola formal agora e as outras estão aqui...

Ao destrancar a sala, fui apresentada a um espaço bem grande, uma sala com uma estante em toda a extensão da parede lateral, com muitos brinquedos e artigos infantis, com um tatame e sofás bem gastos, forrados com um lençol, ao redor do tatame colorido, que tomava dois terços da sala. No centro do tatame, uma criança engatinhava e provocava os sorrisos de todas ali presentes. Sentada em um dos sofás, estava a agente

Lili – Esta é a dona Ayala! O que você está aprontando aí, bebê? [A mãe da criança é Luiza e tem 17 anos. Ayala é uma criança de 9 meses, que fez a alegria da sala]. Esse é um espaço coletivo, aqui é a sala de TV e brinquedo. Esta é a Aline, que está em licença maternidade e está em fase de amamentação. Este é o menininho dela, que estava dormindo no quarto, e a Mara, que também está

dormindo, enquanto a mãe dela está na escola formal. As meninas ajudam a cuidar. Luiza estudou de manhã e a Aline ajudou a cuidar. Então, aqui é assim. Tem um funcionário que está sempre à disposição e mais as próprias meninas, que ajudam a cuidar das crianças umas das outras. Este cômodo que nós estamos é onde ficam os bebês durante o dia para a soneca da tarde, porque durante a noite eles passam a noite no quarto junto com as mães...

Caminhamos pelo corredor e nos deparamos com um quarto com várias camas, todas iguais e os seus respectivos bercinhos ao lado, com mosquiteiros montados.

Lili – Este espaço em que os bebês dormem, durante o dia, também é uma salinha de amamentação. A CASA tem capacidade de atender 12 mães, com seus respectivos bebês, mas no momento temos apenas três e há também um outro quarto como este que fica trancado aqui do lado, mas não há muita necessidade de ficar aberto. Então, no espaço tem o banheiro das adolescentes. O próximo espaço é a cozinha. A refeição das meninas é feita na cozinha industrial, que fica aqui no andar de cima; Aqui neste espaço é servida a refeição para as meninas. As refeições das adolescentes são garantidas e já vêm pronta, mas nós temos aqui uma pequena cozinha [no espaço há um fogão, um micro-ondas, uma pia, alguns armários e utensílios domésticos], porque a papinha de cada criança deve ser feita pela sua própria mãe. Então, a nutricionista vem regularmente, ensina, conforme o pediatra insere os alimentos, papinha doce, papinha salgada e as próprias mães preparam, para aprenderem como fazer em casa. Sempre pensando em coisas saudáveis para seus bebês, sempre com alimentos frescos e uma boa diversidade.

Pesquisadora – Os bebês têm acesso à saúde externa? Como funciona o acompanhamento de saúde da gestante e depois do bebê?

Lili – Aqui, próximo a esta unidade, tem um posto, uma UBS de referência e a equipe de saúde faz o acompanhamento com agendamentos e a gente leva as meninas na consulta com o ginecologista, também com o pediatra. Agora, a nutricionista é da cozinha contratada. Então, ela vem, ensina como é que faz a papinha. Porque elas precisam ter autonomia para saber como cuidar do seu bebê quando saírem daqui. A roupinha também é de responsabilidade da mãe. Aqui, a gente tem um tanque, uma máquina de lavar, e aqui do lado de fora, olha, tem um espacinho ao ar livre, com um varal e dá até para a criança tomar banho de sol, junto com a sua mãe, sob a supervisão delas.

A unidade tem uma lavanderia profissional, que lava os uniformes, as roupas de cama das meninas, mas a responsabilidade de cuidar da roupinha do bebê deve ser toda da mãe.

As meninas daqui ficam separadas, porém as atividades de escola, de curso, elas devem frequentar normalmente, após a licença maternidade... Elas cumprem junto com as outras adolescentes. Elas ficam aqui só à noite, no horário das refeições e horários livres.

Aqui tem uma salinha de atendimento dos profissionais que vêm atender as meninas aqui neste espaço: a assistente social e a

psicóloga, que vêm atender aqui. A agente de apoio e a coordenação fazem as partes administrativas nesta salinha. Aqui é um painel fotográfico com todos os bebês que já passaram por aqui ao longo dos anos, de vários anos. A gente mesma tira foto e coloca, ou a própria mãe, quando sai daqui, ainda chega a mandar para a gente fotos das suas crianças já grandinhas.

Aqui nesta última salinha temos um ambulatório para atender, da equipe de saúde que vem para cá. Então, lá do outro lado, você vai ver que tem ambulatório e aqui também. Caso haja alguma necessidade, alguma menina esteja com problema, com dores ou qualquer outra coisa assim, que seja mais simples, então, a equipe de saúde vem atender.

Antes de sairmos, enquanto estávamos nos despedindo, Lili informou para as meninas a natureza da minha pesquisa, que é sobre leitura, ao que as próprias meninas responderam: “Ah, que legal, eu gosto muito de ler!” Uma delas disse que estava lendo um livro no estilo de Percy Jackson, enquanto a outra estava lendo um livro bem grande, chamado Cleópatra. Inclusive, a própria Lili informou a ela que estava aguardando a devolução de um volume, pois estava na lista de espera da biblioteca. Com uma conversa amigável e descontraída, fomos nos despedindo.

Lili – Aqui é a lavanderia da casa toda e aqui, subindo esta rampa, temos aquela cozinha industrial que eu te falei. São quatro Centros Femininos, que temos aqui na Capital. A demanda é diferente em relação aos meninos. Então, tem muito mais Centros masculinos do que femininos.

Quando retornamos para a sala da direção, a diretora estava acompanhada da outra assistente social, que era referência das meninas gestantes e pude ver a satisfação da diretora, ao falar daquele espaço, pois, segundo ela, aquele espaço tem um significado muito grande para as meninas e um respeito muito grande de todos os funcionários. Partimos para a sala da coordenadora, que já me esperava.

Ao me apresentar para a coordenadora, Lili sugeriu que pensássemos em um cronograma ou agendamento, para que pudéssemos executar minha pesquisa com a devida clareza das minhas atividades ali. Lili se colocou à disposição e saiu. A coordenadora me apresentou para uma planilha em que apresentava o cronograma das atividades das meninas internas.

Coordenadora – Existe o Espaço 1 e o Espaço 2, como já deve ter sido mencionado pela Elizabeth, em que o primeiro espaço atende meninas mais velhas e o segundo espaço atende meninas mais novas e o horário da escola formal para o Espaço 1 é de manhã e para o Espaço 2 é à tarde. E, no contraturno da escola formal, existe uma agenda de atividades e oficinas que deixam a rotina das meninas sempre ocupada e intensa.

A coordenadora me apresentou para o senhor Darcy, que é pedagogo e que auxilia diretamente no trato com as meninas; ela informou que esse período é mais corrido porque é época de envio de quadros, que são as listas de parceiros. Segundo ela, a demanda burocrática é bem grande nessa época, para atender as necessidades das meninas durante o trimestre.

Jane – Meu nome é Jane M., sou coordenadora pedagógica do CASA Jardim Secreto. Eu atuo aqui há quatro anos, no centro feminino, e já na Fundação eu tenho 12 anos.

Enquanto ela ia se apresentando, nós estávamos sendo revistadas por um detector de metal para seguirmos por um corredor que era totalmente trancado e isolado, que dava acesso a um outro corredor.

Jane – Esse corredor é comum para os dois espaços, as meninas dos dois espaços têm acesso aos equipamentos que estão neste corredor. O que diferencia uma da outra é a questão física e a idade das meninas. De acordo com o ECA³⁸ e com o SINASE³⁹, tem que ter essa separação. Vamos primeiro ver as oficinas e depois vamos lá para a escola.

Descendo as escadas e uma rampinha, chegamos a um corredor, de um lado, tem um salão de beleza completo, todo montado com estantes, cadeiras, espelhos, lavatório e poltronas para espera, com espaço para esmaltes e produtos e alguns banners contendo estilos de cortes de cabelos e unhas.

Jane – Aqui, então, nós temos um salão de beleza para as meninas, um shopping, que é um projeto que eu vou te explicar e a sala da informática. Então, agora vai começar a Oficina de Trança. É um projeto que se chama Traçando Caminhos. Quem ministra hoje essa atividade é da Fundação mesmo, é uma educadora nossa, só que nós usamos também o salão para parceiros, que a gente fecha por período, por termo de cooperação. Por exemplo, no ciclo passado, nós tivemos auxiliar de cabeleireiro, design de sobrancelhas e trancista e, no próximo ciclo, teremos barbeiro. Olha que legal! Esse é um diferencial e as meninas estão muito empolgadas. Você vai olhar que as meninas acabaram de entrar, por isso estão todas ainda de pé.

Ao entrar no salão reparei que todas elas estavam mesmo de pé e me cumprimentaram muito calorosamente com *boa tarde*. A coordenadora me apresentou às meninas e disse a natureza da minha visita, ao que elas, muito cortesmente, me deram as boas-vindas e se mostraram curiosas sobre a minha presença ali.

³⁸ Estatuto da Criança e do Adolescente.

³⁹ Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.

Jane – Eu estava comentando com a pesquisadora que a Anne é a nossa trancista que está fazendo um trabalho com as meninas. Quem é que já aprendeu a fazer trancinha, ou quem tem trancinha para mostrar para gente?

As meninas se aproximaram, umas justificaram que estavam começando e as outras apresentaram seus trabalhos.

Jane – Depois que elas aprendem, elas se tornam multiplicadoras, uma vai ajudando a outra a entender como é, vai executando o trabalho...

Havia uma das meninas que estava um pouco isolada e bastante contrariada, ao que a coordenadora avisou que conversaria com ela após a minha visita. Dirigindo-se para as meninas, a coordenadora disse:

Jane – “Vamos respeitá-la, porque todo mundo pode ter o seu dia ruim, então o melhor é respeitar o espaço da outra”. A gente traz palestrantes, a Anne usa muitos vídeos e tutoriais para que esse conhecimento elas possam usar lá fora. É o empreendedorismo, para gerar uma renda. A partir disso ela também agrega outros cursos, como será o de Barbeiro.

Quando ela perguntou sobre quem gostaria de fazer o curso de barbeiro, várias meninas levantaram a mão e se mostraram interessadas e empolgadas. Havia um clima de bom humor e de acolhimento entre elas. Nos despedimos. Abrindo o mini Shopping...

Jane – Tudo o que a gente faz, a gente coloca as meninas como protagonistas... Então, elas participam do projeto, da execução, da decoração, da idealização... elas opinam na distribuição. Isto daqui é um mini Shopping. São seis lojas e cada loja tem a sua contabilidade, o seu estoque, a sua organização, o atendimento ao cliente, a recepção, a venda, aplicando técnicas de venda, e tudo isso é aprendido nos cursos de educação profissional que a FAT dá aqui e a gente põe em prática esse conhecimento. Fora isso, a gente aproveita para agregar a um projeto do Centro.

Semanalmente elas recebem um *feedback* de como elas foram naquela semana. Então, nas quintas-feiras, cada área se reúne com os seus e estuda menina por menina e pontua. A pontuação semanal máxima chega a 160. Quando elas fazem a pontuação máxima podem receber 500 estrelas. E essas estrelas vem gastar aqui. As meninas que conseguem por três semanas, são 250 estrelas, e também vem gastar aqui. A pontuação é atribuída a valores. A gente trabalha muito com valores. Aqui tem uma tabelinha de valores, tem a regrinha de valores, que são solidariedade, respeito, interesse, participação nas atividades, nos projetos... enfim, elas que montaram juntas, sempre mediadas pelo pedagógico, mas elas opinam. Esse projeto é muito legal e elas podem comprar.

Trata-se de uma sala um pouco maior do que a sala de aula, com pequenas subdivisões, tendo estantes com roupas, outras com brinquedos, outras com sapatos, outras com itens de bebezinhos, como fraldas, mordedores, roupinhas, outras estantes contendo acessórios diversos: pulseiras, tiaras, presilhas, maquiagem.

Jane – Como as meninas não podem ter aqui dentro, objetos de uso pessoal, elas conseguem levar esses produtos, ou entregar esses produtos para as suas famílias. Muitas delas são mães e acabam adquirindo esses produtos para enviar para suas crianças, fora daqui; com isso, a gente trabalha também a autoestima. Porque, mesmo ausente, a menina ainda ajuda a família. Aqui nós temos também, veja aqui: shampoo, condicionador, objetos de higiene pessoal, como absorventes. Todas as meninas recebem esses itens para uso da CASA, aqui, quando são internas; mas elas podem enviar para suas irmãs ou outras pessoas na sua casa, ou então pode ir para os pertences da menina e, quando ela sai, consegue levar ou ela pode enviar para a família, por meio dos dias das visitas. Interessante é que muitas meninas vêm de abrigo, então elas já têm as roupas que elas mesmas compraram. Isso mexe muito com o psicológico da menina: foi o que ela conquistou e não o que deram... É uma abordagem diferente, acaba sendo uma espécie de empoderamento. Esse projeto é riquíssimo. Normalmente, as meninas podem vir para cá no final do mês, ou no início do outro. Normalmente, a gente tenta fazer no início que aí é o consolidado do mês anterior. Esse mês, como foi muito corrido, a gente teve que fazer a sessão aqui de manhã e agora vai ter. Todos esses produtos são doados por parceiros. A gente tem parceria com brechó, com as igrejas que ministram aqui e doam bastante.

Aqui nós temos atividades religiosas sempre, das 7h30 às 9h30 da noite. Então, aqui, na segunda-feira é a Igreja Mundial. Aí, às 9h30 horas elas sobem, tomam um banho e vão dormir. A organização é assim: na segunda, Igreja Mundial; na terça, Casas André Luiz; na quarta-feira, Congregação Cristã; na quinta-feira, Narcóticos Anônimos; e na sexta-feira, Assembleia de Deus. Nos sábados, às 10h, Igreja Bola de Neve; às 14h, Igreja Betesda. No domingo, às 10h, Pastoral do Menor; e à tarde do domingo é a Universal. Tem atividade a semana inteira, mas é facultativo. Vai quem quer. Elas escolhem: “vou nesse, não vou...”. Fica a critério delas, mas todos os dias tem atividade e tem uma adesão muito grande, porque elas gostam bastante de louvores, de cantar. E eles fazem teatro, fazem jogral, coral e várias coisas. São muitos parceiros e são todas comunidades que, ao sair daqui, há uma facilidade delas encontrarem nos bairros em que elas moram, por isso. A ideia é muito boa e a continuidade pode acontecer por causa disso, pela facilidade de encontrar essas instituições lá fora.

A gente aqui não fornece nenhum dado, nenhum endereço, mas se a menina se identifica com a Assembleia, com a Universal, elas conseguem. A vida delas aqui é bem dinâmica.

Saindo do mini shopping, a coordenadora ia me apresentando os quadros da parede, alguns menores, outros maiores e todos feitos nas aulas de educação

artística, pelas próprias internas; algumas que já até foram embora e deixaram ali a sua contribuição e as pinturas que parecem em tela.

Jane – Essas pinturas, na verdade, são feitas em papelão, você vê como elas são talentosas!

Enquanto caminhávamos em direção a um portão bem grande e bem pesado, que estava trancado, um agente o abriu e nos cumprimentou. Jane foi me apresentando os espaços, como os banheiros, a salinha do dentista e a informática.

Jane – Aqui é a turma preparatória do Enem. Então, aqui elas estão tendo aulas de preparação para o Enem!

Ela me apresentou às meninas, que me cumprimentaram com bastante entusiasmo. A coordenadora me apresentou para a turma e elas também demonstraram bastante gentileza, me cumprimentando e me dando boas-vindas. É uma turma de terceiro ano do ensino médio em que todas elas ao final do ano prestarão Enem, portanto se dedicam algumas horas por semana para esse curso preparatório que, em parte, é on-line e, em parte, também é pela atuação dos pedagogos e pedagogas da própria instituição e escola.

Jane – Para este ano, a gente já inscreveu quatro meninas no ProUni. Estamos esperando os resultados das faculdades. Elas têm bons exemplos aqui... Hoje, fecha o ProUni e nós vamos finalizando as inscrições de quatro meninas que prestaram o Enem, conseguiram e estão aqui... As outras, que estão estudando na ETEC, a maioria delas são do interior, estão fazendo até quem é EAD e, ao saírem, se elas estudam aqui nas imediações, complica para dar sequência, por isso elas fazem EAD nas próprias ETECs das cidades delas. Então, a gente matricula em cursos EAD. Nós temos quatro na ETEC e quatro finalizando a inscrição para o ProUni.

As meninas desse espaço estavam nos momentos mais recreativos devido ao fato de ser sexta-feira. A coordenadora me apresentou a área de atendimento psicossocial, com as psicólogas que atendem as adolescentes.

Jane – Aqui, o acesso à quadra está fechado porque tá tendo uma obra de cobertura da quadra. Você pode perceber que, na parte de fora aqui do Centro, é muito quente, não tem nada além de muito concreto é tudo coberto de concreto, por isso reflete muito e o calor é intenso... As meninas chegavam até a passar mal, ao fazerem atividades ao ar livre. Por isso, a nossa solicitação foi aceita e agora eles estão cobrindo a quadra e... a aula de educação física que seria na quadra acaba acontecendo aqui nesse espaço, que é o refeitório. Vai ficar uma beleza, com as arquibancadas e tudo mais... O que aconteceria na quadra está acontecendo no refeitório: atividade física.

As meninas estavam em uma atividade recreativa diferenciada, com raquetes. Elas estavam jogando peteca com raquete e a coordenadora comentou que, no sentido de realizar atividade física, os meninos são mais dispostos do que as meninas. A adesão é muito maior por parte dos meninos.

Jane – Para as meninas, a gente tem que insistir muito mais, porém, quando tem competição, elas aderem muito, vão com vontade, extravasam as emoções. Às vezes são muito intensas.

Passamos por uma sala em que as meninas estavam jogando videogame (era uma corrida de carros), na atividade recreativa.

Jane – Para todas as atividades, há uma funcionária da área pedagógica de referência. Hoje, que é sexta, é mais recreativo, porque a agenda da semana é bem cheia. Dias de segundas e quartas, elas têm agenda de oficina, de canto coral e violão, ou elas têm aula de reforço, é o reforço virtual Khan Academy, trabalhando raciocínio lógico ou joguinhos de lógica *on-line*. Nas terças e quintas, são os cursos de qualificação profissional... Então, neste ciclo, que é composto por três meses de oficinas, elas estão com muitas coisas para fazer.

Subimos as escadas para acessarmos os dormitórios.

Jane – São três dormitórios com um banheiro, com chuveiro, com privada normal. E do outro lado temos três salas de aula e a biblioteca deste espaço. Hoje está tendo empréstimo de livros. Está vendo aquelas caixas ali no corredor? As meninas pegam os livros emprestados e colocam nas caixas, para que fiquem as caixas à disposição nos quartos. Cada caixa vai para um dormitório... Elas estão escolhendo os livros, deixam os livros nessa caixa durante a semana. Na próxima sexta, elas conseguem trocar os livros para fazer a leitura no dormitório, porque nós estamos em fase de aulas. Então, nós não permitimos muito que elas fiquem lendo em horário de aula ou de oficinas, para não atrapalhar, para elas não ficarem lendo nas aulas. Os livros ficam no dormitório, porque elas têm o direito de escolher se querem ir para as atividades das igrejas, se querem continuar lendo para a próxima sexta ou ela renova o livro. Acaba sendo um dos incentivos, a leitura. Aqui tudo que a gente faz tem um fundo de incentivo para leitura... Se a menina não lê e não entende, não consegue nada, não vai bem em nada. Então, aqui nós temos muito isso preservado. Inclusive, a diretora é uma das principais incentivadoras dessas atividades de leitura!

Aqui é a sala dos professores, a sala da equipe pedagógica agora tem uma parte das oficinas de trabalhos para desenvolver com as meninas, aqui você pode ver modelinhos de dobradura que elas vão trabalhar em oficina (as meninas)... precisa ser muito no concreto, sabe. Tem que também trabalhar o concreto com elas, para elas entenderem o abstrato. Elas são muito, muito habilidosas! Tem um cartaz aqui do dia da mulher, anunciando que vai ter uma palestra. Vamos falar sobre ISTs. É uma pessoa da área da saúde... Tiveram atividades aqui de carnaval! Olha aqui as máscaras... Ainda fizemos

as máscaras, e elas pularam bastante... Aqui se divertiram bastante no carnaval. Tem filmagem e tudo, e tem as propostas, com as marchinhas, com a história do carnaval, com as professoras que conversaram sobre o que é o Carnaval, a cultura... Foi muito engraçado o desfile delas. Aqui, os professores da escola vinculadora, a escola Pedra Preciosa, ficam para preparar os materiais e também as aulas e atividades... cumprem as suas atividades, suas reuniões, suas PDS.⁴⁰

A coordenadora foi abrindo e mostrando os armários, contendo pastas, cadernos e estojos transparentes, contendo lápis, borracha, caneta, que a cada aula são conferidos e recolhidos, porque elas não podem entrar com esse tipo de material nos refeitórios ou nos dormitórios.

Jane – Os materiais são acondicionados nas pastas e, quando os professores chegam, eles já levam para as salas, junto com as meninas de referência daquela sala...

Havia também livros didáticos, materiais de diversas naturezas para serem trabalhados com as meninas, apostilas do Estado.

Jane – Aqui temos apenas alguns livros didáticos porque a maior parte dos outros livros está na outra biblioteca, que é bem maior do que esta. Você vai ver quando a gente chegar lá. Aqui a gente toma muito cuidado com os materiais... qualquer tipo de material, até mesmo um parafuso... porque tem meninas que se autolesionam. Então, é uma proteção para elas mesmas...

Enquanto passávamos pelo corredor, percebi que havia cartazes com números do resultado do Enem e as notas das meninas, os nomes delas e uma saudação da própria direção da unidade, para incentivar tanto as meninas que passaram, quanto as outras que vão ingressar nessa nova obrigação.

Jane – Todas as vitórias das meninas, a gente compartilha nos murais e festeja! Faz também formatura... formatura com becas... A gente fecha também, toda vez que tem um ciclo que seja concluído, a gente faz as formaturas das meninas, festeja com elas, para mostrar que elas são capazes que elas podem continuar a fazer mais!

Coordenadora – A gente faz atividades representativas, além das formaturas também, apresentando inclusive os conteúdos para que as próprias meninas compartilhem os conteúdos umas com as outras, dos cursos que elas fizeram, que elas optaram e a gente compartilha os resultados delas e elas vão mostrar o que aprenderam a cada semestre. Cada sala tem um professor coordenador, que vai montar a apresentação da sala dele... apresentação de artes, geografia, matemática... É bem bacana! O professor de matemática estava trabalhando losangos. E aí eles fizeram uma bola de futebol... uma

⁴⁰ São momentos em que o professor deve permanecer em seu local de trabalho, sem contato com os estudantes, a fim de planejarem suas atividades didáticas (Planejamento Didático).

bola enorme, com várias peças em losango. A gente usa a temática, por exemplo, da Copa, pra estudar, em outros conteúdos... o formato da sala é igual: daqui é uma sala de aula. O que é muito prejudicial é o fato de ter muita gente. Então, agora que estamos neste espaço sem aula, eles estão aproveitando para fazer as reformas e a cobertura da quadra. Por isso, estamos escutando muitos barulhos, mas eles tentam não fazer isso enquanto as meninas estão em aula. As carteiras aqui das salas de aula são nomeadas. Na frente da porta já tem o nome de cada menina e elas precisam cuidar da própria carteira e responder por ela também. O interessante é que são poucos alunos e por isso é mais fácil de fazer um atendimento personalizado. Todas as salas têm TV agora, também tem ventilador, tem a lousa... Aqui é o mapa da sala, onde a criança senta e já fica tudo organizado. Esse número menor de pessoas é muito mais favorável para fazer um atendimento personalizado, com base nas dificuldades. Esta sala é a que está um pouco mais cheia. Aqui a gente está bem cheio, nós estamos com 43 meninas no Espaço 1 e é muita gente, mas ainda assim não se compara à escola externa: três ensino médio e dois fundamental e distribuindo, fica uma quantidade menor por sala.

Reparei, na lista, que há nomes de meninos e a coordenadora me explicou que são meninas trans.

Coordenadora – As meninas veem isso aqui tranquilamente. É tudo muito tranquilo. Até os funcionários chamam as meninas pelos nomes que elas querem. Quando a menina chega, a gente pergunta como ela quer ser chamada ou tratada. Temos o Igor, temos o Lucas, aquele que estava na informática e a gente às vezes até esquece o nome de verdade, o nome de menina. Isso é muito importante para a identidade delas e para sua autoestima. Bem, agora vou te mostrar a biblioteca.

Já ao nos aproximar da porta, ela me apresentou as pessoas que estavam lá dentro porque, sendo sexta-feira, era dia de separação dos livros que as meninas já estavam lendo. Elas colocam os livros nas caixas e as caixas localizadas no corredor. Todas me receberam muito bem.

Coordenadora – Lessa é pedagoga, ela dá reforço, alfabetização aqui na biblioteca mesmo e também ajuda no empréstimo dos livros, organiza a biblioteca. Ela é polivalente, ela divide esse trabalho com a outra agente chamada Maya.

A coordenadora explicou que, por questões da determinação da estrutura física e também da responsabilidade pela relação com a escola formal, a agente Maya é a responsável pela biblioteca, mas divide essa tarefa com a Lessa. A demanda dela aqui é fazer matrícula, encaminhamento escolar e até inscrições no Encceja, ProUni... A demanda é bem grande, inclusive com a questão da folha de frequência de professores e da parte de secretaria escolar.

A coordenadora chamou a atenção de uma estudante que zerou nas últimas semanas por questões de comportamento e a jovem dizia que dessa vez não ia zerar, que estava melhorando, mas colocou a culpa em uma outra jovem por causa de provocação. Após o aconselhamento, a coordenadora me informou que havia também, na própria biblioteca, um clube de leitura e para fazer esse clube de leitura funcionar precisaria ter um pouco mais de estrutura física, como pufes, almofadas, para deixar o espaço mais agradável, mais aconchegante. Também doação de livros literários, para a renovação de alguns acervos de alguns livros que já estavam muito usados e muito remendados, consertados, corrigidos.

Coordenadora – Tem uma grande diferença no comportamento leitor entre as meninas que são do Espaço 1 e as meninas que são do Espaço 2. É porque as meninas do Espaço 2 não tem o hábito da leitura muito consolidado, por serem muito jovens e chegarem despreparadas e, às vezes, até analfabetas. Por isso, por uma questão de estímulo, houve um consenso de que a biblioteca melhor deveria ser destinada a esse espaço. Assim, a biblioteca do Espaço 2 é mais bonita, mais esteticamente organizada para atrair as meninas para a leitura. Já o Espaço 1 é um local de acolhimento das meninas mais velhas, que têm um hábito de leitura consolidado. Por isso, a sala delas é um pouco menor, mas a qualidade dos livros não. Elas leem bastante. Há várias estantes com livros de literatura, livros do vestibular, romance, autoajuda, ficção, contos, poesias, arte e cultura.

A coordenadora passou a vista sobre alguns livros que estavam sendo escolhidos, dos quais os mais marcantes foram *A Luz do Presidiário* e *a Casa do Terror*, aos quais ela fez uma breve crítica, mas, ao mesmo tempo, uma reflexão:

Coordenadora – Ah, elas precisam se identificar com aquilo, para que o livro não vire um castigo, mas sim uma oportunidade de aprender mais independente do assunto em que o livro trata. Duas vezes por semana, as meninas têm a oficina de leitura, com a Maya, que leva as meninas para a biblioteca e as meninas podem ler ali no tatame mesmo ou nas cadeiras... podem compartilhar o que estão lendo para incentivar as outras. Há um incentivo para que as meninas que aprontam leiam livros com a temática [situação] pela qual elas estão passando. Elas apresentam, na avaliação semanal, alguma reflexão sobre o livro que estão lendo e como elas podem aplicar aquilo para a vida delas. Isso ocorre bastante quando as meninas se comportam mal, e é uma forma delas mesmas se conscientizarem dessa atuação delas.

A coordenadora me levou a conhecer os dormitórios. Não tinha nenhum dormitório aberto. Pude ver, pela janelinha, a organização das camas, dos cobertores forrados nas camas beliches, da caixinha de leitura no fundo do quarto, de um

saquinho de tecido contendo os produtos de higiene pessoal que são enviados pela própria Fundação Casa.

Coordenadora – As aulas são no período da manhã. Começam às 7h15 e vão até 12h50. Elas começam o dia com a higiene pessoal, desjejum na cantina, as primeiras aulas, o lanche e, por último, o almoço. Elas voltam para o dormitório após o almoço e, às 14h30, elas vão para suas atividades e oficinas: segundas e quartas, arte, cultura; terças e quintas, cursos de qualificação profissional. Fora isso, nós temos as oficinas dos parceiros, que vieram por termo de cooperação. Então, conosco, nós temos uma ONG chamada Mundo Aflora. Eles têm, inclusive, um programa de pós-medida e, quando a menina sai daqui, ela pode procurar, para ser inserida no campo do trabalho. Temos o CIEE, o Instituto Papel de Menino, que é o que vai trazer o curso de barbeiro... Eles estão mais voltados para área estética e da beleza. Temos o curso de panificação. O Mundo Aflora investe mais no campo do desenvolvimento socioemocional e tecnológico. Então, as meninas tiveram cursos com certificação de criação de software, tudo voltado para linguagem digital. Inclusive, as meninas dão um banho na gente... Tem um curso chamado Carlotas, que eles trabalham o autoconhecimento... eles trabalham o autoconhecimento, também promovido pelo Mundo Aflora.

Enquanto a coordenadora me apresentava os cursos, íamos passando por aquele corredor e os agentes de segurança abriam e fechavam pesados portões e seus cadeados atrás de nós, até chegarmos no Espaço 2.

Coordenadora – Aqui é a cozinha dos cursos de qualificação profissional, em que a gente vai trazer o curso de panificação e que, neste ciclo, estamos finalizando os docinhos brasileiros.

Pesquisadora – Quem consegue esses cursos para as meninas?

Coordenadora – A FAT, que é um dos nossos parceiros. Ela tem uma parceria com a Fundação CASA, que promove vários cursos, mas a gerência também entra em contato com várias outras instituições que se tornam nossas parceiras... Eu mesma vou atrás de vários parceiros, como o parceiro esportivo, que ele faz uma oficina de esportes com uso de raquetes, que são esportes mais elitizados e que as meninas não teriam condições de acessar nos seus contextos sociais, mas que aqui elas têm a oportunidade de praticar. Então, a proposta deles é justamente essa: de levar esse esporte também para o público menos abastado. E aí consegui um termo de parceria com eles... Tem todo um trâmite judicial com a fundação e eles atuam aqui. Eles trazem todo o material para isso. O Instituto Mundo Aflora também, o Papel de Menino... Mas a FAT é mesmo um contato oficial da fundação antes a gente tinha também o Senac, mas agora o Senac está só no interior e na capital fica a FAT. Cada curso, cada área tem um representante da equipe pedagógica que é o responsável, que é da fundação e é o responsável direto. Conhece as diretrizes, sabe o que pode e o que não pode, orienta os parceiros, os professores. Tem professor que quer trazer alguma coisa e que a gente acha que não é indicado, porque pode causar algum problema, algum perigo. A gente orienta. Tem o acompanhamento da área pedagógica o tempo todo e as

oficinas são por área. Tem as áreas de arte e cultura, as artes estéticas e as orientações profissionais. [Ela me apresentou a parte da informática do Espaço 2] Elas também fazem curso de qualificação para que elas conheçam as opções do mundo do trabalho, as diferentes áreas e que, a partir dali, identificando-se com alguma área, a gente possa encaminhar. A gente usa muito a plataforma cursos *on-line* educa Fundação Bradesco Portal ideia. Fora isso, elas estão treinando a leitura e pesquisa sobre o desenvolvimento tecnológico. Todos os cursos dão certificação digital e na intenção de que ela se identifica mesmo com uma área... para a gente incentivar elas em alguma área, a gente traz testes vocacionais. Então, na semana das férias nós tivemos um teste vocacional para todas as meninas e o parceiro explicou as áreas, os cursos, os exemplos de cada área, e cada uma tem o seu resultado em mãos. Depois vem para cá para se aprofundarem.

A coordenadora me apresentou a cozinha experimental composta de uma grande bancada, pias, forno industrial, fogão industrial, geladeira totalmente equipada e com todos os materiais. Inclusive, à amostra, ficaram ali os kits de higiene, com luvas, toucas, álcool e outros materiais para higiene pessoal.

Coordenadora – Tem também o espaço para fazer a hamburgueria pizza. Tem todo o ritual. Elas têm que ter unhas cortadas e higienizadas, toquinha de cabelo, muda a roupa, põe avental. É tudo muito limpo para mexer na alimentação. Elas já saem daqui pensando no que fazer. É claro que há critérios para montar essa turma. Não pode ser uma menina impulsiva ou violenta. Infelizmente, nós precisamos também proteger a elas, mas as meninas que têm os melhores comportamentos e demonstram aptidões culinárias, essas são as contempladas para virem aqui e desenvolver esses talentos. A gente coloca de acordo com o andamento, na medida. Se ela vem para cá é porque ela está bem na medida.

Pesquisadora – Que tipo de coisas elas aprontam por aqui?

Coordenadora – Ah, normalmente elas brigam entre elas, às vezes é ciúme. Uma questão que a gente lida aqui e que a gente toma muito cuidado são as questões homoafetivas, que são muito frequentes por aqui, homoafetivas, porque isso gera ciúme. O trabalho em grupo na escola gera ciúme. A gente pega no pé por causa dessas consequências. Aqui dentro precisamos manter essa ordem, ou mesmo quando não querem estudar. Se o professor trouxe alguma reclamação às vezes elas respondem mal e elas têm consciência de que fizeram alguma coisa errada, o próprio Sinase alerta que o adolescente precisa acompanhar a sua medida. Ele tem que saber tudo sobre a sua medida, a sua evolução. Ele tem que ter esse feedback de como ele está na medida, e nós fazemos isso juntando tudo, uma avaliação tanto da escola quanto do comportamento com a segurança etc. Então, a gente faz normalmente semanalmente, de sexta-feira, sendo o período da manhã para as meninas da tarde e o período da tarde para as meninas de manhã para que elas não falem nas aulas. Às 4h da tarde, normalmente, é o período da tarde. Então, a diretora Eliete desce com o parecer da área da segurança, da área pedagógica e do psicossocial, e ela vai falando menina por menina.

Ela fala: “olha, a pedagogia falou alguma coisa boa de você”. Então, normalmente, ela fala “Parabéns! Você foi muito bem essa semana, você se dedicou, ora você nos ajudou a organizar a biblioteca”. “Parabéns! Você ajudou a organizar o Centro”. “Parabéns! Você se comportou bem na saída que nós tivemos”. E realmente nós tivemos uma saída para o Mis e foi lindo, lindo, e foram cinco meninas selecionadas. As meninas voltaram muito animadas. Antes disso, o professor de artes introduziu o assunto e elas participaram de uma forma muito dinâmica, porque elas já tinham o conhecimento prévio do tema e do trabalho. E vai ter uma outra em breve. E é sempre assim: eu trabalho em dobro, porque é agenda daqui do Espaço 2, agenda de lá do Espaço 1. E é sempre assim então: se essa semana as meninas do Espaço 2 foram no Mis, semana que vem as meninas do Espaço 1 é que vão para o Mis. A gente trabalha sempre em dupla. Essa saída do Mis foi organizada pela gerência de arte e cultura. Então, a área profissional tem a gerência da área profissional da fundação, a arte de arte cultura tem a gerência dessa área. Também a área escolar tem a gerência da área escolar. Então, a gerência mandou o convite. Aí teve um encaixe com a nossa agenda. Eu mandei o que eu queria e, a partir daí, quais são as meninas, pelo olhar da avaliação? Quem é que tá apto a sair? E manda a solicitação para o juiz, para emitir a solicitação e a autorização. Arruma carro, arruma lanche, arruma roupa para menina, arruma maquiagem, arruma cabelo. Elas não saem daqui sem antes passar no salão. Sai com roupas diferenciadas. Elas não saem de uniforme. Elas saem todas bonitinhas, maquiadas. Elas foram para o aquário de São Paulo, os dois espaços. Dez meninas de cada espaço foram para o aquário e cada saída tem os agentes de segurança que acompanham o profissional da área pedagógica. Elas se comportam muito bem. É muito tranquilo.

Ela me apresentou ao pátio que tinha umas cinco mesas muito compridas, feitas em alvenaria, com bancos também, para as refeições diárias das meninas do Espaço 2. As refeições eram feitas ali mesmo... para abastecer as alimentações das meninas. Há também ali no pátio uma sala de aula bem grande e o acesso à quadra do Espaço 2, que também vai ser coberta em breve. É um espaço enorme, com arquibancada, mas extremamente quente. Por ser muito concreto, esquenta muito mais. A sala de aula do pátio é enorme e, por ter um espaço físico bem grande, é também utilizada para as reuniões das igrejas. Entramos na sala de aula e começamos a observar as meninas na aula de ciências. A professora falava sobre como converter minutos, segundos, em horas etc. As meninas participavam. Havia em torno de 15 meninas naquela sala bem ampla, que ocupavam apenas metade da sala. A professora estava na lousa falando ora com uma menina, ora com outra e, com o giz na mão, ia marcando as respostas das meninas no quadro. Ainda no pátio e nos corredores havia salas de atendimento psicossocial.

A coordenadora me apresentou o espaço da biblioteca e me mostrou que havia uma menina que tinha chegado hoje e que já estava fazendo uma sondagem para que fosse verificada suas habilidades e competências para saber em qual agrupamento ela ficaria.

Coordenadora – Aqui é a área do apoio, onde ficam os kits escolares. Elas estão usando no momento, mas tem as pastas com os cadernos e lápis e canetas. Aqui nós temos a Ana [que me recebeu prontamente com simpatia]. Aqui nós temos uma agenda. Aqui, vários materiais, alguns que foram enviados pela Seduc e outros da própria Fundação e outros que a gente tenta comprar por aqui mesmo.

Agora caminhando pelos corredores vou cumprimentando os agentes de segurança e entrando nos espaços.

Coordenadora – Aqui temos as caixinhas do empréstimo, temos as professoras e a biblioteca. Às vezes, a gente também usa como sala de aula, porque aquela sala da coordenação era sala de aula.

Percebi um espaço aberto no quarto das meninas e logo pude ver que era a grade ou melhor a porta do banheiro com a corrediça para o lado de fora.

Coordenadora – Ocorre para evitar que uma menina se tranque no banheiro. Ela tem toda a privacidade, mas se ela demorar muito ou der sinais de que está cometendo alguma coisa, fazendo alguma coisa ruim com ela mesmo ou com outras pessoas, a gente tem a liberdade de abrir a porta para verificar o que está acontecendo.

Os quartos estavam todos fechados, mas foi possível observar o banheiro e as beliches, os saquinhos com os produtos de uso pessoal e a caixinha dos livros escolhidos para o fim de semana.

Coordenadora – Aqui é a biblioteca do Espaço 2. Atualmente, nós estamos usando como sala de aula, mas é por tempo limitado.

Fui apresentada ao espaço onde estava tendo aula com a professora Georgiana que é de Língua Portuguesa e também de Língua Inglesa. Ela é a professora que foi anunciada no cartaz exposto nos corredores com as meninas que conseguiram passar no Enem, tirar boas notas no Enem, graças às suas aulas de redação intensivas.

Coordenadora – Aqui temos guardados livros didáticos. A biblioteca é um espaço bem amplo, bem arejado, espaçoso, iluminado, que tem uma lousa na parte da frente, uma TV na parte de cima. Tem também umas mesinhas plásticas para uso das aulas que estavam acontecendo naquele momento. Tem um tatame colorido, tem uns painéis de grafites coloridos nas paredes, uma estante preta de filmes, uma estante ao lado, toda branca, de jogos, e uma parede inteira bem

grande com uma estante que vai do chão ao teto, com vários livros, várias divisórias. As partes superiores estão destinadas para livros de consulta, como enciclopédias e dicionários. Nas partes inferiores, temos os livros de leitura... alguns deles muito usados e colados com durex. Na parte de trás, tem um órgão, também alguns outros instrumentos musicais de percussão, umas fantasias para o clube de teatro e também para o carnaval bumba meu boi, e livros didáticos.

A dinâmica é a mesma do outro lado: empréstimos duas vezes por semana. Os livros que os professores usam, as meninas mesmo utilizam para pesquisa. Caso algum professor queira usar, pode agendar o espaço, reservando antecipadamente. Então, esse uso é livre. Isso também acontece com a informática para as pesquisas, as leituras. Na época da Copa, nós fizemos um trabalho muito bacana, em que cada sala escolheu um país e fez pesquisa sobre esse país – a moeda, cultura, os alimentos, o time – e desenvolveu uma apresentação do país em cartolina e os países competiram. E elas também competiram, jogaram futebol também. Então, é aqui que ficam os livros didáticos e as literaturas. A gente também tem violão e percussão. Lá do outro lado, no Espaço 1, a gente tem canto coral, também violão e percussão... são oficinas. Aqui, ainda temos alguns trabalhos, alguns trabalhos da Copa em cartolina. Tivemos a apresentação desse trabalho também em PowerPoint. Foi muito legal. As pessoas, quando ouvem falar da Fundação, elas não têm ideia das possibilidades que se tem e são muitas, que a molecada lá fora não tem nem o conhecimento. Por exemplo, o processo de inscrição... é uma batalha para a gente correr atrás de documentação de criança, de adolescente, para conseguir finalizar inscrições ProUni porque, lá fora, quando chegam a essa, muitas vezes, a menina não tem nem documentos, não tem nem certidão de nascimento. E aqui, a gente vê a beleza, tudo. Então, a gente também já inscreve na carteira profissional. A gente tem meninas que têm bolsas para o primeiro emprego, umas que ganham R\$ 620,00 por mês, para participar do curso, e depois elas podem resgatar esse dinheiro quando saem da medida...

Fomos interrompidas pela professora de Língua Portuguesa para dizer:

Professora – Você escolheu um lugar ótimo para fazer pesquisa, porque aqui a gente consegue coisas que a gente nem acredita. Aqui, a gente faz descobertas. A gente pensa “nossa não vou conseguir fazer nada”, mas, de repente, a gente aprende e muito. Eu tô há 19 anos aqui e é um aprendizado. Eu já estou virando especialista [muitos risos]. A professora Georgiana fez um trabalho muito bacana pautado em redação, sobretudo com o ensino médio, e a gente viu o resultado do Enem, que as notas de redação foram muito boas, e a gente valoriza muito o trabalho deles, porque a equipe é muito boa, é uma equipe comprometida. É muito gostoso trabalhar aqui. Aqui, as pessoas assim têm um propósito. Quando a gente vê esse resultado da gente encaminhando essas meninas, é muito satisfatório.

Estávamos nos encaminhando para o fim da visita guiada e ela foi continuando as explicações dos espaços, até que chegamos de volta em sua sala. A coordenadora

passou a me apresentar a Agenda Diária, a agenda de sexta-feira do Espaço 2, do Espaço 1.

Coordenadora – Então, você vê no Espaço 2 as oficinas. As meninas estarão nesse espaço, hoje, excepcionalmente, por ser sexta-feira, para a avaliação. E aí elas são unidas pelos quartos. Então, o quarto 1 vai ter a avaliação, depois o quarto 2, o quarto 3, e assim sucessivamente. Aí a Eliete fala da pontuação aí na parte da tarde no Espaço 1, escola formal no período da manhã. Então, são duas aulas, convite para banheiro, outras duas aulas, convite para banheiro, e outras duas aulas, almoço. E vai ter avaliação, no caso, porque é sexta-feira. E aí, sim, os blocos de oficinas primeiro e segundo blocos de oficinas. Por último, depois elas se higienizam, aí elas jantam, vão para o PAR, que é o Parceiro da Área Religiosa, para quem quer participar. Aí tem jogos, filmes, música, quadra, e depois sobem para tomar um banho e vão deitar. Aí elas podem ler os livros e às 10h as luzes se apagam, para no dia seguinte começar de novo. Começa cedinho às 6h.

Quando entramos na sala da coordenadora havia uma jovem acompanhada por um dos agentes da área pedagógica, que estava escolhendo a faculdade escolhendo o curso e, muito animada, ela recebeu vários elogios da coordenadora e também da equipe que ali estava. A própria menina estava muito animada com muita satisfação. “Olha a menina importante que está aqui. É uma universitária. Meus parabéns!” [muitos risos]. Após nos acomodarmos na mesa da coordenadora, ela passou a me mostrar fotografias, em seu computador, dos principais momentos deste ano com as meninas. Então ela me mostrou a saída do Mis experiência, as meninas na mostra Michelangelo.

Coordenadora – No Senac Penha, foi muito legal, porque elas participaram de oficinas no Senac do Polo Penha, que é maravilhoso, de barista e oficina de beleza. Então, elas conheceram as instalações participaram das oficinas. E porque a Fundação tem um acordo com o Senac, todas as meninas e meninos que passam pela Fundação, independente de terem feito ou não um curso profissional, embora 80% façam esses cursos, é o mínimo ao sair, tem um ofício que nós entregamos e eles têm uma bolsa de 100% no Senac, para dar continuidade aos cursos. Lá eles podem escolher o curso que eles querem e podem estudar e quantos cursos quiserem fazer até completar 21 anos, todos de graça. Nossa, quando a gente fala isso, os olhinhos delas até brilham. O Senac é um baita de um parceiro. Agora, a gente vai ter a saída do aquário para o Espaço 2, Espaço 1, e já estamos nos organizando para essa saída dia 8. Tem palestra da Saúde, que é dia da mulher... a gente vai ter o tema vai ser IST. Também vamos ter concurso de dança, teremos o *stand up* para mulheres... A nossa agenda é riquíssima. Nós, aqui, tentamos deixá-las bem ativas. Nada de ócio! A gente vai fechar esse primeiro ciclo, no final de março. É como se fosse o bimestre da escola mesmo. A gente tem um mapeamento de cada adolescente: onde que ela está,

quais as atividades que ela tem feito, como ela tem se organizado. A agenda é muito rica. Elas não param... cursos profissionais, CIEE, oficina de criatividade. O nome delas fica no banco de dados do CIEE, para que, quando elas saíam daqui, possam procurar uma oportunidade lá também no campo do trabalho. Elas têm todo esse suporte.

Pesquisadora – A mesma agenda que as adolescentes têm aqui têm nas outras unidades também? Inclusive nas unidades masculinas?

Coordenadora – Sim, a mesma agenda pode ser replicada nos outros centros. O que vai depender é dos termos de parceria que esses centros desenvolvam. Pode ser que as instituições como a FAT, ou o Mundo Aflora, que são institutos, que nós entramos em contato e que são nossos parceiros, pode ser que eles não façam outras parcerias. Mas é possível que as outras unidades tenham tantas atividades quanto nós, mas os cursos de arte e cultura da área escolar e de educação profissional é um padrão da Fundação Senac CIEE. Estão em todas as unidades. Essas bolsas trabalho, que a gente tem para adolescentes que estão cursando, é um padrão também. A oferta é para todos e a gente encaminha. Agora veio uma de Osasco, muito bacana, só que tem que ser residência em Osasco, e a gente não tem nenhuma menina, enquanto outros centros terão. Aí, se enquadra na agenda deles e não na nossa, tem muitas saídas que são disparadas para todos. Aqui o trabalho é maior porque são dois espaços. Então, a gente tem por causa dupla e tem que trabalhar sempre com projetos duplos.

Aquela agenda diária que você viu na porta, eu já estou montando a de segunda-feira e a gente tem que montar sempre para elas darem sequência nas atividades e os agentes saberem exatamente onde está cada uma das meninas.

Segunda-feira é Guri percussão, tem violão, tem um curso *on-line*, tenho esportivo no segundo horário, o coral, reforço escolar, aula de dança, esportivo...

Pesquisadora – Tem alguma menina não alfabetizada? Para ser alfabetizada aqui?

Jane – Nenhuma! Todas elas sabem ler. O perfil mudou bastante. O que nós temos recebido é mais ou menos meninas no ensino médio. Tem mais do ensino médio, tanto que a sala do M1 fechou, que eram as meninas menorzinhas do primeiro ao quinto ano. Ela fechou, não tem aluna. Agora, dificuldades... tem muitas meninas do ensino médio com grandes defasagens. Ainda mais depois da pandemia. Mas não só pela pandemia, pela própria estrutura do Estado, os minutos na sala de aula. E aqui o trabalho individualizado é muito mais frequente. Pela quantidade menor de adolescentes, o professor dá uma atenção diferenciada. Fora isso, tem toda essa agenda que acaba reforçando e enriquecendo as aprendizagens, desenvolvendo e onde as meninas acabam se recuperando. Mas, não alfabetizadas, não temos. E já faz um ano, no caso de meninas reincidentes. Aqui, não temos as reincidentes. Vão lá para o Bom Retiro. O Bom Retiro, hoje, tem ao todo 18 meninas que são de São Paulo, do Estado de São Paulo. Então, não tem uma alta reincidência no feminino. Por exemplo, para muitas, há uma recuperação e uma conscientização. Eu trabalhei no masculino por muitos anos e já estou há quatro no feminino. Oito anos no masculino e

quatro no feminino. Inclusive, o motivo que leva o adolescente para a Fundação, o feminino, as histórias são mais voltadas para o abandono, para o descaso, para o abuso. Isso é muito comum, chega a 90% aqui. Já os meninos, são as tentações, furto, tráfico. E a grande parte aqui, 99% das meninas bonitas são ignoradas pelas mães, pelas famílias. Aí chega aqui tem tudo isso elas acabam se desenvolvendo apesar da família, das condições tão degradantes sociais. Nas condições sociais tão degradantes, as meninas que, nas próprias casas, não tinham nem porta, estavam suscetíveis, e hoje estão fazendo faculdade, estão trabalhando pagando aluguel delas mesmas, seguindo a vida delas. Isso não tem preço! É uma satisfação muito grande. A gente vê isso acontecendo, essa satisfação. Elas veem o nome delas, que elas estão no preparatório do Enem. Elas ficam vaidosas, sentem-se importantes, valorizadas. A maioria delas diz que nunca pensou que ia chegar até aí. Isso não tem preço! A gente percebe, em alguns casos que vem para cá, que, na visão do Judiciário, é mais para proteger as meninas da rua do que mesmo pelo ato infracional. É mais por uma proteção. É como se fosse “vamos deixar lá para encaminhá-las”, e a gente vê isso acontecendo com muita frequência: menina que cometeu um ato, mas não é um ato para internação, só que elas acabam vindo para cá para saírem preparadas. Essa menina mesmo que eu te falei, ela faz tudo isso viver sozinha, tá terminando até aqui, mas já entrou no curso superior e tá pagando o próprio aluguel, porque está trabalhando, o que reergueu a vida dela.

E tem o caso da Eliete, que era lá do Sertão da Bahia, que veio para São Paulo sozinha. Chegando aqui, cometeu um ato infracional e veio para cá, para a Fundação CASA. Aqui nós acolhemos e percebemos que ela tinha um grande talento, com essa área mais estética de cabelo e tal. Então, a gente encaminhava ela para todo tipo de curso que podia e, quando a medida dela terminou, claro, a gente teve que entregar ela para os responsáveis porque ela é menor de idade, não podia ficar sozinha. E lá na Bahia, lá no interiorzão, é claro que, se não fosse para o bem dela, ela ia para um abrigo, mas ela foi entregue para a mãe, para a família. Lá não tem empresas, emprego. Mas o que ela tá fazendo agora para conseguir um dinheirinho? As tranças que ela aprendeu aqui. Já tem várias clientes. Aprendeu aqui. Cobra R\$ 20,00 por trança e, toda feliz, ela manda para a gente a agenda dela. “Olha, só essa semana tenho 10 tranças para fazer”. Sobrancelha, design de sobrancelha... É muito importante essa qualificação profissional. É muito importante oferecer esse desenvolvimento, uma perspectiva nova. Aqui, elas aprendem que podem fazer. São meninas tão desenvolvidas, mas que nunca tinham percebido isso.

No geral, elas têm a autoestima, autoconfiança muito baixa, de modo que elas nem sabem que são capazes. Tem a Bela, por exemplo, uma menina que você vai conhecer aqui. Ela é excelente, fala muito bem, se expressa muito bem, faz muito bem. Na escola, é pacificadora das amigas, ela é ótima. E ela, na semana passada, me disse que não achava que podia fazer tanta coisa, e que ela nunca percebeu isso porque nunca ninguém disse isso para ela. Precisou se afastar daquelas pessoas que depreciavam ela para entender que ela é capaz, que ela consegue fazer. Ela veio para cá para conhecer referências diferentes e para reconhecer o potencial dela.

Transcrição das gravações (17/03/2023)

Nesta data, iniciei o acompanhamento da aula com a professora Georgiana de Freitas, de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, do Centro Jardim Secreto. Ela ministra aulas principalmente no Espaço 2, com as meninas mais novas.

Um aspecto muito importante a ressaltar é o fato de que a professora trabalha muito e insiste bastante com a sensibilidade das meninas e ela desperta essa sensibilidade com a poesia.

Georgiana – A poesia estimula na aprendizagem das meninas e também na sua autoestima. É aqui que elas se descobrem. Descobrimo a poesia, elas se descobrem também. Nas aulas, além de ler a poesia, elas conseguem fazer poesia, torna-se uma poetisa. Eu até tenho uma página no *facebook*, que se chama Poetisas da Fundação. Se você quiser entrar, está convidada. Eu não posso colocar os nomes das meninas, mas eu peço para elas um apelido para colocar, porque elas estão em medida socioeducativa. Então, eu não posso usar os nomes delas, mas tem várias que já saíram e que estão lá no meu grupo do *facebook*. Elas me seguem e seguem as outras meninas. É muito legal isso. A literatura como um todo tem esse poder de transformação, de sensibilização, de aprendizado. Eu também dou aula de inglês. Nesse ano passado não dava, mas neste ano, como estava sem professor, eu trabalho com as meninas de 12 a 16 anos e a biblioteca ajuda bastante, porque as meninas já são bem leitoras. Elas leem diversos títulos. Não são assim todas que leem. Algumas querem desistir. As que entraram agora são mais resistentes, mas eu fico lá todo momento: “E aí, o que você tá lendo”. Vou estimulando e falo assim bem perto de uma menina que não gosta de ler. Eu pergunto para outra que tá pertinho, que é bem leitora: “O que você está lendo? Qual é o livro que você está lendo?”. E eu percebo que uma vai olhando por cima do ombro, assim, de rabo de olho, e acaba depois aqui no registro (a gente tem acesso a esses registros), a gente acaba vendo que a menina acabou pegando o livro que a outra indicou sem querer. Eu abro bastante o espaço para elas falarem. Inclusive, ontem eu trabalhei com elas o tema resenha e estava explicando o que era resenha. No livro delas tem essas explicações também e eu propus um trabalho, porque dia 27/04 é o dia do livro. E nós vamos ter uma atividade de resenha. Vamos fazer uma apresentação aqui do que elas estão lendo e eu aproveitei... Como sabia que você viria, até falei com as meninas: “Olha, quero ver quem é leitora. Quero ver que prove agora, que mostre o que vocês estão lendo. Vai vir uma pesquisadora muito interessada em vocês, no seu desenvolvimento da leitura e eu quero que vocês mostrem realmente que vocês estão lendo, tanto na aula quanto também por deleite. E elas ficaram muito ansiosas e você vai ter oportunidade, nas salas que a gente for, de ouvir um pouquinho das meninas também, das produções delas.

Enquanto a professora terminava a aula de inglês, eu caminhava pela biblioteca para observar os livros, os temas, os títulos dos livros

Georgiana – Os livros encontrados aqui estão dispostos numa estante bem grande. Não é possível fotografar, mas vou pedir para Jane fotografar depois.

Relato gravado enquanto aguardava a aula da professora Georgiana acabar: Aqui nós temos literatura infanto-juvenil, poesias, crônicas. Tem bem pouquinhos romances. Tem aqui uns romances mais populares, parecidos com *best-sellers* e, pelo visto, estão bem gastos, o que significa que foram muito manuseados. Tem um setor aqui de romance. Todos os livros, aparentemente, estão bem gastos. Encontrei aqui *Semíramis*; o que mais temos aqui é John Green, *A Herdeira*, *A Escolha*, *Doces Momentos*, de Daniele Steel, *Mães de Maio*, *Ontem eu chorei*. Tem vários de Júlia Queen. Os livros de literatura clássica, parece que foram pouco manuseados. Na parte de baixo, é possível encontrar livros de religião, principalmente espíritas. Temos livros relacionados a filmes. *A Saga Crepúsculo* está muito desgastada, tendo sido até consertada, reformada com durex. Tem a sessão de quadrinhos, que tá na parte de cima. A sessão de quadrinhos está um pouco fora da circulação. Tem aqui Malala, outros escritos. Tem a Bíblia Sagrada; tem outras coisas também, como pequenos Novo Testamento. Tem outros de literatura... avançando... de novo, mais Bíblia Sagrada, mais de Guimarães Rosa, que foram manuseados praticamente poucas vezes. Tem Barsa, tem química, tem matemática. São livros mais técnicos que ficam na parte superior. Tem vários livros de Paulo Coelho, que estão muito manuseados, livros didáticos também. Há muitos livros de suspense. Tem livros para formação de professor, formação e currículo do ensino médio. Tem uma estante cheia de vídeos, como aqueles da TV Escola, outros de filmes mesmo, alguns brinquedos, o tatame, umas fantasias de teatro. Tem também a parte de painéis grafitados, com uma decoração bem moderna. A biblioteca tem funcionado como sala de aula do ensino médio, mas não é sempre.

Após ter observado a sala da biblioteca, pude acompanhar a professora Georgiana em uma sala inicial de ensino fundamental anos finais. A professora foi me apresentando para as salas, para as professoras. A diretora Elizabeth pediu para que uma aluna lesse uma poesia que ela tinha feito para o dia da avaliação, que ela lesse para mim.

Eu achei que fosse fazer uma observação da prática, mas a professora me colocou no centro da prática no centro da atividade. Ela solicitou que as alunas

ficassem em círculo. E então eu conduzi uma pequena conversa com todas elas, segundo a orientação da professora, e foi uma conversa que vou transcrever.

Elas buscaram rapidamente uma cadeira para que eu me acomodasse. E eu pude me apresentar como pesquisadora, falar um pouco do meu trabalho, um pouco do meu foco da pesquisa e conduzir assim a conversa com as meninas e com a professora. Também as meninas foram muito agradáveis e o tempo todo muito solícitas e educadas, bem como a professora. A primeira pessoa que tomou a palavra foi uma aluna chamada Rute.

Rute – Muito prazer. Meu nome é Rute e é muito legal que você tenha vindo aqui, que você esteja interessada em nós, por você ter dado essa oportunidade da gente conhecer você e já quero dizer que toda terça-feira a gente vai para a biblioteca e tem a oportunidade de pegar um ou dois livros em todas as sextas e a gente pode trocar nas outras sextas ou renovar, e eu estou lendo um livro que...

A professora a interrompeu para que a aluna do ensino médio pudesse ler a poesia que ela fez e depois continuaria a roda e a conversa.

Lygia – Eu vou ler este poema que eu fiz, porque a professora trabalhou com a gente um outro poema que é a canção do exílio, que é sobre um sabiá aí que fala “na minha terra tem” e a professora explicou o que era exílio quem fez um exercício com a gente para a gente pensar igual o poema que começa “na minha terra tem”... a gente ia começar o nosso com “na minha casa tem”... para a gente pensar o que a gente tinha na nossa casa comparado com o que a gente tá vivendo aqui. Agora eu fiz esse poema e aí eu li na avaliação hoje e a senhora Eliete pediu para eu ler para senhora. O meu poema é assim... Pode começar?

Pesquisadora – Pode, sim, obrigada. [A aluna Lygia é do primeiro ano do ensino médio].

Lygia –

Na minha casa tem um menino
que mexe comigo e me dá muito carinho.
Na minha casa tem meu irmão,
que me que me enche o saco
e é azedo que nem um limão.
Na minha casa tem um amor imenso
que a minha mãe me dá
desde o meu nascimento.
Na minha casa eu tinha tudo,
mas eu infelizmente preferi
as coisas do mundo.
Na minha casa tinha um aconchego,
mas preferi ir atrás de dinheiro
e é por isso que estou longe
por um tempo grande sem poder voltar
para ser como era antes.

Mas aqui onde estou,
conheci o verdadeiro valor
das pessoas que nem mesmo
aqui me abandonou.

Georgiana – O conteúdo lá era romantismo. Aí, eu sempre faço isso... pego um poema. Elas aprendem o que é licença poética. E a proposta foi que elas estão “entre aspas” exiladas aqui e o que que elas pensam...

A aluna Rute continuou sua fala:

Rute – Antes quando a gente tava nas férias, a gente podia pegar até três livros para ler durante o dia e até à noite, porque a gente vai para o quarto às 7h. Aí, das 7h até às 10h, a gente tem esse tempo para ler e às 10h apaga a luz para a gente ir dormir. Agora eu tô lendo um livro chamado *As drogas sequestraram a minha vida*. Eu peguei uma sinopse que eu li atrás, que eu achei legal, e eu escolhi ele que fala sobre uma pessoa que mudou de vida porque antes ela era uma pessoa que usava drogas, que fazia coisas erradas e hoje em dia ela conseguiu transformar a vida dela através da leitura; através de se expressar pelos livros, conseguiu mudar a vida dela. Eu gostei muito de ler esse livro e até tirei uma frase, porque nos dias de avaliação a senhora Eliene sempre pergunta o que a gente tá lendo e ao mesmo tempo pede para a gente fazer algum tipo de coletânea de frases semanais na nossa avaliação. E tinha uma frase desse livro que eu escolhi e perguntei se eu podia ler. Na verdade, essa frase fica na avaliação de cada menina. Então, quando eu selecionei que mandei para a senhora Eliete, a senhora Eliene, ela gostou muito e colocou em todas as avaliações, e colocou a frase esta semana, que virou uma reflexão para todas. Eu gostei muito porque ajuda a gente a passar o tempo, ajuda a gente a aprender mais e até mudar a opinião sobre a vida: “A leitura ajuda a gente a viajar sem sair do lugar”.

A aluna Yana pediu a palavra.

Yana – Oi, meu nome é Yana. Seja bem-vinda. Eu tô lendo, assim... Quando eu entrei aqui, eu não queria fazer nada, não dava valor para nada, não queria ler, não queria estudar. Eu só queria saber do mundo, o que o mundo propunha para mim. Quando eu cheguei aqui, eu descobri que o mundo não me propôs nada e uma coisa muito importante que eu deixei de lado foram meus estudos e eu sabia ler mas eu travava. Eu não conseguia ler alto. Agora eu já consigo, sabe, eu pego um livro... agora eu consigo ler ele melhor. A interpretação da professora me ajudou a entender mais, me ajudou a falar melhor, a entender as coisas, a escrever melhor. E tudo isso me ajudou bastante. E toda semana eu pego um livro. A semana passada eu tava lendo *Depois dos quinze*. Esse livro ele é muito legal, é muito legal. Eu me identifiquei em algumas partes dele. Muitas vezes ela não conseguia se expressar em escrever e era igual a mim. Eu também não conseguia fazer isso. E a menina viajava para vários lugares e ela falava que a mãe dela ficava sempre no pé dela e ela sempre preferia as amigadas e ela viajava muito. Eu também gosto muito de viajar. Como eu posso dizer? Quando ela desprezava a mãe dela, ela se prejudicava, mas depois de um tempo ela foi entendendo e tudo que

ela sentia expressava no papel. E foi aí que ela começou a fazer o livro dela. É uma história baseada em fatos reais

Lívia – Prazer, meu nome é Lívia. Eu vim para cá faz pouco tempo também e o livro que eu peguei, quando eu entrei aqui, foi um livro que eu esqueci o nome e eu troquei porque eu não gostei muito, porque só tinha poucas páginas do livro que tinha um desenho. Aí eu troquei e achei um que chama *Quando meu pai perdeu o emprego*. Aí eu comecei a ler assim eles falam assim que o menino fala que quando o pai perdeu o emprego eles já não tinham aquela vida que eles tinham antes. Já não tinha as condições que ele tinha antes. Aí, quando ele vai trabalhar, quando o pai saía, os meninos pediam alguma coisa. O pai sempre trazia, mas depois que o pai perdeu o emprego, já não poderia dar a vida que eles tinham antes. O pai mudou para o Rio de Janeiro. Eu achei muito interessante. Eu não lembro de todas as partes que eu li, mas achei muito interessante

Pesquisadora – Antes de vir para cá, você lia livros?

Quando eu estudava ainda lá fora e que eu pegava o livro, lia na minha casa, porque a minha avó não me deixava sair de casa sair para rua. Era muito difícil ela deixar a gente ir para casa de uma amiga da gente. Então, eu lia em casa, fazia alguma coisa para me distrair. E lá na escola a gente tinha que fazer a apresentação do que a gente entendeu do livro. Fiz umas apresentações umas três ou quatro vezes, quando eu estudava. Antes de vir para cá eu já tinha esse hábito de leitura, quando eu estava no quinto e no sexto, mas eu parei mesmo no sétimo. Eu até pegava livro para ler...

Sofia – Prazer, meu nome é Sofia. Eu não leio muito, mas eu peguei um livro que é *Antes dos quinze*, porque eu já tinha lido o *Depois dos quinze*. Mas *Antes dos quinze* explica muita coisa da menina, que é a principal do livro dela. Ela conta sobre os meninos, que ela se apaixonou, que ela viajava muito, que conhecia muitas pessoas novas e que ela já quebrou a cara várias vezes. Eu não entendo muito dos livros, mas parece que melhora a minha dicção e a minha leitura e a minha escrita também. Eu leio um livro e entendo pouco, mas eu percebo que ele vai mudando um pouco o meu jeito de falar. Eu sou muito tímida, mas se não fosse pelos livros eu nem falaria agora aqui para a senhora. Até palavras difíceis o livro ensina para nós. Uma vez eu li num livro a palavra “monólogo” e eu achei muito estranho essa palavra. O que é monólogo? Então, eu fui no dicionário e procurei essa palavra, porque no livro mesmo dizia assim que no trabalho era o mesmo monólogo e monólogo era a mesma coisa de sempre.

Eu expliquei para ela que ela devia estar falando de monótono e ela deu risada e concordou porque o monólogo é quando você fala sozinha. No diálogo, você fala com uma outra pessoa e no monólogo você fala sozinha. Ela deu risada e disse:

Sofia – É isso mesmo e eu aprendo muita coisa inclusive falar eu falo essas palavras difíceis em voz alta e isso me faz muito bem e eu também uso até a Bíblia para ler porque ela tem vários livros dentro dela e tem livros de um monte de coisas. Então, eu pego os livros porque a Bíblia tem uma linguagem muito difícil, mas eu consigo entender o que ela diz.

A professora quis que a aluna Kely falasse um pouco e a aluna estava de braços cruzados e bastante fechada ao que eu na sequência já falei que não havia necessidade de que todas falassem só as que realmente preferissem. Então a aluna Kely disse:

Kely – É porque eu não gosto muito de ler mesmo e o livro que eu comecei a ler hoje mesmo foi um que a minha amiga escolheu. Mas eu li dois livros aqui na casa: um que se chama *O Leitor* e o outro *Como eu era antes de você*. Mas eu não consigo ler muito. Tenho muita dificuldade de imaginar. É como se fosse um filme para mim e, às vezes, algumas coisas não fazem sentido ou esse livro do leitor, que eu achei interessante, é porque o menino teve uma doença e eu acho que depois ele teve que ir para um tribunal para o julgamento de uma mulher que ele era amigo dela. Agora, o outro livro, eu não me lembro de nada do que eu li.

Outra menina disse: “um livro que eu gostei bastante foi *A culpa é das estrelas*. Outra garota falou: “eu gostei muito da saga *Crepúsculo*. Ele até começou a descosturar, mas eu achei muito interessante também”. A professora perguntou para Sofia por que ela achava que o título do livro era *A culpa é das estrelas*. Por que alguém achava que a culpa poderia ser das estrelas?

Sofia – Eu não sei, não sei resumir, mas ele tá falando que a culpa é de alguém, para não colocar a culpa em ninguém. Aí, por isso ele disse que a culpa é das estrelas. Pode ser até uma coisa de culpar a Deus. A culpa pode ser dele ou pode ser da outra pessoa que ele culpa.

Georgiana – Eu fico sempre aguçando elas nesse sentido, porque a gente trabalha com interpretação, com conotação, denotação no fundamental, para quando chegar no ensino médio já trabalhar com essas coisas com o entendimento melhor. Inclusive, quando elas entendem bem o sentido elas compreendem mais facilmente as poesias e até podem fazer, escrever poesias ou textos com mais qualidade, porque aprenderam o que é um sentido que é uma figura de linguagem.

Uma menina interrompeu a conversa dizendo: “a gente gosta muito de poesia e a gente gosta muito de escrever também e a gente poderia até ler para a senhora se a senhora deixar”. Ao que concordei prontamente e a aluna começou:

Rute – É que deu essa aula e assim eu aproveitei para fazer um poema de desabafo, uma coisa que eu tô sentindo. Então, eu vou ler. É assim: eu tive uma decisão, que foi estar preso no mundão, mas foi a minha escolha que me trouxe aqui e não foi à toa e, quando eu sair daqui, vou dar muito orgulho para aquela que sempre me amou, sempre me cuidou, sempre lutou, guerreira, trabalhadeira, levanta todos os dias para trabalhar às 4h30.

Sofia – Poesia sem fim: atrás de lembranças vêm as esperanças, os abraços apertados que pareciam sem fim. Os seus olhos castanhos

iluminavam a minha escuridão sem dor e sem aflição. Aceitei seu perdão, mesmo você com dez pedras na mão. Atacou as dez pedras e não deixou falar minha versão, mas quando você ouviu a minha versão, deitei no seu peito e ouvi as batidas do seu coração.

Georgiana – Elas são muito profundas. Eu acho que o Espaço 2 é o espaço das Poesias. Elas gostam, fazem poemas, propõem alguns temas. Tem meninas que, quando entram, têm assim algumas dificuldades, e eu ensino, explico que elas podem ir ligando as palavras. Mas eu sento perto delas e vou ajudando. Agora tem umas que têm o dom, que já vem assim prontas, mesmo sem nunca terem lido poesia. Então, quando elas leem pela primeira vez, ficam encantadas e fazem as propostas muito rapidamente. Já outras, eu sento junto, converso, a gente faz uma lista de palavras que rimam, para elas se sentirem mais seguras, para fazer uma poesia rimada. Eu vou ajudando a florescer.

Rute – Quando eu cheguei aqui, que ia pegar o livro para ler, eu não gostava muito. Ficava pensando: “Meu Deus, que livro chato, como eu vou fazer para ler isso?” Mas, então, percebi que eu devia começar com os livros menores e fui pegando uns livros pequenininhos, alguns com bastante imagens, menos textos, e hoje eu já consigo ler livros bem grossos que não tem nem imagens! Essa é a dica que eu sempre dou para as minhas colegas, principalmente as que chegam aqui novas. Eu não julgo as pessoas que não entendem, porque um dia eu também já fui assim.

Pesquisadora – Tudo também é uma questão de oportunidade, porque nem todo mundo teve a oportunidade de encontrar com o livro da sua vida.

As meninas gostaram da minha frase e até aplaudiram. A professora disse que ia anotar e até a aluna Sofia observou que não só de encontrar com o livro, mas também de fazer o livro da sua vida. E ela estava pensando nisso, pensando que seria bom fazer o livro da vida dela.

Sofia – Um dia eu tenho vontade, porque durante o dia várias histórias passam pela minha cabeça e eu poderia escrever todas elas. Claro que agora, aprendendo nas aulas de português, nas redações, que toda história tem que ter início, meio e fim, isso me ajudou bastante. Mas eu acho muito criativo quem faz poesia, quem faz livros. É um trabalho criativo que vai desenvolvendo mais isso tudo na sua vida. Tem uma igreja que está fazendo o projeto do livro com nós, Rute. É uma igreja que está fazendo o projeto do livro com nós. Ela pergunta coisas da nossa vida e a gente pode fazer. Estamos fazendo a capa. Tá sendo muito interessante escrever sobre a gente, sobre as pessoas que fazem parte da vida da gente. A igreja Betesda ou é, na verdade, a Igreja Católica, eles estão pedindo para gente falar sobre a nossa vida, sobre os personagens. Primeiro, a gente está desenvolvendo os personagens, todos os personagens que fazem parte da nossa vida, em cada momento, e aí, depois, nós vamos começar a fazer, em que os personagens falam uns com os outros e está sendo muito divertido fazer essa atividade. É de domingo.

A aluna Rute pediu para ler um outro poema dela:

Rute – Na minha sala, eu vejo o ensinamento no refeitório, eu vejo os alimentos na sala de lazer, eu vejo muitas meninas com a tristeza no olhar, mesmo que algumas fiquem demonstrando alegria. Aqui eu vejo a vida que eu perdi, entregando de mão beijada, fazendo o que é errado, na hora errada, com a pessoa errada. Enfim, eu estava querendo levar uma vida desastrada. Estou pagando por isso, pois o tempo aqui não passa, nem sorrindo. Às vezes, me meto em não sei o quê, mas agora eu penso diferente. Se o tempo já não passa sorrindo, imagina com todas as besteiras do caminho. Agora eu sei que o cego, surdo e mudo tem suas qualidades pois, se eu não ouço, é porque não era importante assim, se eu não vejo, é porque aquela cena não era para mim e, se eu não falo, é porque o que eu iria falar não era adequado com o que eu vivi. Se nossas lágrimas são salgadas, vamos tomar atitudes para evitar derramá-las aqui nesse mundo roxo e cinza. A única coisa que peço é para Deus cuidar da minha mãezinha.

Lygia – Eu tô lendo um livro que chama *Sobrevivi*, e fala de história das pessoas que já foram presas que mudaram de vida, caras que já passaram por muitas coisas e que depois mudaram de vida e falam muitas coisas de morte...

Houve uma rápida interrupção. A diretora Elizabeth estava acompanhando um grupo de visitantes, mostrando os espaços e apresentando os projetos realizados ali na unidade. Ela me apresentou como pesquisadora e disse que houve uma grande mobilização, graças à notícia da minha chegada, e que as meninas estavam bem animadas para conversar comigo. Conversamos rapidamente com os visitantes, que provavelmente eram advogados e me perguntaram sobre a minha pesquisa e pediram que depois se eu pudesse fazer uma devolutiva. Eles gostariam de saber os resultados da pesquisa como estavam de passagem retomamos as nossas discussões com a aluna Lygia, que disse:

Lygia – Eu gostei muito do livro, me ajudou bastante. Eu não gosto de ler, mas estou começando a gostar, porque eu nunca gostei de ler livro, e através desses livros daqui da biblioteca, eu tô gostando. Eu escolhi na sexta-feira e tô gostando. No começo, eu não escolhia na sexta-feira, porque eu não gostava, mas eu fui me adaptando. A professora foi indicando um livro e outro e as próprias colegas, todas elas têm um livro na mão.

Pesquisadora – Vocês acham que é possível levar esse hábito de leitura para fora da unidade?

Todas as meninas responderam positivamente e em coro: “sim”.

Pesquisadora – Quando vocês saírem daqui de que modo vão encontrar os livros para ler, porque muitos livros são caros. Então como encontrar livros para ler fora daqui?

Sofia – A gente pode pegar emprestado na Fábrica de Cultura. Eu moro bem perto da Fábrica de Cultura e lá tem uma biblioteca.

Rute – A biblioteca lá na minha escola tem uma sala de leitura bem grande, cheia de livros. Eu vou contar a história da minha irmã que, antes de eu vir para cá, ela veio. Ela ficou internada mais de um ano e ela voltou totalmente mudada. Então, a funcionária fez um cartãozinho para ela e ela pode ir pegar livro em várias bibliotecas e ela continua lendo até hoje. Ela saiu daqui muito mudada. As pessoas que conhecia ela antes dizia: “você não é a menina de antes, você mudou muito”. Eu vejo muita diferença nela e ela nunca gostou de ler livro antes daqui da Fundação e ela continuou lendo em casa. Tinha muitos livros que ela pegava e lia e depois que o cartão venceu ela continuou fazendo isso, renovando.

Georgiana – Eu estou aqui há 19 anos trabalhando, mas posso afirmar que a senhora Elizabeth, que é a diretora, é a pessoa que mais valoriza a leitura e o incentivo dessa leitura para as meninas, tanto que eu ajudo, indicando, perguntando, questionando as meninas: “o que vocês estão lendo?”. Sempre pergunto para elas e as meninas, às vezes, respondem que não estão lendo, que não gostam de ler e eu digo: “Ah, pega um livro fininho para começar”. E aí elas estão mais motivadas. Tem menina que gosta de apresentar para a diretora, no dia da avaliação, o que tá lendo, o que o livro ensinou para ela, e a Elizabeth fica muito feliz. Ela é uma multiplicadora, porque, a partir do momento que ela valoriza a leitura, mesmo sendo diretora... porque tem gente que fala assim “ai, eu sou diretora”, e deixa essa parte para as professoras ou para escola. Mas ela não. Ela motiva, inclusive a equipe, a ler mais. Eu percebo que, nestes 19 anos que eu estou aqui, a gente já teve vários diretores muito bons, mas o incentivo à leitura nos últimos anos tem sido cada vez maior por causa dela. A gente troca muito. Eu passo na sala dela. Sempre indico alguma coisa para ela ler, explico como é que estão as meninas... o que eu tô trabalhando de conteúdo. E você vê a iniciativa da diretora, pedindo para menina ler aqui para você. Isso mostra realmente um incentivo que mexe, inclusive, com a autoestima da menina e de todas as outras que se sentem capazes. E é lindo quando você é presenteada com um poema. Um dia, uma tia minha faleceu e uma menina ficou sabendo que eu estava muito triste e me fez um poema. Eu até me emocionei. Então, isso mostra que as meninas têm sensibilidade e que a gente toca de alguma maneira nessa sensibilidade delas. O que ela fez para acalantar a minha dor é muito importante. E até a sua visita é muito importante para a gente porque mostra que tem pessoas do lado de fora que estão olhando para nós aqui dentro. O que vocês acham, meninas?

Rute – Eu achei muito bom, porque a gente se sente gente.

Yana – Antes da gente vir para cá, a gente fica na provisória. E aí, toda sexta-feira a gente fazia uma roda de conversa e a educadora pegava um livro e a gente lia um pouco. Cada uma ia conversando sobre os assuntos do livro. Então, toda sexta-feira era isso. A professora insistia. Eu não gostava, mas ela dizia: “você vai entender se insistir um pouco mais. Vai dar certo”. Foi aí que eu fui começando a ler, porque eu lia muito ruim eu travava muito, eu parecia gaga, eu lia baixo, eu ficava com vergonha, achava que os outros estavam falando de mim. Hoje, não! Eu tenho uma certa confiança de que eu

vou conseguir terminar aquela linha na escola. Eu também não gostava de ler, tinha muito medo de zoeira.

Ao final, estávamos nos conduzindo para a sala dos professores e a professora me perguntou qual foi a minha motivação para falar sobre a leitura na Fundação CASA, ao que lhe respondi aquilo que está na justificativa do meu trabalho.

Pesquisadora – Tudo começou quando eu entrei em contato com um acadêmico chamado Marco Lucchesi, que hoje é o presidente da Academia Brasileira de Letras, que na ocasião era. E que hoje é o presidente da Fundação Biblioteca Nacional. E o relato dele me sensibilizou muito: de um detento pedindo livros. Foi aí que eu pensei em investigar um pouco sobre o impacto do livro, da biblioteca, nesses espaços fechados. Eu não ia para a área das prisões porque eu sou educadora. Muitos dos meus alunos já experimentaram uma experiência na Fundação CASA, experimentaram uma vivência na Fundação CASA. E, por conta disso, eu resolvi pesquisar o impacto do livro na Fundação CASA.

Ela ficou muito feliz e disse:

Georgiana – Olha, é verdade, muita gente não valoriza os livros fora daqui. Dizem que as bibliotecas vão terminar, que biblioteca física já era, mas a gente sabe que muita gente não tem condição de comprar livro e, como você falou para as meninas, a gente precisa manter continuar o hábito de leitura fora daqui, porque senão ele acaba. E por isso é importante manter as bibliotecas nas escolas nos bairros, nos bairros mais afastados. Veja, uma vez, jogaram uma caixa cheia de livros, no lixo lá do prédio onde eu moro. Eu peguei os livros, limpei e trouxe para cá, e aqui eles fazem o maior sucesso. A gente aceita muita doação de livros, porque as meninas têm gostos muito variados.

Eu falei um pouco mais sobre o Marco Lucchesi com a professora e vou lhe oferecer um livro dele. Acompanhei a professora até o setor administrativo e, quando ela me apresentou para os outros professores, uma grande surpresa maior: parte dos professores usa a própria biblioteca da Fundação para empréstimos de livros diversos. E, logo que eles terminam de ler alguns livros que ganham ou que compram, eles também levam os livros lá para compor o acervo para as meninas. Alguns eles indicam, outros eles deixam que elas mesmas descubram.

Professora de química – Tem menina ali que nunca leu mas aí a gente vai insistindo daqui insistindo dali, pega um livrinho fino daqui a pouco ela tá com um livro grosso e ela vai aprendendo gostando daquilo e é assim que a gente vai conquistando elas. Algumas meninas pegam o livro e se arrependem e devolvem, mas precisa avisar para elas que atrás do livro tem a sinopse, o resumo do livro, para que elas não fiquem pegando e desistindo, pegando e desistindo.

Outra professora – Mas isso faz parte da relação delas com o livro. Elas precisam pegar o livro, sentir, cheirar e depois desistir, se elas quiserem.

Acompanhei o segundo horário da professora Georgiana. Entramos numa outra sala de ensino fundamental dos anos iniciais agora, e novamente me apresentei para a turma e expliquei os motivos de estar ali. E a professora seguiu a mesma dinâmica da primeira vez, propondo às meninas fazermos uma roda de conversa. As meninas tinham muitas perguntas sobre o que é um doutorado, para que serve, quem pode ser doutor. Achavam que apenas os médicos eram doutores, essas coisas. E foi muito bom conversar com elas sobre a carreira acadêmica. Foi muito bom que elas entendessem um pouquinho sobre isso e até apontaram que algumas das colegas, principalmente do Espaço 1, que são as meninas mais velhas, já estavam fazendo faculdade e que poderia seguir por essa linha até se tornarem também doutoras como eu, doutoranda.

Nesta, as meninas estavam mais empolgadas para perguntar e curiosas, tanto sobre a carreira acadêmica quanto também sobre a minha pesquisa na área masculina. Muitas delas comentaram que queriam saber se os meninos liam ou não, como era a vida deles lá. Uma menina comentou o seguinte:

Adolescente 1 – Eu tive alguns irmãos, eu tenho vários irmãos, e alguns irmãos foram levados para a Fundação CASA masculina e eu pude ir lá visitar. Eu vi que os agentes lá são muito mais rígidos com eles do que aqui com a gente. Eles pegam muito mais no pé dos meninos nessa coisa de organização, de obedecer, do que com as meninas. Não que aqui não seja assim. Aqui também é organizado. Mas a gente não precisa ficar tão rígida, parecendo que tá presa. Mas a gente tá presa.

Pesquisadora – Lá no outro espaço nós tivemos as meninas que falaram que enquanto estavam fora da Fundação CASA não se interessavam muito por livros mas aqui acabaram se interessando. Isso aconteceu com alguma de vocês?

A mesma menina que comentou anteriormente foi a que iniciou a fala.

Adolescente 1 – Eu, quando entrei aqui já gostava de ler, mas não era tanto assim hoje eu gosto mais que tem uma pá de livros que eu não conhecia e que hoje eu conheço e tenho vontade de ler.

Outra jovem disse que antes ela lia pouco e que agora ela está lendo mais.

Adolescente 2 – Eu não lia e nem gostava de ler e hoje eu leio bem mais por mês. Eu chego a ler 2 a 3 livros. Eu gosto bastante de ler.

Pesquisadora – Qual é o espaço, onde vocês leem?

Adolescente 2 – Então nós pega o livro na sexta-feira. Toda sexta-feira nós tem troca de livros. Daí tem alguns que nós deixa no quarto pra nós ler durante a semana antes deles apagar a luz. E tem também uma oficina, que o senhor Ed, que dá, que é de leitura. Daí ele leva nós para o laboratório ou para a biblioteca e nós fica sentado no Tatame lendo o livro.

Pesquisadora – E como é esse momento que vocês passam na biblioteca?

Adolescente 2 – Daí, sossegado. Gosto muito e me interessa muito.

Adolescente 3 – Quando eu cheguei aqui, eu não me interessava por livro e até hoje eu leio um livro, mas eu leio, mas eu não entendo. Eu tô lendo o livro mas tô pensando em outra coisa. Não consigo me concentrar, não consigo entrar no livro e não consigo entender o que tá passando ali. Eu tô lendo tem até a figura dele, quando tem a figura era mais fácil.

Pesquisadora – Você já leu quadrinhos?

Leila – Olha, nunca li, não. O que é quadrinhos?

Adolescente 1 – É aquele que nem da Turma da Mônica. Eu comecei a ler nesses gibis da Turma da Mônica. Foi assim que eu aprendi a ler e fiquei interessada em ler outras coisas

Pesquisadora – Eu vi que ali na biblioteca tem um setor só de histórias em quadrinhos.

Adolescente 4 – Aqui dentro, um dia, peguei um livro grande para ler e comecei a ler. Eu não entendi nada. Daí eu fui lá e escolhi outro maior ainda, e tentei de novo, só que aquele outro era mais legal de ler e eu descobri que não interessava o tamanho do livro. O que interessava era o assunto.

Verônica – Teve um livro que eu peguei e eu não gostei. Achei muito chato de ler, mas eu tô lendo ele até hoje, porque eu não gosto de começar uma coisa e não terminar. Parece que essa coisa me venceu.

Pesquisadora – Entendi, é um desafio para você. Mas vocês acham que todo livro que a gente começa a gente tem que terminar?

Georgiana – Às vezes você só é imatura para o que aquele livro está tratando, porque, conforme a idade vai passando, a gente vai pensando em coisas diferentes e pode ser que hoje eu não goste de um assunto que amanhã eu gosto.

Beatriz – Isso aconteceu comigo porque era um livro que eu não gostava, mas depois, quando eu cheguei aqui, eu fui ler de novo e eu acabei gostando. Ele tinha palavras difíceis que quando eu tava na escola não entendia, mas que agora, aqui, com a ajuda da professora e do dicionário, eu descobri tudo.

Leila – Eu acho que para você não errar tanto assim é só você ler aquela parte que fica atrás, para ver se você gosta mesmo ou não.

Beatriz – Aquela parte que se chama sinopse e é bom você ler antes para saber do que se trata. Mas se você só quer ir na emoção de ver a capa e ler o livro, é problema seu. Você pode fazer o que você quiser e, se não gostar também, é o seu tempo que você tá gastando, não é uma coisa melhor.

Adolescente 1 – Tem muitas vantagens de ler um livro, mesmo aquele que você não gosta, porque nós lê um livro e nós entende pontuação nós entende o acento nós sabe o significado das palavras difíceis e é um jeito melhor para a gente entender as palavras. Tem várias coisas que um livro ajuda a gente: ajuda na escrita e na leitura.

Adolescente 2 – A gente vai aprendendo as palavras novas e aos poucos a gente vai ficando mais interessado até na escola para descobrir de que país é aquele livro, que cultura é aquela, quem foi aquele cara que falou...

Beatriz – Eu já fui enganada por um livro, porque tinha a maior capa de romance e no final era uma coisa de polícia e de violência.

Pesquisadora – É possível a gente ter emoções lendo livro?

Verônica – É, sim. Eu mesma li lá fora aquele livro *Os 13 porquês*, e aqui dentro eu assisti, não é filme, é uma série. E aí eu vi que era muito interessante, mas era um pouco também assustador. Ela contava a história dos motivos dela se suicidar. Ela falou isso para os amigos dela e eu fiquei pensando se eu dava razão para ela ou não. Mas era um filme muito bom e um livro muito bom também.

Adolescente 2 – Eu li um livro que era só para ser de romance mas que era a história de uma menina que tinha câncer e que o namorado dela também tinha câncer e ele morreu e ela colocou a culpa nas estrelas.

Verônica – *A Culpa é das Estrelas*.

Beatriz – Isso mesmo. Então, eu achei que era um livro fofinho, um livro que ia ter um final bem alegre, que todo mundo ia sair curado, mas eu até chorei quando o parceiro da menina morreu.

Adolescente 1 – Mas a história da vida da menina mesmo e a lição que ela quer dar é que a gente tem que viver a vida que temos, aproveitar a vida mesmo tendo dificuldades.

Aysha – Eu mesma, quando pego um livro, fico tão ansiosa que eu gosto mesmo é de abrir nas últimas páginas e ler o fim. Então, eu leio o fim primeiro, porque, se eu perceber que alguém morreu ou que ficou muito ruim o final, eu nem leio, porque parece que é perda de tempo, quando a gente lê o fim do livro e uma pessoa que a gente gostava muito morre, é uma covardia [risos gerais]. Às vezes eu acho que fica um pouco sem graça, às vezes eu tenho vontade até de abandonar.

Adolescente 1 – Acho que é preguiça de ler.

Aysha – Não é nada. Quando eu vejo que o livro é muito interessante, eu quero ler o fim para saber se vale a pena, mas agora, quando é um livro importante, que é obrigatório, eu deixo o livro livre para eu ler primeiro, depois eu vejo o fim.

Pesquisadora – O livro pode ajudar com as nossas palavras também, pode ajudar também para a gente ter mais paciência.

Adolescente 2 – Que nem a professora escreveu na lousa: o que um livro te ajuda na medida? Ajuda a gente a se concentrar. Ficar lendo o livro, ficar focando nele, não ficar pensando em coisas erradas. Focar no livro, pensar no livro. É como se você estivesse lá no livro, no meio da história mesmo.

Adolescente 1 – Um livro também pode despertar revolta, porque eu li o primeiro livro de uma série, li o segundo, mas, quando fui procurar o terceiro, não tinha. Isso me deixou revoltada.

Pesquisadora – Que livro que era?

Adolescente 1 – *Os delírios de consumo de Becky Bloom* e *O chá-de-bebê de Becky Bloom*. Igual *Crepúsculo*, que tem uns três, quatro livros, mas não tem todos.

Pesquisadora – É possível conservar esse hábito de leitura mesmo depois de sair daqui?

Verônica – Sim, com certeza. Todas as escolas, praticamente, têm biblioteca. A gente pode ficar lá lendo.

Beatriz – Perto da minha casa tem uma biblioteca que você vai lá faz o seu cartãozinho e pode pegar os livros para emprestar e depois devolver.

Aysha – Lá no lugar onde que eu moro tem um tipo de pracinha e lá tem uma geladeira, sim, que, quando a gente abre, está cheia de livro. Aí na pracinha tem também uma biblioteca, eu acho. É um espaço lá que tem livro e eu já fui lá uma vez e lá eles dão curso de um monte de coisa. Aí eu ia lá direto. Eu ia lá para ler e também para comer.

Adolescente 1 – Lá na minha cidade tem uma biblioteca, mas só que eu não gosto de ler. Eu tenho vontade, mas eu não consigo me concentrar para ler.

Leila – É isso que acontece comigo. Assim, eu tô lendo um livro e daqui a pouco começo a me desconcentrar das coisas.

Professora – Será que é porque você não procurou um título assim que não fizesse você se interessar mesmo. Fala aquela frase que você falou na outra sala. Eu adorei [risos].

Pesquisadora – Talvez você ainda não tenha encontrado o livro da sua vida.

Professora Georgiana – Sabe por que, gente, eu gostei disso que ela falou? Porque às vezes a gente fica dizendo aí “eu preciso encontrar o homem da minha vida”, mas não, às vezes não é isso, é o livro da nossa vida... Vai procurando.

Verônica – Eu já encontrei o livro da minha vida. *Partiu Vida Nova* é o livro que fala de uma menina que tava no casamento dela e o marido dela, o noivo, fugiu, sumiu no altar, deixou ela no altar. Ela tava sofrendo com depressão. Ela arrumou um trabalho, porque ela queria sair da casa dos pais dela. Daí, no final, ela sai, ela conseguiu a filha dela e ela mudou, sem precisar de um homem para a vida dela ser completa.

Pesquisadora – E é isso mesmo. A gente precisa se amar. A gente precisa entender que não dá para ter uma outra pessoa e colocar a nossa expectativa na outra pessoa. Nós somos a pessoa mais importante da nossa vida, por isso a gente tem que se valorizar. Tem que se cuidar, tem que valorizar sua vida, tem que valorizar sua história. A nossa vida é cheia de coisas boas e de coisas ruins e a gente precisa aprender a viver. A gente tem que se aceitar. Às vezes, essa barriguinha que você tá vendo, meu cabelo, meu sorriso... Eu sou essa pessoa, e cada uma de nós é assim mesmo, temos um sorriso...

Adolescente 4 – Temos a tristeza, a saudade...

Adolescente 5 – A angústia...

Verônica – São vários sentimentos, não é, professora? Cada um é que vai fazer o seu livro. As nossas histórias são únicas.

Beatriz – Uma coisa boa do livro é que ele te faz companhia e você nunca está sozinha.

Adolescente 4 – É que nem a Bíblia. Toda manhã eu leio.

Aysha – Eu leio também e faço oração.

Verônica – Nós lê junto com a Beatriz e a gente reza por todas as meninas daqui também, para Deus abençoar cada uma.

Beatriz – Tem vezes que eu leio quando eu tô bem ansiosa mesmo e eu fico ali no meu cantinho e aquilo vai me acalmando.

Adolescente 1 – E eu que sou estourada, de pavio curto, às vezes, para não falar com ninguém, para quando me dá uma louca, porque eu sou ignorante, é melhor sentar e ficar lendo do que maltratar as pessoas. Do nada, de repente, eu fico com raiva. Eu tenho muita revolta, um pouco...

Professora – [dirigindo-se à Olívia] E você, não tem nada a falar dos livros? Essa é a nossa mascote. Ela tem 12 aninhos.

Olívia – Eu li *Depois dos quinze*.

Adolescente 1 – Ah, eu li. Tem várias frases legais. Eu gostei muito.

Beatriz – Ela devia ler o *Antes dos quinze*. [todas riram].

No final, estávamos discutindo como iniciar uma pessoa na leitura e a professora disse:

Professora – Eu sei que tem um livrinho que tem de várias cores. Tem vermelho, tem rosa e é um diário. É o *Diário de...*

Olívia – *Diário de um Banana*.

Professora – Tem de várias cores, porque são vários temas.

Adolescente 1 – É, tem o *Dias de cão*. Tem *Hora de brilhar*, essas coisas. E tem também o *Diário da menina*, de uma menina nada popular. São livros que a gente pode começar a ler.

Adolescente 2 – É verdade. Eu mesma comecei a ler vários desses pequeninhos com histórias bobinhas.

Professora – Pois é, e tem gente que critica porque acha que não tem que perder tempo lendo essas coisas. Acho que nenhuma leitura é desprezível e a gente pode aprender muito com cada coisa que a gente lê e, conforme o leitor vai adquirindo mais maturidade, passa a ler coisas mais sérias.

Adolescente 3 – É como os gibis que eu vou procurar. Eu sou grande, mas tenho que ler livros de gente pequena para eu entender como é que lê e como é que a gente pode entender o que tá lendo.

Professora – As meninas aqui são muito inteligentes. Elas conseguem compreender muitas coisas, mesmo as do ensino

fundamental. Eu trabalho muito com elas a linguagem implícita e explícita. Tem umas que percebem rápido os exemplos que eu dou, outras demoram um pouco, mas todas elas chegam lá eu vou fazendo pequenas provocações e tem meninas que entendem muito rápido.

Beatriz começou a rir de repente e ao ser questionada respondeu:

Beatriz – É porque eu estava lembrando do Diário de uma garota nada popular. Tem umas atitudes que a menina toma para ser popular, mas ela nunca consegue chegar no objetivo dela. Ela fica querendo imitar e fica sendo ridícula. É sempre uma situação muito engraçada com as maquiagens e tal e essa vontade de ser popular acaba deixando ela cada vez mais ridícula.

Aysha – E as meninas que acha que é popular é tudo grossa com as outras, humilha, fala palavrão, uma pá de coisa.

Adolescente 1 – Nas avaliações da senhora Elizabeth, ela falou uma frase que foi muito boa: “entre escolher estar certo e ser gentil escolha ser gentil”. É do *Extraordinário*, aquele livro do menino que, tem até o filme, do capacete.

Pesquisadora – Agora me responda uma coisa: qual é a relação de vocês com a poesia?

Todas – Ah, é muito boa é a mais legal.

Aysha – Nós gosta muito aqui de poesia.

E ela ali faz muitos poemas. Todas as meninas começaram a falar da adolescente número 1.

Adolescente 1 – Eu fiz um poema no ano passado. Chama *Da minha janela*. A minha mãe gostou tanto que ela pegou a folha e levou embora. Dobrou e deu lá para o meu irmão, que era para o meu irmão um grande aprendizado, e ele também estava na Fundação CASA.

Professora – Esse poema eu trabalhei com ela, sim, porque eu estava fazendo um curso de poesia terapêutica e eu trabalho com elas. Essa visão diferenciada... Então, a provocação era “da minha janela”, e depois eu desafiei a refletir sobre o que elas viam da janela delas. Então, foi uma atividade que fluiu muito.

Adolescente 1 – Eu tenho aqui, posso ler?

Pesquisadora – Claro.

Adolescente 1 –

Da minha janela.
Sabe aquele seu irmão,
aquele sonho de infância que não terminei,
que não tive oportunidade de terminar,
quando acordei,
já era tarde demais para recomeçar.
Logo depois que sonhei,
tive um pesadelo e estou vivendo ele.
Estou vivendo ele neste exato momento.
Quero acordar e dormir de novo.

Queria voltar a minha infância
e mudar o meu futuro,
o meu passado e o meu presente. Ah, sonho bom.

Anelise – Vou pedir para ela ler para mim a minha poesia.

Aysha –

Sonho em fazer minha família feliz.
Sonho em ter minha casa.
Sonho em dar orgulho para minha coroa.
Sonho em sair daqui.
Sonho em ter minhas coisas.
Sonho viajar.
Sonho em fazer uma faculdade.
Sonho em ter tudo e dar tudo para minha mãe.

Leila iniciou a leitura do seu poema, mas logo passou para a Aysha, porque não conseguiu ler: Sonho com a minha...

Professora – Eu sempre trago modelos e elas precisam fazer uma poesia. Às vezes, a pessoa não tem um parâmetro, uma inspiração, e eu proponho essas coisas também. O poema do Dia da mulher foi escrito pela menina um.

A Beatriz, que estava muito envergonhada, resolveu falar depois e o poema dela foi: Sonho.

Beatriz – Sonho em dar uma casa para minha família. Sonho em ter a minha liberdade. Sonho ser veterinária. Sonho me mudar. Sonho construir uma família. Meus sonhos são esses.

Georgiana – Eu trouxe um poema sobre sonhos e depois pedi para que elas fizessem aí as suas produções e elas foram desenvolvendo. Eu vou dar o meu depoimento porque eu me sinto honrada pelo fato de as meninas se encantarem pelo poema, porque elas trabalham com a sua sensibilidade e isso muda as atitudes, a maneira como elas vão vendo a vida, e para mim isso é uma grande vitória, trabalhar com essas sensibilidades das meninas, elas saindo daqui poetisas. Eu fico muito feliz porque já tive muitas meninas que entraram, não gostaram, mas saíram e ainda tiveram uma sementinha.

Adolescente 1 – Eu nunca tinha me interessado por poemas, mas quando eu cheguei aqui e vi na biblioteca aqueles livros... Depois que a professora falou com a gente, eu percebi que os poemas, a gente tem que ler com o coração, mas também com uma visão dupla, porque às vezes uma palavra não é o que ela é, mas ela representa outra coisa, porque nós pode se sentir sozinha aqui mas, se a gente tem uma caneta e um papel, a gente se expressa. E se a gente tem um livro na mão, numa noite assim, a gente se inspira.

Professora – Eu me sinto muito bem ouvindo esses depoimentos porque, para mim, é sinal de que o meu trabalho está rendendo bons frutos. No final do ano, quando eu fui homenageada, as meninas falaram dos poemas e dos livros que eu indiquei e o quanto eles

ajudaram a superar as dificuldades aqui dentro, e eu me senti realmente muito emocionada por saber que o meu trabalho não é em vão.

Maiara – Eu gostei muito de você, gostei muito que você veio aqui.

Pesquisadora – Quero agradecer a sua atenção, a sua disposição de responder às minhas perguntas, e eu quero dizer que aprendi muito com vocês aqui, hoje. Muito obrigada!

Maiara – Espero que você venha mais vezes.

Transcrição do grupo focal – Espaço 2 (30/03/2023)

Recebida pela coordenadora Jane, em 30 de março de 2023, às 9h30 da manhã, fui conduzida ao Espaço 2, das meninas mais novas, a quem já encontrei separadas na biblioteca deste espaço. O critério de seleção das meninas não foi revelado, mas, ao que parece, a professora Georgiana havia deixado anotado quais garotas deveriam participar, já que o seu período de trabalho é o vespertino.

A coordenadora me apresentou às meninas, para as quais eu já havia sido apresentada e outras a quem ainda não conhecia. As meninas foram muito receptivas comigo, guardando os jogos que estavam usando enquanto me aguardavam e convidando-me a sentar ao lado delas no tatame colorido, onde me acomodei e onde elas se organizaram ao meu redor, formando um círculo.

Enquanto nos organizávamos, a coordenadora me passou aos cuidados da Lessa, uma agente educacional, e ao agente de segurança, que permaneceram conosco durante todo o tempo do grupo focal. Passei a explicar a natureza da minha pesquisa e os objetivos da atividade do dia. Deixei um espaço para perguntas diversas.

Verônica – O que te levou a ser pesquisadora?

Respondi que sempre gostei de estudar e apresentei minhas necessidades como professora e como professora universitária, na formação de novos professores para as redes públicas e particulares da cidade.

Beatriz – Mas assim, é... foi proposto para senhora pesquisar dentro da Fundação CASA ou foi por interesse?

Expliquei que as temáticas das pesquisas, assim como os locais em que estas pesquisas são realizadas, são uma escolha da pesquisadora.

Beatriz – Bom, eu vou passar uma impressão boa daqui, porque a gente aprende bastante, a gente aprende a se educar também... então, muitos que tão lá fora, assim, vão dizer que aqui é o pior, aqui não... aqui, a gente consegue lidar com a gente mesma, a gente põe na nossa cabeça que a gente tem, sim...

Leila – Uma capacidade...

Beatriz – Sim, uma outra oportunidade e a gente pode evoluir para isso. Aqui a gente tem seis horas e meia de escola. Então, é tipo particular... é tão particular que a gente aprende mais aqui dentro do que lá fora. E eu acato essa oportunidade, porque eu quero a minha melhora, eu quero a minha evolução...

Rute – E, assim, é... lá eles sempre posta o lado ruim, “o adolescente fez isso, fez aquilo”... e a partir do momento que entra do portão para dentro, eles não mostra o que tem aqui dentro, eles não mostra o que a gente fez... mas é como o que ela falou, é como aquelas escola integral, que a pessoa passa dia e noite.

Leila – Internato...

Rute – Isso! E aqui é 24 horas por 46 e você sempre aprendendo... A gente aprende com nossos erros, porque se a gente faz alguma coisa errada, a gente tem as nossas consequências. Então, a gente aprende muito aqui dentro... A gente tem que saber que a gente tem uma meta e a gente tem que saber seguir ordem e é que nem ela falou: uma oportunidade, e saber que a gente pode se tornar uma pessoa diferente e, lá na frente, poder mostrar pras pessoas..

Beatriz – Bom, aqui acho que todas têm esse defeito... é... a parte da união, aqui muitas meninas uma julgam a outra, aqui, a maioria do tempo é briga. Assim, é porque uma falou da outra, da característica da outra, da cultura...

Verônica – ... do corpo.

Beatriz – Então, cada uma, assim, tem um jeito que viveu lá fora. Então, a gente passa a maioria do tempo num atrito. Vamo dizer isso... mas sobre a educação, a saúde...

Leila – Mas a gente aprende a respeitar uma a outra, aqui...

Beatriz – Mas a parte do atrito é a mais prejudicial. A gente se xinga verbalmente, se agride. Isso acaba tornando o ambiente meio chato, entendeu? Mas, fora isso, a maioria das vezes a gente vive bem...

Rute – Sem contar também que, com esses atritos, verbalmente, fisicamente, a gente também aprende. Não tem como falar que é só coisa ruim. É coisa ruim, sim, mas aprendemos, porque, geralmente, vamo supor, eu e ela briga... Eles coloca eu e ela para fazer um trabalho junto, para saber se respeitar, entendeu. Então, é muito interessante, se a gente rever nossos atos, saber se respeitar... eu não preciso gostar dela e ela não precisa gostar de mim, mas a gente precisa saber conviver. Por isso que eu acho que a educação aqui dentro é em vários meios, tanto no bom quanto no ruim...

Beatriz – Eu creio que esse negócio de não gostar do próximo é em vários meios e numa profissão também... Esses dias eu tava conversando com uma coordenadora e ela me disse que nem sempre vão gostar de mim. E é fato... assim, eu procuro primeiro conversar

com a pessoa, porque às vezes uma pessoa me passa a impressão de outra pessoa, mas por que eu devo escutar ela, se ela tem atrito com a próxima e eu não tenho? A onda da pessoa faz a gente entrar na onda também. Assim, para mim não poder gostar da pessoa, tem que ter algo com ela, não assim, ah ela falou e eu vou no embalo dela e também não vou gostar. Se for assim eu não vou ter amiga nunca, entendeu, nunca vou ter uma coletividade, não vou saber o que a outra tem de bom, para me oferecer. Entendeu?

Rute – E como ela falou nessa parte de ir na onda das menina, acontece quando chega uma menina nova, aí tem essa questão de a gente não acolher ela... isso é um ponto que a senhora Elizabeth cobra muito, de quando alguém chegar, a gente acolher, que a pessoa já não tá numa situação boa... é um peso, sabe. Eu já passei por isso e é ruim.

Beatriz – Geralmente quando chega novata, assim, a gente mais que vira a cara, porque ela pode ser folgada e passa a impressão de folgada. Aí, depois de um tempo, aí todo mundo que falava dela, tá com ela... é dar uma chance...

Sula – Aqui tem coisas boas, sim... Tem o atrito, mas tem uma coletividade. Por exemplo, se tem um projeto, uma formatura, nós se junta para fazer, para coisa ficar bonita... A gente tem uma certa união de fazer trabalho juntas e une, faz.

Rute – Na hora de ler livro, a gente acaba indicando pras outra. Aí a gente tem a nossa união... porque tem a avaliação e daí a gente se ajuda, vai lá, pega livro na biblioteca...

Beatriz – [risos] Agora que eu percebi que a gente saiu um pouco do assunto, mas é porque a gente acabou desabafando. Mas voltando na parte da leitura, eu quero falar um pouco da escola, porque aqui a gente estuda bastante... A maioria das meninas daqui de dentro nunca fizeram trabalho, ou não se apresentaram, ou algo do tipo...

Sula – Nervoso...

Beatriz – E, pelo lado bom, acho que as meninas se apresentam super bem... é... aqui a gente tem os bimestre, primeiro até o quarto. Então, a cada bimestre, a gente apresenta um pouco do que a gente aprendeu e hoje a gente vai apresentar...

Aysha – Sim, sobre o racismo.

Beatriz – Sim, sobre isso, que muitas pessoas não abordam, principalmente na escola. E a gente quis abordar, porque, por mais que a gente não seja... eu sou parda, me considero como parda, então, assim, o racismo não é só com preto, mas é uma minoria, vamo lá... mas a gente estuda bem, a gente tem os momentos de lazer, igual a senhora chegou aqui, mas mesmo assim a gente tá lotada com a cabeça, de tanta atividade, de tanta leitura... que a gente leva pro quarto uns dois ou três livros de várias páginas para gente ler durante a semana, que a gente consegue distrair um pouco...

Maiara – Eu falo por mim. Eu, lá no mundão, eu num estudava... mas quando eu cheguei aqui eu conheci a Prô Georgiana [risos]. Ela me apresentou o poema e depois desse dia eu nunca mais parei de fazer poema. E eu gosto de pegar bastante livro, para ler, sabe. Daí eu fico me inspirando no que acontece nos livro e faço poesia. Mas eu acho

bastante essencial o trabalho que eles faz aqui, como o da pedagogia, como o da escola...

Anelise – Nosso quarto, tem tipo uma caixa que fica ali com livro, e daí cada uma tem o seu livro... Daí, às vezes, a gente acorda assim, e as menina tá conversando: “Nossa, você não sabe o que aconteceu!” E começa a conversar. Daí eu fico pensando e depois a gente dá risada... “que será que ela tá falando?”. Daí, “ah, ela tá falando do livros!” [risos] Nossa, e daí é muito legal, assim...

Rute – É isso... e, querendo ou não, é uma coisa interessante ter a área para gente ler, porque, se parar para ver, a gente não lia fora. A gente pensava em ler pelo celular e tal...

Menina voz fina – Nem pensava em ler, para ser sincera...

Rute – Eu lia!

Pesquisadora – Quem lia antes de vir para a Fundação?

Apenas duas meninas levantaram a mão e uma delas disse:

Verônica – Eu lia fofoca [risos] sabe, daquelas revista?

Sula – Ah, na biblioteca lá da escola eu lia direto.

Rute – Querendo ou não é assim, tem umas 36 meninas da CASA, umas 15 ou 10 lia no mundo... então uma coisa interessante que a gente entre aqui, aí vem, na sexta-feira, as funcionária, o pessoal da pedagogia vem e chama: Ah, vamo trocar livro, vamo renovar e às vezes as menina fica assim dentro da sala: “Aí, gente, o que vai acontecer na história?”... Enquanto que, lá fora, a gente usava o celular, tipo só para ficar lendo fofoca. Não parava para ler um livro... eu tiro por mim...

Beatriz – Eu tenho uma amiga, que... ela fala que lê o livro, mas ela não entende... Daí eu falo para ela: “vamo lá, prestar atenção na aula de português também”. Acho que interpretação mexe muito com a gente. Muitas não sabe interpretar o texto, muitas erram por causa disso... por isso... tem um texto ali, vamo interpretar, vamo ler de novo e eu falo para ela: “Oh, o livro tá aqui, praticamente você tem tanto tempo que você quiser para você devolver ele... abre, lê a primeira página, não entendeu, volta nela de novo”... Ela fala que tem amnésia. Eu falo: “é muito difícil a gente ter amnésia, porque tá ali na nossa frente” [risos]. Então, ela agora tá se interessando... Mas eu falei: “para você que não entende a interpretação, primeiro, pega um gibi, ou algo que... você nunca leu, então vamo começar por baixo, um gibi, algo mais fácil, para você se interessar e ir puxando os livro”.

Rute – Eu falei isso outra vez, para menina da nossa sala. Lembra? Que quando a gente não gosta de ler, porque eu aprendi a ler assim... e daí, quando eu aprendi a ler, todo lugar que a minha mãe passava de carro comigo, eu ficava lendo as placa. [risos]. Aí, depois, minha mãe foi comprando livro grosso. Só que eu não gostava de ler livro grosso. Aí eu pedia para ela comprar gibi da Mônica. Aí ela comprava e foi na onde eu fui me acostumando a ler e aí chegou aqui dentro, uma biblioteca enorme, com várias variedades para gente escolher e aí...

Sula – Eu comecei lendo *O diário de um Banana*, quando eu tava presa na provisória... [risos].

Maiara – Mas eu fui para pegar para ler mais livro assim para me acostumar, quando eu tava na tranca, porque eu peguei livro e comecei lendo mais...[risos]. Eu devorei dois livro em dois dias..

Rute – E é assim, quando a gente tá sozinha assim lendo, parece que a gente consegue entender mais... [várias meninas falando e se sobrepondo umas às outras]

Maiara – Olha aqui, é tão engraçado, que lá tem a lousa, assim, eu tava lendo *A morte de um mago*, e ficava olhando para lousa e imaginando tudo o que tava passando e eu, nossa... eu amei esse livro! Mas depois daí eu consigo pegar livro agora para ler, sentar e ler.

Sula – É quando a gente se concentra na história e de repente diz assim, “Meu, como pode?” E dá risada do nada! Sabe, por causa do livro...

Beatriz – Eu queria falar um livro que eu peguei, como que é o nome daquele presídio lá? Candi...candari...

Verônica – *Carandiru*... eu também li esse!

Beatriz – Isso mesmo... eu gosto de livro que me baseia no cotidiano. Apesar dele ser um livro antigo, ele fala muito sobre o que eles passaram lá dentro. Então, eu gosto de pegar um livro para mim poder refletir nele. Então, eu peguei o *Carandiru*, que por mais que tenha umas cenas obscenas, né, umas página de besteira, mas não é isso. Meu interesse é saber mesmo o que eles passaram lá dentro. Lá dentro, eles, muitos pegam doença pelo tal da BAK, que é a heroína, que eles pegam pelo coisa... aí tem uns que acaba abandonando a família. Quando sai, volta para mesma condição e a vida luxuosa leva eles a fazer coisas que eles nunca fizeram na vida, entendeu. A gente tá aqui pelo fato de que a gente cometeu um delito, mas a maioria sim, vamo dizer que sim, usa droga e, então, assim, no livro diz também que a droga leva a gente a fazer coisa que a gente nunca fez... A pergunta é: Quem que vai se matar? A droga faz a gente entrar num ponto de loucura que a gente não enxerga o que a gente faz... assim, totalmente cego... como numa briga. Eu não vejo nada quando eu tô brigando. Para mim, qualquer coisa que tiver na minha frente eu pego, entendeu? Então, o livro me inspira muito, pelo fato de eu procurar algo que me interessa sobre o cotidiano... É um livro velho, mas ainda tem muito hoje... eu procuro muito literatura. Filme, eu deixo um pouco para lá, porque eu gosto muito e sempre quero ver o final logo...

Pesquisadora – Vocês já procuraram um filme por causa de um livro?

Várias meninas – Sim!

Lavínia – aqui na biblioteca tem toda essa sessão [apontou para a estante preta, que é a parte dos filmes, da biblioteca]. Tem muitos livros que viraram filmes. Às vezes eu não pego o filme para não pegar *spoiler*... [risos e muitas meninas que concordam].

Menina aleatória – O livro tem muito mais detalhes, tem palavras diferentes.

Rute – No filme você vê as pessoas sentindo, mas no livro tem aquilo tudo detalhado...

Menina ao fundo – ... pela imaginação...

Rute – ... é você que acaba sentindo, entendeu?

Sula – É igual o livro *Morto até o anoitecer*, que é de uma série de terror... Tinha umas coisas que eu achei que não ia gostar, mas foi muito diferente! Tinha partes que eu sentia raiva, tinha partes que sentia medo... Tinha parte que eu sentia já...

Menina ao fundo – ... emoção...

Sula – É uma mistura, que você não vê no filme... tipo aquela menina que a gente diz: “sai daí, sai daí”, aquela impulsividade, que a gente não vê no livro, entendeu?

Beatriz – Eu falo, é muito difícil para mim pegar um livro de filme, mas, quando eu pego, eu sigo eles com um dicionário, porque é muitas palavras que eu não conheço. Eu procuro saber o que é também. Então, baseado no livro, eu tenho que se interessar mesmo... eu não se interessar pela capa e sim pela descrição que tem nela... Então, assim, quando eu começo ler um livro, para mim tudo é chato... eu tenho que ir lendo, lendo, para mim gostar... Então, um livro de filme, para mim, tem que ser com dicionário, e pode apostar que quase sempre eu leio em um só dia.

Rute – O mais interessante aqui é que a gente tem coisas novas e umas que é do nosso interesse todos os dias... que nem... os professores, muitos professores fica tentando colocar na nossa cabeça essa parte de leitura, cultura, essas coisas, para gente se interessar mais por isso, para gente mudar o nosso interior, do passado.

Pesquisadora – Quantos livros vocês acham que já leram desde que chegaram aqui?

Adolescente não identificada – Muitos, nossa! Perdi a conta.

Várias meninas [foram citando] – 3, 5, 10 livros e mais.

Pesquisadora – Tem algum tipo de registro do que vocês leram, na biblioteca?

Rute – Tem!

Beatriz – Tem um caderno que a gente pega toda sexta-feira. A gente atualiza toda semana, se a gente vai permanecer com aquele livro ou não... e pode renovar. A senhora Lessa anota lá no livro. Aí tem seu nome, a data, o nome do livro e a data da devolução.

Rute – Por esse caderninho, dá para saber quantos livros as meninas leu durante o tempo da medida.

Beatriz – Em dez mês que eu vou fazer, eu acho que eu tenho uns 25, por aí..

Pesquisadora – Qual é o gênero favorito?

Todas as meninas apontaram o primeiro gênero romance, como o favorito. Na sequência, vieram poesia, suspense e terror.

Beatriz – A gente veio descobrir esse lado aqui dentro. Lá fora, a gente não percebe nada disso... a gente não se conhece direito. Acho que aqui a gente se desenvolveu da melhor forma.

Anelise – O meu, tudo o que tem emoção, eu gosto.

Maiara – Eu sou muito preguiçosa para ler essas coisa, mas, quando eu cheguei aqui dentro, aí eu peguei um livro fininho, para começar, daí depois eu fui pegando outros livro e eu acho legal, sabe. Quando eu deito na cama, eu vou ler, aí eu entendo porque eu sou meio ruim para interpretar. Às vezes, tem umas palavra difícil, meio diferente mas aí a gente pega os dicionário para ajudar, daí eu fico até assim: “Nóss... não acredito que eu consegui ler esse livro!”.

Pesquisadora – Depois de terminar de ler um livro, que sentimento vocês têm?

Rute – Ah, é vontade de ler mais...

Lavínia – Tipo *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*, que eu fiquei muito brava porque não tinha o resto da série... [outras meninas concordaram].

Beatriz – Acho que um final diz tudo. É a emoção de chegar no final do livro, que às vezes é raiva, às vezes queria que continuasse...

Anelise – O que a gente sente, quando a gente consegue ler um livro assim... A gente vê que lá fora a gente achava que não era capaz, mas aqui a gente vê que a gente consegue... Eu acho que... Ah, eu fico muito feliz...

Rute – Às vezes, dá... ah vamo lá, o livro inteiro te deixa curiosa para saber o final e, no final [meninas opinando: não responde nada... outro livro... continuação], o final é nada a ver com livro, sabe.

Maiara – É que nem aquele livro que eu peguei... Nada é para sempre... Meu Deus, no começo tava às mil maravilha, mas, no final, oh... Deus me livre.

Rute – É que nem, eu tava lendo o *Para sempre* e o *Lua Nova*, e toda vez eu querendo mais, mas parou no *Lua Nova*, porque aqui não tem continuação. Daí eu fiquei: “Nossa, o que que vai acontecer?”, porque o próximo é *Terra das Sombras*... Daí, toda noite eu pego aquela parte que eu mais gostei e começo a ler, porque é muito interessante, dá vontade de você continuar, continuar... Aqui tem uns [coleções] que é completo aí dá para você entender a história inteira, entendeu?

Sula – Aqui tem muitos livros desse que têm continuação, que a gente só tem o primeiro livro e depois não tem continuação...

Beatriz – Ah, acho que é só pedir para Lessa ou alguém da pedagogia que pode ir no outro espaço e às vezes acha...

Rute – Tem que procurar e organizar melhor, às vezes, as próprias meninas mistura os livros...

Beatriz – Querendo ou não, eu não sei se a senhora Georgiana falou, mas eu tô, nossa, muito interessada em ver o livro do outro espaço [Espaço 2], porque a gente não pode se unir.

Vanessa – Nem elas leram ainda!

Beatriz – Eu quero ler ele, eu quero ver, porque uma pessoa... as meninas fizeram um livro, lá no outro espaço e, para mim, a gente acha que não tem capacidade, que vai chegar aqui e não fazer nada...

Vanessa – Pois é, as próprias meninas daqui não leram ainda. Eles estão com a senhora Elizabeth e outros lá na pedagogia.

Rute – Querendo ou não, isso é uma descoberta...

Maiara – ... é uma distração.

Rute – ... é tipo uma coisa que a gente pensa que... a gente pensa, não. Talvez possa ser isso. Às vezes possa... bater com a nossa história, o que elas vão tá falando, para se identificar, ver as mudanças...

Anelise – São as meninas que estão no mesmo local que a gente, entendeu. E quem imaginaria que tanto nós quanto elas poderiam fazer um livro um dia?

Beatriz – E qual que é o tema, o assunto, o que que elas abordam lá...

Sula – É, olha só, o livro que quase todas as meninas se identificou foi *A Luz do Presidiário*. Eu li umas quatro vezes...

Pesquisadora – Fala sobre o quê?

Várias meninas [falando juntas] – Ah, são várias histórias de gente que já passou pela cadeia...

Rute – ... pelo sistema mesmo...

Beatriz – ... que eram envolvidos com traficantes, mas...

Rute – Mas eles conheceram Deus.

Anelise – É do Edir Macedo.

Sofia – Mostra as perdas...

Beatriz – Nem todos, uns sim e outros não.

Sula – Por mais que seja um livrinho assim [junta dois dedos para dizer que é fininho] mostra a vida de umas quinze pessoas...

Lavínia – Verdade, e fala desde quando eles era pequeno. Eles conta o que revoltou eles ...

Beatriz – Como que eles foram entrar na vida do crime...

Maiara – É bom, sim... eu tô lendo um livro que é *Sobrevivi*. É do Edir Macedo também. Ele conta quando ele era adolescente, que ele tinha o irmão dele daí, daí eles fazia

Sofia – ... tráfico.

Maiara – ... traficava, fazia várias coisas errada, daí ele fala que ele perdeu vários amigo também.

Beatriz – No final, o irmão dele morre também.

Maiara – É, o irmão morre. Daí ele encontra Jesus. Aí vai para igreja, aí ele casa, tem família...

Sofia – É uma história de superação, também. É muito legal! Em algumas partes, assim, a gente se identifica. Às vezes, porque adolescente se envolve com gente errada.

Rute – Então, acho que vai ser interessante ler o livro delas, porque a professora mesmo falou para gente que umas fez livros de poemas e outras fez de biografia. Então, se for uma biografia delas, elas deve ter colocado quando que elas entrou, que que elas fazia...

Beatriz – o que elas passaram...

Rute – ... e até elas chegar a parte do livro que chegar aqui dentro. Ela vai mostrar a superação dela, entendeu, ela vai mostrar que ela voltou pros estudo.

Anelise – nos aprendizados que elas tiveram...

Rute – ... então, vai ter o começo, que é sempre triste.

Beatriz – ... que é a parte que elas começam a se envolver...

Anelise – Se envolve com droga, com prostituição, se envolve com parte de roubo, ou namorado...

Rute – Por esse livro eu creio que elas hoje, aqui dentro, têm uma outra cabeça, que elas têm outra forma de ver o futuro delas... então, mostra o antes e o depois. E a gente vai olhar para aquelas meninas, não com olhar de julgamento, mas com aquele pensamento: “Caramba! Elas passou por tudo aquilo e conseguiu se superar, elas são uma guerreira!”.

Pesquisadora – Que sentimento você tem quando a personagem do livro que você está lendo supera as dificuldades?

Lavínia – Que acaba felizes para sempre... [muitas vozes confusas ao mesmo tempo].

Anelise – Eu acho que é um sentimento de superação da pessoa, que traz uma inspiração para nós...

Beatriz – Que a gente pode também...

Anelise – que, se aquela pessoa conseguiu, eu também posso!

Maiara – Que se eu correr atrás eu vou conseguir, e dá muita inspiração para nós.

Sueli – Por isso que a gente lê muito esse tipo de livro. Para vibrar com a felicidade dos outros e saber que tu pode ser feliz também. Um dia é uma leitura de libertação.

Beatriz – Isso! A gente não pode interromper a felicidade do próximo porque isso pode voltar para você.

Verônica – Porque você nunca vai ser feliz.

Beatriz – Como às vezes alguém chega e diz: “Ganhei isso...”. “Ah, legal, bacana!” É muito legal a gente ganhar uma coisa que a gente gosta...

Rute – É bom mesmo, e dá para ver no olhar, quando vê uma menina indo embora... a felicidade tá ali...

Lavínia – Ela vai lá e abraça todo mundo e começa a chorar.

Rute – Porque querendo ou não, aqui é como se fosse um livro que a gente vive aqui dentro. A gente chega de uma forma e saber que ali a gente tem chegar e você mesmo tem que determinar suas metas, tem que respeitar, tem que me comportar.

Maiara – Eu tenho que preocupar com os estudo...

Rute – Se eu tiver um negócio ruim dentro de mim, eu tenho que aprender a cuidar daquilo ali, para você alcançar o portão da frente!

Anelise – E tem coisa aqui que a gente aprende a fazer por obrigação, mas depois de um tempo a gente faz por, sei lá...

Lavínia – Por vontade própria!

Anelise – É isso mesmo!

Sula – Primeiro, a gente fica irritada, porque eu tenho que estudar, porque aqui eu sou obrigada, mas, depois de um tempo, a gente fica: “ah que demora, não chega a hora da aula, meu!” [risos de todas – alguém disse: “não queira entrar aqui nas férias!”]

Maiara – Oh, sábado e domingo chega e fico tipo assim, não, é gostoso jogar dominó, mas a hora não passa e você fica... [mais falas sobrepostas]

Rute – Nas férias de janeiro, a gente passou um sufoco...

Beatriz – Foi assim, tipo, tinha dominó, tinha bingo, tinha tudo ali.

Sueli – os livros e a biblioteca quebraram muito o galho nessa época.

Sofia – Mas a gente ficava: “Nossa, eu preciso ir para escola!!”.

Lavínia – Saudade de escrever!

Sofia – O tempo não passa!

Anelise – A gente pedia pros funcionários, que nem era da pedagogia: “traz alguma coisa”.

Maiara – Até uns desenho para pintar! [risos generalizados].

Anelise – Até que as meninas fizeram muitos poemas, porque ficavam muito sem fazer nada.

Beatriz – Para quem não gostava de estudar lá fora, que ficava pensando: Ah, vou cabular hoje...

Maiara – Eu, na vida!

Beatriz – E agora, nossa, ama estudar, faz tudo, se dá bem com as professora, tem já uns quatro caderno já terminado...

Rute – A escola, para muitas meninas aqui dentro, foi uma descoberta, que muitas nunca pegou num caderno de desenho...

Anelise – E matemática, então? [Comoção total das meninas].

Lavínia – Eu até chorava! E colava.

Maiara – Oh, eu não vou mentir, não... até na prova eu perguntava baixinho para Anelise: “Oh, Anelise, como se faz essa conta aqui, ó?” [risos generalizados].

Rute – Então, você se descobre aqui dentro.

Beatriz – Muitas têm o dom para cantar, muitas têm o dom para poder desenhar...

Anelise – ... para escrever...

Beatriz – ... para tudo! Por isso que tanto a escola tanto as suas próprias metas, você se descobriu. Você pode fazer uma faculdade de Artes...

Sofia – E muitas meninas saíram daqui de dentro com curso feito.

Anelise – Que tem menina do outro espaço que fez, que passou na Educação Física e na Pedagogia.

Sofia – ... e veterinária.

Vanessa – Gente, tem cinco meninas esperando para começar a faculdade!

Maiara – Você vê os recurso bom que a gente tem aqui dentro?

Anelise – E não é por falta de oportunidade... aqui as pessoas só volta para onde elas vieram...

Beatriz – ... se elas quer, realmente.

Anelise – ... se elas quiser... tá bom, aprendi tudo isso..

Outra menina – mas a vida do crime é boa...

Rute – Querendo ou não, a gente tem a LA para cumprir, e lá eles oferecem curso.

Anelise – Esses dias mesmo, a senhora Jane tava falando para gente que as pessoas que a gente menos esperava quando fosse embora, hoje ela tá com o cursinho dela, tá trabalhando. Entendeu? E dá uma felicidade da gente ver que as meninas conseguiu se segurar e, óbvio, receber notícias de meninas que voltaram, em menos de um mês...

Beatriz – É muito ruim.

Anelise – ... deve ser um sofrimento muito grande, ver o que ela passou aqui dentro, tantas pessoas apoiaram ela...

Rute – Tanto as colegas convidando: “vamo lá pegar um livro para gente apresentar na avaliação” e, no final: “ah, eu não vou fazer, por causa daquela professora...”

Verônica – Tipo eu, ontem...

Rute – É, ela ontem tava, “eu não vou fazer”.

Sofia – Todo mundo foi lá...

Lavínia – Daí ela chora...

Verônica – No final, eu fiz tudo.

Rute – Eu creio que uma pode não gostar da outra, mas elas se apoia, ela tira um aprendizado.

Lavínia – E, às vezes, as meninas não tavam num dia bom... Isso acontece com qualquer pessoa... E parece que as pessoas cutuca mais também... Eu acho que essas meninas que voltam, revela bem o ditado: o que vem fácil, vai fácil...

Rute – As meninas que volta, me desculpa falar, mas é burra [várias manifestações negativas ao fundo...]

Beatriz – Nada disso!

Rute – É porque tem muitas oportunidade aqui dentro...

Anelise – a gente não pode pensar dessa forma. A gente não sabe o que as outras passam... Ninguém sabe o que elas passam na casa delas, porque aqui a gente tem um monte de gente para apoiar, mas na nossa realidade, na quebrada, o que sobra para nós?

Rute – Mas a gente... [ninguém mais a deixou falar, houve uma agitação bem grande].

Lavínia – Você não sabe se a mãe da menina fica falando coisas negativas para ela, dizendo que ela não vai conseguir, não vai acordar cedo... Se a gente der importância para essas palavra é aí que não vai dar certo mesmo!

Anelise – A gente não tem o direito de falar delas, porque a gente tá aqui dentro recebendo tudo na mão, nossa roupa lavada, nossa comida pronta. Lá no mundão é outra história.

Maiara – É isso mesmo, enquanto eu tô aqui, nem sei se a minha família tem o que comer.

Anelise – Eu tinha de tudo, eu fui muito ingrata para minha família... Minha mãe me levava até a porta da escola e buscava sempre, e eu fazia corpo mole, não queria estudar. E aqui dentro eu vi que eu posso, sabe, que estudar é uma coisa boa, mesmo que eu não consigo umas coisa... Mas se eu sair daqui e fizer alguma coisa errada é porque eu fui muito ingrata.

Rute – Isso que eu acho de mim também, minha mãe sempre me deu oportunidade e eu sempre desperdicei, fazendo o contrário, e eu tive muitas consequências, não só de vir presa, mas consequências...

Beatriz – Eu tenho muito medo de fracassar, sabe, eu falo por mim. Eu vou ter que ser muito forte para não voltar para essa vida e muitas meninas aqui vai ser muito forte... Querendo ou não, você vai voltar para a mesma região que você morava, vai ter as mesmas amigadas...

Anelise – Nossa vida deu um pause aqui dentro, mas quando a gente sair vai ter que escolher.

Beatriz – Eu penso assim: eu tive uma vida digna, mas eu fui gananciosa. Não sou mais. Hoje, eu sei, eu dou valor às coisas... Minha mãe falava: “Você quer isso? Espera que eu vou comprar”... mas como era moda, o padrão...

Lavínia – A gente quer tudo na hora.

Beatriz – Então eu pensava, vou pro meu corre e ia, traficava, tirava um dinheiro muito rápido. Em meia hora, R\$ 500,00 para mim. Era a via fácil.

Lavínia – E a gente via o sofrimento que nossos pais passavam para ter aquele dinheiro... Aqui, a gente consegue reconhecer muita coisa, muita coisa que nossos pais fez para nós.

Anelise – Agora, nossos pais tá sofrendo junto com a gente.

Rute – A senhora Elizabeth contou uma história que, querendo ou não, a gente carrega para qualquer lugar: é os nossos olhos. A gente vai ver a maldade em qualquer lugar, tem que se esforçar para se afastar, para colar com pessoas boas. Eu acho que a educação faz parte de tudo isso e a forma de a gente olhar pro mundo, para ver portas abertas. Quando a gente tava naquele mundo, a gente não via livro,

não via amigo, não via escola... só via as festa, só via dinheiro, só via dinheiro.

Anelise – E quando a gente tá aqui dentro a gente vê todas as portas abrindo... tem a Mundo Aflora⁴¹, o pessoal da pedagogia, o Guri⁴², o [Alguém disse: CIEE⁴³], tem os da FAT⁴⁴. Entendeu, então é muito interessante essa parte da educação aqui dentro.

Rute – Por isso que eu acho que é tudo desculpa, quem não aprendeu aqui... porque eu aprendi: antes de vir para cá, eu não passava necessidade, mas eu queria ter luxo e minha mãe não ia bancar o luxo que eu queria, porque senão ela não ia bancar o que tinha que bancar dentro de casa. Foi onde que eu fui inventar de fazer as coisas erradas. Eu peguei minha irmã, a gente comprou um pacote de cocada e conseguiu chegar com um monte de dinheiro. Era um dinheiro digno, mas a gente parou de vender por causa da vergonha e foi assim que eu comecei a roubar.

Interrompi o diálogo, por conta do horário.

Pesquisadora – Me falem um pouco dessa avaliação semanal que vocês têm.

Beatriz – Sim, é toda sexta-feira, e ela fala do nosso comportamento, das coisas da escola e até da leitura.

Anelise – E daí tem uma pontuação de 0 a 160 por semana.

Maiara – Vamo supor. Eu cheguei na CASA agora [vozes ao fundo ajudando na resposta], eu tenho um crédito de 100, mas eu preciso de um elogio da segurança, da pedagogia ou da escola, para evoluir.

Sofia – Evoluir e mudar.

Anelise – Tem como perder também. Por exemplo, se ofendeu a professora, você vai para zero ou -20; se você brigou, vai para zero, e assim por diante.

Sula – Tem o voluntariado, que ajuda a evoluir na medida. Se ajuda a arrumar os livro, se deixa em ordem o quarto, sem bagunça, se você lê bastante livro [outras meninas dando vários exemplos ao mesmo tempo].

Beatriz – Se alguém tem dificuldades na matemática e outra menina ajuda, evolui na medida. Todo mundo tá de olho em você!

Anelise – E se você chega nos menos vinte, você fica a semana toda afastada das atividades de lazer. Não pode jogar, não pode fazer nada, só ler.

Pesquisadora – Alguém já passou por isso?

Todas as meninas levantaram a mão e duas delas afirmaram estar nisso.

⁴¹ Mundo Aflora é uma ONG que faz um trabalho com as meninas, com cursos e preparação para o mercado de trabalho.

⁴² Projeto Guri de musicalização

⁴³ Centro de Integração Empresa Escola, para estágios.

⁴⁴ Fundação parceira do Governo do Estado, para cursos com certificação para todas as unidades da Fundação CASA, na Capital e Grande São Paulo.

Beatriz – Aqui, a gente também tem as recaídas. Não é fácil cumprir as regras toda hora, mas a senhora Elizabeth é como aquela mãe. Ela insiste com você. Ninguém da pedagogia desiste de você aqui.

Anelise – Mas, quando isso acontece, quando você zera, a senhora Elizabeth manda você ler um livro e daí o que você entendeu você tem que apresentar para todas as meninas.

Sofia – Isso reflete muito...

Rute – É um incentivo para você fazer coisas boas.

Lavínia – É bom quando você chega na pontuação, recebe elogios, mas é muito fácil para você cair... parece a vida.

Anelise – Quando você consegue, tem várias coisas boas, você pode fazer a unha, pode fazer o cabelo, pode participar dos passeios, pode até ajudar daqui de dentro. “Poxa, meu sobrinho tá precisando de uma roupinha”. Tá bom, vou comprar lá no Bazar.

Lavínia – Você soma quatro semana de bom comportamento e pode fazer compras. O que mais pesa é a escola! Todo mundo fala!

Anelise – Pro juiz, o mais importante é a escola, porque, assim, é o que vai provar se a pessoa se arrependeu, se ela tá focada para voltar para frequentar a escola.

Beatriz – Quando o juiz vem, ele pede, do nada, o caderno, a avaliação da semana e tal.

Anelise – E seja o que Deus quiser! [todas riem].

Lavínia – Lá fora, antes de vir para cá, quando tem audiência, o juiz sempre pergunta: Você tava estudando? Como que era a sua vida? Como era a sua casa? Você tinha dificuldade? O juiz sempre pergunta.

Pesquisadora – E se hoje eu pedisse o caderno de vocês, está em ordem?

Elas responderam quase em coro: “o meu tá, sim, com certeza”. E riram de novo.

Verônica – A gente entendeu que o caderno não é para gente ficar desabafando, caderno é pras coisa da escola. Então, antes, os cadernos das meninas tinha letra de música...

Rute – Música de apologia, ou de droga ou de funk.

Verônica – ... isso... agora a gente cuida mais do caderno.

Beatriz – E também, porque, se a pessoas tá escrevendo um desabafo, tá escrevendo uma música, na hora da aula, o que ela tá aprendendo?

Rute – E existe um diário para isso, pras nossas músicas, nossos pensamentos...

Lessa – Oi, preciso interromper... tá na hora do almoço.

Pedi para fazer as duas últimas perguntas e as meninas sussurravam: “Nossa, tava tão bom ficar aqui, tão bom falar”.

Pesquisadora – O que a leitura representa para você aqui? Como a gente não fez isso antes, para terminar, eu gostaria que vocês dessem essa resposta começando com seu nome, sua idade e a resposta.

Beatriz – Vamo começar daqui: Meu nome é Beatriz, eu tenho 16 anos e a leitura para mim, ela me inspira, tanto na aula quanto no livro, porque eu procuro entender o que acontece, gosto bastante e para mim é um meio de tanto ler o livro mas sim também tá interessada nas aulas de português.

Lavínia – Meu nome é Lavínia, tenho 13 anos e acho que a leitura é uma forma de adquirir mais aprendizado.

Anelise – Meu nome é Anelise, tenho 17 anos e, para mim, a leitura me ajuda muito na forma de falar. Ajuda também na curiosidade e na forma de... depois, para melhorar o jeito de escrever, de falar. Então, para mim, ela representa muito.

Maiara – Meu nome é Maiara, tenho 16 anos e a leitura para mim representa muita superação e muitos meios de conhecimento.

Sueli – Meu nome é Sueli, eu tenho 16 anos e, para mim, a leitura representa quase tudo na minha vida. Porque me ajuda na forma de me expressar, ajuda na minha forma psicológica para a minha superação, para a minha vida e ajuda muito no meu aprendizado. Então, para mim, ela é tudo!

Sofia – Meu nome é Sofia, tenho 17 anos e acho que a leitura melhora tudo, melhora minha dicção, melhora o meu jeito de interpretar. É isso.

Verônica – Meu nome é Verônica, tenho 18 anos e, para mim, a leitura ajuda muito a entender, a me expressar e eu fico em paz quando eu leio.

Fabiana – Meu nome é Fabiana, tenho 15 anos e a leitura, para mim, traz inspiração.

Juliana – Meu nome é Juliana e eu tenho 16 anos. Acho que a leitura me ajudou muito a me desenvolver, tanto para falar quanto para interpretar mais as coisas, e eu acho que a leitura é uma coisa muito importante na nossa vida, que a gente precisa usar para tudo.

Rute – Meu nome é Rute... acho que a leitura me dá mais paz, ajuda na minha dicção, no meu entendimento do mundo e só...

Verônica – Quantos anos você tem?

Rute – Eu tenho 14 anos.

Como o tempo havia terminado, dei algumas dicas para que as meninas buscassem outros espaços de leitura, quando saíssem da Fundação. Alerttei-as de que livros são caros, principalmente estes de que elas gostavam, mas que poderiam buscar bibliotecas públicas, ou mesmo os Centros Educacionais Unificados (CEU), para abrir um cadastro. Várias delas informaram que moravam perto de alguns destes equipamentos, mas que nunca tinham ido até lá e que, mesmo na escola, não passavam na sala de leitura ou nem sabiam se existia esse espaço ou não.

Ao finalizarmos, as meninas levantaram do tatame, me ofereceram ajuda e algumas delas, as mais comunicativas me abraçaram. Todas elas aplaudiram e elogiaram bastante a conversa. Me desejaram sorte no trabalho. Uma delas até me convidou para voltar outras vezes. Última mensagem: “Tchau, senhora!”.

Ao me despedir da pedagoga Lessa, ela elogiou a conversa e eu reparei que ela conseguiu organizar todas as estantes, principalmente as partes mais manuseadas.

Lessa – Biblioteca muito arrumadinha é sinal de que ninguém mexe. Não é um bom sinal...

Ela me mostrou o livro ata em que as meninas apontam os livros que retiram semanalmente. Foi possível perceber vários nomes se repetindo: Eliana com vários livros diferente, Sofia, várias renovações, etc.

Lessa – Sou eu quem arruma também a biblioteca do Espaço 1 e lá também tem o livro Ata, que é mais cheio que o daqui!

Despedi-me para esperar o horário da tarde, para o grupo focal com as meninas maiores. Algumas correções: decidi não deixar o assunto tão livre e conduzir mais as discussões.

Transcrição de acompanhamento de aula – professora Lídia

Professora Lídia é formada em Língua Portuguesa e estava dando aula no ensino médio para seis meninas. Ela me deu espaço para que eu me apresentasse e apresentasse os objetivos da minha pesquisa.

Verônica – Aqui, eu vejo assim, eu imaginava uma coisa muito pior também, porque é a minha primeira passagem. Então, eu achava que ia ser horrível e tal... E não é nada disso! Eu não imaginei que ia ter escola, [pensei] que ia ter cigarro, sabe, aquela coisa bem jogada, e não é nada disso... Os professores ensinam muito bem, muitas coisas que a gente não aprendeu lá fora. Aqui, a diretora mostra se preocupar com as meninas, que parece que ela gosta bastante do que faz...

Beatriz – Eu acho que, não que aqui tenha que ser um lugar bom, porque “entre aspas” tinha que ser um lugar ruim pra menina aprender e não querer voltar mais, mas aqui é um lugar bem melhor do que as pessoas imaginam lá fora.

Leila – As meninas são, é a minoria que é ignorante, mas a maior parte é meninas boas, preocupadas, inteligente, meninas que quer alguma coisa na vida, bem educadas... A diretora faz saída com

algumas [citou a pontuação e a avaliação de sexta-feira]. Aonde você foi, Isa?

Isa – No Aquário de São Paulo.

Leila – Eu nunca fui, eu sou do interior e não conheço, mas ela foi, ela gostou tanto, ela viu coisas que ela nunca tinha visto, urso polar...

Verônica – Então, no fundo, no fundo, acaba sendo bom aqui.

Beatriz – Muito aprendizado.

Verônica – Fiquei feliz que você veio conhecer aqui antes de julgar...

A professora estava realizando uma atividade especial sobre identidade, pois há, na CASA, algumas meninas que estavam se sentindo julgadas por assumirem uma sexualidade diferente ou mesmo pelo corte do cabelo e modo de falar. O objetivo da atividade era, além da reflexão do poema, ainda escrever uma interpretação personalizada, explicando o motivo de valorizar sua identidade e não se deixar desanimar pelo julgamento dos outros.

A professora passou o poema na lousa, as meninas copiaram e ela pediu que lessem em voz baixa, de modo a responderem as perguntas de interpretação e o exercício de reflexão. A professora pediu que as meninas pesquisassem quem é o autor, outras obras dele, e ainda indicou um livro desse autor, que está na biblioteca deste espaço. As meninas usaram a aula de informática para procurar as informações e, como eram apenas em seis, passaram as informações uma para a outra, mas combinaram de não copiarem uma da outra. Assim, cada uma reescreveu o texto da biografia do autor, com suas próprias palavras.

Quando a professora me recebeu em sua sala, já havia dado o visto em cada caderno e estava pedindo que as meninas socializassem suas opiniões. Houve uma retomada do raciocínio, só para que eu me situasse, e a Sofia, uma das meninas, leu o poema:

Identidade

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
às vezes sou.
"o meu queridinho",
às vezes sou
"moleque malcriado".
Para mim
tem vezes que eu sou rei,
herói voador,
caubói lutador,
jogador campeão.

às vezes sou pulga,
 sou mosca também,
 que voa e se esconde
 de medo e vergonha.
 Às vezes eu sou Hércules,
 Sansão vencedor,
 peito de aço
 goleador!
 Mas o que importa
 o que pensam de mim?
 Eu sou quem sou,
 eu sou eu,
 sou assim,
 sou menino.
 (Pedro Bandeira)

Havia entre as alunas, uma menina transexual, chamada Lucas, que, ao responder à pergunta, disse que em parte se incomodava com o que os outros pensam. Outras meninas disseram não se importar, pois o problema era delas, e a aluna Juliana disse:

Juliana – Ah, eu me importo, sim, porque a gente tem que se importar, a gente vive em comunidade, quer ser aceita, quer se encaixar.

Adolescente 1 – Então, a gente vai fazer qualquer coisa para ninguém falar de nós?

Juliana – Não, você sempre tem que agradar alguém, principalmente quando está morando junto, sua mãe, sua família...

Lucas – Então, a gente se importa, sabe, mas ao mesmo tempo a gente tem que ser quem a gente é, mesmo que não agrade todo mundo. Não é, Prô?

Leila – Para mim, depende muito da opinião da pessoa, depende muito de quem ela é... e do jeito que ela falar para mim... Se ela falar para mim que é pro meu bem, pode ser que eu vou pensar para mudar. Mas se eu ver que tá me falando para me prejudicar, para me atacar... vixe... bate e volta assim, do mesmo jeito! [risos].

Laís – Eu penso muito no que eu vou fazer, sim, pras pessoas não ficar me enchendo. A gente tem que fazer para agradar a gente mesmo e não os outros.

Leila – É que nem minha psicóloga fala, se você está dentro da verdade, dentro do que é certo, você não tem que provar nada para ninguém.

Lídia – Eu estava falando pro Lucas que, às vezes, a gente deixa de viver a nossa vida, em função de fazer o que todo mundo gosta, menos você. Isso é até mais cansativo do que ser assertivo. A última reflexão, qual que a gente parou?

Lucas – O que gostaria de ser quando sente medo ou vergonha, por quê?

Juliana – Eu acho que queria ser um passarinho, para voar para bem longe.

Leila – Eu penso que eu queria ser um escudo, para me defender.

Lucas – Eu queria ser um mosquito.

Adolescentes – Não!

Lucas – Sim, para me esconder sempre que tiver que passar por situações constrangedoras...

Adolescentes – Ah, sim!

A aula foi terminando e agradei às adolescentes, que foram tão singelas e disseram que eu devia acompanhar um dia inteiro e não só uma aula de português. Pediram que eu voltasse e que pudesse dar notícias do meu trabalho, pois elas gostaram muito e acharam que eu fui muito respeitosa.

Juliana – A senhora não fez como os outros que escrevem sobre aqui, sem virem aqui, sem olhar na nossa cara... e ainda fala mal. Isso é muito importante.

Agradei o carinho e informei da roda de conversa que tínhamos a seguir. Fomos nos conduzindo ao corredor e a professora falava com muita satisfação das meninas.

Lídia – Elas já pegaram o livrinho do Pedro Bandeira, *A Droga da Obediência*... Eu já fui convidada a dar aulas em várias escolas. Já estou aqui há oito anos e prefiro continuar. Eu me identifico com elas. Quando eu consigo passar algo que elas conseguem aceitar é uma maravilha! Aqui, a gente incentiva muito para a leitura e essa diretora que está aqui é a maior incentivadora! Você soube do livro que as meninas fizeram? Foi um esforço da diretora e nosso e da ONG que promoveu as aulas. Eu trabalho apenas de manhã, aqui, mas é uma satisfação! Eu cheguei aqui na Fundação, um pouco assustada e bastante necessitada, pois me divorciei aos 38 anos e tinha quatro filhos para criar. A mais velha tinha oito anos e estava grávida de outra menina. Nem dava para trabalhar, mas ergui a cabeça e fui à luta. Só dava para dar aula aqui na Fundação, porque, na contagem dos pontos, eu era uma das últimas para pegar aulas. Ou era em escolas bem distantes, como Capão Redondo e Jardim Ângela, ou era aqui... Olha, eu não me arrependo. Gosto muito das meninas, me sensibilizo com elas...

Pesquisadora – E você trabalha com leitura na sua aula?

Lídia – Ah, sim, interpretação é muito cobrado. Trabalho, sim, inclusive os livros de vestibular, mas de um modo mais prazeroso, porque às vezes a pessoa não gosta, mas ela tem que se permitir gostar.

Nós nos despedimos com muitos agradecimentos.

Transcrição do grupo focal – Espaço 1 (30/03/2023)

Na parte da tarde, eu me reuni com as adolescentes do Espaço 1, a fim de realizar o grupo focal. Fui acompanhada pelo educador Darcy, que me conduziu à Biblioteca e, depois de me instalar, foi trazendo as meninas. Todas elas foram indicadas pela direção e coordenação da unidade.

As meninas ocuparam aquele espaço e por estarem bastante familiarizadas, algumas decidiram se acomodar no chão, sentadas no tatame colorido.

Expliquei a natureza da minha pesquisa, o que era a pesquisa, o que eu estava estudando. Falei um pouco da carreira acadêmica, para que elas entendessem a sequência dos estudos e falei sobre a importância de continuar os estudos.

Falei sobre a opção que elas tinham de não responder, de nem participar, se não quisessem, da ética em pesquisa com seres humanos, do fato de seus nomes e mesmo o nome da instituição ser fictício e que elas poderiam se sentir livres para comentar o que quisessem.

As meninas foram muito solícitas, curiosas, etc.

Pesquisadora – Antes de mais nada, vamos nos apresentar?

Linda – Meu nome é Linda, tenho 17 anos.

Nice – Meu nome é Nice, tenho 18 anos.

Carolina – Meu nome é Carolina, tenho 17.

Bela – Meu nome é Bela, tenho 17 anos.

Vanessa – Meu nome é Vanessa, tenho 19.

Gabrielle – Meu nome é Gabrielle, tenho 17 anos.

Eliana – Meu nome é Eliana, tenho 18.

Flor – Meu nome é Flor, tenho 17.

Luana – Meu nome é Luana, 19.

Pesquisadora – Quem aqui gosta de ler?

Todas levantaram a mão.

Linda – Adquire muito conhecimento!!

Pesquisadora – Quem aqui chegou não gostando de ler?

Todas levantaram as mãos, sorrindo... muitos sorrisos, quando viram as mãos das outras levantadas.

Pesquisadora – O que é a leitura? Você falou de adquirir conhecimentos, mas tem mais?

Bela – Tem, sim! É você sentir as emoções.

Carolina – Você entrar na história...

Nice – Imaginar, interpretar...

Bela – É você abrir sua mente, na verdade, com a leitura...

Carolina – Acho que é isso... É a gente começar a ler um livro e ele ficar tão interessante que a gente quer tanto ler o final, saber o que vai acontecer, que a gente não para de ler... continua lendo...

Bela – É igual a uma série, que você fica bastante...

Pesquisadora – É verdade! E o que impedia vocês de lerem, lá fora?

Luana – Tudo!

Outras meninas – Tudo mesmo.

Pesquisadora – Tudo, o quê?

Luana – Eu acho que ninguém parava para pensar... ninguém parava para pegar um livro e ler.

Sara – Tem essa coisa do tempo também. Aqui, a gente tem bastante tempo pra ler...

Luana – E bastante livro!

Pesquisadora – E não eram as mesmas 24 horas que vocês têm aqui? O que era diferente?

Algumas meninas – [risos] a gente tinha a vida... lá a vida acontece... coisas erradas... [mais risos] não eram só coisas erradas, também...

Pesquisadora – Será que a leitura cabe lá fora também? Será que vocês vão levar isso para lá?

Todas – Sim, sim!

Pesquisadora – De que maneira? Porque vocês vão ter que ajudar as mães, para arrumar a casa, emprego, escola, filhos, quem tiver... Mesmo assim, é possível conciliar a vida com as leituras?

Bela – É simples, porque as meninas mesmo que falou que se interessou aqui dentro com a leitura, porque lá fora não tinha interesse, não tinha conhecimento do que era a leitura. Então, eu acho que, a partir do momento que a gente conhece, vai ser difícil de perder esse hábito, esquecer isso. Vai querer se aprofundar mais, vai lembrar do que é o sentimento que o livro traz, o que é uma boa leitura, qual a importância da leitura e aí não vai querer desvincular disso...

Pesquisadora – Qual é o estilo que vocês mais gostam?

Seis adolescentes falaram juntas: “Filosofia!”.

Sula – Romance

Sara – Poesia

Pesquisadora – Só existe poesia de amor?

Sara – Não, de dor também.

Gisele – Sobre tudo pode fazer poesia.

Bela – História... a história ciência, não história infantil, história em quadrinhos, sabe? A história real, de você saber o que que aconteceu, porque que aconteceu, a história do Universo... como as coisas se desenvolveram.

Nesse momento chegou uma outra jovem, Liz, e sentou-se ao lado da Bela. Após as boas-vindas para a Liz, perguntei sobre o que eu falava e as meninas voltaram aos gêneros.

Carolina – Você falava dos estilos... acho que não falaram aqui sobre psicologia, e eu sei que é uma coisa que um monte de gente gosta e lê aqui... eu leio bastante! Tudo que consigo.

Pesquisadora – Como os professores abordam a leitura nas aulas?

Bela – Acho que os professores manda a leitura como forma de solução: se a gente tá perguntando muito sobre uma coisa, eles dizem: ah, lê esse livro, lê sobre isso, nesse livro aqui... ou, quando a gente tem muitos erros ortográficos e muitos problemas na leitura: olha, começa a ler esse livro aqui.

Outra menina – Ajuda para redação...

Bela – Isso, na redação também... nossa, essa biblioteca ajudou muito a gente com a Prova do Enem, com Vestibular da Etec... muito, porque tem uns livros muito bons... e os professores vai falando: “Menina, você tem muita dificuldade”. Daí eles pegam uns livros mais simples, mas as meninas têm o livre arbítrio, a opção de querer ler ou não querer ler, entendeu? Tem as lições da escola, mas também tem a biblioteca. E é dessa forma que eles ensina... eles faz a gente se desenvolver, a gente querer assim... Eles identificam a gente assim. Ah, a Luana é desse jeito, tem um livro que vai combinar com ela... Eles vão lá e falam: “Ah, que tal você ler esse livro?”. Por exemplo, eu, o meu interesse pela filosofia surgiu por conta de um educador daqui, o seu Ed. Ele falava muito sobre filosofia, sobre isso, isso e aquilo e eu quis saber o que era filosofia. Daí comecei a ler bastante livro sobre filosofia. Aí, depois de mim, veio a Nice também, começou a ler bastante também e as meninas começou a se interessar e a gente assim, incentivando.

Pesquisadora – [dirigindo-me para o outro lado da roda] E vocês, observam esse movimento também?

Eliana – Sim, eu vejo.

Flor – Sim, eu vejo isso como uma influência, sabe? Muitas vezes a gente tá lendo um livro, comenta com a outra e já surge o interesse nela e dela vai para outra...

Gisele – E daí já tem uma sequência de quem vai ler o livro. A gente divulga.

Pesquisadora – Então além dos professores, há um incentivo por outras pessoas daqui da fundação?

Liz – Sim, vai ter agora um evento, que as meninas vão poder escolher um livro de qualquer tema, de qualquer estilo, para a gente poder falar um pouco sobre ele... Além disso, a cada fim de semana, a gente tem avaliações... e, nessas avaliações, eles pedem... ela [diretora] pede

para a gente falar frases que a gente se interessou, interpretar frases também... e é isso... é o incentivo dela.

Luana – Acho que a diretora corre mais atrás da gente assim, por educação, sabe?

Nice – É tipo nossa mãe, pegando no nosso pé...

Pesquisadora – E exemplo em casa? Tem alguém da sua família ou convívio que tem o hábito de ler?

Quatro meninas – Não...

Sula – Eu tenho.... minha mãe... ela gosta mais de histórias.

Nice – Minha mãe é educadora infantil, sabe, mas ela tá afastada durante uns anos, mas aí, em casa é cheio de livros...

Pesquisadora – Tem livros nas casas de vocês?

Quatro ou cinco meninas disseram que sim, todo o resto disse que não.

Sara – tenho livros meus... aqueles que eu escrevi aqui, e só

Flor – só uns que a gente ganhava da escola, sabe? Que vinha numa caixinha....

Outras três meninas concordaram.

Liz – Eu nunca estudei em escola com biblioteca.

Outras duas meninas concordaram.

Bela – Eu estudei numa escola que tinha biblioteca... muito linda e eu nem ia lá...

Carolina – Acho que eu nunca entrei numa biblioteca antes de vir para cá, sério.

Pesquisadora – Alguém mais, que nunca viu uma biblioteca, nem na escola?

Outras duas meninas concordaram.

Pesquisadora – E saindo daqui, como vocês pretendem manter esse hábito de leitura? Vocês disseram que querem manter, mas como?

Liz – Ah, então... hoje em dia, tem muito livro pela internet e para quem não tem acesso assim, vamos supor, eu um dia fui fazer uma visita no Senac, lá na Penha, e lá tem uma biblioteca, que eles falaram que é disponível até para quem não é estudante do Senac. Já é uma opção.

Bela – Se quiser comprar barato tem nos sebos...

Darcy – Nas estações de trem também tem!

Bela – Eu já peguei diversos livros lá no Terminal Grajaú... um monte!

Darcy – Principalmente na Zona Sul, tem bastante.

Luana – Lá perto de casa tem, perto da rodoviária e onde que assina LA⁴⁵ também tem...

Bela – Em alguns apartamentos também eles fazem campanha, tem o senhor que trabalha aqui, o seu Mário, quando ele vai pro irmão dele, os morador lê os livros e doa pro irmão dele e ele traz para cá. Tem livro bom que ele trouxe, tem *O Sol Negro*.

Liz – O do *Platão*...

Bela – É mesmo e ele veio com uma sequência de outros de filosofia, foi muita coincidência...

Aproveitei para dar dicas sobre espaços que poderiam ser mais próximos delas, como os Centros Educacionais Unificados (CEUs), Fábricas de Cultura e outros espaços públicos, que poderiam ser frequentados por elas.

Pesquisadora – Este espaço em que estamos é familiar para você?

Bela – Como assim, a biblioteca? Depende... Aliás, meu nome é Bela, tenho 17 anos e sou da Zona Sul de SP... A primeira biblioteca que eu entrei foi na quinta série. Lembro até hoje! Só que eu não tinha esse interesse que eu tenho hoje nos livros, que foi despertar aqui dentro da Fundação. Porque, para a maioria dos trabalhos, tinha que pesquisar... pesquisar... na verdade, para todos. A minha sala de aula era o terceiro ano, que agora eu sou concluinte. Vou terminar o ensino médio aqui dentro da Fundação CASA. E a nossa sala de aula, antes, era aqui [na biblioteca] e a gente começou a ler os nomes dos livros, os temas e a gente começou a se interessar... Daí foi puxando um, depois outro e, quando foi ver, a gente já tava envolvida demais nos livros. Por exemplo: os professores passava trabalho na lousa e a gente queria se aprofundar. A gente não queria só fazer o trabalho. A gente queria conhecer, para poder falar bem, sabe? Para poder argumentar bem o trabalho. Então, a gente saía do computador e ia pros livros... Isso aumentou bastante o interesse aqui dentro. E a gente começou a orientar outras meninas e... é muita diversidade, muita mesmo... e os funcionários vêm, fala um pouco para gente: “Ah, lê livro tal”... Eles tão sempre incentivando. E o interesse, na verdade, cresceu mais aqui dentro. Para mim, aqui é um espaço, que... Ah, a gente passou por uma reforma, que as prateleira não era assim. A gente deixou mais amplo, colocou os tatames, inclusive para ficar mais aconchegante, para gente poder ler, conhecer... é... indicando pras outras meninas também... Vai ter, na verdade, uma apresentação do livro, onde cada menina vai escolher um livro, pode ser até um de sua autoria, que tem menina aqui que participou do Projeto Meu Primeiro Livro, que elas que fizeram!

Pesquisadora – Nossa!! Quem aqui participou?

Bela – Sim, foi a Santana, a Portela, a Chaves... foi maravilhoso!

Pesquisadora – Nossa! Parabéns!! Eu vi os livros na sala da diretora! Ela os guarda com muito carinho!! Inclusive, há meninas, no Espaço 2, que estão muito curiosas para ler o que vocês escreveram! Vocês

⁴⁵ Liberdade Assistida.

são celebridades! Citem, agora, um livro e um sentimento. Várias meninas falando juntas... não dá... é difícil... [risos e comentários].

Bela – Nossa... é que nem eu, tô lendo três livros ao mesmo tempo. Mas, se fosse me perguntar agora: *O mundo de Sofia*! É sobre filosofia!

Carolina – Simmm... são 500 páginas.

Bela – Nossa... faz dois meses que eu tô com ele... O sentimento? Ah, acho que é descoberta... Você vê o mundo com outro olhar! Eu já falei, depois que eu comecei *O mundo de Sofia*, eu não sou mais a mesma, não...

Carolina – Desperta mesmo!

Bela – É, você quer ficar lendo...

Luana – Eu! *Como eu era antes de você*... tristeza

Eliana – Eu! *Onze minutos*, do Paulo Coelho... reflexão.

Gisele – Eu tenho um também: *12 homens e uma sentença*... reflexão, também.

Liz – *Cordas do coração*... é mais emoção... Ah, eu fico muito emocionada para saber o que vai acontecer, gente.

Sula – *Imprudente*.

Sara – *Cidades de papel*... sentimento, acho que seria mistério e raiva [risos], porque quanto mais você lê, mais mistério acontece.

Carolina – *Extraordinário*... acho que aceitação é o sentimento.

Bela – *Kardec*... maravilhoso! Tava olhando ali pra ele.

Pesquisadora – Para concluir, me digam: o que a leitura representa para uma pessoa que está isolada do mundo?

Carolina – Ah, a imaginação de tá ali dentro daquela história. Parece que você tá ali... é muito bom! Você foge... foge de tudo o que tá acontecendo assim, na sua vida...

Sula – Acho que autoconhecimento também...

Nice – Fugir da realidade...

Luana – Uma distração.

Bela – É você imaginar, sabe, fugir um pouco da realidade... Você ser uma outra pessoa, você sentir, você, tipo assim, se posicionar em outro lugar. Você consegue enxergar as coisas com outros olhos... Você pode fazer o que quiser...

Liz – E assim, às vezes, a leitura, ela resgata alguns sentimentos de criança, sabe, da sua infância ou aquele sentimento que você já não tinha, sabe, que você se trancou ali na frieza, e ela resgata...

Contei a história do menino que, em frente da sala de leitura da escola em que trabalho, disse: “não sei para que reformar, não sei para que isso... eu gosto mesmo é da quadra”... As meninas riram bastante e depois eu perguntei:

Pesquisadora – Como explicar isso? O que fazer com esse menino?

Sara – Eu já fui assim... [risos].

Liz – Assim, ele não conhece. Ele não conhece a experiência de tá ali com os livros. A experiência que ele tem é a emoção da quadra, do jogo...

Bela – Pode ser que ele se sente livre, tal... mas ele pode pegar o livro e ler na quadra. [risos].

Liz – Exatamente!

Carolina – É exatamente como a gente! Ele precisa encontrar o livro e se encantar com o livro, como aconteceu com a gente aqui.

Eliana – Mas não precisa vir aqui para sentir isso, pode ser lá na escola mesmo.

Carolina – Talvez ele só tinha aquela ideia de liberdade...

Liz – Então, tipo assim, o que eu falo não é nem pro menino, é para senhora, professora, e pro pessoal da escola: apresente a ideia!

Carolina – Sim, porque ele muda de ideia se tem outra ideia para pensar!

Bela – A senhora pode atingir alguns pontos dele: se ele gosta de quadra, vamo pegar um livro de alguma coisa envolvendo esporte, vamo atingir ele de tal forma, pega primeiro uns livros curtos, porque não adianta chegar numa pessoa e dar um livro que não tem nada a ver com ela e ainda mais, um livro de 300 páginas.... [risos] ... Não. Você vai começar a atingir aos poucos, vai contar uma história: “ah, você já ouviu essa história?... Ah, tava nesse livro aqui...”. Daí, jogar pequenos pontos assim, porque foi assim que a gente foi se interessando pela leitura. E depois ele vai poder incentivar várias outras pessoas, entendeu?

Liz – Mas é assim, tem que conquistar! Olha só, a gente fez um curso aqui, que a educadora falou daquele livro *O Diário de Anne Frank*. A gente não se aguentava e a Luana falou:

Luana – Oh, tô na primeira fila do livro!

Gisele – Aqui tem?

Liz – Tem sim [apontou para a direção da estante, onde o livro se encontrava]... A gente assistiu um filme na semana passada que falava de um livro de filosofia também... e eu lembrei: Nossa! Esse livro tem aqui!

Bela – E os livros são totalmente diferentes dos filmes...

Luana – Eles são mais um resumo, e o livro conta mais detalhes.

Sara – É eu acho mais legal você ler para assistir, porque...

Liz – Lendo, você imagina!

Bela – Gente, *Harry Potter*, desculpa.... Senhora, vai ler *Harry Potter*, é totalmente diferente do filme!! Muito mais emocionante! É que eu não gosto de coleções assim de séries... mas eu leio!

Darcy – Com licença: eu prefiro ler o livro e não ver o filme ou ver o filme e não ler o livro, porque às vezes em uma cena do filme, ele passou um capítulo do livro que fazia a descrição... por isso que no Oscar tem o prêmio para a melhor fotografia, quer dizer, pro cenário todo! Fora que são duas artes diferentes... os livros são uma obra de arte, da literatura, já o filme é também uma obra de arte.

Carolina – Concordo, eu gostei de alguns filmes mais do que dos livros que eu li!

Nice – Igual quando eu fui ver o filme depois de ler o livro e, no filme, a atriz principal é loirinha de olhos azuis e eu imaginei ela como eu! [risos].

Bela – Quando a gente foi ver a série do livro *O mundo de Sofia*, eu imaginava a menina ruiva e a Nice imaginava ela negra, mas no filme ela é loira. Nada a ver... [risos].

Liz – E quando a gente lê e é muito nova e não entende...

Bela – Faz igual a Carolina! Lê uma coisa que não entende e fica perguntando pros funcionários: Oh, seu Vitor, o que significa tal coisa? Oh, seu Mário... porque a gente não sabe... e então, não sei se era para falar, mas aqui na biblioteca, era tudo eu que tava cuidando, mas daí deu um problema e eu tive que sair daqui... mas a minha ideia para biblioteca era fazer as meninas se apegar na leitura, deixar ela bem assim, ampla, toda arrumadinha... queria uns tatames mais confortável, umas almofadas também, essas coisas, e fazer as meninas se apegar, gostar da leitura. E daí eu coloquei um dicionário em cada quarto. Porque eu via as meninas perguntando: Ah, o que é tal coisa? E eu até falei pros funcionários: Não fica respondendo. Faz elas ir no dicionário e procurar. E se elas ainda tiver dúvida, aí sim. Aí as menina me falava: Bela, me indica um livro? Daí eu dizia: que tal esse, que tal aquele?

Pesquisadora – Para concluir, vou deixar aberto. Podem perguntar o que quiserem.

Bela – Ah, eu tenho uma pergunta para senhora. A senhora disse que foi lá nos meninos, como que é para eles lá?

Pesquisadora – Da minha pesquisa?

Bela – Sim.

Respondi, mencionando os meninos que aprenderam a ler na Fundação, falei que há muitos que não gostam ou não conseguem ler, etc. e outros que gostam de passar o tempo.

Bela – É... o tempo passa muito devagar aqui...

Darcy – Elas sofrem muito quando estão em período de férias.

Liz, Carolina e outras – Nossa... é horrível!

Liz – Eu nunca mais quero ter férias!! Para passar as férias aqui...

Darcy – Sim, porque falta atividade e tem uns momentos que ficam um pouco cansativo mesmo, mas a gente promove o empréstimo de livro semanal e, no período de férias, a gente estende... Durante a semana, elas não descem com os livros, para não ficar lendo durante as aulas... mas, nas férias, tá liberado. E é o momento que elas têm de trocar, entre elas, as leituras. Tem muitos livros que elas preferem mesmo, esses sequenciados, que são em série, ou os espíritas, que estão até mais surradinhos... e até consertados por nós. A gente conta bastante com vizinhos que doam, com professores, funcionários... A própria professora Georgiana, do Espaço 2, trouxe uma caixa inteira: "Ah, tava na lixeira do meu prédio!" Livro novo, cheirava a novo! A gente traz as meninas para cá, também, mas, como o espaço é

pequeno, nem sempre podem ficar todas, mas o empréstimo é religiosamente toda semana!

Carolina – A gente pode ficar com o livro até as 22h, mas às vezes quando as luzes se apagam, a gente ainda consegue enxergar um pouquinho.... [risos] principalmente se o livro tá bom...

Liz – Aqui a gente já teve até briga por causa de livro: “porque eu quero ler”, “mas eu também quero”... acontece!

Darcy – Às vezes tem uns livros em duplicidade, mas a maioria é único, daí tem que esperar.

As meninas me perguntaram sobre o meu livro favorito e sobre qual foi o primeiro livro que eu li. Aproveitei para falar da autoestima que as pessoas desenvolvem por serem capazes de começar e terminar um livro.

Bela – A minha família não me encoraja ler, não... quando eu chegar lá com toda essa bagagem que eu tenho aqui, a minha família vai estranhar. Vão perguntar: “Onde você tava?”.

Ela falava e as colegas faziam eco às suas palavras.

Liz – Nossa, é verdade! Meu irmão veio aqui e eu mostrei o livro que eu fiz e o livro que eu tava lendo. Daí ele perguntou: “que página você tá?”. E eu disse: “acho que na 200 e tralalá...”. Eu já tava... E ele disse: “Nossa! Se fosse eu já tinha parado de ler na segunda folha!”.

Sara – Hoje, eu tava assistindo a aula da faculdade e o professor tava falando que as pessoas perderam o hábito de ler. Ele deu o exemplo dos jornais, como as notícias são mais curtas, porque se uma pessoa se depara com uma notícia muito grande, fica: “Ah, não vou ler isso, é muito grande! Vou perder meu tempo?”. Então, eu acho que o espaço que a gente tá é muito legal para resgatar, quem perdeu, o hábito de ler, e para construir também... É isso... A gente precisa criar esse hábito.

Ao me despedir, fui agradecendo a cada uma delas.

Sula – Nós ajudou a senhora na sua pesquisa?

Confirmei com muitos agradecimentos.

Bela – Falou nada o tempo todo.... ahahaha... que bom que ajudou.

Respondi que só pelo fato de estar me ouvindo e acolhendo a conversa, com simpatia, com sorrisos, já representa uma bela ajuda para o meu trabalho. Todas riram.

Darcy – Aqui entre nós tem 1, 2, 3, tem 4 universitárias, já! Uma que já começou os estudos e as outras três que estão aguardando. Não é isso? E tão fazendo ETEC também!! Elas prestaram e, graças à nota do Enem, já estão matriculadas. Duas de Educação Física, outra é Serviço Social e a outra é Análise e desenvolvimento de sistemas. Tá vendo o tempo que elas falam aqui? Talvez se estivessem lá fora...

Vanessa – Eu nem prestaria o Enem...

As despedidas foram muito animadas. As meninas estavam muito empolgadas e alegres.

Transcrição da conversa com as autoras do Projeto Meu primeiro Livro

Darcy – Foi uma associação que incentivava a escrita das meninas e foi a primeira vez que eles trabalharam com a gente. O nome da associação é Associação Meu Primeiro Livro. Cinco meninas dessa unidade escreveram, e temos quatro meninas aqui que participaram. Sei que tinha a parte *on-line*, tinha um tutor que vinha comentar e recolher o que elas escreveram. Elas vão contar os detalhes.

Pesquisadora – Qual é o gênero do livro de cada uma?

Liz – Bom, o nome do meu livro é ASAS. É uma biografia e, a princípio, não tinha uma determinação. Era tudo bem livre: “Vocês vai escolher o tema, a capa, o assunto, tudo”.

Vanessa – Eles deram total liberdade. Tanta liberdade que eu nem sabia o que fazer... [risos]. O meu livro é *O que me fez*, que é de poesia. São várias poesias.

Bela – Eu lembro que quando ela tava escrevendo o livro dela, ela ficava perguntando: “O que que combina com tal palavra?”. E a gente ficava se perguntando... até achar a palavra.

Flor – O meu é uma biografia, o nome é *Uma vida aos 17*.

Liz – O meu é *Corações em chamadas*. Era para ser uma biografia, mas acabou sendo mais um romance. Mas é de histórias que eu vivi, de relacionamentos.

Pesquisadora – Como foi o processo? Foi sentar lá e escrever?

Sara – Não, não... todo mundo acha que é assim, só sentar aqui de frente pro computador e escrever. Não! A gente teve que pensar antes o que a gente ia fazer...

Liz – E teve o processo de pensar, teve o processo de desenvolver e de concluir... Isso porque ninguém tinha ideia do que desenvolver e, com a oficina, eles davam as dicas...

Carolina – Acho que uma coisa difícil foi só o tempo, porque não foi tanto tempo assim, não.

Liz – Acho que foi dois meses. Era para ser três, mas aí a gente teve que apressar.

Flor – E acabou que teve contos que a gente não conseguiu fazer...

Liz – Eu acho assim, que fazer um livro e contar a nossa biografia e as histórias que a gente já viveu, faz a gente voltar naquilo, sabe? No meu caso, tinha histórias que eram boas e tinha histórias que eram ruim de voltar... foi lembranças que marcaram a minha vida. Sei lá... acho que foi bom.

Carolina – Foi difícil mesmo... que tem coisas que a gente não pode falar.

Pesquisadora – E teve um lançamento, fiquei sabendo! Como foi?

Liz – Foi incrível!

Sara – Foi na Pinacoteca... acho que foi muito especial porque a gente pôde sair assim, livres... Tinha pessoas muito diferentes, que queriam ver os nossos livros.

Houve uma manifestação de risos, quando uma delas fez uma piadinha inaudível, mas que provavelmente se referia aos jovens bonitos que todas notaram.

Flor – [risos] Ah, foi tão legal, porque a gente pôde sair com roupas, também! Quero dizer, com roupas diferentes... A gente tirou este uniforme...

Sara – Mas a parte mais legal para mim foi quando as pessoas fizeram fila, sabe. Porque elas ficaram interessadas no que a gente fez.

Darcy – Foi uma sessão de autógrafos!

Sara – Isso! E também a gente foi transmitida *on-line*.

Pesquisadora – E os seus parentes, todos compareceram?

Liz – Nossa! Até choraram!

Flor – Nossa.. a minha mãe que ficou desacreditada, que nem eu acreditava que eu conseguia fazer um livro!

Carolina – Nossa, a minha mãe... acho que foi uma alegria muito grande para minha mãe, assim... Ah, eles não foram, mora muito longe...

Darcy – Foram só três famílias, a da Larissa, que foi embora, a da Vanessa e a da Liz, mas foram as técnicas, foram alguns funcionários, a diretora, professoras daqui também foram...

Liz – É verdade, nossas professoras, as duas de português foram.

Darcy – Tinha elas e tinha apenas um menino.

Sara – Isso! O Kauan, de Osasco... Ele fez o projeto lá com mais cinco meninos, só que ele foi lá para representar, não teve como os outros sair... Esse projeto é lá da Heliópolis e eles trouxeram para algumas fundações... disse que iam abrir para outras...

Pesquisadora – [dirigindo-me para o grande grupo] Quem tem vontade de escrever um livro, algum dia?

Ao menos umas quatro meninas levantaram a mão.

Bela – Eu tenho muita... nossa, tem uma educadora aqui que... porque, quando eu cheguei, as meninas já estavam terminando o livro, então... não deu. Eu achei que ia entrar essa parceria de novo, só que acabou não tendo... e quando eu li os livros das menina, eu disse: “Ah, caramba, que legal! E, tipo assim, o da Santana, foi o que mais comoveu. Por quê? Por saber que a gente teve uma pequena participação nele... foi pequena, mas foi tão legal... [risos].

Sara – [risos] É... porque a gente tava na sala de aula, aí eu tava pensando: “Nossa, não consigo encontrar uma palavra que rime com isso”... daí eu pedia a ajuda das meninas...

Pessoa não identificada na gravação– Acho que uma biografia, todo mundo devia escrever...

Bela – Sabe que eu comecei a escrever um livro que é mais chegado na área que eu quero seguir, que é serviço social. Então, vamo supor, eu escolhia um tema. Agressão contra mulher, por exemplo... Daí eu ia perguntando pras meninas, pedindo para elas falar sobre a vida delas, sobre histórias de abuso, assédio. Eu fiz igual a senhora aí, não colocava o nome da menina... Fui falando para elas falar a vontade e fui escrevendo. O título dele é *O mundo no olhar de uma adolescente*. Daí eu peguei outros temas: desigualdade social, orientação sexual, base familiar, sabe... Peguei a história das meninas... Um dia eu quero contar a história delas! [palmas das amigas].

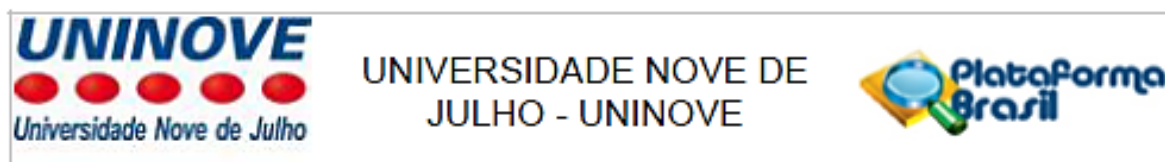
Pesquisadora – Eu fiquei sabendo que vocês têm um exercício que fazem aqui, um diário? Como é que funciona?

Relatei a elas que as meninas menores, do Espaço 2, mencionaram que usam o diário para marcarem algumas ideias e depois poderem desenvolver em forma de contos. Contei-lhes que as meninas se inspiraram muito quando souberam dos livros publicados e querem muito conhecer e ler o que as maiores escreveram! As autoras ficaram muito felizes e mencionaram que pediriam à diretora para disponibilizarem seus livros na biblioteca do Espaço 2.

Adolescente não identificada – Ah, a gente usa assim, também, para desabafar, para ter ideias...

As demais meninas concordaram, mas não houve mais comentários sobre os diários. A despedida foi muito calorosa, com agradecimentos, convites para outras participações e agradecimentos pela minha presença.

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESPAÇOS E PRÁTICAS DE LEITURA NA FUNDAÇÃO CASA SÃO PAULO

Pesquisador: KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63973722.7.0000.5511

Instituição Proponente: ASSOCIACAO EDUCACIONAL NOVE DE JULHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.797.522

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_ESPAÇOS E PRÁTICAS DE LEITURA NA FUNDAÇÃO CASA SÃO PAULO, Versão: 2 CAAE: 63973722.7.0000.5511 Submetido em: 21/11/2022.

As bibliotecas constituem grandes espaços de difusão de cultura e de educação. Com elas é possível que pessoas que nunca tiveram acesso a valores culturais, consigam conhecer realidades às quais jamais tivessem oportunidade, não fossem tais espaços públicos espalhados pela cidade e também alocados em escolas públicas e privadas. Partindo da premissa de que o acesso à cultura e à literatura seja um direito humano, o objetivo dessa pesquisa é verificar a existência de bibliotecas nas diversas unidades da Fundação Casa, bem como as práticas de incentivo à leitura dos internos, por meio de uma pesquisa de campo, com estudo de caso. As técnicas de coleta de dados se darão por meio de observação dos espaços educacionais das unidades, entrevistas com professores e a aplicação da metodologia de grupo focal, com adolescentes em situação de acolhimento. Os principais referenciais teóricos são Chartier (2009), Lajolo (2001) e Freire (2013) para a fundamentação sobre o conceito leitura e leitura de mundo. Com tais objetivos, metodologias e referenciais teóricos, espera-se, como resultados, encontrar espaços bem delimitados e utilizados de conservação, armazenamento e uso

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

CEP: 01.504-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3385-9010

E-mail: comitedeetica@uninove.br



UNIVERSIDADE NOVE DE
JULHO - UNINOVE



Continuação do Parecer: 5.797.522

para a leitura dos jovens e adolescentes em privação de liberdade, bem como práticas pedagógicas de fomento à leitura de mundo e da palavra. Palavras-Chave: Biblioteca. Leitura. Espaços de Leitura.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar a existência de Bibliotecas e das práticas de incentivo à leitura, nas unidades de internação de adolescentes e jovens, da Fundação Casa, na cidade de São Paulo.

Objetivo Secundário:

- a) Traçar um breve histórico das bibliotecas particulares, públicas, especiais e escolares no Brasil;
- b) Investigar a presença de bibliotecas ou salas de leitura nas unidades de internação da Fundação Casa, na cidade de São Paulo;
- c) Compreender a dinâmica / funcionamento desses espaços de leitura;
- d) Refletir sobre os impactos de uma biblioteca, inserida no cotidiano dos adolescentes internos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos são mínimos, pois se trata apenas de responder às questões direcionadas pela pesquisadora, mas pode ser que os entrevistados se sintam um pouco constrangidos ao serem abordados, ou perguntados sobre suas práticas de leitura, caso não possuam tais hábitos, ou um pouco apreensivos com o uso do gravador sobre a mesa. Pode ser que se sintam cansados após alguns minutos sentados, ou desconfortáveis com o espaço (por ser frio ou quente demais).

Benefícios: Os benefícios que esta pesquisa oferece ao participante é que ele se sinta motivado a realizar leituras diversas, de livros de sua escolha, a começar pelos que já existem na Fundação Casa, onde ele vive. A partir daí, entender que a leitura pode transportá-lo a muitos lugares, como um passaporte para a liberdade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se da versão 2 de projeto de pesquisa que objetiva investigar a existência de Bibliotecas e das práticas de incentivo à leitura, nas unidades de internação de adolescentes e jovens, da Fundação Casa, na cidade de São Paulo, por meio de uma pesquisa de campo, com estudo de caso em que se terá as fases de Leitura de documentos e legislações; observação não-participante dos espaços e das práticas de incentivo à leitura; entrevistas com os professores da rede estadual, que atuam na Fundação; entrevistas com os coordenadores pedagógicos da Fundação Casa; aplicação

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

UF: SP

Telefone: (11)3385-9010

Município: SAO PAULO

CEP: 01.504-001

E-mail: comitedeetica@uninove.br



UNIVERSIDADE NOVE DE
JULHO - UNINOVE



Continuação do Parecer: 5.797.522

da técnica de Grupo Focal, com os adolescentes, que consiste em uma conversa coletiva com aproximadamente 7 a 10 adolescentes que aceitem participar de uma roda de conversa sobre leitura, livros, bibliotecas e suas opiniões. Desfecho primário: Além de conseguir realizar a pesquisa, os adolescentes e

professores consultados poderão ser levados a refletir sobre suas práticas de leitura e sobre a conquista de um espaço mais propício à leitura, caso ainda não exista.

Tamanho da amostra: 40

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto datada, assinada pelo diretor com carimbo do diretor - apresentada

Projeto de pesquisa - apresentado

Cronograma - apresentado

TCLE - apresentado

Termo de assentimento - apresentado

Carta de anuência da instituição coparticipante - Não apresentado

Algumas pendências, abaixo listadas e especificadas no item "Conclusões e Pendências" precisam ser solucionadas para a aprovação do presente projeto:

Na versão anterior as seguintes pendências foram apontadas:

1. Carta de anuência da Fundação Casa modelo disponível em www.uninove.br > Diretoria de Pesquisa > Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos > Modelos de documentos CEP UNINOVE > Carta de anuência. ATENDIDA

2. Acrescente o Termo de uso de imagem e voz disponível em www.uninove.br > Diretoria de Pesquisa > Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos > Modelos de documentos CEP UNINOVE > termo de uso de imagem e voz. ATENDIDA

3. O participante pode escolher participar da pesquisa e não autorizar a gravação, incluir essa informação no TCLE. Indicando que está anexo o termo. ATENDIDA

4. Esclareça se manterá o estudo de caso e, caso positivo, use o TCLE específico para estudo de

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

CEP: 01.504-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3385-9010

E-mail: comitedeetica@uninove.br



UNIVERSIDADE NOVE DE
JULHO - UNINOVE



Continuação do Parecer: 5.797.522

caso disponível em www.uninove.br > Diretoria de Pesquisa > Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos > Modelos de documentos CEP UNINOVE > TCLE de Relato de Caso. ATENDIDA

5. TCLE:

5.1. No item "Procedimento da Fase Experimental" consta que a pesquisa tratará de perguntas simples sobre as práticas educativas, no entanto, no projeto "APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE PERGUNTAS DO GRUPO FOCAL – ADOLESCENTES" há perguntas pessoais de nome, idade e escolaridade. Assim, deixe claro tal informação. ATENDIDA (A informação agora consta do projeto)

5.2. No item "benefícios da pesquisa" consta que o participante se sinta motivado a realizar leituras diversas, de livros de sua escolha, a começar pelos que já existem na Fundação Casa, onde ele vive. No entanto, tal benefício não é comprovado, vez que a simples resposta a tais perguntas não têm a consequência, por si só, de motivação à leitura. Assim, deve constar que "não há benefícios diretos ao participante da pesquisa". ATENDIDA

5.3. No item 12 inclua o endereço completo dos locais de pesquisa; ATENDIDA

6. A idade das crianças e adolescentes deve constar no projeto, TCLE e plataforma Brasil. ATENDIDA

7. Não ficou claro se as crianças serão indicadas por professores para participarem do projeto. Caso seja indicação, deverá constar no TCLE tal informação. Caso não seja indicação, sugere-se a inclusão, no projeto e plataforma Brasil, da hipótese de exclusão: não saber ler, pois pareceu que seria o critério utilizado. Caso não seja, ignore a sugestão. ATENDIDA

8. Deve existir um TCLE para os participantes (professores e coordenadores – já foi elaborado - e outro TCLE para os responsáveis autorizarem a participação do menor. Assim, elabore TCLE próprio para autorização da participação dos menores na pesquisa. Colocando por exemplo: "o menor sob sua responsabilidade está sendo convidado para participar da pesquisa...". ATENDIDA

9. TCLE autorizando a participação do menor na pesquisa deve ser assinado pelo o diretor da unidade em que o aluno está recluso ou pelos pais. O TCLE de autorização deve ser assinado para

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

CEP: 01.504-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3385-9010

E-mail: comitedeetica@uninove.br



UNIVERSIDADE NOVE DE
JULHO - UNINOVE



Continuação do Parecer: 5.797.522

cada participante. ATENDIDA

10. TERMO DE ASSENTIMENTO

10.1. 7º Parágrafo consta "Mas também há coisas legais que podem acontecer como: você descobrir o quanto é bom ler e viajar nas diferentes histórias!". A pesquisa, como desenhada, não parece ter o objetivo motivacional e nem mecanismos para tanto. Sugere-se retirar o trecho. ATENDIDA

10.2. Adequar o termo de assentimento para a idade das crianças. Por exemplo, um termo para crianças/adolescentes entre 12 a 14 anos e outro para aqueles entre 15 a 17 anos.

ATENDIDA

10.3. Adequar o termo de assentimento para constar autorização do diretor da unidade ou dos pais. ATENDIDA

11. PLATAFORMA BRASIL – Detalhar o cronograma da execução, conforme projeto. ATENDIDA.

12. PROJETO E PLATAFORMA BRASIL - Reajustar data do cronograma e inserir que "a pesquisa só terá início após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. ATENDIDA.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências anteriores foram sanadas, sendo assim o projeto está APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

O pesquisador deverá se apresentar na instituição de realização da pesquisa (que autorizou a realização do estudo) para início da coleta dos dados.

O participante da pesquisa (ou seu representante) e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

UF: SP

Telefone: (11)3385-9010

Município: SAO PAULO

CEP: 01.504-001

E-mail: comitedeetica@uninove.br



UNIVERSIDADE NOVE DE
JULHO - UNINOVE



Continuação do Parecer: 5.797.522

sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEP antes de ser implementada. De forma objetiva com justificativa para nova apreciação, os documentos alterados devem ser evidenciados para facilitar a nova análise.

Ao pesquisador cabe manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP (Res. CNS 466/12 item X1. 2. f).

De acordo com a Res. CNS 466/12, X.3.b), o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS os relatórios semestrais. O relatório final deverá ser enviado através da Plataforma Brasil, ícone Notificação. Uma cópia digital do projeto finalizado deverá ser enviada à instância que autorizou a realização do estudo, via correio, e-mail ou entregue pessoalmente, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2009786.pdf	21/11/2022 01:00:46		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	UNICASA_ProjetoKACIANNA_PJBAMORIM.pdf	21/11/2022 00:59:10	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_Fundacao_CASA.pdf	21/11/2022 00:57:06	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_15_a_17anos_2022.pdf	21/11/2022 00:56:16	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_12_a_14_anos_2022.pdf	21/11/2022 00:55:50	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_de_Autorizacao_para_Uso_de_Imagem_e_Voz_2022.pdf	21/11/2022 00:54:11	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E	Aceito

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

UF: SP

Município: SAO PAULO

CEP: 01.504-001

Telefone: (11)3385-9010

E-mail: comitedeetica@uninove.br

Continuação do Parecer: 5.797.522

Ausência	Termo_de_Autorizacao_para_Uso_de_Imagem_e_Voz_2022.pdf	21/11/2022 00:54:11	AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Relato_de_Caso.pdf	21/11/2022 00:52:15	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2022profissionais.pdf	21/11/2022 00:50:09	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsaveis.pdf	21/11/2022 00:49:28	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito
Folha de Rosto	Kacianna_Folhaderosto.pdf	30/09/2022 15:07:10	KACIANNA PATRICIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 08 de Dezembro de 2022

 Assinado por:
Maria Aparecida Dalboni
 (Coordenador(a))

Endereço: VERGUEIRO nº 235/249

Bairro: LIBERDADE

CEP: 01.504-001

UF: SP

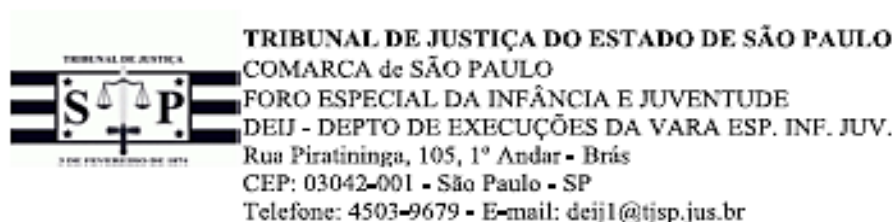
Município: SAO PAULO

Telefons: (11)3385-9010

E-mail: comitedeetica@uninove.br

ANEXO B – Decisão do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo sobre autorização para pesquisa na Fundação CASA

fls. 37



DECISÃO

Processo digital nº: **0003854-88.2022.8.26.0015**
 Classe - Assunto: **Processo Administrativo - Entidade - Internação**
 Requerido: **CASA Chiquinha Gonzaga - Fundação CASA e outro**

Juiz(a) de Direito: Dr.(ª) Airtom Marquezini Júnior

Vistos.

Trata-se de pedido, formulado por Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim, aluna de doutorado em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, de autorização para a realização de pesquisa acadêmica intitulada "Espaços e Práticas de Leitura na Fundação Casa São Paulo", a qual envolverá a realização de entrevistas com adolescentes privados de liberdade na Fundação CASA, bem como com coordenadores pedagógicos e professores da rede estadual que atuam na entidade.

A solicitação foi instruída com o termo de consentimento e de assentimento livre e esclarecido e com o termo de autorização para uso de imagem e som de voz.

Às fls. 23/24, foi trazida a autorização da UniCASA para a pesquisa, condicionada à apresentação de parecer de aprovação pelo Comitê de Ética, à anuência dos pais/ou responsável legal e dos adolescentes envolvidos, à não oposição por parte deste juízo, bem como, em relação aos profissionais da rede estadual, à autorização pela Secretaria Estadual de Educação.

Tanto o Ministério Público quanto a Defensoria Pública não apresentaram objeções à realização da pesquisa, requerendo esta última, porém, que seja imposta a condição de que, durante os trabalhos, não haja captação de imagens dos educandos participantes.

Ante o exposto, NÃO ME Oponho à realização, no âmbito da Fundação CASA, da pesquisa pretendida por Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim, envolvendo a realização de entrevistas com educandos do CASA Nova Vida e do CASA Chiquinha Gonzaga, bem como com coordenadores pedagógicos e professores da



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
COMARCA de SÃO PAULO
FORO ESPECIAL DA INFÂNCIA E JUVENTUDE
DEIJ - DEPTO DE EXECUÇÕES DA VARA ESP. INF. JUV.
Rua Piratininga, 105, 1º Andar - Brás
CEP: 03042-001 - São Paulo - SP
Telefone: 4503-9679 - E-mail: deij1@tjsp.jus.br

rede estadual que atuam nas unidades, desde que a postulante cumpra os requisitos remanescentes apontados pela UniCASA, não capte imagens dos educandos, preserve os dados dos adolescentes entrevistados que possibilitem eventual identificação por terceiros e observe as restrições do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Lei Geral de Proteção de Dados no que toca à divulgação das informações levantadas.

A pesquisadora deverá apresentar o resultado do trabalho tão logo concluído ou, em 12 meses, informações atualizadas sobre seu andamento.

Aguarde-se e, no silêncio, cobre-se para resposta em 20 dias.

Comunique-se.

Valendo a presente de ofício.

Dê-se ciência ao Ministério Público e à Defensoria Pública.

São Paulo, 29 de novembro de 2022.

**DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE NOS TERMOS DA LEI 11.419/2006,
CONFORME IMPRESSÃO À MARGEM DIREITA**

ANEXO C – Anuência da Fundação CASA para a pesquisa



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
UNIVERSIDADE CORPORATIVA DA FUNDAÇÃO CASA

Declaração

Interessado: Sra. Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim

Assunto: Projeto de Pesquisa Intitulado "Espaços e práticas de leitura na Fundação CASA – São Paulo"

Declaramos, para os devidos fins, que o projeto de pesquisa proposto pela Sra. **Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim**, intitulado: "*Espaços e práticas de leitura na Fundação CASA – São Paulo*", que tem por intenção a apresentação dos resultados em sua Dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista, foi **APROVADO** para ser realizado no âmbito da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – Fundação CASA/SP, conforme procedimentos estabelecidos em Portaria Normativa nº 373/2021.

Enfatizamos que a pesquisa está condicionada à obtenção da autorização judicial expedida pelo Departamento de Execução da Infância e Juventude – DEIJ e a apresentação do Parecer Consubstanciado aprovado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade.

Após as obtenções da autorização e do parecer consubstanciado do Comitê de Ética, a Pesquisadora deverá apresentar os documentos a UNICASA para iniciar a pesquisa que será presencial. Contudo, a pesquisa deverá ser realizada sem prejudicar a rotina dos trabalhos desenvolvidos no CASA Feminino Chiquinha Gonzaga e CASA Nova Vida, subordinados à Divisão Regional Metropolitana Sudeste e Noroeste, além das obtenções das autorizações dos pais ou responsáveis, a luz da Lei nº 8.069/1990.

Considerando que a pesquisa ocorrerá de forma a realizar atividades diretamente com os adolescentes, a pesquisadora deverá obter a anuência dos pais/ou responsável legal e dos adolescentes envolvidos, por meio de assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE.

Quanto à autorização concernente aos professores da rede estadual que ministram aulas nos Centros de Atendimento supracitados, o pesquisador deverá deferimento junto à Secretaria do Estado da Educação do Estado de São Paulo – SEUDC.

Classif. documental/

006.01.09.002



Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
UNIVERSIDADE CORPORATIVA DA FUNDAÇÃO CASA

Informamos ainda que a pesquisadora está autorizada a utilizar o gravador de áudio para as entrevistas.

Ressaltamos que a pesquisadora deverá seguir o que estabelece a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, de 13.709/2018, bem como o Artigo 247, § 1º da Lei nº 8.069/1990 e os artigos 1º e 5º da Constituição Federal.

São Paulo, 11 de novembro de 2022.

MARCOS BRUNINI
GERENTE TÉCNICO EM EXERCÍCIO
UNICASA



ANEXO D – TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em Pesquisa Clínica



Modelo do TCLE – Kacianna P. J. Barbosa e Amorim

Página 1 de 3

TCLE - Termo de Consentimento livre e esclarecido para Participação em Pesquisa Clínica:

Nome do participante: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____ Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____

1. Título do Trabalho Experimental: Espaços e práticas de leitura na Fundação CASA São Paulo

2. Objetivo: Investigar a existência de Bibliotecas e das práticas de incentivo à leitura, nas unidades de internação de adolescentes e jovens em conflito com a lei, da Fundação Casa, na cidade de São Paulo.

3. Justificativa: O acesso à Literatura é um direito humano e o acesso à educação deve ser, como figura na Constituição, um dever da família e do Estado, assim, essa pesquisa se justifica pela necessidade de conhecer os espaços e as práticas de fomento à leitura por parte de todas as instituições que atendem a adolescentes.

4. Procedimentos da Fase Experimental: Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre a existência de Bibliotecas nas unidades de acolhimento da Fundação Casa, bem como as atividades pedagógicas voltadas para o incentivo à prática da leitura nesse espaço. Para isso você será entrevistado pela pesquisadora, que gravará seu depoimento em um aparelho que ficará o tempo todo sobre a mesa. A pesquisa dura em média 40 minutos e trata de perguntas simples sobre as práticas educativas que você vivencia na Fundação, bem como os espaços que frequenta para essa finalidade e sua opinião sobre esses momentos educativos.

5. Desconforto ou Riscos Esperados: Para as entrevistas deste trabalho, os riscos são mínimos, pois se trata apenas de responder às questões direcionadas pela pesquisadora, mas pode ser que os entrevistados se sintam um pouco constrangidos ao serem abordados, ou perguntados sobre suas práticas de leitura, caso não possuam tais hábitos, ou um pouco apreensivos com o uso do gravador sobre a mesa. Pode ser que se sintam cansados após alguns minutos sentados, ou desconfortáveis com o espaço (por ser frio ou quente demais).

6. Medidas protetivas aos riscos: Para evitar a exposição do respondente ao constrangimento de não saber ler ou mesmo de não gostar de ler, os entrevistados serão indicados pelo profissional da educação que já acompanha as turmas em seu cotidiano. Quanto à apreensão dos entrevistados, frente ao aparelho gravador de voz, serão informados que o mesmo serve apenas para registro e auxílio à pesquisadora, que não teria tempo de anotar tudo o que o entrevistado pudesse falar. Quanto ao cansaço, é possível que as entrevistas possam ser divididas em duas partes, ou mesmo que o entrevistado, sentindo desconforto, caminhe um pouco pelo espaço ou externamente, para retornar depois e terminar seu depoimento.

7. Benefícios da Pesquisa: Os benefícios que esta pesquisa oferece ao participante é que ele se sinta motivado a realizar leituras diversas, de livros de sua escolha, a começar pelos que já existem na Fundação Casa, onde ele vive. A partir daí, entender que a leitura pode transportá-lo a muitos lugares, como um passaporte para a liberdade.

8. Métodos Alternativos Existentes: Não se aplica.

9. Retirada do Consentimento: Sua participação nesta entrevista é voluntária, o que significa que você pode, a qualquer momento, desistir de participar das perguntas.

10. Garantia do Sigilo: A natureza desta pesquisa é a escrita de um trabalho científico, cujo objetivo é a publicação em forma de Tese, de Artigos e, posteriormente, de livros. Todo o material coletado aqui, como a sua entrevista, será editado, de modo a proteger a sua identidade, bem como a sua integridade física e moral. No caso das publicações, seu nome será substituído por um nome fictício, para que não haja exposição da sua identidade e das suas opiniões.

11. Formas de Ressarcimento das Despesas decorrentes da Participação na Pesquisa: Não se aplica.

12. Local da Pesquisa: Se autorizada, esta pesquisa ocorrerá em duas unidades de acolhimento da Fundação Casa, a unidade masculina, no Jardim São Luiz e a unidade feminina, no bairro do Bom Retiro.

13. Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos participantes de pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos – Res. CNS nº 466/12 e Res. CNS 510/2016). O Comitê de Ética é responsável pela avaliação e acompanhamento dos protocolos de pesquisa no que corresponde aos aspectos éticos. **Endereço do Comitê de Ética da Uninove:** Rua. Vergueiro nº 235/249 – 12º andar – Liberdade – São Paulo – SP CEP. 01504-001. Telefone: 3385-9010. E-mail: comitedeetica@uninove.br

Horários de atendimento do Comitê de Ética: segunda-feira a sexta-feira – Das 11h30 às 13h00 e Das 15h30 às 19h00

14. Nome Completo e telefones dos Pesquisadores (Orientador e Alunos) para Contato: Orientadora Dra. Ana Maria Haddad Baptista, fone: (11) 99505-2802. Pesquisadora: Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim, fone: (11)96043-4172.

15. Eventuais intercorrências que vierem a surgir no decorrer da pesquisa poderão ser discutidas pelos meios próprios.

São Paulo, de de

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos somente neste estudo no meio científico.

Assinatura do Participante ou Representante Legal.

(Todas as folhas devem ser rubricadas pelo participante da pesquisa)

17. Eu, _____ (Pesquisador do responsável desta pesquisa), certifico que:

- a) Esta pesquisa só terá início após a aprovação do(s) referido(s) Comitê(s) de Ética em Pesquisa o qual o projeto foi submetido.
- b) Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos;
- c) Este estudo tem mérito científico e a equipe de profissionais devidamente citados neste termo é treinada, capacitada e competente para executar os procedimentos descritos neste termo;

KACIANNA PATRÍCIA DE JESUS BARBOSA E AMORIM

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO E – TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em relato de prática docente



**“Espaços e Práticas de leitura na Fundação CASA”
Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim**

Este relato de caso, visa descrever como são os “Espaços e Práticas de leitura na Fundação CASA”.

Você foi convidado (a) para participar, pois seu relato de prática docente representa bem os princípios do que esta pesquisa espera: o dinamismo e a didática bem fundamentada de uma prática de incentivo à leitura, de adolescentes em situação de internação na Fundação CASA. Não há benefício direto para você, mas este relato de caso poderá contribuir para o conhecimento científico dos profissionais da área da educação, para a melhoria no atendimento aos adolescentes em situação de acolhimento, ou para discussão de casos parecidos, no sentido de promover a leitura, como um direito humano. A não aceitação deste termo, não irá de forma alguma influenciar ou alterar o seu tratamento e nem o seu relacionamento com a equipe médica e de apoio. Caso tenha alguma dúvida, você pode nos procurar pelos seguintes contatos: fone: 11 – 96043-4172 e e-mail: kacianna.amorim@gmail.com.

Para qualquer dúvida geral e/ou relacionada a direitos do participante, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Nove de Julho no telefone (11) 3385-9010, e-mail: comitedeetica@uninove.br ou pelo site <https://www.uninove.br/diretoria-pesquisa>

O sigilo de sua participação fica garantido, não sendo permitido que haja divulgação das informações que forneceu para este projeto.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos somente neste estudo no meio científico.

Assinatura do Participante ou Representante Legal.

Eu, _____ (Pesquisador do responsável desta pesquisa), certifico que:

- a) Esta pesquisa só terá início após a aprovação do(s) referido(s) Comitê(s) de Ética em Pesquisa o qual o projeto foi submetido.
- b) Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos;
- c) Este estudo tem mérito científico e a equipe de profissionais devidamente citados neste termo é treinada, capacitada e competente para executar os procedimentos descritos neste termo;

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO F – Termo de autorização para uso de imagem e som de voz para fins de pesquisa



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Eu, _____ (nome completo do participante da pesquisa), portador do RG número _____, autorizo o uso da minha imagem e o som da minha voz ou apenas do som da minha voz, na qualidade de participante do projeto de pesquisa intitulado ESPAÇOS E PRÁTICAS DE LEITURA NA FUNDAÇÃO CASA SÃO PAULO. O referido projeto está sob responsabilidade de Kacianna Patrícia de Jesus Barbosa e Amorim, pesquisadora responsável, vinculada à Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

O uso das gravações de vídeos e áudios tem como finalidade, a concretização do estudo de campo da pesquisa doutoral acerca dos espaços e das práticas de leitura em algumas unidades da Fundação CASA, em São Paulo. Assim, os vídeos e vozes gravados nesta entrevista ou no grupo focal deverão ser utilizados como dados a serem analisados para as conclusões sobre as práticas educativas na Fundação.

Toda imagem de rosto que identifique a minha pessoa deverá conter tarja preta ou similar, a fim de não haver identificação pessoal.

Tenho ciência de que não haverá divulgação de nenhuma informação pessoal que possa me vincular às imagens e/ou sons utilizados publicamente. A pesquisadora responsável se compromete a garantir o arquivamento seguro das imagens e/ou sons de voz das rodas de conversa e entrevistas.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso da minha imagem e som de voz para fins de pesquisa, nos termos acima descritos.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o (a) participante da pesquisa ou seu responsável.

Assinatura do(a) participante

Nome e assinatura da pesquisadora

São Paulo, ____ de _____ de _____.

ANEXO G – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



Modelo 1 – Kacianna P. J. Barbosa e Amorim

Página 1 de 1

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa "Espaços e Práticas de Leitura na Fundação Casa – São Paulo"

Seus pais deixaram que você participasse desse momento, mas você não é obrigado a participar e, se não quiser, não tem problema, ninguém ficará bravo com você.

Talvez possa acontecer de você ficar com vergonha ou medo, ou ainda não gostar do assunto de que vamos conversar, mas não tem problema, é só falar que não quer mais participar e poderá voltar a fazer outra coisa do seu dia a dia.

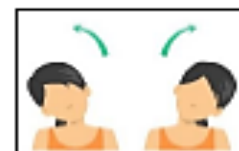


Você deverá sentar-se comigo em uma sala, para conversarmos sobre as atividades escolares que você faz aqui, com seus professores e colegas. Falaremos sobre bibliotecas e livros.



Para que eu me lembre bem de todas as suas respostas, usarei um pequeno gravador, que ficará o tempo todo sobre a mesa. Ele gravará suas respostas para que depois eu possa escrevê-las em meu trabalho.

Pode acontecer de você ficar um pouco cansado de ficar sentado, mas podemos levantar e fazer um breve alongamento, para continuarmos a entrevista.



Mas também há coisas legais que podem acontecer como: você descobrir o quanto é bom ler e viajar nas diferentes histórias!

Ninguém vai saber que você está participando dessa pesquisa! Não contaremos a ninguém se você sabe ler ou não, se tem dificuldades, ou se nunca leu um livro.



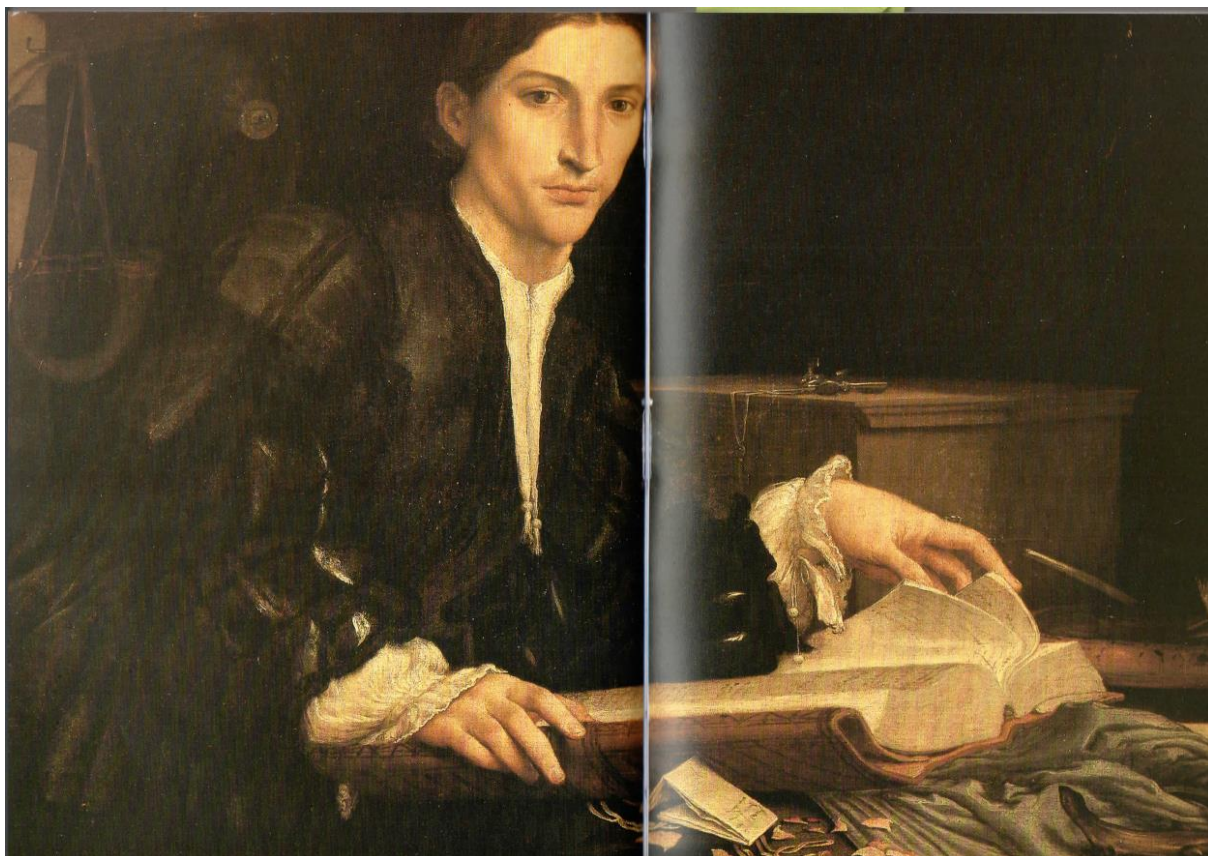
Vamos usar as informações sobre você para um trabalho, para mostrarmos a importância de existirem bibliotecas e espaços de leitura, em que crianças e adolescentes da Fundação Casa possam descobrir o prazer de ler, mas ninguém vai saber que essas informações são suas.

Se tiver alguma dúvida ou pergunta, pode pedir para seus responsáveis ligar nesses números: KACIANNA AMORIM: (11) 96043-4172 "INCLUSIVE LIGAÇÕES À COBRAR" E-MAIL: kacianna.amorim@gmail.com

() SIM. Aceito participar, ouvi tudo o que o responsável leu e explicou, e sei que quando não quiser mais participar é só falar não, em qualquer momento. E recebi uma cópia deste papel.

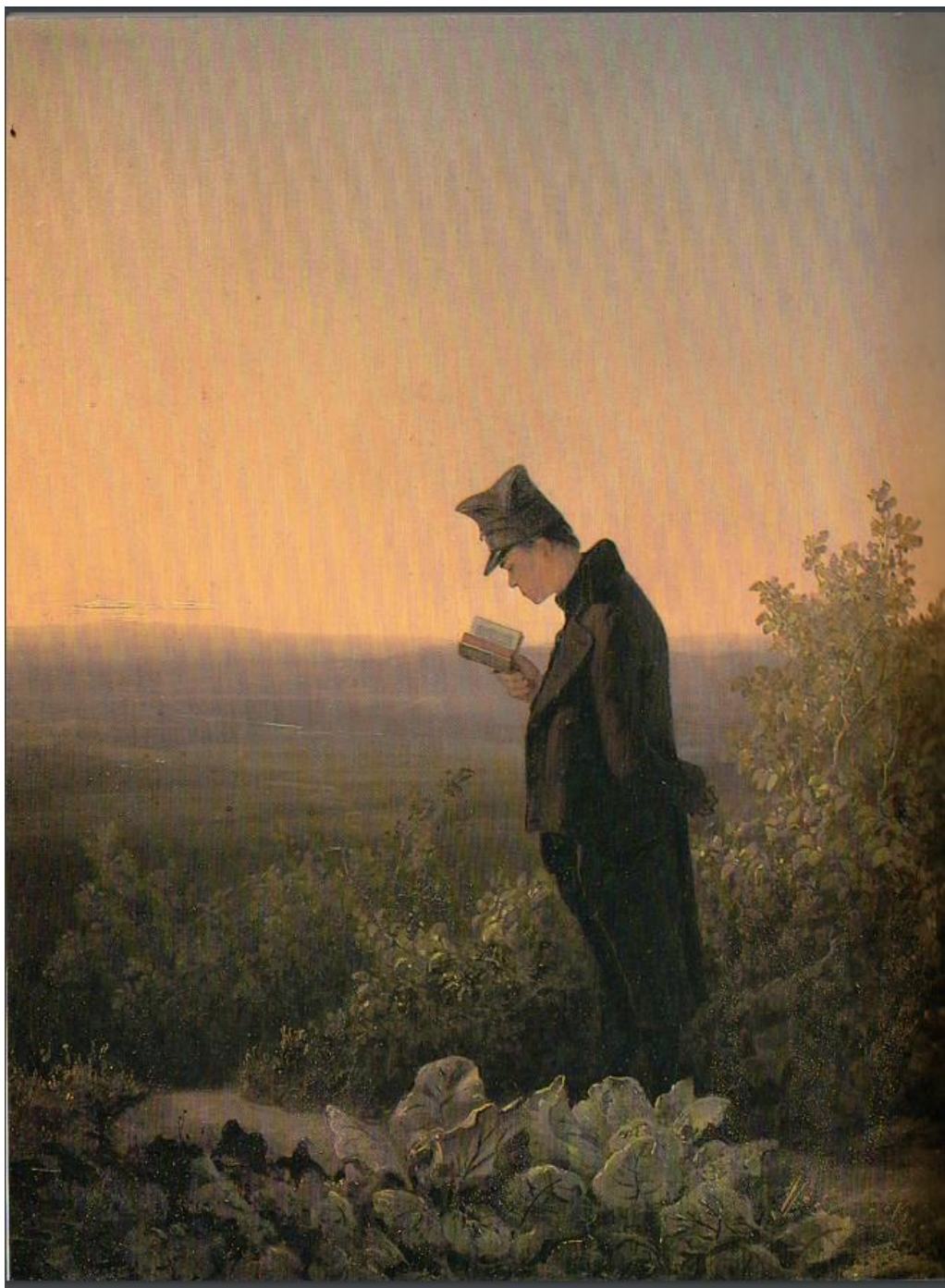
() NÃO, não quero participar.

ANEXO H – Lorenzo Lotto, Autoportrait, cerca de 1530. Veneza, Galeria da Academia



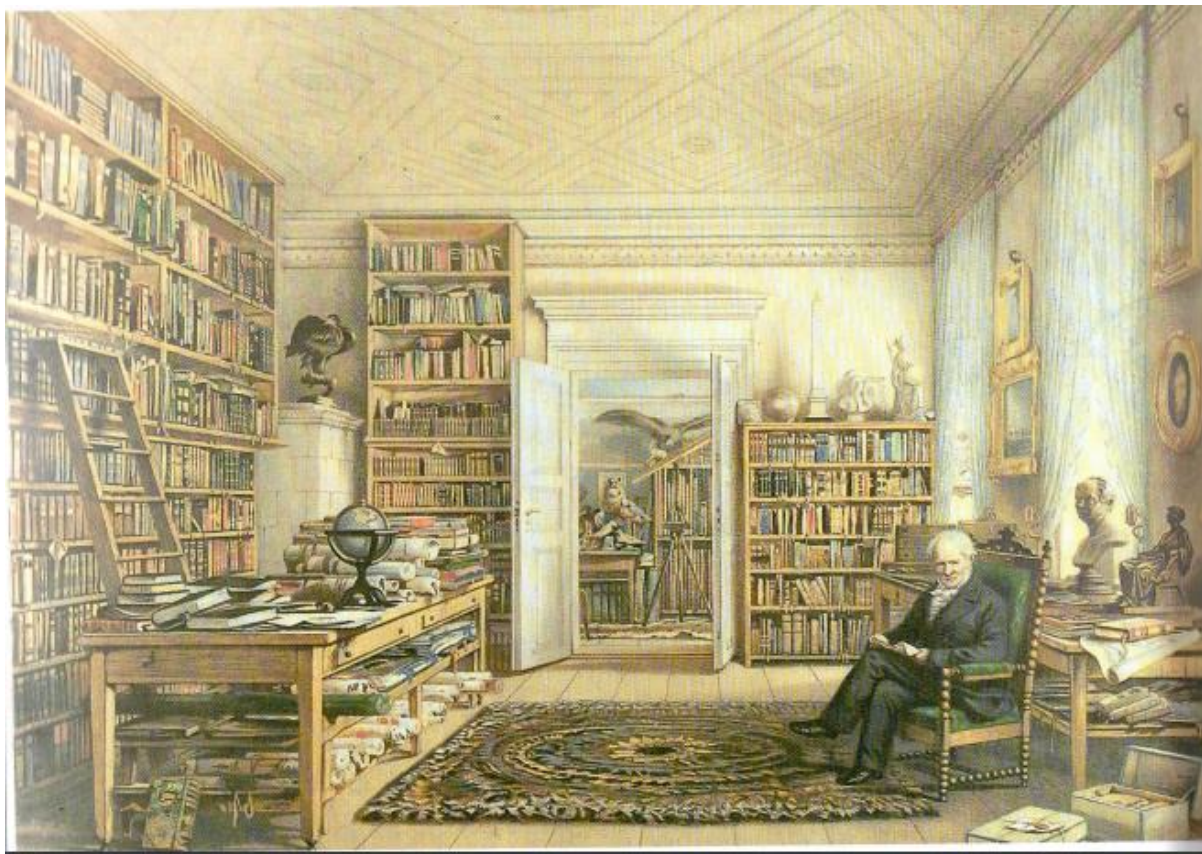
Fonte: Chartier (1999, p. 67).

**ANEXO I – Carl Spitzweg, Le Lecteur de brèvaire, le soir, cerca de 1845, Paris,
Museu do Louvre**

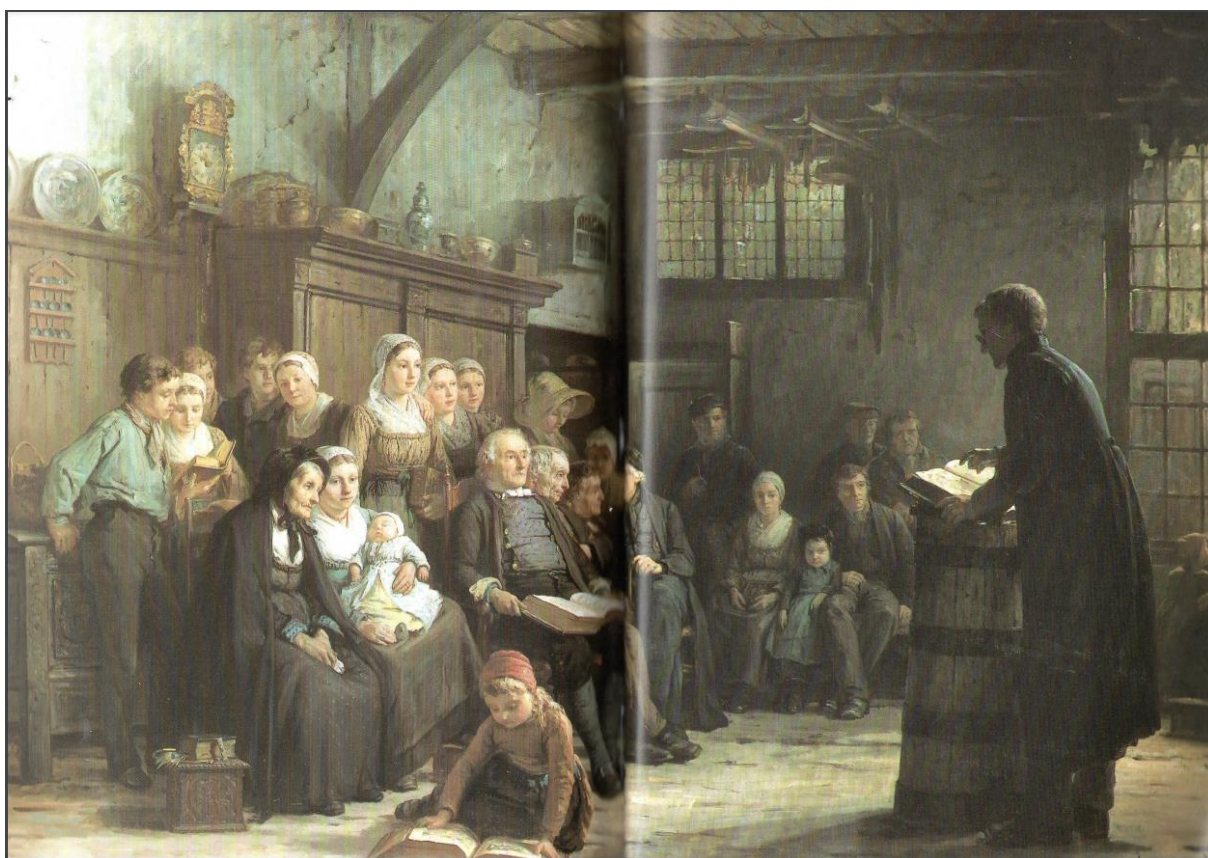


Fonte: Chartier (1999, p. 76).

**ANEXO J – Ernest Hildebrandt, Humboldt dans sa bibliothèque, 1856. Londres,
Royal Geographic Society**



Fonte: Chartier (1999, p. 8).

ANEXO K – Henri Valkenberg, Dimanche après-midi dans l'arrière pays, 1883

Fonte: Chartier (1999, p. 140).

ANEXO L – Jean-François de Troy, Une lecture de Molière, circa de 1728

Fonte: Chartier (1999, p. 145).